

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
SIMONE CONSTANTE FLORES

**DO TEXTO À HISTÓRIA: COTIDIANO CATARINENSE  
NAS CRÔNICAS DE TITO CARVALHO**  
Fixação de crônicas esparsas

Florianópolis  
2005

SIMONE CONSTANTE FLORES

**DO TEXTO À HISTÓRIA: COTIDIANO CATARINENSE  
NAS CRÔNICAS DE TITO CARVALHO**

Fixação de crônicas esparsas

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Literatura, pela Universidade Federal de Santa Catarina, do Curso de Pós-Graduação em Literatura, área de concentração em Literatura Brasileira.

Orientadora: Helena Heloísa Fava Tornquist

Florianópolis  
2005

SIMONE CONSTANTE FLORES

**DO TEXTO À HISTÓRIA: COTIDIANO CATARINENSE NAS  
CRÔNICAS DE TITO CARVALHO**

Fixação de crônicas esparsas

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do grau de Mestre em Literatura. Aprovada em 17 de agosto de 2005.

---

Profa. Dra. Helena Heloísa Fava Tornquist (UFSC)  
Orientadora

---

Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)

---

Profa. Dra. Zilma Gesser Nunes (UFSC)

---

Prof. Dr. Pedro de Souza (UFSC)

Aos meus pais, Manoel e Eroni,  
que sempre me ensinaram a lutar por meus objetivos.  
Ao meu marido querido, Arilto,  
que muito me presenteou com amor, carinho, paciência, ajuda e estímulo.  
Aos meus irmãos, Rosilene e Fabiano, e a meus amigos,

que, muitas vezes sem perceber, me ajudaram em momentos difíceis com seu sorriso e seu carinho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido o potencial para concretizar mais uma conquista em minha vida, ficando a meu lado constantemente, além de colocar em meu caminho pessoas especiais que me auxiliaram e apoiaram durante a jornada.

À minha orientadora e professora, Helena Heloísa Fava Tornquist, por seus conhecimentos, seu auxílio, suas observações acertadas e por acreditar em meu potencial.

À professora Zilma Gesser Nunes, que me encorajou para o início deste percurso e pela mão sempre estendida em diferentes momentos.

Ao professor Reinaldo Lindolfo Lohn, pela atenção dispensada e pelas informações valiosas que forneceu.

Ao meu amigo Márcio Bayestorff Duarte, pelo apoio e pela ajuda na redação do *abstract*.

## RESUMO

O foco desta dissertação é a produção jornalística do escritor catarinense Tito Carvalho, especificamente 108 crônicas publicadas no jornal *República*, de Florianópolis, entre 1922 e 1927. Obedecendo a critérios básicos da crítica textual, esses textos foram transcritos e analisados. Assim, com o objetivo de fixar os textos, trazendo-os a público sem deturpar a idéia pretendida por seu autor, interferiu-se o mínimo possível e, quando necessário, foram inseridas informações adicionais, em notas de rodapé, visando contribuir para a leitura. A transcrição dessas crônicas é precedida por um estudo que abrange a contribuição do escritor para a literatura catarinense e para o registro do cotidiano do Estado. Além disso, há o levantamento de aspectos histórico-sociais das primeiras décadas do século XX, com vistas a apresentar ao leitor contemporâneo informações que favoreçam a compreensão dos textos. No fim deste trabalho, como ferramentas periféricas à leitura, encontram-se um índice onomástico e um cronológico.

Palavras-chave: Crônica - Literatura Catarinense - Memória - Fixação de Textos - Tito Carvalho.

## ABSTRACT

The focus of this dissertation is Tito Carvalho's journalistic production, from Santa Catarina, specifically 108 chronicles published in the newspaper *República*, from Florianópolis, between 1922 and 1927. Following basic criteria of textual criticism, those texts were transcribed and analyzed. Then, with the objective to fix the texts, publishing it without disfiguring the author intention, there was little interference and, when necessary, additional information were inserted in baseboard notes to facilitate the reading. The transcription of those chronicles is preceded by a study about the writer contribution to the literature of Santa Catarina and for the register of the daily in the state. Besides, historic and social data of the early 20<sup>th</sup> Century is provided, such information is handfull to improve the contemporary reader understanding of the texts. To finish this work, as outlying tools to the reading, there are a chronological index and an index of names.

Keywords: Chronicle - Literature Catarinense - Memory - Fixation of Texts - Tito Carvalho.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

8

### PARTE I

20

#### 1 O HOMEM POR TRÁS DO ESCRITOR

20

#### 2 CRÔNICA: HISTÓRIA E FICÇÃO

25

##### 2.1 AS FRONTEIRAS DA CRÔNICA: JORNALISMO E LITERATURA

30

##### 2.2 HISTÓRIA E COTIDIANO NA CRÔNICA

36

###### 2.2.1 A matéria-prima da crônica: história e cotidiano em evidência

36

###### 2.2.2 O olhar do cronista

47

###### 2.2.3 O bilhete e a crônica

57

### PARTE II

64

#### 1 TRANSCRIÇÃO DAS CRÔNICAS DE TITO CARVALHO

64

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

216

**REFERÊNCIAS**

220

**ANEXO – REPRODUÇÃO DE FAC-SÍMILES**

225

**ÍNDICE CRONOLÓGICO**

231

**ÍNDICE ONOMÁSTICO**

237

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como foco o trabalho jornalístico de Tito Carvalho, sua faceta menos conhecida, tendo em vista que o escritor destacou-se, principalmente, por seus trabalhos de cunho regional, *Vida salobra* (romance) e *Bulha d'arroio* (contos). A quase total falta de divulgação das crônicas do autor motivou o desejo de vê-las expostas ao público. E a publicação desses textos é interessante, tendo em vista que a ênfase no trabalho de um escritor vai ao encontro da valorização da literatura em nível nacional. No caso de Tito Carvalho, a contribuição se dá, primeiramente, mediante sua dedicação ao regionalismo, descrevendo costumes, tradições, particularidades lingüísticas e do ambiente interiorano de Santa Catarina. Em segundo lugar, o escritor colabora com a produção de crônicas jornalísticas, modalidade textual que focaliza o cotidiano, possibilita o contato com o contexto histórico e social de Santa Catarina e com a repercussão dos fatos de âmbito nacional nesse Estado. Segundo Helena Tornquist, com a leitura das crônicas de Tito Carvalho, “o leitor de hoje tem contato com o cotidiano de um período extremamente rico da literatura brasileira, época em que se processa uma renovação cultural, relacionada às transformações que marcaram o país com o fim da República Velha.”

Torna-se pertinente, então, revelar a obra de um escritor que deixou sua marca em forma de livros e folhetins, participando ativamente dos acontecimentos que movimentaram Santa Catarina e, por extensão, o Brasil. As crônicas de Tito Carvalho apresentam as opiniões do escritor, seu

posicionamento político, suas críticas acerca do contexto social e seu interesse e respeito pelo povo e pela tradição catarinenses. Portanto, é interessante que essas crônicas sejam trazidas a público, pois, assim, poderão ser lidas, servindo como objeto de crítica e análise, o que lhes pode garantir a permanência entre a literatura catarinense e nacional.

Diante disso, é importante ressaltar que o objetivo principal desta pesquisa é trazer a público crônicas esparsas de Tito Carvalho, com o intuito de preservá-las da ação predatória do tempo e colocá-las à disposição dos leitores. Inicialmente, havia o interesse em promover a fixação da totalidade das crônicas publicadas pelo escritor na primeira metade do século XX, em jornais catarinenses, tais como *República*, *A Cidade*, *O Libertador*, *A Cidade de Blumenau*. No entanto, essa idéia inicial tornou-se inviável devido ao grande número de material e à indisponibilidade de recursos financeiros que permitissem a coleta e a transcrição dos textos. Diante disso, delimitou-se como objeto desta pesquisa as crônicas publicadas no jornal *República*, do período que vai de janeiro de 1922 a março de 1927.

Os objetivos específicos deste trabalho são organizar cronologicamente as crônicas esparsas de Tito Carvalho, extraídas do jornal *República* (Órgão do Partido Republicano Catarinense), no período referido acima, arquivadas no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina; transcrever tais crônicas, atualizando a ortografia de acordo com as normas vigentes na atualidade; analisar esses textos, levando em consideração aspectos históricos, sociais e culturais do período em que foram produzidas, além de reunir dados biográficos do autor. A par disso, esta

pesquisa visa, ainda, compor um banco de dados para pesquisadores de literatura nacional, com o intuito de favorecer a divulgação da obra de Tito Carvalho em diferentes meios, entre os quais estão o *corpus* do *Portal Catarina* e a publicação em livro.

Tendo em vista o exposto, foi feito um levantamento junto à Academia Catarinense de Letras e à Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, o que possibilitou constatar o considerável número de crônicas esparsas do escritor, presentes em jornais publicados por volta das décadas de 1920 a 1950, arquivadas em maior número na BPESC. Dessa forma, a pesquisa foi realizada no arquivo do Setor Santa Catarina da BPESC e foi constatado que, apesar do empenho dos profissionais da área, esse material está sendo consumido pelo desgaste físico promovido pelo tempo e por seu manuseio inadequado. As crônicas de Tito Carvalho utilizadas nesta pesquisa estão publicadas no jornal *República*, completando um total de 108 crônicas, que correspondem ao período que vai de janeiro de 1922 a março de 1927 (no ano de 1925 não houve publicação do periódico). Esses jornais estão arquivados por meio de encadernação. Em geral, a BPESC possui dois exemplares de cada volume, um para uso freqüente dos visitantes e outro destinado a fotografias e pesquisas mais específicas, em caso de mutilação do primeiro exemplar ou ausência de algum número dos jornais, devido à “perda”, quando a encadernação está danificada e os jornais desprendem-se.

Esse tipo de organização preserva um exemplar do contato repetido dos leitores, contudo, o pouco uso permite maior ação de traças, tendo em vista que as condições de arquivamento não são adequadas. A BPESC não possui ambiente climatizado para os textos e não impõe regras de manuseio do material, como o uso de

luvas e espátulas. Solicita-se, apenas, que se “tome cuidado” para não danificar o material e impede-se a fotocópia, sendo liberada a fotografia e a filmagem, entretanto, não se impede o uso de *flash*. Diante disso, o estado de conservação das crônicas de Tito Carvalho varia a cada exemplar de jornal, pois alguns são mais solicitados pelos pesquisadores e sofrem mais com o manuseio. O que está danificado em um, raramente está em outro. Em geral, os textos analisados estão em ótimo estado, mesmo quando há danos nas páginas, dificilmente, estes recaem sobre as crônicas. Esse quadro só vai sofrer alteração a partir do mês de abril de 1927, período em que os exemplares estão mais danificados, havendo, inclusive, falta de páginas e de exemplares inteiros.

Acerca da publicação das crônicas, observa-se que aparecem com frequência irregular de 1922 a 1924 e em fins de 1926 (período em que o jornal *República* volta a ser impresso). A partir de 1927, elas passam a ser diárias, constatando-se até, em alguns casos, duas por dia. Os textos ocupam colunas de destaque, com maior frequência nas primeiras e segundas páginas. Dentre as crônicas selecionadas para análise, não há versão manuscrita. Os textos são todos impressos. A impressão é de boa qualidade, legível, com poucos problemas quanto à deturpação das palavras. O tamanho das folhas varia de acordo com a publicação do jornal, que, em certos períodos, apresenta exemplares de tamanhos diferentes. O papel é poroso e, devido à ação do tempo, bastante frágil, sua cor é amarelo-escuro.

No que diz respeito à apresentação das crônicas, observou-se dois tipos básicos. O primeiro, e mais recorrente, é o que se caracteriza como bilhete. Vem intitulado, inicialmente, como *O Meu Bilhete* e assinado com o pseudônimo “João, apenas” (1922 a 1924, até a crônica do dia 12/11/1926). A partir de dezembro de 1926, a coluna passa a chamar-se *O Nosso Bilhete* e a

assinatura também sofre alteração, tornando-se “João A. Penas”. Mais adiante, sabe-se que será alterada mais uma vez e permanecerá como “J. A. Penas”, contudo, esta última não foi localizada entre os textos coletados. O segundo tipo, menos comum, é aquele em que o escritor utiliza seu próprio nome, variando entre “T.C.”, “Tito Carvalho” e “TITO CARVALHO”. Nesse caso, as crônicas abandonam o tom dialogado e descontraído para assumir caráter mais grave.

Tendo em vista o estado de conservação e as características apresentadas pelos textos, a importância da fixação e catalogação das crônicas do autor justifica-se por preservar parte de um patrimônio cultural e histórico que, lentamente, estaria desaparecendo. Além disso, ou, principalmente, contribui com o preenchimento de uma lacuna deixada, em primeiro plano, na literatura catarinense e, em segundo, na brasileira, pois a cultura nacional nada mais é do que um mosaico formado por escritores provenientes de várias partes do país.

O fato de as crônicas analisadas neste trabalho apresentarem somente a versão impressa e, na sua grande maioria, estarem bem conservadas facilitou o processo de transcrição, pois não foi necessário distinguir os traços de grafia do autor. Apesar de algumas páginas dos jornais apresentarem danos causados por insetos, depredação, rasgos acidentais, manchas ocasionadas por fungos, dobra horizontal no meio da página (apenas alguns exemplares apresentam essa marca, fica nítido, também, um leve desgaste causado pelo contato com a mão de quem os segurava), as páginas em que as crônicas do autor encontram-se impressas, em grande parte, estão em bom estado, visto que, como mencionado, os danos raramente recaem sobre os textos analisados. O tipo de tinta

utilizado também contribuiu para a preservação do papel, pois não é corrosiva.

Por outro lado, um elemento que dificultou a transcrição foi a impossibilidade de realizar fotocópias, o que exigiu que os textos fossem, primeiramente, copiados a mão, diretamente dos jornais, e, em um segundo momento, digitados no computador. Nesse contexto, a coleta dos dados para a pesquisa consistiu em rastrear os volumes encadernados do jornal *República*, das décadas já citadas, em busca de textos assinados por Tito Carvalho ou por seu pseudônimo conhecido J. A. Penas. Depois de localizadas, as crônicas foram transcritas manualmente e, em seguida, digitadas no computador. Em um terceiro momento, os textos, já impressos, foram comparados um a um, com o intuito de conferir a fidelidade da cópia com o original e corrigir eventuais erros, oriundos tanto da cópia manuscrita como da digitada.

A leitura das crônicas de Tito Carvalho deixa claro que elas tornam-se únicas por focalizarem fatos de destaque da primeira metade do século XX sob a ótica do homem comum. Extremamente profissional, o jornalista defende, em seus textos, suas próprias convicções e princípios como, por exemplo, o desejo de ampliar o papel dos jornais em um país com altas taxas de analfabetismo. Seu posicionamento crítico aponta a preocupação com problemas humanos e mazelas sociais. Em suas crônicas, Tito Carvalho revela-se um escritor realista, aproximando-se de escritores como Eça de Queirós, Euclides da Cunha, Aquilino Ribeiro e Alcides Maia, com quem compartilha o interesse pela representação da realidade. Por sua vez, é o contexto jornalístico que propicia o contato com o real e a denúncia de problemas e injustiças. E é dentro dessa configuração que as crônicas perpetuam-se no período contemporâneo e permanecem sempre atuais, passíveis de leitura e análise.

Diante disso, divulgar as crônicas esparsas de Tito Carvalho é trazer ao século XXI um olhar lançado sobre uma sociedade, olhar que ficou 'congelado' durante quase um século, mas que, apesar disso, permanece, em muito, atual. E quando isso não

ocorre, serve de combustível para chegar-se ao momento histórico vivenciado atualmente e compreender grande parte do que nossos antepassados, nem tão distantes, atravessaram para que a nossa sociedade chegasse ao que é hoje.

O desejo e o empenho para trazer essas crônicas a público, por si só, não são suficientes. Torna-se necessário seguir critérios básicos de coleta, transcrição e análise textual, o que nos remete a uma discussão teórica, inicialmente, vinculada à filologia, que oferece à crítica textual grande parte dos instrumentos metodológicos necessários para tornar o trabalho possível. Para Gladstone de Melo, “do próprio conceito de Filologia se conclui que é ela uma ciência histórica, isto é, trabalha com *documentos* e tem como processo permanente a *crítica* [grifos do autor] no sentido moderno e científico da palavra”. Além disso, tem “seu objeto formal nitidamente delineado, [...] seu método próprio e [...] uma grande soma de conclusões definitivamente estabelecidas.”

Segismundo Spina afirma que não é fácil precisar o âmbito da Filologia. Segundo ele, os objetivos dessa ciência variam de acordo com a época em que foi praticada a atividade filológica. O que pode ser dito, com certeza, é que “a Filologia concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado.” Diante disso, o esforço em explicar o texto e torná-lo inteligível exige o apoio em disciplinas auxiliares como literatura, métrica, mitologia, história, gramática, entre outras, visando a esclarecer determinados pontos. Parte integrante da Filologia, a Edótica preocupa-se, especificamente, com o texto literário e, segundo Spina, não deve ser entendida no mesmo patamar que a Filologia ou Crítica Textual. “A Edótica abrange os dois campos de uma edição crítica: o da *crítica textual*, seu campo filológico, e o da *preparação técnica* [grifos do autor] do texto, para a sua publicação.”

Já para Leodegário de Azevedo Filho, a crítica textual pode ser entendida como técnica de editar um texto, constituindo-se uma disciplina integrante da Edótica. Seria, então, o núcleo básico desta, tendo em vista que se volta “apenas para o

estabelecimento crítico de um texto e não para a totalidade dos problemas que envolvem a técnica editorial.” Entre a crítica textual, prevalece o consenso de que a crítica textual é uma “operação absolutamente necessária ao perfeito entendimento de um texto, ou à sua completa interpretação filológica, segundo critérios que melhor possam aproximá-lo da última vontade consciente do seu autor”.

Para chegar a isso, seguem-se duas etapas, conforme indicação de Segismundo Spina. A primeira é a da *fixação* do texto, que compreende fases da *recensio* (levantamento de todo material, dados e testemunhos existentes de uma obra (manuscritos ou impressos)), da *collatio* (comparação das obras manuscritas ou impressas encontradas para escolher o texto base), da *estemática* (apresentação genealógica dos textos encontrados, indicando como os manuscritos (ou impressos) se filiam), da *emendatio* (corresponde às operações de correção do texto. Só devem ser corrigidos erros comprovados e indiscutíveis, e todas as emendas precisam ser devidamente fundamentadas).

Depois da *fixação*, há a segunda etapa da crítica textual, que é a *apresentação do texto*, dividida em:

- a) introdução - compreende os elementos substantivos (pesquisas realizadas, problemas e operações da crítica textual, a história do manuscrito, valor, inter-relações, classificação e formas de transmissão e informações detalhadas acerca dos critérios adotados para realizar a transcrição dos textos) e os elementos adjetivos (de ordem filológica, literária, bibliográfica e técnica);
- b) texto apurado – o processo de fixação ou transcrição de textos segue um critério geral de tratamento, visando à publicação. Dessa forma, é importante “respeitar a realidade lingüística do texto, informar o leitor das suas características materiais”, indicar a paginação, as supressões e os acréscimos textuais efetuados. Em vista disso, é necessário que o texto venha

acompanhado de um aparato crítico (conjunto de informações registrado em nota de rodapé). Além desses elementos, considerados pela Edótica como substantivos, há os chamados adjetivos (a hermenêutica e a exegese do texto e o glossário) que não são imprescindíveis.

c) índices e bibliografia - os índices são utilizados para realizar esclarecimentos sumários, podendo ser *onomásticos*, *topográficos*, *de palavras e geral*. É importante, também, a apresentação de uma bibliografia.

Com base nos critérios apontados, serão realizadas a coleta, a transcrição e a análise das crônicas selecionadas neste trabalho. Dessa forma, o primeiro critério para a transcrição foi a seleção em ordem cronológica do material, destacando um único periódico, no qual o escritor atuou ativamente. As crônicas foram transcritas a mão e, em seguida, digitadas e conferidas por cotejo com os originais, como já foi explicado. A transcrição teve como base os seguintes critérios:

as crônicas receberam código catalográfico colocado junto à margem superior, à esquerda, que servirá para realizar as chamadas dos textos. A codificação consiste no uso das letras B (para indicar bilhete) e C (outras crônicas), seguidas do número correspondente ao texto em questão;

o espaço de rodapé foi reservado para as notas explicativas, relacionadas a observações relevantes quanto à transcrição, inteligibilidade e compreensão do texto (quando possível, nesse espaço, foram apresentadas informações sobre as pessoas citadas nos textos);

a ordem cronológica pode ser verificada nas notas de rodapé, e foi determinada indicando o nome do periódico, dia da semana, dia

do mês, ano, número do exemplar e página em que se encontra; como não há versão manuscrita e o único texto a que se tem acesso é o impresso (mecânico), não serão realizadas observações com base em cotejos de versões; os textos não foram digitados seguindo a divisão em colunas, optou-se por dispô-los de modo a ocupar o espaço disponível da margem esquerda à direita, respeitando-se os respectivos espaços no início dos parágrafos.

No texto, para a transcrição, foram utilizados apenas os sinais abaixo (as demais indicações realizaram-se por meio de notas de rodapé):

[ ] acréscimo de termos (feito pelo transcritor);

[---] ilegível (os traços correspondem ao possível número de letras da palavra);

Além dos critérios já citados, foram respeitados também:

qualquer emenda só foi feita, quando se esgotaram os recursos subsidiários.

Assim, sabendo-se que nenhum texto está livre de erros, estes só foram corrigidos em último caso, com as devidas indicações das emendas no aparato;

a ortografia foi atualizada de acordo com o sistema vigente na atualidade;

os vocábulos conglomerados foram separados, assim como foi feita a junção de elementos em um só vocábulo;

o hífen foi utilizado na ligação de pronomes átonos a formas verbais;

a pontuação foi realizada conforme a sintaxe do texto (foi respeitada a

pontuação empregada pelo autor. Por isso, só foram acrescentados sinais em situações isoladas, com o objetivo de facilitar a compreensão das informações. Todo acréscimo foi indicado em rodapé. A maioria das intervenções consistiu na retirada das vírgulas colocadas entre o sujeito e o verbo e este e seus complementos);

a apóstrofe foi omitida em combinações como “d'uma”, “d'ali”, “n'o”, “d'esses”, “d'ele”, sendo mantida, apenas, quando ficou evidente que contribuía para a preservação sonora, como em “d'alma”, “d'algodão”, “d'estalão”, “qu'importa”;

a prosódia da época foi respeitada. Quando houve atualização de acentos, a pronúncia foi indicada em rodapé;

as abreviaturas, sempre que possível, foram desenvolvidas no texto e não em rodapé, evitando romper a fluência da leitura;

as assinaturas foram transcritas conforme apareciam no original. Os pseudônimos sofreram atualização da consoante “n”, que aparecia dobrada (“apennas”, “Pennas”). O ponto-final empregado no fim dos pseudônimos foi uniformizado com base na frequência com que aparecia. Assim, recebeu ponto-final: “João, apenas.”; não recebeu: “João A. Penas”;

os grifos empregados nas crônicas sofreram uniformização, tendo em vista que não se observa a obediência a um critério fixo por parte do escritor. Isso pode ser observado, por exemplo, com as palavras de origem estrangeira, que podem vir em itálico, entre aspas ou sem grifo algum. Com a uniformização, termos estrangeiros, títulos de livros, revistas, jornais, entre outros, receberam itálico, enquanto as aspas foram utilizadas para destacar termos em

geral e para citações;

os destinatários do bilhete, bem como as expressões latinas com que são encerrados os textos, receberam sempre itálico, de modo a uniformizar pela maior recorrência.

## PARTE I

### 1 O HOMEM POR TRÁS DO ESCRITOR

Esse capítulo não pretende ser uma biografia de Tito Carvalho, o que seria uma tarefa difícil, diante de tudo o que o escritor realizou ao longo da vida, e que transcenderia os limites da presente proposta. Deseja-se tão somente traçar, em contexto amplo, um perfil que dê conta dos caracteres mais básicos da vida do escritor, oferecendo, além do contato com o cronista, por meio de alguns de seus textos, uma noção de quem foi o homem.

Sua cidade natal é Orleães, onde nasceu a 4 de janeiro de 1896. Era filho de Antônio Luiz Gomes de Carvalho, próspero comerciante e influente político, e Maria Cascaes de Carvalho. Tito Lívio Carvalho iniciou o curso primário em Orleães, mais tarde foi para Laguna e, em 1909, ingressou no Ginásio Catarinense de Florianópolis. Nesse período, já demonstrava envolvimento com a profissão de jornalista, que assumiria mais tarde, elaborando o jornalzinho *A Lyra* e a revista *O Degas*, ambos manuscritos. Apenas dois anos depois, já publicou suas primeiras histórias nos jornais *O Fiscal*, de Tubarão, e *O Albor*, de Laguna.

No ano de 1912, em Florianópolis, participou de um concurso para telegrafista, foi aprovado e começou a trabalhar na Estação de Tubarão. Um ano depois, nessa mesma cidade, trabalhou no escritório central da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, assumindo a Contabilidade. Em meio a isso, ainda, publicou nos jornais *Aguilhada* e *Pinho*. Em 1915, tornou-se redator, com Menezes Filho, de a *Folha do Sul*

e, em Orleães, contribuiu com a *Gazeta Orleanense*.

Dois anos depois, Tito Carvalho casou-se com Lorena Pereira Cascaes. O casal teve três filhos, o primeiro nasceu um ano após o casamento e chamava-se Ney Bonjoanni; em 1920, nasceu a filha Léa-Maria; e, em 1939 o filho Tito, que faleceu pouco tempo depois, em 1942. Após seu casamento, o escritor mudou-se para São Joaquim, onde exerceu o cargo de secretário municipal e, também, atuou como advogado. Além disso, fundou o jornal *Correio Serrano*.

Em 1920, seu conto *Bulha d'arroio* foi publicado pela revista *Terra*, da Academia Catarinense de Letras, o mesmo que mais tarde deu o nome a seu primeiro livro. Dois anos depois, participou da campanha civilista e foi convidado pelo governador do Estado, Hercílio Luz, para ser redator do jornal *República* (Órgão do Partido Republicano Catarinense). Ao aceitar o convite, teve a oportunidade de exercer sua vocação literária, além de promover mudanças significativas quanto à qualidade do jornal, que abriu mais espaço para as letras: principalmente, a partir de 1923, artistas locais puderam divulgar seus trabalhos e receberam destaque entre as páginas do jornal *República*. Tito Carvalho teve seu trabalho literário reconhecido pela Academia Catarinense de Letras, no ano de 1924, quando, em 15 de fevereiro, foi recebido como membro e passou a ocupar a cadeira de número 13, que tem Francisco Tolentino de Souza como patrono.

Durante todo o ano de 1925 até setembro de 1926, o jornal *República* permaneceu fechado. Nesse período, Tito Carvalho colaborou (1925) com o cunhado Godofredo Marques na redação do jornal *A Cidade*, de Laguna; em 1926, passou uma pequena temporada no Rio de Janeiro e participou da redação do jornal *A Pátria*; no final desse mesmo ano, retomou suas atividades no jornal *República*, e suas crônicas passaram a dispensar considerável atenção aos acontecimentos que estavam relacionados

ao fim da República Velha. A partir de 1º de março de 1927, assumiu a direção desse jornal, e, nesse período, a publicação da coluna *O Nosso Bilhete* tornou-se mais freqüente.

Em 1929, deixou Santa Catarina, transferindo-se para o Rio de Janeiro, onde colaborou em *O País* e, eventualmente, em *A Noite*. Sua ligação com membros do Partido Republicano Catarinense fez com que não se entusiasmasse pela revolução de 1930. Por causa desse movimento, abandonou as funções que exercia na Capital, regressando no ano seguinte, mas logo foi para Laguna, onde, ao lado de Godofredo Marques, trabalhou como redator do semanário *A Cidade*. No ano de 1932, tornou-se redator do jornal *O Libertador*, em Itajaí, e, pouco depois, diretor do jornal *A Cidade de Blumenau*. Nesse período, devido à sua postura favorável à causa revolucionária paulista, foi detido na Penitenciária de Florianópolis, onde ficou por pouco tempo.

Ainda em Florianópolis, em 1933, tornou-se redator de *O Estado*, de Altino Flores e, dois anos depois, assumiu a mesma função no *Diário da Tarde*, no qual permaneceu até 1938, quando foi nomeado adjunto de promotor e assumiu a direção da revista *República*. Em 1945, passou a residir no Rio de Janeiro e atuou na agência de notícias *Asapress*. No ano seguinte, tornou-se cronista parlamentar, na Câmara e no Senado, permanecendo até 1953. Realizou, ainda, em 1947, a cobertura da 8ª Conferência Pan-americana, na cidade de Petrópolis; e, em 1948, foi enviado pela *Asapress* a Bogotá, como jornalista, para cobrir a IX Conferência Interamericana, nesse mesmo período, ocorreu a Revolução que acabou depondo o Presidente da Colômbia.

Tito Carvalho retornou a Florianópolis em 1956 e assumiu a direção do *Diário da Tarde*, no qual permaneceu por dois anos. Com sua atuação, melhorou a qualidade apresentada pelo jornal, que passou a divulgar polêmicas e discussões acerca da função social da imprensa. Em 1959, Tito Carvalho retornou ao Rio de Janeiro, onde residiu por três anos antes de retornar definitivamente a Florianópolis. Chegando à capital de Santa Catarina, em 1961, foi nomeado diretor da Biblioteca Pública do Estado.

Além de seu trabalho na imprensa, publicou a coletânea de contos regionais *Bulha d'arroio* (1939) e o romance regionalista *Vida salobra* (1963). Antes de morrer, preparava a edição das crônicas escritas para a coluna *Gente do meu caminho*, publicadas na *Tribuna da Imprensa* de 1955 a 1956 e de um livro com os artigos que produzira sobre a Conferência de Bogotá e a Revolução Colombiana, trabalho que ficou inacabado devido a seu falecimento em 15 de julho de 1965.

Essa breve perspectiva da vida de Tito Carvalho permite observar que ele foi um homem atuante e participativo, sempre atento ao que ocorria a seu redor. Não deixou passar oportunidades diversas de trabalho, mesmo que para isso tivesse que se deslocar longas distâncias. E esse seu ir e vir (conhecendo cidades e exercendo diferentes tarefas) contribuiu para sua formação humana, acurando seu olhar voltado para as mazelas dos indivíduos, o que fica evidente, por exemplo, em sua produção de cunho regional. A morada em cidades como São Joaquim permitiu-lhe, ainda, ampliar o contato com a cultura e o linguajar serrano. Como ele mesmo afirmou, teve, “no convívio das estâncias, entre a peonada, de linguajar pitoresco, o vício do enxerto, no falar, de palavras que têm o sabor e o colorido do regionalismo.” E esse hábito de enxertar palavras de sabor regionalista também se observa em muitas de suas crônicas, principalmente em seus bilhetes, de tom mais informal.

A leitura das crônicas de Tito Carvalho permite observar que ele foi um escritor sóbrio, que primava pela seriedade e respeito à profissão que exerceu. Não utilizava seu ambiente de trabalho e a posição privilegiada em que se encontrava para agredir a outros ou vangloriar-se. Para ele, o “jornal sério, combativo e orientador, liberta-se do interesse pessoal, e guiado pelas necessidades coletivas, age dentro de seguras normas, que se transmudam em efetiva colaboração valiosa nos nossos destinos.” Dessa forma, segundo ele, quando começava a escrever, deixava “de lado a ligação de amizade” e, também, de inimizade. Nos desabafos que esporadicamente realizou em suas crônicas, deixou claro que sabia perfeitamente o poder por trás de sua “pena”, no

entanto, recusou-se a utilizá-lo em benefício próprio: “o louvor incondicional, o salamaleque ambicioso, diante de pancinhas prósperas e trejeitos feminis, descambou em rendosa profissão. Fi-lo? Não. E mais alto que tudo, por testemunho, aí está a minha pobreza, que me satisfaz, que me valoriza aos meus próprios olhos.” Segundo o próprio autor, sua procura foi por realizar com profissionalismo seu trabalho, respeitando os colegas de profissão e seus leitores.

## 2 CRÔNICA: HISTÓRIA E FICÇÃO

No início da era cristã, a palavra “crônica” estava relacionada à listagem histórica ou relato de acontecimentos dispostos em ordem cronológica. Os fatos eram, em geral, registrados sem que houvesse qualquer tipo de reflexão sobre o que os motivou ou suas conseqüências. Observa-se que, na sua origem, a crônica estava relacionada diretamente com o registro do passado. Isso ocorre apesar de ela buscar o relato do momento contemporâneo, pois, com o passar do tempo, acaba sendo um retrato de acontecimentos passados.

Progressivamente, o termo “crônica” dá lugar a “História”, a partir da Renascença, e, ainda durante muito tempo, é utilizado no sentido histórico. Nesse período, como ocorreu com Fernão Lopes, nomeado cronista-mor do Reino de Portugal, o cronista “passa a ser um escritor profissional, pago para trabalhar com a matéria histórica.” No Brasil, a partir do descobrimento, o papel da crônica, na figura da Carta de Pero Vaz de Caminha, não tem outro papel senão histórico. A princípio, configura-se como relato contemporâneo, até chegar às mãos do rei de Portugal, torna-se um registro do passado, e, hoje, histórico.

Esse quadro se altera quando a crônica passa a ser utilizada no século XIX, com significação moderna. Mas antes de prosseguir com o percurso realizado pela crônica, de seu sentido tradicional até o moderno, veja-se a definição etimológica, de acordo com Antônio G. da Cunha: “narração histórica, feita por ordem cronológica; seção ou coluna de jornal ou de revista, que trata de assuntos da atualidade; calonica XIV, caronica XIV, etc. Do lat. Chronica –orum pl., deriv. do gr. Chroniká.” Essa definição aponta para uma evolução da palavra, o que, também, indica a presença da crônica no contexto dos jornais e revistas, espaço conquistado pelo gênero a partir do

século XIX, na França.

Entretanto, é necessário frisar que a crônica não nasce com o jornal. Segundo Antonio Candido, a crônica juntou-se a ele quando este passou a ser quotidiano, com tiragem maior e teor mais acessível. Além disso,

antes de ser crônica propriamente dita foi 'folhetim', ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, – políticas, sociais, artísticas, literárias. [...] Aos poucos o 'folhetim' foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.

Unindo-se ao jornal, a crônica herda a precariedade que lhe é comum, assume o caráter efêmero desse periódico que nasce com o início de uma leitura e define antes do fim do dia. “O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Nesse contexto, a crônica também assume essa transitoriedade.”

Ainda de acordo com Antonio Candido, até alcançar a configuração que tem hoje, a crônica foi abandonando a intenção de informar e comentar e assumiu a de divertir. Através dela, a valorização da grandiloquência e requinte gramatical deu lugar à simplificação e naturalidade, também, com a busca da oralidade na escrita. Seguindo seu percurso, em torno da década de 30, “a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas.” Entre os cronistas brasileiros, a crônica apresenta um traço comum:

deixando de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade nos problemas. [...] [Contudo,] é curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social.

Observa-se, ainda, que a crônica, considerada como gênero jornalístico,

possibilita o encontro da literatura com o 'mundano', ou seja, o registro da realidade, não mais pelo caminho da cópia, mas da recriação. Segundo Massaud Moisés, “a crônica oscila, pois, entre a reportagem e a Literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia.” O autor aponta, ainda, como requisitos essenciais da crônica: ambigüidade, brevidade, subjetividade, ausência de transcendente, efemeridade, diálogo, estilo entre oral e literário e temas do cotidiano. Essas características combinadas estão relacionadas à presença da crônica no contexto jornalístico.

Caracterizando-se dessa forma, não se pode esquecer que ela carrega consigo o estado transitório do jornal, o que predestina ao desaparecimento e deve-se ao fato de que a crônica nasce da observação e do registro do circunstancial. Por outro lado, a subjetividade (ponto de vista acerca do mundo), aliada ao estilo pessoal do autor, pode reverter o caráter efêmero da crônica, possibilitando sua preservação para a posteridade. Na busca de preservar essa modalidade textual, produzida por diversos autores ao longo do tempo, muitos trabalhos de resgate vêm sendo realizados por estudiosos, o que resulta, muitas vezes, em livros. Contudo, a relação, quase inalienável, entre esse gênero literário e o jornal problematiza o resgate. A amálgama de crônicas em um livro solicita ao leitor uma nova postura: a leitura em série, que pode gerar monotonia. Por outro lado, possibilita a preservação contra o esquecimento e a valorização de textos importantes sob a ótica da qualidade literária, do resgate histórico-social, da continuidade atribuída ao caráter efêmero da linguagem jornalística.

Diante do perfil fugaz da crônica, é interessante refletir o porquê de poucas resistirem ao passar do tempo, e várias outras se perderem em algum momento da história. A razão da permanência de determinadas obras em detrimento de outras é

pergunta freqüente no campo literário. Em relação ao cânone literário, a crônica é submetida a uma análise diferenciada, é compreendida como “literatura menor”. Quando o trabalho de um autor passa a ser valorizado, normalmente, trata-se de julgamento acerca de sua obra impressa em livro (romance), o que põe a crônica em segundo plano. A atenção voltada à crônica e o interesse de resgatá-la de diferentes jornais e revistas para a reunião em forma de livro ocorrem, muitas vezes, segundo Massaud Moisés, em função da obra já publicada em livro pelo escritor. Um exemplo disso seria Machado de Assis, que teve sua produção jornalística valorizada devido à aceitação de seus romances já publicados. Entretanto, outros autores, que dedicaram a vida apenas a publicar em jornais, acabaram no anonimato.

Resta ainda outra dúvida: por que, dentre as crônicas produzidas por um escritor bem recebido pela crítica, somente algumas se perpetuam e outras se perdem? Segundo Massaud Moisés, o que poderia responder a essa questão é o fato de que, “no geral, [as crônicas que se mantêm] escaparam casualmente de sua condição e aproximaram-se de suas bordas, a partir das quais se inicia o vasto território da poesia ou o restrito espaço do conto.” Por outro lado, o trabalho de resgate da obra esbarra em uma configuração ideológica que entende não ser necessário ressuscitar textos 'adormecidos', esquecidos em um canto qualquer, já que a Literatura já possui seus 'grandes nomes', representativos de diferentes momentos literários. Além disso, a crônica também pode ser comparada à moda, por apresentar seu lado de mercadoria e sua face de arte, de acordo com Marília Rothier Cardoso. Esse perfil ambíguo da crônica estaria expresso na oscilação entre falta e excesso. Com base nesse entendimento dual, seria possível compará-la com a fugacidade de uma bala:

Doce, alegre, dissolve-se rápido. Mas açúcar vicia, dizem. 'Crônica' vem de 'Cronos', 'Deus devorador'. Nada lhe escapa. Quando se busca a bala, resta, quando muito, o papel, no chão, descartado. A crônica-bala, sem pretensões nutritivas, nunca foi artigo de primeira necessidade. Só aos alfabetizados se permite esse luxo suplementar. Traz prazer, fugaz, talvez perigoso. Ao desembrulhá-la – pum! –, um estalo. 'Cronos' é implacável. Até a gula acaba devorada.

Diante dessa descrição, também fugaz, é possível perceber mais uma vez o caráter efêmero da crônica. Desde sua origem, ela não é feita para durar, então, para permanecer, vê-se submetida aos 'desmandos' da cultura, compreendida como “um conjunto de sistemas simbólicos, de códigos que, de uma forma ou de outra, prescrevem ou limitam a conduta humana.” Dessa relação entre o homem/leitor e os sistemas simbólicos, por meio do discurso, mais especificamente da linguagem, diversos mecanismos de poder são articulados, funcionando a favor de ideologias originadas em uma determinada cultura. Tais ideologias auxiliam, por exemplo, a compreensão do que é 'bom' e deve ser lido ou do que pode ficar em segundo plano e, conseqüentemente, esquecido, como vem ocorrendo ao longo dos anos com as crônicas de Tito Carvalho.

Isso acaba resultando em um tipo de violência, tendo em vista que a força do discurso de uma minoria, em dado período histórico, atribui a um determinado tipo de textos o caráter literário. Essa discussão remete ao conceito de cânone e, apesar de não ser o objetivo deste trabalho realizar uma discussão mais aprofundada sobre esse assunto, talvez, um rápido comentário auxilie a compreender um pouco mais o porquê de textos como os de Tito Carvalho estarem esquecidos por tanto tempo. Entende-se que a noção de qualidade de uma obra está diretamente vinculada à idéia de poder, tendo em vista que o conceito de cânone gira em torno da questão do poder que determinados grupos, em diferentes momentos históricos, possuem para selecionar uma obra e excluir outra: o exercício dessa autoridade se dá em meio institucional, como universidades, Igreja, academias de letras, etc.

Diante dessa conjuntura, quando se busca o restabelecimento de textos como as crônicas de Tito Carvalho, seria possível acreditar que, para solucionar o problema da exclusão, bastaria alargar o cânone, permitindo o ingresso de novas e diferentes obras, originadas de grupos marginalizados. Contudo, o objetivo é possibilitar que esses textos

sejam lidos e reavaliados, permitindo que voltem a existir com base em uma nova leitura. Assim, a desconstrução do cânone seria favorecida por meio da proposta de uma outra maneira de ler, que rompe com o intuito de aglomerar obras e escritores e atribuir-lhes glória. Depois de ser submetido a esse novo processo, se um texto do passado puder manter-se 'de pé' entre leitores contemporâneos, principalmente a modalidade da crônica, significa que ele apresenta, de algum modo, características atemporais. Dessa forma, gera questionamento acerca da oposição entre moderno e antigo. Uma crônica que permanece jovem após muitos anos, certamente, extraiu do contexto circunstancial o que havia de mais importante.

## 2.1 AS FRONTEIRAS DA CRÔNICA: JORNALISMO E LITERATURA

Retomando em parte o que já foi dito, constata-se que a crônica é praticamente indissociável do espaço jornalístico (mesmo quando publicada em livros, não pode negar seu caráter fragmentário, efêmero, tipicamente vinculado ao cotidiano). Entretanto, difere da matéria jornalística. Não é notícia “pura”, se tal expressão pode ser usada, faz um tratamento específico da matéria narrada; a própria liberdade que o cronista possui para trabalhar o texto o diferencia do jornalista. Diante disso, levanta-se a dúvida quanto à classificação dada para esse tipo de texto: será jornalismo ou literatura?

Para tentar responder a essa questão, seria interessante, talvez, analisar o espaço em que a crônica se hospeda – o jornal. Neste contexto, muitos a julgam como um texto não literário, já que, a princípio, é consenso entender que o texto jornalístico tem características bastante específicas que o afastam da literatura. Contudo, há quem

afirme que o jornalismo é um gênero literário. Essa questão já foi levantada por Alceu Amoroso Lima, e, segundo ele, entre outras coisas, a análise da teoria dos gêneros permite compreender o jornalismo como literatura:

o gênero literário, portanto, em vez de ser como queriam os antigos, um tipo de construção estética determinado por um conjunto de normas objetivas a que toda composição deve obedecer – é um tipo de construção estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades intrínsecas e extrínsecas. Nessa concepção, flexível e não rígida, de gênero literário é que podemos incluir o jornalismo.

Além de apontar uma definição 'flexível e não rígida' de gênero literário que abarque o jornalismo, o escritor compreende literatura como toda expressão verbal que tem ênfase nos meios de expressão, principalmente verbal, pois a palavra é o que difere a literatura das outras artes. Mas, é importante frisar, a palavra deve ser entendida com “valor de fim” e não somente com “valor de meio”. Entende-se, assim, que o que distingue, por exemplo, a História e a Matemática da Literatura é a palavra utilizada com valor de meio. Ao contrário, para a Literatura, o meio verbal é um fim em si mesmo.

Por outro lado, Alceu A. Lima afirma que, se a definição de literatura for gradativamente sendo mais apurada, compreendida “como a arte da palavra com fim puramente estético, então não podemos colocar o jornalismo como um pretendente a essa dignidade e muito menos como um gênero literário.” Portanto, para incluir o jornalismo entre a Literatura, o escritor entende a literatura no sentido comum, ou seja, é uma expressão verbal que tem ênfase nos meios e não exclui os fins.

A literatura não substitui os fins pelos meios, como quer essa concepção purista e extremada. Ela faz dos meios um fim, mas *sem excluir outros fins*. Assim é que a literatura não exclui nem a verdade, nem o bem, nem a história, nem a autobiografia, nem a filosofia, nem as ciências, nada. Tudo é literatura desde que no seu *meio* (grifos do autor) de expressão, a palavra, haja uma acentuação, uma ênfase no próprio meio de expressão, que é o seu valor de beleza.

Ainda de acordo com Alceu A. Lima, o jornalismo tem por natureza um fim que transcende ao meio e, sempre que reduzir a palavra a mero instrumento de transmissão, não será jornalismo, mas propaganda, noticiário ou anúncio. Obedecendo a esse critério, o jornalismo, então, tem todos os elementos necessários para ser incluído no campo da literatura, desde que seja uma expressão verbal que dê ênfase aos meios de expressão, passando a ocupar uma posição precária, pois, como outros textos, depende de sua qualidade e não de sua natureza. Além disso, para muitos, o caráter efêmero do jornal pode ser um importante empecilho para a sua inclusão entre a literatura, mas, para Alceu A. Lima, essa não é uma característica que diz respeito somente ao jornalismo. Observa-se que “efêmero é tudo o que, literatura ou não, é escrito ou falado sem poder de penetração na realidade interior ou externa, visível ou invisível. Há literatura que fica e literatura que passa.”

Com base nessas definições, entende-se que jornalismo pode ser considerado literatura. Segundo esse pressuposto, seria inútil questionar o lugar da crônica entre o jornalismo ou a literatura. Apesar disso, é impossível negar o caráter ambíguo desse tipo de texto, tendo em vista que o fazer da crônica permite ao escritor mesclar sua escritura com prosa, poesia, memória, tragédia, misticismo, filosofia, ou simples histórias cotidianas, abordando os mais diversos temas. Além do mais, é no jornal que muitos escritores iniciam sua carreira.

A propósito, para Gilberto Freyre, “por jornalismo literário não se deve entender o jornalismo que se ocupe de assuntos literários; e sim o que se caracteriza pela potência literária do jornalista-escritor.” Partindo desse ponto de vista, é necessário enfatizar a importância da elaboração literária do texto, pois o modo como o

jornalista-escritor relaciona-se com a escrita é que imprime uma marca pessoal, um estilo literário, à sua produção. Quando isso não ocorre, como no caso de crônicas que simplesmente se preocupam em relatar e descrever questões policiais, esportivas, de moda, entre outras, não há como dizer que sejam literárias.

Entretanto, toda essa discussão não passa de um movimento circular. Talvez, fosse mais simples apenas classificar a crônica como um gênero híbrido. Porém, o próprio fato de ela permitir essa definição instiga o interesse por cada vez mais entendê-la. Até o presente momento da discussão, foi possível perceber que esse tipo de texto está permeado por especificidades que podem torná-lo uma coisa ou outra, ou seja, jornalismo ou literatura. Muito já foi dito em sua defesa para ser aceita como texto literário, entretanto, como tudo nessa área, por mais que se tente não é fácil estabelecer limites claros. Um ponto de partida possível seria o fato de constituir-se como texto híbrido. Dessa forma, é esperado que atravessasse diferentes gradações, apresentando elementos menos ou mais literários. Nesse caso, a linguagem é um elemento importante que deve ser observado. Segundo Roland Barthes, a palavra é um poder e quem a utiliza tem a chance de manipulá-lo. Tentando desenvolver essa atividade, temos os 'escritores' e os 'escreventes'. Estes são homens “transitivos” que “colocam um fim (testemunhar, explicar, ensinar) para o qual a palavra é apenas um meio; para eles, a palavra suporta um fazer, ela não o constitui. Eis, pois, a linguagem reduzida à natureza de um instrumento de comunicação, de um veículo do 'pensamento'.” Por outro lado,

a atividade do escritor comporta dois tipos de normas: normas técnicas [...] e normas artesanais [...]. O escritor é um homem que absorve radicalmente o *porquê* do mundo num *como escrever*. [...] Concebe a literatura como fim, o mundo lha devolve como meio; e é nessa *decepção* infinita que o escritor reencontra o mundo, mundo estranho, aliás, já que a literatura o representa como uma pergunta, nunca, *definitivamente* (grifos do autor), como uma resposta.

Na visão de Barthes, a literatura não é uma graça, mas o corpo dos projetos e decisões que possibilitam a um homem se realizar (se essencializar) na palavra. Assim, “é

escritor aquele que quer ser. Naturalmente também, a sociedade, que consome o escritor, transforma o projeto em vocação, o trabalho da linguagem em dom de escrever, e a técnica em arte.” Contudo, o escritor perde a sua estrutura (e a do mundo) na estrutura da palavra e acaba digerido pelas instituições literárias. Para Barthes, a

literatura é então verdade, mas a verdade da literatura é ao mesmo tempo a própria impotência de responder às perguntas que o mundo se faz sobre suas infelicidades, e o poder de fazer perguntas reais, perguntas totais, cuja resposta não esteja pressuposta, de um modo ou de outro, na própria forma da pergunta.

Nesse sentido, a literatura não se encaixa em uma visão dogmática. Seria mais adequado adotar a postura do perspectivismo, desenvolvida por Nietzsche, que consiste em olhar algo sob diferentes pontos de vista. O dogmatismo, segundo Nietzsche, cai por terra quando o leitor é desafiado a fazer experiências com seu pensamento, o que se torna perigoso para aqueles que desejam a manutenção da moral de rebanho. Com o perspectivismo, coloca-se em questão a noção de verdade que tantos segmentos afirmam deter. O escritor apóia a idéia de que é difícil falar sobre a 'verdade', quando tudo é interpretação.

O que se considera mundo real é interpretado por meio da linguagem, e para as palavras não importa a verdade, não há uma expressão adequada em perfeição, caso contrário, haveria uma só língua. Não há relação direta entre a linguagem e a realidade, o que se faz o tempo todo são transposições arbitrárias. “Acreditamos saber algo das coisas mesmas, se falamos de árvores, cores, neve e flores, e no entanto não possuímos nada mais do que metáforas das coisas, que de nenhum modo correspondem às entidades de origem.” Apesar disso, a sociedade demonstra um impulso à verdade, o que, para

Nietzsche, corresponde a 'usar metáforas usuais', ou, em outras palavras, mentir em rebanho, seguindo uma convenção, um estilo que é obrigatório para todos. Segundo ele, a verdade é

um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas.

Antes de aprofundar a discussão acerca da crônica e do trabalho do escritor Tito Carvalho, portanto, é necessário percebê-la inserida nesse contexto literário complexo. Assim, os diferentes perfis assumidos por ela estarão relacionados com a forma como o cronista procede no tratamento da linguagem e, a partir desta, promove a interação entre suas próprias características individuais, seu estilo, sua criatividade, e os aspectos externos presentes no cotidiano, no social.

## 2.2 HISTÓRIA E COTIDIANO NA CRÔNICA

### 2.2.1 A matéria-prima da crônica: história e cotidiano em evidência

O período histórico em que estão inseridas as crônicas selecionadas neste trabalho, produzidas por Tito Carvalho para o jornal *República*, entre 1922 e 1927, foi permeado por muitas transformações no Brasil e em Santa Catarina. Com o intuito de compreender melhor o contexto de produção desse cronista, é interessante retroceder um pouco e recuperar o cenário em que ele estava inserido e começou a atuar. O ingresso de Tito Carvalho no jornal *República* ocorreu no ano de 1922, atendendo ao convite do então governador de Santa Catarina, Hercílio Luz, que havia assumido, naquele mesmo ano, mais um período no governo do Estado.

Para entender como se articulavam as idéias entre os cidadãos catarinenses em meio às transformações que ocorriam em âmbito nacional e estadual, é preciso ter em mente que o Estado, assim como outros da nação, não estabelecia comunicação ágil e constante com Rio de Janeiro e São Paulo, centros cultural e político. As novidades provenientes desses Estados chegavam a Santa Catarina com grande defasagem. No que concerne a questões políticas, havia até mesmo a deturpação de informações, visando à manipulação ideológica. Quanto à educação e à cultura, o incentivo era mínimo e privilegiava a capital do Estado, ficando, praticamente, esquecidas as regiões interioranas. Esse isolamento, decorrente, também, da dificuldade de romper distâncias rapidamente, pela falta de meios de transporte e comunicação mais rápidos e versáteis, aliava-se a outro – o fato de a capital cultural de Santa Catarina situar-se em uma ilha, que sequer possuía ligação terrestre com o continente (a Ponte Hercílio Luz foi inaugurada apenas em 1926), o que favorecia o isolamento da população.

Com o intuito de ampliar a visão desse quadro, a seguir, são apresentados alguns aspectos políticos, sociais e culturais que influenciaram a década de 20 em Santa Catarina. Inicialmente, observa-se que o início do século XX foi difícil para o Estado. No oeste, desde 1911, ardia a Guerra do Contestado, deixando grande número de

vítimas, só chegando ao fim em 1916, após muita luta e a intervenção do Governo Federal junto aos governadores de Santa Catarina e Paraná, a fim de que chegassem a um acordo definitivo para a questão dos limites.

Aliada a essa crise interna, teve início, na Europa, o conflito da Primeira Guerra Mundial, estendendo-se de 1914 até 1918. Como se sabe, durante esse período, o Brasil atravessou muitas dificuldades, não sendo diferente em Santa Catarina. A população sofreu com a falta de todos os gêneros de primeira necessidade e, apesar de alguns produtores rurais expandirem a comercialização de diversos produtos, a arrecadação no Estado foi baixa e os alimentos não estiveram ao alcance de todos. Com isso, o cidadão continuou a sofrer com a escassez, tendo dificuldades de subsistência.

Além disso, outro fator problemático para o Estado foi a presença de grande número de imigrantes de origem alemã. Com o desenrolar dos conflitos na Europa, havia a preocupação com o “perigo alemão” em Santa Catarina, e, com o prolongamento da Guerra, o Brasil posicionou-se contra a Alemanha, fortalecendo ainda mais o olhar depreciativo que a nação lançava sobre a população do Estado. Em contrapartida, foram tomadas várias medidas preventivas, entre elas o fechamento de escolas particulares em que não era ensinada a Língua Portuguesa.

Ainda nesse período, em todo o país, havia a preocupação com o aumento do número de cidadãos atingidos por doenças contraídas devido à falta de saneamento, má alimentação e a maus hábitos de higiene. Como resultado dessa precariedade, a população morria de doenças que, atualmente, seriam tratadas com facilidade. Por isso, tornava-se cada vez mais comum entre os jornalistas da época o incentivo à profilaxia e ao saneamento das cidades e da população em geral, com vistas a combater o grande número de doenças que atingia os cidadãos. Além dos problemas gerados pela falta de providências quanto ao desenvolvimento social, havia ainda a carestia de vida que castigava bastante o povo, prejudicando o acesso às necessidades básicas.

Com o término dos conflitos no mundo e no oeste do Estado, lentamente, o

caminho do desenvolvimento foi retomado. Em 1918, Hercílio Luz assumiu o governo de Santa Catarina e seu comando sobre o Estado desdobrou-se em dois mandatos – 1918 a 1922 e 1922 a 1924. A partir de então, tentando desvencilhar-se dos problemas do passado, novos investimentos foram feitos nas mais diversas áreas (e novas dívidas também surgiram), e Santa Catarina, pouco a pouco, entrou em contato com novas tecnologias que cativavam a sociedade moderna do início do século XX.

Durante esse período político, também, foi possível constatar que “a intelectualidade catarinense, representada por literatos que exerciam o magistério e o jornalismo, girava em torno do hercilismo político que representava o esteio do Partido Republicano, única e expressiva agremiação política no Estado.”– Em meio a essa dependência política, ocorreu a criação da Sociedade Catarinense de Letras, mais tarde, em novembro de 1921, Academia Catarinense de Letras. Essa proteção de Hercílio Luz às letras catarinenses, também, pode ser constatada quando Tito Carvalho ingressou no jornal *República*, em 1922. A partir de então, esse periódico reservou mais espaço para a publicação de poemas e contos, divulgando, ainda, peças teatrais, concertos e outros eventos artísticos.

Em seu governo, Hercílio Luz deu impulso aos serviços públicos, com o intuito de modernizar o Estado e destacá-lo em nível nacional. Para tanto, abriu estradas; cogitou construir ferrovias e portos; prolongou a Estrada de Ferro Tereza Cristina para escoar o carvão de Criciúma e Araranguá; ocupou-se da instrução pública e da construção de escolas; melhorou o saneamento da Capital; ampliou o abastecimento de água; ligou a Ilha ao Continente por meio da 'Ponte da Independência' que, inaugurada em 13 de maio de 1926, após a sua morte, receberia seu nome. Tudo isso foi realizado devido à necessidade de modernização, intimamente relacionada aos ideais burgueses de uma sociedade que seguia para o capitalismo. Mas, além disso, para efetivamente sanar problemas do passado,

fazia-se necessário reinventar a cidade, acabar com os focos de

doenças, drenar córregos, aterrar pântanos, destruir tudo aquilo que enfeiava e enchia a cidade de miasmas causadores de doenças; enquadrar-se nos preceitos médicos-higienistas e moralistas, tornando a cidade salubre e seus habitantes ordeiros.

É importante ressaltar que todas essas obras, necessárias a um Estado em desenvolvimento, ocorreram progressiva mas lentamente. Elas trouxeram aspectos de modernidade para vários pontos de Santa Catarina, sem, no entanto, suprir suficientemente a necessidade social, tendo em vista que nem todas as regiões do Estado foram assistidas. Tomando-se, por exemplo, a instrução pública e a construção de escolas, constata-se, facilmente, em jornais da época, ou em livros de história catarinense, que o interesse pela disseminação do ensino era muito discutido e incentivado. Por outro lado, esse fato revela uma realidade bastante grave, pois, até aquele momento, já na década de 20, em termos de ensino, sem contar a cultura, pouco era oferecido à população.

Nesse momento, o que prevalecia era um estado de espírito reformador, voltado, principalmente, para a promoção de melhorias por todo o Estado, mas que ficaram restritas e firmaram-se basicamente em obras públicas de viação e saneamento. Por trás disso, identifica-se a influência das teorias do Positivismo de Auguste Comte, que focalizavam a reorganização da sociedade. Hercílio Luz, por exemplo, teve formação positivista, da mesma forma que outros políticos influentes em Santa Catarina, como Felipe Schmidt e Lauro Müller, o que propiciou a disseminação de alguns preceitos comtistas. No entanto, vale dizer que desse sistema filosófico, em Santa Catarina, assim como no Brasil, foi ressaltado

somente aquilo que se adequou como instrumento de ação prática, inspirando formas de intervenção social impostas de cima para baixo, dentro de uma concepção da sociedade que a assemelhava a uma

empresa a ser administrada pela racionalidade de uma elite de técnicos.

Durante a Primeira República, então, o que prevaleceu foi a retórica de uma nova elite política, que pregava a reconstrução do Estado – política e sócio-econômica – priorizando a “perspectiva das oligarquias, dos grandes comerciantes, dos concessionários de terras, da oficialidade militar e dos bacharéis”, seguindo as perspectivas de uma economia capitalista. Tendo em evidência esse posicionamento e, também, o número de obras previstas para realizar a tão desejada reforma em Santa Catarina, os investimentos previstos pelo governo geraram uma dívida pública bastante alta, que se uniu a problemas como a carestia de vida, e os crescentes impostos que recaíam sobre a população. Além disso, no segundo semestre de 1924, especulações em torno do grave estado de saúde de Hercílio Luz e sua viagem para a Europa, para realizar tratamento, pioraram a situação de instabilidade que marcava Santa Catarina durante os últimos governos da República Velha. Como se isso não fosse suficiente, ocorreu ainda uma crescente inflação, reflexo da ausência dos gêneros de primeira necessidade.

Em pouco tempo confirmou-se que Hercílio Luz estava mesmo muito doente, falecendo em 25 de outubro de 1924. Com sua morte, foi indicado como seu sucessor Pereira e Oliveira, que assumiu o poder com o intuito de modificar a forma como o Partido Republicano agia, já que, no Estado, Hercílio Luz simbolizava o poder da República Velha, já bastante desgastado em todo o país. E a primeira atitude do novo governador foi fechar o jornal *República*, minando a influência da antiga postura do Partido Republicano Catarinense, e substituí-lo por *O Tempo*, cujo nome fazia alusão a uma nova ideologia política. Em 1926, a Convenção do Partido Republicano indicou Adolfo Konder como representante para governar Santa Catarina de 1926 a 1930. Essas mudanças no cenário político catarinense trouxeram à tona a real situação econômica do Estado: além das obras realizadas, o governo de Hercílio Luz deixara como herança

dívidas e atraso no pagamento dos salários do funcionalismo público.

Em 1924, a discussão acerca do voto secreto, que já se propagava em todo o país, também chegava ao Estado. Acentuava-se a insatisfação com o sistema adotado, que permitia uma sucessão governamental viciada, pela qual sempre as mesmas figuras permaneciam no poder. Gradativamente, a República Velha se encaminhava para o fim. Foi assim que, em 5 de julho de 1924, estourou, em São Paulo, uma revolução que exigia a renúncia de Artur Bernardes à presidência. Nesse momento, “o Brasil [estava] diante de um enfrentamento de sangue destinado a eliminar uma prática política que há mais de 30 anos [favorecia] os mesmos grupos, os mesmos rostos, os mesmos rastros”. Contudo, a rigorosa censura militar impediu que os catarinenses tomassem conhecimento da revolução e do desenrolar dos acontecimentos. É verdade que três dias depois de seu início, chegou a Florianópolis a notícia de que havia um “movimento subversivo” na Capital de São Paulo, sem maiores detalhes. Observa-se que, nesse período, Tito Carvalho sequer menciona a existência desses conflitos e só vai discutir essa questão anos depois, na vigência de um outro governo federal, em 1927.

Tendo em vista que os repórteres não tinham acesso ao local dos enfrentamentos, em todo o Estado, as notícias dos jornais acerca da revolta eram 'fabricadas' de acordo com os interesses do Governo Federal e do Partido Republicano Catarinense. Para manipular as massas, Artur Bernardes alimentou a idéia de que a Revolução usava a fachada de opositora das instituições, mas visava a agredir apenas o presidente. Assim, para enfatizar essa postura, as informações que, aos poucos, chegaram aos jornais estavam recheadas de descrições das vitórias dos legalistas e derrotas dos rebeldes. O jornal *República* tratou de conclamar o patriotismo do cidadão de Florianópolis, para que ficasse ao lado do Governo e não se deixasse iludir pelas palavras dos rebelados, evitando que chegasse à cidade a barbárie da violência. Ocorreu que, em Santa Catarina, esses conflitos chegaram somente aos sertões do oeste e foram fortemente reprimidos. Em 1926, com a indicação de Adolfo Konder ao governo do Estado, surgiu

a expectativa de uma nova postura política assumida pelo Partido Republicano Catarinense.

O novo governador, efetivamente, tomou posse em 28 de setembro e encontrou o Estado em má situação financeira, como visto anteriormente. As dívidas do Estado chegavam a 50% da arrecadação daquele ano, resultado de vícios administrativos, como privilégios concedidos a velhas empresas que ainda figuravam como “empresas nascentes” e, por essa razão, estavam isentas de impostos. Assim, por esse e outros motivos, a situação administrativa era problemática e apresentava um constante desequilíbrio entre a Receita Arrecadada e a Despesa Realizada. Essa crise de caixa não era nada recente, como foi dito, vinha da década anterior e, para saná-la, as medidas tomadas não foram de encontro à postura assumida pelos governantes da Primeira República (que por trás de uma retórica reformista escondiam o favorecimento de uma minoria dominante), pelo contrário, em vez de cortar privilégios, priorizaram o aumento dos tributos sobre as indústrias e os contribuintes, perpetuando o modelo de governo anterior. Outras atitudes tomadas e que causaram surpresa foram a possibilidade de venda de imóveis considerados desnecessários ao Serviço Público Estadual e a obrigatoriedade apresentada aos funcionários públicos do Estado, com vencimentos mensais maiores que 200 mil réis, de tornarem-se assinantes compulsórios do jornal *República*, reaberto em setembro de 1926. Tais atitudes causaram insatisfação, as indústrias sentiram-se prejudicadas ao comercializar seus produtos, pois ficavam em desvantagem com relação aos demais estados do país, e o cidadão, por sua vez, com baixos salários e diante do aumento do custo de vida, atravessava dificuldades.

Em síntese, durante esse período, a realidade enfrentada pelo catarinense foi inquietante. Se, por um lado, a tecnologia foi, cada vez mais, chegando ao Estado em forma de melhorias (viação, luz elétrica, instrução, telégrafo, telefone, automóvel e avião, saneamento, entre outros), por outro, a renda do cidadão diminuiu e os preços dos produtos de primeira necessidade foram às alturas. Além disso, os avanços oferecidos à

população continuavam privilegiando apenas alguns municípios, geralmente, os mais populosos e com maior arrecadação. Nesse contexto, muitas cidadezinhas permaneciam sem os recursos básicos, sendo lembradas apenas em período eleitoral. Esse quadro crítico desfez as ilusões daqueles que esperavam por melhorias com a mudança da administração do Estado de Santa Catarina.

Diante de um quadro como esse, como pensar em um ambiente social propício à cultura letrada, em que o cidadão fosse levado a refletir criticamente a respeito da realidade que o rodeava? Com efeito, não poderia ser diferente a situação em que se encontrava o Estado: a escolaridade do povo era muito baixa, e, dentre os indivíduos que efetivamente liam, poucos tinham acesso a materiais de leitura, como livros e jornais, que figuravam como artigos de luxo para o trabalhador rural e até mesmo para o da cidade. Como resultado desse e de outros aspectos, formou-se a pequena elite letrada de Santa Catarina, a mesma que ditou valores estéticos e que, no caso específico da década de 20, decidiu por não aderir ao movimento modernista.

Apesar disso, mesmo diante de problemas sociais desse nível, a sociedade catarinense (ainda que uma minoria privilegiada) ansiava pela modernização do Estado, seguindo o exemplo de cidades como o Rio de Janeiro. Como foi dito anteriormente, em Santa Catarina, as ações concretas que visavam ao desenvolvimento ficaram geralmente centradas na capital, centro político e cultural do Estado. Dessa forma, observou-se que junto ao

lento crescimento da velha cidade, as primeiras décadas do século XX foram assinaladas em Florianópolis sob os influxos dos ideais político-culturais de uma pequena elite de comerciantes e funcionários do Estado que, embora mantendo seus horizontes circunscritos em torno do provincianismo local, também cosmopolitizava-se segundo os padrões ditados pela cultura oficial vigente junto às elites brasileiras na época: um difuso positivismo patriótico apoiado em pretensas verdades científicas e esteticamente representado nas letras pelos rígidos códigos do parnasianismo e do realismo naturalista.

Assim, foi sob essas influências que se buscou a modernização de Florianópolis. A modernidade trazia consigo uma visão cientificista da sociedade, que deveria auxiliar, entre outras coisas, a compreensão do comportamento e da existência humana. As análises realizadas até então constataram uma realidade social decadente (racial e cultural). Como resultado disso, os jornais enfatizavam, constantemente, a necessidade de realização da profilaxia social (buscando a melhoria dos hábitos sanitários), de obras que embelezassem (e higienizassem) as cidades, como no caso de Florianópolis, e que possibilitassem a comunicação entre elas (viária, telegráfica, aérea, etc). Além desse tipo de ação, destacava-se também a importância de melhorar o sistema de ensino, bastante precário e elitista, voltado mais para a alfabetização do que para a formação cultural do cidadão.

Diante dessa necessidade de transformação, segundo Hermetes Araújo, era comum observar que os Estados Modernos reuniam “como eixos fundamentais do seu poder político os *procedimentos totalizadores* e as *técnicas de individualização* (grifos do autor),” e isso não foi diferente em Santa Catarina. Assim, sob o pretexto de oferecer as facilidades da vida moderna, o que ocorria era a aplicação de técnicas disciplinadoras de indivíduos e a regulação das populações (apoiada em saberes e práticas relacionados à saúde, à progeneração, à vitalidade do corpo social e ao futuro da espécie). Com o passar do tempo, o anseio por propagar um molde civilizatório empolgou ainda mais o ânimo de políticos e intelectuais, tomados por um “espírito crítico”. Nesse momento, no Estado, seguindo o modelo de outras regiões, o jornal assumiu o papel de

veículo de comunicação privilegiado das novas forças sociais em jogo, penetrando em territórios que até então haviam se mantido fora de seu alcance. O cronista e o jornalista, de maneira geral, tornaram-se prescritores de hábitos, ditadores de novas modas e comportamentos, passando também a condenar as atitudes que destoassem do imperativo maior que se constituía em fator dinâmico por excelência dos novos tempos: o crescente processo de

mercantilização das relações sociais.

As crônicas de Tito Carvalho estão inseridas nesse contexto social e político, além de serem publicadas em um órgão situacionista. Por outro lado, nesse momento histórico, no que concerne à política, não era comum haver oposição à realidade implantada na Primeira República e depois em seus desdobramentos. O que havia em nível nacional era um único e forte partido político, o Partido Republicano, e apesar de em Santa Catarina ele ter sofrido uma ruptura entre “hercistas” e “lauristas”, na prática, continuava o mesmo, ficando Hercílio Luz com as bases estaduais e Lauro Müller com as federais. Por parte dos intelectuais, também, não se esperaria oposição, já que não se pode esquecer a ligação existente entre as letras e o poder político. Além disso, o lugar de destaque ocupado pelos jornais do Estado, em geral voltados à política,

os vinculava diretamente aos interesses dos poderosos, dos políticos e dos comerciantes locais. [...] Além disso, o público no qual penetrava não se constituía, certamente, pelo conjunto total das pessoas alfabetizadas, o que implicava que sua circulação em relação à massa da população fosse limitada.

A ampliação do papel do jornal e sua contribuição para consolidar uma cultura de massa e de opinião pública urbana e burguesa vulgarizaram a palavra escrita e colocaram escritores, críticos e jornalistas na posição de orientadores da opinião pública. Esse novo papel, segundo Hermetes Araújo, ocasionou, em âmbito geral, duas posturas distintas. A primeira era a do cronista acomodado, que se dedicava a ditar comportamentos, estilos e valores aburguesados, resultado de uma época em que havia o entrosamento harmonioso entre as letras, o público burguês e o mundo oficial. A segunda postura seria a do crítico ressentido, em síntese, aquele que via criticamente a mercantilização generalizada e crescente das relações sociais e que implicavam no

aumento das desigualdades, mas que era impotente diante da realidade que presenciava. Essa impotência era constatada em dois flancos: o primeiro caracterizava-se pela grande distância existente entre o crítico e o povo, tendo em vista que a maioria da população era analfabeta; o segundo tinha origem no fato de que o escritor não exercia influência no processo de decisão política, pois estava excluído da vida pública devido a interesses e pressões oligárquicas.

Essa realidade enfrentada por escritores e jornalistas em todo o Brasil era a mesma para Tito Carvalho, que, nesse período, era um jovem jornalista que ingressara, aos 26 anos, no jornal representante do Partido Republicano Catarinense, por intercessão do próprio governador do Estado. O resultado disso, ao que parece, foi uma postura conservadora e moralista (como será visto mais adiante) que, em âmbito geral, preservava as idéias burguesas, mesmo quando defendia interesses populares. A leitura das crônicas publicadas no jornal *República* na década de 20 não permite com precisão classificar esse cronista como acomodado ou ressentido. Talvez elas estejam num espaço intermediário. As crônicas desse período podem estar vinculadas a uma forma de pensar que se harmonizava com a de outros intelectuais e políticos da época, dentro de uma mesma ideologia política e social, mas que serviram como experimentação para produções futuras. Isso pode ser constatado no trabalho jornalístico da década de 50, em que Tito Carvalho se posiciona de modo mais maduro, inteligentemente, defendendo posições próprias.

### 2.2.2 O olhar do cronista

Tito Carvalho lança seu olhar sobre o cotidiano catarinense como quem elabora um bilhete furtivo para deixar um simples recado. E é exatamente assim que inicia a maior parte das crônicas selecionadas aqui: *O Nosso Bilhete*. Tendo em vista o tratamento dispensado pelo escritor ao cotidiano e sabendo que este é a matéria-prima da crônica, fica impossível, como vimos, dissociá-la do conjunto de acontecimentos políticos e sociais que rodeavam o cronista enquanto este produzia seus textos. Para tanto, no capítulo anterior, foi traçado, grosso modo, um rápido painel com alguns dos acontecimentos que influenciaram Santa Catarina na década de 20 e, conseqüentemente, foram mencionados em diferentes momentos por Tito Carvalho, que sempre se manteve inteirado dos fatos que o rodeavam, leitor assíduo de jornais, um homem que soube manter relações com as mais diversas personalidades do Estado.

A análise das crônicas selecionadas neste trabalho tem início em 1922, como foi dito, ano de ingresso do jornalista como redator do jornal *República*, órgão do Partido Republicano Catarinense, a convite do governador Hercílio Luz, e segue até março de 1927. E essa é mais uma razão para haver nessas crônicas a presença constante de referências ao cotidiano e à política de Santa Catarina. Além disso, é importante enfatizar que essas crônicas de Tito Carvalho foram produzidas em um período paralelo a mudanças estéticas da literatura brasileira em nível nacional, que correspondem ao início da década de 20, quando, com a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, teve início o movimento modernista. Dessa forma, seria esperado que, ao menos em alguma das crônicas analisadas, o escritor fizesse referência ao movimento modernista. No entanto, não foi possível observar, mesmo em crônicas do período de 1922 a 1927, que a

efervescência cultural incentivada pelos modernistas tenha de algum modo influenciado sua produção.

Percebe-se, por exemplo, nas crônicas caracterizadas como bilhetes, endereçadas a literatos, que o cronista não menciona o que estava ocorrendo entre os modernistas. As discussões literárias resumem-se a comentários esparsos, sobressaindo o elogio ou admiração tanto pela obra como pela postura moral dos artistas mencionados (dentre eles nenhum modernista). Da escrita de Tito Carvalho, depreende-se certo conservadorismo no uso da linguagem, vocabulário sóbrio, frases curtas e objetivas, que procuram traçar com clareza e pontualidade suas reflexões acerca da realidade que observa. Os aspectos regionalistas são deixados de lado em suas crônicas, com raras exceções, quando, por exemplo, trata de assuntos relacionados ao oeste do Estado e faz uso de raros vocábulos regionais.

O cronista estabelece constantemente o diálogo entre Santa Catarina e os demais Estados do Sul, principalmente, o Paraná, sugerindo que rixas antigas não deveriam afetar a importante integração do Sul (chega, numa dessas reflexões, a valorizar o vínculo entre os Estados do Sul com São Paulo), visando a propagar as diversas produções existentes, disseminando o hábito da leitura e o aumento da produção e publicação de livros. Contudo, ele não discute questões estéticas. Seus textos, então, não abordam a literatura de modo crítico, nem tampouco assumem o aspecto de crônica literária seja de cunho ficcional, irônico ou de humor. Grosso modo, pode-se afirmar que as crônicas desse período, principalmente os mencionados bilhetes, são para Tito Carvalho um “exercício de escrita”, em que ele, esporadicamente, torna-se mais ou menos literário ou deixa fluir reflexões de cunho memorialista, características que ficam mais evidentes em crônicas da década de 50, publicadas na coluna *Gente do meu caminho*.

É possível observar o não alinhamento de Tito Carvalho com o Modernismo e suas influências, por outro ângulo, a participação do escritor na fundação da Academia Catarinense de Letras e seus vínculos com uma geração de intelectuais, cujas lideranças assumiram uma postura defensiva com relação ao que vinha de “fora”, talvez expliquem isso. Na história da literatura catarinense, como se viu, não é difícil perceber que sempre houve um descompasso com relação aos movimentos seguidos em nível nacional. Vale ressaltar que a forma de colonização do Estado e a precariedade dos investimentos em educação e cultura explicam a defasagem em relação ao sudeste.

Em geral, a produção efetiva desses escritores era publicada em jornais, na maioria das vezes, como foi dito anteriormente, baseada em conhecimentos que chegavam com atraso em relação ao restante do país. Por outro lado, segundo Celestino Sachet, se as informações chegassem com certa simultaneidade, correriam o risco de não serem compreendidas adequadamente pelos artistas, que rejeitavam o novo e diferente que não entendiam, como ocorreu com o Modernismo. Os escritores catarinenses tinham conhecimento de que algo novo estava sendo produzido em São Paulo, mas a postura primeira foi de rejeição, assumindo uma posição academicista de culto ao que já era conhecido e assimilado, no caso, a escola realista. Foram poucos os que ousaram enfrentar, ao longo dos anos, os acadêmicos que defendiam o passado. Ainda de acordo com o autor, os acadêmicos constituíram uma

geração brilhante, mas heterogênea; trabalhadora, mas individualista; inteligente, mas pouco dinâmica; valente, mas não a ponto de se libertar da pena, furiosa, de um Altino Flores; dinâmica, mas não a ponto de romper as barreiras de falta de uma editora; capaz, mas não a ponto de incorporar o Movimento arrojado que nascia em S. Paulo; regionalizante, mas não a ponto de assim se fazer conhecida para o resto do Brasil.

Assim, o Modernismo só conseguiu fixar-se em Santa Catarina com o Grupo Sul, que, ainda assim, enfrentou conflitos, conseguindo introduzir o Modernismo, típico de 1922, somente em 1945. Isso se deve ao fato de que “até meados da década de 40 não [havia]

em Santa Catarina um clima propício ao Modernismo, cerceado pelos padrões estético-literários do Realismo/Parnasianismo instaurados pela Geração da Academia nos anos 20 e ainda vigentes.”

As crônicas de Tito Carvalho selecionadas aqui estão inseridas nessa realidade, dessa forma, não é estranho constatar a ausência de preocupação estética em seus textos, que tendem a focalizar basicamente o cotidiano catarinense, aspecto comum ao espaço do jornal. No que concerne à temática, observa-se que gira em torno das questões que mais chamavam a atenção do leitor da época. Nas crônicas escritas entre 1922 e 1924, o tema mais recorrente é a valorização do sentimento patriótico e do nacionalismo. O povo era chamado a refletir acerca de seu papel de cidadão que ansiava por um país novo e pujante. Assim, serviram de exemplo de amor à pátria os feitos dos “bravos jovens catarinenses” que realizavam *raids* e as atividades escoteiras que introduziam a criança e o adolescente em práticas saudáveis como o esporte e a caridade. O escotismo chegou a ser denominado pelo cronista como “escola de civismo”, citando-o seguidamente, de modo a valorizá-lo e incentivar sua prática entre os jovens. Na crônica B83, de março de 1927, em meio a mais descrições de feitos heróicos praticados por escoteiros, afirmou que instituições como o escotismo não deveriam morrer, devido à sua dupla finalidade, que era a educação patriótica e a profilaxia social. Textos como esses deixam claro que para o escritor era necessário apresentar padrões morais à população e isso deveria ser feito desde a mais tenra idade.

Para Tito Carvalho, era importante, ainda, compreender que a nação era formada, também, por seus imigrantes, desde que estes se percebessem brasileiros, o que pode ser observado em diversos momentos, em pequena escala, mas, fica mais evidente

na crônica do dia 28 de agosto de 1923, em que o escritor discute com o professor Everardo Backeuser o fechamento das escolas mantidas por Berlim, em que tudo era alemão, desde a língua até a ideologia. Assim, segundo ele, essas escolas “preparavam uma geração nada brasileira”. Contudo, afirmava que isso não era culpa dos imigrantes. Era necessário observar que, se, por essa razão, passavam a constituir o “perigo alemão”, a culpa era da administração brasileira que, primeiramente, não oferecia o ensino de que o imigrante necessitava e, depois, ao fechar as escolas alemãs, não se preocupava em abrir escolas nacionais em seu lugar, deixando os estudantes desamparados.

A partir de 1926, as crônicas demonstram mais envolvimento de Tito Carvalho com a política local, como no caso do alistamento eleitoral do município, do voto secreto e do desenrolar das eleições, temas importantes para um estado (e uma nação) que se organizava politicamente. Era freqüente o incentivo para que os cidadãos se alistassem, buscando participar das eleições, já que o número de eleitores, comparado ao de habitantes, era “insignificante”. Para isso, defendia a idéia de que os governantes estavam tomando as medidas cabíveis para evitar a manipulação dos resultados das eleições e garantir a liberdade do voto (sem interferência das autoridades). Apesar disso, afirmava que o voto secreto deveria ser bastante refletido antes da implementação; para justificar tal postura, entre outras questões, ele levantou o problema do alto índice de analfabetos no Estado, o que prejudicaria o processo de escolha dos candidatos e, inclusive, o ato de votar. Em geral, o cronista evitou discutir essas questões nas crônicas caracterizadas como bilhetes, já nas crônicas tradicionais foi grande o espaço reservado para as questões políticas. As eleições receberam destaque e, em 1927, o cronista realizou a divulgação dos candidatos Celso Bayma, para o Senado, e Edmundo da Luz Pinto, Abelardo Luz e Fúlvio Aducci, para a Câmara, indicados pelo Partido Republicano Catarinense. No período de 27 a 30 de janeiro, cada um deles teve seu perfil traçado positivamente em crônicas que ocuparam quase uma página inteira do jornal e que exibiam com fotos.

Questões como cidadania, patriotismo e nacionalismo, eram correntes na década de 20. Observa-se que as crônicas de Tito Carvalho estão diretamente influenciadas por um pensamento comum, já na virada do século, que era o de exaltar a nação, muitas vezes, com “amor febril”. A valorização da pátria viria pela dedicação de seus cidadãos e, para tanto, era importante realizar “movimentos cívicos a favor do serviço militar obrigatório e da instrução também compulsória (num país onde não se criavam escolas e os fazendeiros proibiam os trabalhadores de aprenderem a ler).”- Enquanto, por um lado, havia o incentivo ao nacionalismo e à doação à pátria, por outro, a população (principalmente as comunidades rurais) via-se, na prática, abandonada à própria sorte. Em Santa Catarina, havia ainda os imigrantes alemães que enfrentavam situação mais grave, pois viviam de modo precário no interior e também sofriam com as desconfianças das autoridades devido ao já citado “perigo alemão”.

No início da década de 20, segundo Antonio Candido, houve a tentativa de encontrar um ponto de equilíbrio para a questão nacionalista, que ficasse entre a exaltação patrioteira e a visão amarga e pessimista, que não disfarçava os fatos. No entanto, prevaleceria a primeira. Vê-se que, por trás do que diz a maioria das crônicas de Tito Carvalho, está o reflexo desse nacionalismo ornamental, que pinta uma fachada de inclusão, mas que atribuía, ainda de acordo com Candido, a grandeza do país aos esforços de elites arianas e fidalgas, assim, deixando de fora o pobre, o negro, o mestiço, o subnutrido, entre outros. Tais figuras tinham, portanto, valor para servir a pátria em campo de batalha, mas exercer a cidadania com o voto secreto, por exemplo, era impensado, por serem analfabetas eram julgadas incapazes de realizar reflexões profundas quanto ao candidato mais capaz para governar. Essa “incapacidade”, resultado da incompetência dos governantes em oferecer o ensino público, era “suprida” com o

voto aberto, controlado por “coronéis”, homens de influência política, que manipulavam facilmente o trabalhador rural pobre e analfabeto. Idéias como essas aparecem diluídas nas crônicas analisadas, revelando o panorama ideológico em que estavam inseridas.

Além de questões como essas, outros acontecimentos que mereceram a atenção de Tito Carvalho foram a Rebelião de Leonel Rocha, no oeste do Estado, juntamente com aquela promovida pela Coluna Prestes, em âmbito nacional, como foi mencionado no capítulo anterior. A discussão levantada pelo cronista foi favorável aos liberais e os rebeldes foram descritos como arruaceiros e covardes que fugiram quando se perceberam vencidos. Com essa crônica o jornalista deixou clara sua falta de confiança em indivíduos que somente pela força queriam subir ao poder, sem demonstrar sequer capacidade administrativa, para ele a vitória das hostes rebeldes significaria a submissão ao “cangaço”, a “vontades multiformes e braços mercenários”. Por fim, o cronista enfatiza que a derrota dos rebeldes era motivo de felicidade, mas, apesar disso, o saldo alcançado com a morte de diversos soldados liberais era de perdas lamentáveis.

Levando-se em consideração esse tipo de posicionamento e outros citados anteriormente, percebe-se com clareza que o cronista defendia linhas do pensamento político próprio dos governantes da situação. Por outro lado, torna-se presumível que o redator (e mais tarde diretor) do jornal do Partido Republicano em Santa Catarina não viesse a criticar diretamente qualquer incoerência de seus representantes. Pelo contrário, o que se constata é que as crônicas, em geral, vão totalmente ao encontro das idéias republicanas. O mais perto que o cronista consegue chegar de críticas diretas a problemas sociais ocorre por meio de observações genéricas. Em síntese, ele levantava a necessidade de resolver problemas importantes e de interesse geral que, conforme se observa na história catarinense, já resultavam de consenso junto à população e aos

governantes. Essa era, ao que parece, uma forma de discutir questões importantes sem levantar grandes polêmicas.

Diante disso, uma outra postura adotada pelo escritor, e bastante comum em suas crônicas, era o elogio a ações praticadas em prol da coletividade. Atitude tomada, talvez, para incentivar a continuidade de outras obras produtivas, já que não ignorava que muitas ainda precisariam ser concretizadas, principalmente, no oeste do Estado, como, por exemplo, a questão viária. Por outro lado, também havia a denúncia pelo descaso na realização de obras, tendo em vista o ocorrido com o Porto de Laguna. Tito Carvalho solicitava atenção quanto às más condições de trabalho apresentadas pelo porto, descrevendo a situação deste de modo desolador, mas, no entanto, sem citar nomes de possíveis responsáveis. Segundo o cronista, o porto apresentava movimento intenso e as condições precárias de trabalho só vinham a encarecer ainda mais os preços dos produtos, o que prejudicava o comércio e a economia.

Além da questão econômica, também havia a preocupação com instrução pública, higienização e desenvolvimento da Força Pública do Estado (como foi visto, temas bastante recorrentes no cotidiano da época). As ações promovidas junto à instrução eram em geral destacadas pelo escritor, que em diversos textos deixava clara a preocupação com o aumento da escolaridade do povo, o que seria revertido em avanço social. Um exemplo dessa preocupação é a confiança depositada em Mâncio da Costa, quando este substituiu Henrique Fontes na política da instrução pública. Uma empreitada da qual ele afirmava que:

a remodelação do sistema educacional, a extinção de inúmeras anomalias existentes, tem em você, organização dirigente das mais completas, um defensor exigente, que visa tornar a instrução, em território catarinense, um motivo de orgulho, sob o acerto de providências que são o elogio duma visão segura e duma vontade que se não abala, nem se curva, vencida, diante mesmo dos maiores obstáculos.

Observe-se nesse trecho que junto com a expectativa de melhorias para o ensino está o elogio “incentivador”. E, junto com a instrução, todo trabalho feito em prol do saneamento básico e da saúde pública, assim como o avanço na seleção e preparo dos policiais colocados a serviço do povo eram valorizados. De acordo com essa postura, observa-se que o escritor estava bastante atento a todo avanço que pudesse favorecer o cidadão catarinense, apesar de nem sempre haver um posicionamento mais firme ou crítico.

Ainda com relação a esse aspecto, outras são as formas de tratamento dos temas, como a sutileza empregada com assuntos cotidianos, alguns, aparentemente, banais. Um exemplo disso era a intercessão por cidadãos simples que trabalhavam para ganhar o pão de cada dia, diante da exploração a que eram submetidos, como no caso de Lucas Viana, funcionário dos telégrafos da estação de Laguna. Tito Carvalho intercedeu por ele, descreveu as difíceis condições em que trabalhava, as quais exigiam “o máximo esforço pelo mínimo de vencimentos.” Enfim, o cronista solicitava um ajudante para que o trabalho fosse dinamizado e apresentasse condições menos difíceis. Pode-se, com essa crônica, observar que Tito Carvalho, apesar de não polemizar a questão, vê Lucas Viana dentro de um contexto real de exploração, um exemplo da realidade em que se encontrava o trabalhador catarinense, cada vez mais exigido e com salários defasados.

Em fevereiro de 1927, um outro fato chamou a atenção da sociedade catarinense, o atentado sofrido pelo jornalista Crispim Mira, em Florianópolis. Ele fora agredido a tiros em plena redação do jornal *Folha Nova*, do qual era proprietário, em represália a críticas publicadas em sua coluna. Várias manifestações de solidariedade foram oferecidas à família e ao jornalista, e os jornais acompanharam o desenrolar das

investigações policiais e a evolução do quadro de saúde da vítima no hospital. Em 19 de fevereiro, Tito Carvalho dedicou uma crônica na coluna *O Nosso Bilhete* a Crispim Mira, demonstrando indignação e repulsa pelo ato de violência. Menos de um mês depois, os suspeitos pela agressão, que estavam presos, receberam *habeas-corpus* do Tribunal de Justiça. Tito Carvalho limitou-se de escrever um bilhete, acatando a decisão e defendendo a integridade do Tribunal de Justiça em tom neutro. Dois dias após a libertação, Crispim Mira faleceu. Em sua coluna diária, o cronista reservou-se o direito de silenciar e em pouquíssimas linhas apresentou seus pêsames.

A morte do jornalista envolvia questões políticas e pouco foi investigada pela Justiça. Nada foi oficialmente esclarecido, os suspeitos foram, simplesmente, soltos por falta de provas e com a morte da vítima a questão deu-se por encerrada. Lendo a primeira crônica de Tito Carvalho sobre o assunto, percebe-se sua indignação frente ao crime e seu apoio ao colega de profissão. Contudo, a resignação demonstrada diante da atitude do Tribunal de Justiça parece contradizer aquilo em que o cronista acreditava. Ele aceitou facilmente a quase inoperância da polícia ao investigar o caso, mesmo com a existência de testemunhas, e ainda defendeu a imagem da Justiça perante a população. A leitura da segunda crônica junto da primeira passa a impressão de que são dois textos escritos por pessoas diferentes, ou, por uma mesma pessoa, só que limitada por regras impostas pelo jornal no qual trabalhava, tendo que medir as palavras ao escrever.

### 2.2.3 O bilhete e a crônica

No que concerne ao processo de criação de Tito Carvalho, quanto ao gênero crônica, há aspectos interessantes a serem observados. Como vimos, data da década de

20 a presença da coluna *O Nosso Bilhete* no jornal *República*. Como o nome anunciava, constituía-se de bilhetes endereçados a um destinatário real. Esses textos baseavam-se, como já foi dito, em aspectos cotidianos que, segundo Helena Tornquist, na maioria das vezes não ultrapassam o nível do comentário e de simples reportagem. Por outro lado, quando se observam as crônicas mais maduras, como as produzidas em torno de 1950, na coluna *Gente do meu caminho*, percebe-se que houve um aproveitamento das experiências vividas como cronista no início da carreira jornalística. Levando isso em consideração, ao observar o trabalho de elaboração da estrutura dos bilhetes – título (*Nosso Bilhete*), remetente, texto da crônica (construído na estrutura de correspondência), fechamento (expressão latina) e assinatura (pseudônimo) – não se pode negar que a escrita passou por um processo de elaboração formal. E, apesar de em diversos momentos o tratamento dos assuntos ocorrer sob o tom jornalístico, enfocando o *real* de modo direto e objetivo, é possível observar, também, momentos breves de ironia, humor, alusão crítica e metáfora, o que poderá ser observado com a leitura mais detida.

A coluna de Tito Carvalho no jornal *República* começou intitulada como *O meu bilhete* e, a partir do dia 28 de dezembro de 1926, tornou-se *O Nosso Bilhete*, denominação inclusiva, talvez, com o propósito de dividir com o leitor (e o próprio destinatário) a propriedade do conteúdo tratado. Antes de introduzir o assunto, os bilhetes vinham endereçados a pessoas reais, que poderiam ser de conhecimento público ou desconhecidas (como do círculo de amigos do cronista). Essa estratégia caracteriza parte do processo criador pelo qual as crônicas passaram. Em si, elas já assumem uma forma dialogada, já que pressupõem um leitor imediato, e os bilhetes “brincam” com essa certeza, remetendo-se a um único interlocutor, sem, contudo, excluir os demais. Os outros leitores são postos na posição de quem espia, viola uma correspondência, só que

esses bilhetes já vêm abertos e convidam à leitura, porque são o *Nosso Bilhete*. O destinatário, por sua vez, é interlocutor, mas também pode servir de objeto da crônica, exposto ao olhar do público.

Tendo em vista as características citadas, percebe-se que os bilhetes de Tito Carvalho oscilam entre simples relato jornalístico, retrato de uma época, e o exercício literário. Já a começar pelo próprio uso do pseudônimo, algo, aparentemente, comum para a época. Como já foi dito, pseudônimo de Tito Carvalho apareceu, inicialmente, como “João, apenas”, o que remete a uma certa modéstia perante o que escrevia, mas com o passar do tempo esse nome passou por um processo criativo. Na palavra “apenas”, o escritor leu “penas”, o que se associa à escrita e às palavras. Alcançou-se, assim, o instrumento e o meio de trabalho do escritor em um único nome – “João A. Penas”. Mais adiante, a ênfase na produção escrita aumentou, quando o nome “João” foi resumido, e o pseudônimo passou a “J. A. Penas”. Assim, o cronista parece se autodenominar aquele que tem a pena, que domina a escrita e a tem em evidência em sua vida. Até que ponto essa denominação serviu para evitar que sua identidade real fosse preservada é impossível saber, tendo em vista que ocupava posição de destaque no jornal em que trabalhava, era conhecido no meio jornalístico e, principalmente, as pessoas que maior influência poderiam ter sobre ele sabiam a quem remetia tal nome, sem esquecer, também, que nenhuma crítica extremada foi feita sob tal identidade.

Além do pseudônimo, outra preocupação do cronista foi com o modo de encerrar os bilhetes, o que acontecia de forma curiosa. Foram utilizadas, na grande maioria das vezes, as expressões latinas *Et semper*, *Ex nunc*, *Et nunc* e *Semperque*. No início, uma forma era escolhida e utilizada seguidamente em algumas crônicas, até ser substituída por outra expressão. Isso ocorreu durante um certo tempo, mas a partir da crônica B46, alguns textos começaram a não ter fecho e, mais adiante, com a crônica B62, as expressões latinas foram substituídas por portuguesas, como *o de sempre*, *Muito seu*, *D'alma*, entre outros.

Percebe-se até aqui que o tempo está presente nas crônicas desde a matéria narrada pelo escritor, até as transformações que os textos foram sofrendo pelo lapidar do cronista. Além de basearem-se no fator “tempo” (como narrativas cronológicas), elas também sofreram a influência dele, e esse fator foi fundamental para que Tito Carvalho amadurecesse suas capacidades criadora, reflexiva e crítica. Conforme Helena Tornquist, “não será exagero ver este espaço [das crônicas da década de 20] como um laboratório onde o autor pôde se exercitar para os trabalhos posteriores: nele se esboçam as preferências temáticas e as características de estilo que distinguirão o cronista dos anos 50.” Pode-se observar que, quando tratam de aspectos do cotidiano imediato, os bilhetes tornam-se mais datados e dificultam o trabalho literário. Em outros momentos, quando, por exemplo, aspectos humanos estão em evidência, fica clara a presença do eu do cronista, daquele que se deixa abater pelas preocupações, dores e infortúnios que atingem os destinatários de seus bilhetes. E, muitas vezes, a coluna do jornal abre espaço para belos relatos, homenagens ou simples reconhecimentos pelo que as pessoas comuns tinham a oferecer à sociedade. Não raro há a consternação diante das dores humanas, da aparentemente simples até a mais dramática. E o jornalista dialoga com essas figuras humanas, com aqueles que se ligam a elas, e abre ao leitor da crônica essa brecha que possibilita conhecer o diálogo e o introduz na questão, como que convidado a também ser solidário, a ter respeito pelo “outro”.

Além disso, esses bilhetes tratam de temas diversificados, podem começar como conversa frouxa e terminar como pedido de tomada de posição ou crítica social, como foi visto. Ao mesmo tempo em que se remetem ao contexto em que foram escritas, retornam ao passado e relembram o caminho já trilhado ou aquele que possibilitou a caminhada. Em síntese, as figuras humanas são importantes, desde as mais prestigiadas até as mais humildes. Para as primeiras o cronista solicita providências que possam amparar as demais. E, em geral, principalmente nas crônicas mais engajadas da década de 50, lembra e relembra desses dois extremos que trabalham (ou deveriam) em função

uns dos outros. Para Tito Carvalho, o humilde era aquele que construía a nação e quem detinha o poder deveria ampará-lo em suas necessidades sociais básicas, dividindo com ele a riqueza conquistada. Com base nisso, ainda nas crônicas da década de 20, podem ser observados aspectos que serão mais explorados em textos futuros. Um deles é a já citada denúncia de problemas que afligiam o conjunto social, na figura de um único indivíduo. O cronista procurou descrever a realidade de um determinado cidadão e cabia ao leitor compreender que por trás dela outros mais estavam oprimidos e passando por privações, como quando pediu a Cid Campos que intercedesse por um jovem com problemas mentais, que estava trancado em um presídio, em vez de receber tratamento adequado, ou quando solicitou melhores condições de trabalho a um funcionário dos telégrafos, como mencionado anteriormente.

Esse olhar lançado, em primeiro plano, sobre o indivíduo e, simultaneamente, sobre o social caracteriza uma postura realista de Tito Carvalho, pois, como já foi dito, ele seguia a tendência literária em vigor entre os intelectuais catarinenses de seu tempo: o real-naturalismo. Dentre os dois tipos de crônicas analisados neste trabalho, vê-se que os bilhetes dão ao cronista maiores possibilidades de examinar e descrever a sociedade que observa, e essas descrições aparecem nos textos de modo esporádico. Por exemplo, quando o jornalista citou o boi de mamão como uma expressão do folclore em Florianópolis, mostrou sua admiração pela gente simples que ainda cultivava suas raízes. E, também, quando enfatizou a necessidade de preservação dos valores morais da sociedade, incentivando o escotismo, identificou a figura de jovens que, desde cedo, já estavam “a engolir o seu 'trago' e a vomitar baforadas de fumo.”

Os bilhetes, como já foi afirmado, ainda que em forma de um ensaio para as crônicas futuras, ao mesmo tempo em que parecem muito datados, presos ao que ocorria na década de 20, discutem temas de caráter universal. E o exemplo citado da busca pelo herói cotidiano, daquele que trabalha e luta por uma vida melhor transcende a notícia, o cotidiano em si, liberta esses textos da efemeridade do jornal. Entender as crônicas desse

modo é dar-lhes sangue novo e permitir que pulsem em outras épocas, devido ao que têm de atual, de identidade com o que o leitor de cada época vivencia. Dito isso, é importante esclarecer que, neste trabalho, o levantamento histórico realizado foi apenas uma tentativa de oferecer mais recursos para a compreensão dessas crônicas, entendendo melhor o contexto em que elas e seu autor estavam inseridos. Mas, quando se resgata tal história, levanta-se apenas uma perspectiva a mais de leitura, pois é sabido que não é mais possível ler esses textos em seu contexto original. A “verdade” que continham perdeu-se. Sem esquecer que não há como recuperar o pensamento da época e as ideologias reinantes a ponto de que os leitores de *hoje* posicionem-se como os da década de 20. Assim, só é possível preservar dos textos o que eles têm de histórico (essas crônicas podem ser vistas como a manutenção de fragmentos da memória catarinense) ou o que conservam de atualidade, ao tocarem em questões sociais que ainda se perpetuam ao longo de anos. Sob essas duas perspectivas, percebe-se que sempre haverá um certo distanciamento entre as crônicas de Tito Carvalho, extraídas de seu contexto e inseridas no tempo histórico do século XXI, e seus possíveis leitores. Mas, por outro lado,

se essa distância dificulta a comunicação com o público, talvez ela contribua para que se realize precisamente aquilo que se espera de uma obra literária. Afastados de seus referentes temporais e desentranhados do espaço de origem – a folha do jornal – estes trechos falarão mais à imaginação de um leitor afastado dos acontecimentos, favorecendo a retomada dos problemas humanos de um cotidiano longínquo, condenado, de outro modo, ao perecimento. E não será essa forma de ultrapassagem da realidade, esse reviver de fatos que integram planos do imaginário, um dos caminhos para a ficção, uma das vias pela qual chegamos à literatura?

Dessa forma, é possível compreender as crônicas de Tito Carvalho como relatos de seu tempo. A própria possibilidade de dispô-las de forma cronológica, narrando quase que passo a passo os principais acontecimentos de interesse da nação e/ou do Estado, permite reconstruir a história da década de 20, mesmo que com pequenas lacunas, que podem ser localizadas e preenchidas com o auxílio de um livro de história.

E, principalmente os bilhetes, muitas vezes, abrem-se ao leitor como uma aula de história, ou até mais, como uma viagem no tempo, na qual encontramos a companhia de um narrador que se apresenta como um de nós, com seus pontos de vista diversos acerca de cada acontecimento. Uma viagem como essa, que mostra alguns bastidores da história, mistura-se com a ficção a partir do momento em que o contexto temporal e a visão de mundo em que estava inserida não podem mais ser retomados na íntegra. O que temos é uma recriação da história (do que pode ter acontecido, do que convencionalmente cremos ser o real) por meio da linguagem. Essa recriação, acrescida do olhar de uma “testemunha da história”, dá um valor híbrido ao texto. Ele é tanto histórico quanto ficcional.

Além dos bilhetes, conforme menção anterior, Tito Carvalho produziu, concomitantemente, no jornal *República*, crônicas de caráter bastante tradicional, assinadas com seu nome próprio. Inicialmente, parece que o cronista pretendeu dar-lhes um nome mais criativo e as duas primeiras que foram transcritas intitulam-se *Registrado sem valor* e vêm seguidas de um destinatário. No entanto, isso ocorreu só nessas duas, as demais passaram a receber títulos referentes aos conteúdos tratados nas crônicas. Como visto antes, esse espaço textual reservou-se, muitas vezes, para tratar de questões políticas, em tom tradicional e com linguagem objetiva, mas ele também foi utilizado, com menor frequência, para fazer homenagens e discutir questões gerais. Essas crônicas, certamente, não apresentam nenhum processo de produção que as vincule ao texto literário e foram selecionadas neste trabalho exatamente por servirem de parâmetro de comparação com aquelas publicadas na coluna *O Nosso Bilhete*. Diante disso, vale mais uma vez enfatizar que os bilhetes da década de 20 ainda não têm o mesmo grau literário das crônicas da coluna *Gente do meu caminho*, mas, quando colocados lado a lado com aquelas produzidas no mesmo período e para o mesmo jornal, nota-se que sofreram, sim, um tratamento literário, mesmo que em menor grau. É interessante pensar que os bilhetes são o recorte de uma etapa gradativa do trabalho jornalístico de Tito Carvalho.

## **PARTE II**

### **1 TRANSCRIÇÃO DAS CRÔNICAS DE TITO CARVALHO**

## B1

### O Meu Bilhete

Virgílio Várzea- no “Rose Castle”:

Marinista!

Coisa de uns dez ou quinze dias, após a chegada ao Rio dos jangadeiros e baleeiros, que realizaram o valente *raid* do centenário, um telegrama de Santa Catarina comunicava a partida de uma *yole* do Itajaí para Florianópolis.

Não preciso lembrar-lhe o que seja a distância entre esses dois portos, nem as condições sempre arriscadas dos mares do sul.

Você mesmo tem páginas formosíssimas, pitorescas novelas de pescadores e navegantes, em que o homem e as ondas, naquelas paragens, viveram, nitidamente, a sua psicologia e as suas telas.

O que desejo fixar é a audácia pasmosa dos cinco *rowers* catarinenses, que, numa casca de noz, cobriram, em dez horas, sobre as águas oceânicas um raio de perto de 60 milhas.

Quem não conhece a fragilidade de uma *yole*?

Eu, por mim, não sei de barco mais incerto, mais leviano, mais de se emborcar ao simples desequilíbrio dos tripulantes.

Um balançar de corpo, ei-la de quilha ao sol!

E naqueles mares, cheios de beleza e de traição!

Você mesmo escreveu – a propósito de uma tempestade apanhada por Alexandre III e Pedro II, o nosso, em águas do Mar Negro, a bordo do *Livadia* – que o almirante De Lamare, oficial às ordens do Imperador do Brasil, recordara, então, que nenhuns temporais se comparavam aos da costa de Santa Catarina.

Aliás a proeza de agora é, apenas, uma *réprise*.

Há menos de dois anos, outros – cinco de Florianópolis, do *Clube Aldo Luz* – abalaram dali, também numa *yole*. Em 12 horas, venciam a distância, orçavam o pontal de Itajaí, entre o espanto e as aclamações da gente local.

Os *rowers* de Itajaí – pertencem os cinco ao *Clube Marcílio Dias* – pagaram, unicamente, uma dívida de galhardia e bravura...

Sabe você que somos bons pagadores...

Até a hora em que lhe escrevo, ignoro-lhes os nomes.

De uma coisa, entretanto, estou bem certo – e você comigo – é de que são “barrigas-verdes” netos de açorianos.

Pelo menos, em toda a sua longa e brilhante obra de marinista, se aprende que o catarinense herdou e mantém rijamente as virtudes dos ilhéus atlânticos e que, acima de quaisquer, é esse o título que ele mais ama e exalta.

E quem haja estado um pouco em Santa Catarina vê logo que assim é.

Não está ali, docemente, na linguagem, nos costumes e cantigas do litoral, o velho e nobre traço dos mareantes de Portugal?

Mas, não somente ali.

Projeção dos nossos Maiores, a quem jamais se igualou no mar, é o heroísmo, a perícia, a fama dos jangadeiros e baleeiros, a quem o Rio acolheu em setembro, por sinal que menos patrioticamente do que deveria ser.

Belos rebentos, sem dúvida, da raça dos *Gamas* e dos *Cabrais*.

E não esqueça você acrescentar ao seu poema das praias e mares de Santa Catarina a linda página do *raid* Itajaí - Florianópolis.

*Et semper,*

João, apenas.

(D A *Pátria*, do Rio)

## B2

### O Meu Bilhete

*Dr. Hercílio Luz - em Florianópolis*

Na *Pátria*, de que é diretor, o nosso ilustrado confrade e conterrâneo senhor doutor Diniz Júnior, dedicou o seu BILHETE ao nosso eminente chefe senhor doutor Hercílio Luz, louvando o nobre gesto patriótico abolindo o hino, a bandeira e armas catarinenses e adotando as nacionais.

Eis o brilhante artigo.

“Governador!

Quando li que o senhor Munhoz da Rocha, distinto presidente do Paraná, sugerira a abolição das bandeiras, escudos d'armas e hinos estaduais, já tivera notícia de que em Santa Catarina se ia fazer isto.

Não me causou, portanto, surpresa o ato legislativo catarinense.

Mas, deixe-me afirmar, entretanto, que, nem por o esperar, senti menor comoção.

Uma coisa é querer fazer, outra fazer.

E, se, num assunto dessa ordem, a idéia sensibiliza, o gesto que executa assume um caráter solenemente tocante.

Nascido aí – a bela e querida terra que é! – não fujo à alegria de ver que os meus conterrâneos se apressam em mostrar-se, acima de tudo brasileiros.

Sempre o disse.

Há, porém, atitudes que o exprimem com maior vida e melhor nitidez.

Essa de agora, então, é perfeita.

Em certos Estados, houve e há de haver quem recalitre, apoiando-se, cada qual em frustes motivos de história, algumas vezes antagônicos do espírito de unidade pátria, quais os das revoluções separatistas.

Aí não!

Verdade que temos uma boa messe da campanha de 35-45. Anita é fruto dessa hora flamante de heroísmo.

Nunca, porém, a lembrança desse instante ruidoso e amargo atenuou, nos “barrigas-verdes”, o sentimento de brasilidade.

E não esqueço eu – como testemunho desse afinco patriótico – a verdadeira indignação que me causou um dia a palavra de um homem público, de quem ouvi, no recinto do Congresso Nacional, que o defeito do Brasil estava na sua grandeza.

Esse homem repugna-me até hoje.

E já o vi ministro!

Nessa extensão – um pouco maior mesmo – conservam-no sem os recursos formidáveis de hoje, os que o descobriram, dilataram e governaram na colônia e no vice-reinado.

O império, mau-grado as lutas e dificuldades ingentes da formação da nacionalidade alborescente e inexperta, manteve, sobretudo, o cunho dessa unidade.

A Federação, ensaiada por uma política de estreitos interesses regionais,

como jamais tivéramos, – obra de governadores satrapistas, que tinham empenho em isolar os Estados, para mais os asfixiarem e dominarem – criou, no entanto sob o signo de ficções alarmantes, um sem número de pequenos nada, capazes de afrouxar a solidariedade geral.

E, de trecho a trecho, o amazonense ou baiano, o paulista ou o gaúcho – todos nós, irresistivelmente, nos íamos fazendo baianos ou catarinenses, mineiros ou sergipanos, quando éramos, somos, e devemos ser, apenas, confiada e varonilmente brasileiros.

Outro perigo era, também, o de Norte e Sul.

Não obstante, o que havia e há é, unicamente, afirmativamente, fraternamente, o Brasil, o Grande-Brasil, o Brasil-Maior, fé e certeza, esperança e glória comuns.

Nenhum vestígio mais ridículo, mas nem por isso menos venenoso, dessa fantasia derrotista, do que as bandeiras, os escudos d'armas e os hinos bairristas.

Verdade que em Santa Catarina, só a bandeira e o hino da pátria nos emocionavam.

O resto nunca, em dia nenhum, que eu visse ou saiba, nos arrancou um grito de alma, uma exclamação de júbilo.

Entretanto, quanto amor nos liga a esse torrão bendito, memória doce e saudosa, recordação luminosa de cada instante!

Como sabemos querer o pedaço lindo do Brasil em que vimos a luz, diante de cujas montanhas de primavera constante e de cujos mares batidos do pampeiro, aprendemos primeiro a louvar a pátria e a dedicar-lhe os estros todos, e todas as ambições!

Mas, quanto orgulho de nós sentimos, tanto mais esse orgulho traduz o encanto, a ternura, a vaidade de havermos nascido brasileiros.

O ato que aboliu, pois, nesse grande e promissor Estado, aqueles inexpressivos símbolos, nada reflete senão o que viveu sempre no espírito e no coração de todos nós.

Assim mesmo, palavra!, o meu coração está a parecer um pouco mais leve e como que me saiu do espírito uma sombra espessa.

Ora graças!

Patrioticamente, *et semper*.

João, apenas.

### B3

#### O Meu Bilhete

À brilhante pena de Diniz Júnior, ilustre diretor da *Pátria* deve-se a linda página que se segue:

**Lança Cordeiro – no Rio.**

Confrade!

Muito grato pela sua visita.

E muito, muitíssimo grato, pelas impressões que me transmitiu da sua recente visita à minha província.

Então achou aquilo bem português?

Não imagina o que é para um catarinense ouvir isto:

Recorda-se do tempo da guerra?

Em mais de um jornal se escreveu que éramos suspeitos por havermos nascido em Santa Catarina.

Tudo ali cheirava a alemão, a espionagem, a sei lá o que, inventado pela ignorância.

Dizia-se que até as leis se redigiam em teuto e que os debates parlamentares se entremeavam de orações e apartes germânicos.

Cada vez mais ciosos pelo Brasil, nós esperávamos, apenas, que um gesto mais incisivo do governo deixasse oportunidade para demonstrarmos o contrário.

Enquanto isto, sofriamos.

E, mais um dia, eu, por exemplo, vim à imprensa retorquir a indecorosa aleivosia, lembrar as páginas luminosas do heroísmo “barriga-verde”.

Porque eu sabia que nem mesmo os chamados teuto-brasileiros fugiram ao seu dever patriótico, – o que se provou aliás, com os dos Estados Unidos.

Mas, ainda que as populações das antigas colônias alemãs, não suficientemente nacionalizadas pelo isolamento em que se encontravam, pudessem, de qualquer forma, esquecer o Brasil, a verdade, a grande, a confortadora, a veemente e incontrastável verdade é que o bom sangue lusíada, correndo nas veias de 500.000 catarinenses, maioria esmagadora sobre os 660.000 habitantes do Estado, foi sempre caudal de fé, certeza de sacrifício pela pátria.

Devo afirmar, entretanto, por uma questão de justiça e de honra para os meus conterrâneos, descendentes de alemães, que, na hora precisa, o que seremos, acima de tudo, é brasileiros, energias úteis na guerra, como temos sido na paz, assim na prosperidade e na desventura, com que o país deve contar cegamente.

Está claro que desejaríamos perfeitamente nacionalizados todos quantos ali tenham nascido.

E – malgrado os jacobinos – nacionalizado é como quem diz lusitanizado.

Conforta, porém, que se conheça o fundo absolutamente português, o caráter marcadamente português da grande população catarinense, que é a garantia de pureza do nosso espírito brasileiro.

Você foi, e viu.

Não calcula, pois, a alegria que me causou e a imensa e penetrante saudade me trouxe, dizendo-me coisas desde jaez:

– Surpreendeu-me o traço sulcante do português. Revi Portugal muitas vezes. Vocês usam a linguagem peculiar a certas das nossas províncias, têm costumes tão acentuadamente nossos e falam com tantos dos nossos vocábulos de antigo uso, que supus viajar, de novo em Portugal. Há localidades expressivamente portuguesas e canta-se no timbre de lá, que é um vivo enternecimento, para quem não vai, como eu, há longo tempo a Portugal.

Doce encanto o meu, caro amigo!

E, já agora, quero dizer-lhe – a alma a subir-me aos olhos e a prender-se-me de ansiedade na garganta, louca por ver, louca por sentir, louca por se comunicar, sempre com a gente linda e enleante da minha terra, – quero dizer-lhe que, não tendo estado, como ainda não estive em Portugal, a minha ternura, o meu indizível amor, a veemência das minhas palavras por vós... é saudade, é recordação, é afeto e desejo por essa distante e querida província, o meu risonho e formoso berço do Brasil, terra das mais límpidas paisagens, amorável eirado das mais frescas e embaladoras cantigas, reduto sonhador de almas intrépidas, emocionante rimance do mais cândido e bravo dos povos.

Tal qual vocês!

Tal qual, sim, que os adivinho e amo, através [sic], as emoções da minha saudade.

Mas, experimente: vá lá dizer a outro catarinense que não eu as impressões da sua viagem.

E, quando lhe falar da nota lusitana que o perturbou em Santa Catarina, repare bem se não é aí que os olhos dele mais brilham e mais se umedecem, testemunho das mais sentidas lembranças do seu coração.

Oh, as nossas velas brancas, palpitando nas vagas altas, o belo remo, teso à popa, à guisa de leme!

E as rendeiras ágeis, mais artistas que aranhas...

E o cantar melancólico das nossas praias, dos nossos montes de primavera constante!

E a voz da gente, em uu que são ii, saindo a cantar!

– “Que vento é que está ventando, ó mulher?”

– “Pois não vê? É o suil!”

– “Pois me vou, qu'está à feição.

Bem portuguesa, sim, a minha terra. Por isso mesmo, bem brasileira.

Que alegria e que saudade que você me trouxe!

*Et semper*

João, apenas.

## B4

### O Meu Bilhete

Ronald de Carvalho – no Itamarati:

Você, que é o crítico da geração futurista, não deve perder de vista o caso de Cruz e Sousa

Porque há uma profunda lição na existência literária do grande negro.

Quem o leu, nestes últimos 25 anos?

É preciso dizer que ninguém, tão raros o conheceram.

Mesmo havia uma razão: seus livros, publicados uma só vez, não se encontram nas livrarias.

Cruz e Sousa, entretanto resistia a todas essas provas.

Fechadas para ele as portas da Academia, tiveram os “imortais” de ouvir o seu elogio, no discurso de Felix Pacheco.

O beato da “Rosa Cruz” persistira, através do êxito do jornalista, que ascendera à direção do *Jornal do Comércio*, do êxito do político, que chegara à vice-presidência da Câmara, em vésperas de ocupar uma curul no senado.

Vítima do epigrama da reportagem, Cruz e Sousa não esquentara lugar numa redação de jornal. Na hora do seu triunfo, entretanto, Paulo Barreto, que foi o único verdadeiro artista do jornalismo, exaltava o poeta dos *Últimos Sonetos*, em uma das suas mais lindas crônicas.

Nem houve, até agora, uma só inteligência alumiada que o não amasse.

Não obstante, Cruz e Sousa continuava ignorado, incompreendido, sem ruído.

Por que essa obscuridade, em volta de uma obra singularmente empolgante, a que se vieram agarrar os mais formosos espíritos da sua época?

Saberá você?

Murmura-se que a geração dominante quando se fizera a luminosa tentativa do simbolismo, e até há pouco *leader* nas letras e na Academia, é que poderia explicar o fenômeno...

Verdade?

Não quero afirmá-lo. Vejo, contudo, que, à proporção que outros valores surgem e se fixam, Cruz e Sousa reaparece.

O 25º aniversário do seu trespassse anuncia-se com fervores de consagração.

E, entre os que vão prestar culto ao ressurecto, enfileira-se a Academia.

O milagre não estará explicado com a própria escolada de Afrânio Peixoto – o Julio Afrâniq da “Rosa Mística” – à presidência da Academia?

Seja como for, o que se constata é a reedição dos *Broquéis* e das *Evocações*, em pleno sucesso de Cruz e Sousa.

25 anos de silêncio bastaram para a glória.

Admirável lição, meu jovem e ilustre crítico, para os que se contentam do dia que passa.

*Et semper,*

João, apenas.  
(De *A Pátria* do Rio)

## B5

O Meu Bilhete  
(D'A Pátria)

*Everardo Backeuser – na Escola Politécnica:*

Professor!

Tenho acompanhado a exposição, que você, a pedido, talvez, da *Sociedade dos Amigos da Cultura Alemã*, tem feito sobre as condições atuais do ensino primário, em Santa Catarina.

Mas, você termina e eu começo.

Diz você que a nacionalização das escolas, nos antigos núcleos de população alemã, está errada.

Digo eu que é tudo quanto há mais certo.

Sempre fui admirador cordial dos colonos teutos. E, durante a guerra, contestei as suspeitas que assacavam contra os filhos de alemães, nascidos no Brasil, e que reputo, com a justiça, tão brasileiros quanto eu (exceção, é claro, dos que preferiam dizer-se alemães e que chegavam a atravessar o Atlântico para ensaiar o *passo de ganso* nos exercícios de Sua Majestade o Kaiser).

Minha admiração é, porém, estado de consciência.

Por isso mesmo, nunca deixei de encarar como prejudicial ao Brasil e aos brasileiros, filhos de alemães, a existência, – só em Blumenau – de 212 escolas subvencionadas pelo governo de Berlim.

Nessas casas de educação tudo era alemão, tudo visava a Alemanha.

Era alemão o professor. Alemães eram os livros. O pensamento, alemão.

E o singular é que a situação como que se justificava.

Sabe por quê?

Pelo simples fato de que, não havendo escolas bastantes para o número dos que necessitavam freqüentá-las e não querendo os excelentes pais, que são os alemães, deixar analfabetos os filhos, procuravam o mestre onde houvesse e como, de cinco em cinco quilômetros das longas estradas, se erguia uma escola estipendiada por Berlim, nada mais razoável do que remeter a elas os petizes

O caso, entretanto, é que essas muitas escolas preparavam uma geração nada brasileira.

Eu mesmo arriscava: a culpa não é deles; o governo do país, se o do Estado não pode, é que deve compreender e resolver este grave problema.

E, quando, na imprensa do Rio, ou no Congresso, alguém bradava que “o perigo alemão” se instilava por esses processos, eu volvia: a culpa não é deles; se há nisso “perigo alemão” culpe-se a administração brasileira.

Mas, a guerra fechou as citadas escolas. O problema não consistia, realmente em fechá-las. Abrir outras, nacionais, no local de cada uma das que se fechassem é que era.

O momento em que o fechamento se deu não permitia, no entanto, que se

fosse além.

Dois anos depois, os governos, estadual e federal, tinham, porém, completado a medida salutar reabrindo as mesmas escolas. Unicamente, o aspecto era outro: ao invés de ensino alemão, ainda que se ensinasse a língua alemã, ensino brasileiro, escolas para a formação de uma mentalidade brasileira.

O técnico a quem se confiou esse difícil problema – o senhor Orestes Guimarães – era o homem, por sua capacidade, patriotismo e conhecimento do meio, para resolvê-lo. E, tanto é assim, que todos, alemães ou brasileiros, se mostram satisfeitos com a sua obra, que, tendo sido patriótica, não fugiu, também, de ser humana e fraternal, mesmo porque, em Santa Catarina, ninguém odeia ou persegue alemães, vivendo, cada um, ao revés disto, na melhor camaradagem com eles e grato à colaboração extraordinária que têm prestado ao progresso do Estado.

A prova está em que não houve quem não se espantasse das afirmações feitas por você contra a nacionalização daquelas escolas. São os próprios alemães a protestar, em Santa Catarina.

Preciso dizer-lhe, entretanto, que a você, brasileiro, professor de uma escola superior, fica pessimamente o emprego que está a fazer da sua qualidade de membro diretor da *Sociedade de Amigos da Cultura Alemã*.

Que pretende você?

Que se reabram as escolas, fundamentalmente alemãs, sustentadas pelo governo de Eber, como o foram pelo de Sua Majestade Guilherme II?

Ou, mais que isto: que as escolas, mantidas pelo nosso governo, restabeleçam o cunho germânico daquelas?

Você tem o dever patriótico de falar claro...

*Et semper*

João, apenas.

## B6

### O Meu Bilhete

*Ministro Giurati – Nave da Raça*

Excelência.

Dentro de um mês, o *Itália* perderá de vista as águas do Brasil, que o acolheram em ampla fraternidade.

Santos, a apoteose: o oceano das almas, a aclamação de milhares e milhares de vozes, reflexo de dois milhões.

Rio Grande do Sul... E adeus!

Antes de aí, porém, existe um longo trecho de mar; vai de Imbituba às dunas do Casino.

O *Itália* deve percorrer essa etapa com os seus cordeames afesteados, todas as suas bandeiras ao alto.

Diante de Imbituba, e Laguna, os jovens marujos, todos e todos que navegam a bordo da nave da Raça hão de sentir o desejo irresistível de levantar os braços, estendê-los, as mãos espalmadas, e bradar a interjeição que é síntese do poema cívico da Pátria-Maior:

#### **Eia! Eia! Alálá!**

Aquele mar, excelência, é o cenário da aventura garibaldina.

Conheço-o bem. E nunca sulquei as suas paragens, nunca defrontei – e fi-lo tantas vezes! – que não me alumiasse um sol de ressurreição.

O *Seival* – pequeno, aligeiro, cuspidor de fogo – revive aos olhos dos que ali passam...

Hiate louco, demônio das águas, *condottiere* ele próprio, – é vê-lo no turbilhão do combate!

No convés, palpitam dois corações: Giuseppe e Anita

O barco é um ninho de amor, – aquele, sim, mais forte que a morte. E a vida daquele amor, o heroísmo, que faz de dois um só motivo de epopéia.

Imbituba...

Laguna...

Se fosse possível aos olhos varar a massa da montanha verde, era, logo ali, palpitante no espelho da baía, a *Paixão*: um caminho sinuoso, à beira d'água, o sol incidindo em fulgor nas vidraças de uma casita de porta e duas janelas. De uma delas, à tarde, Anita acenava o lenço para as amuras do *Seival*...

E, um pouco além, a fonte: a da água que ele bebera e o enfeitiçara, a água da Laguna, filtro que aproxima corações.

A janela do primeiro namoro.

A fonte da primeira e eterna promessa.

E, para longe, atrás de outras montanhas, onde os rios correram um dia e hoje não correm mais, para longe, Morrinhos: a casa em que Anita veio ao mundo.

Aquele mar... Aquela terra...

Garibaldi! Anita! A legenda fecunda!

O corpo de Anita lá está, em Ravenna: perpétua memória daquela terra, a sua, a minha terra. Terra catarinense! Terra do Brasil!

Mas... sobre aquele mar – senti-lo-ão os que a nave da Raça conduz – paira o espírito de Garibaldi, ressuscita, em cada onda, em cada desenho de costa, a imagem do libertador:

Anita e Garibaldi: Itália-Brasil!

A legenda da união dos nossos povos...

*Et semper,*

João, apenas.

## B7

### O Meu Bilhete

(D'A Pátria)

*Arthur Leitão – no Glória Hotel*

Confrade!

Venho dizer-lhe no instante em que lhe dou o abraço de boa viagem – que a sua terra hospedará, nos primeiros dias de junho, o governador Hercílio Luz.

Sei, perfeitamente, que Lisboa recebe, diariamente, figuras do maior destaque mundial e que, portanto, mais uma, ou menos uma, no rol brilhante do *Avenida Palace* ou do *Hotel da Europa*, em nada altera a sua existência de cidade pórtico da civilização do Velho Mundo.

Devo acentuar, porém, que raras hão de ser as oportunidades que tenha Portugal de acolher alguém, em cuja vida, com tanta insistência, se haja revelado o culto da sua raça e a religião dos seus Maiores.

O governador Luz, nascido em Santa Catarina, à frente de cujos destinos se firmou situação nobilitante e prestigiosa, conversa, de modo impressionante, as características do povo daquela região, no que ele possui de mais autenticamente lusitano.

Leal, bravo, agudamente inteligente, emotivo, com uma nota de arte em cada frase ou atitude, herdou tudo quanto o minhoto e o açoriano puseram de beleza, galhardia e intrepidez na gente daquelas paragens.

E tão assinaladamente esse penhor se fixou na sua personalidade que nenhum outro, até hoje, conseguiu identificar-se com a sua província e apaixoná-la como ele o tem podido.

Nos meus vinte anos – recordo-o em louvor e enternecimento pela frase mais exaltada e sincera da minha vida – querendo exprimir à população do Desterro, berço de ambos, o sentimento que me arrastava para ele, disse-o, numa expressão singela:

“É que Hercílio Luz sintetiza, moral e historicamente, todo o valor e formosura da raça que se caldeou nesta ilha”.

E essa fisionomia ele bem pode manter, em todos os seus atos, não sendo de esquecer a repulsa com que recebeu – há coisa de uns anos – as veleidades jacobinas, que, expluindo no Rio, pareciam ameaçar de invasão os mais remotos sítios do país.

Nos seus próprios planos de administração – uma das mais fecundas e largas de que nos podemos gabar – a idéia de lusitanidade permanece como obsessão nacionalista.

Daí, o projeto de recolonizar, com portugueses do Minho e dos Açores, o fértil e rico território catarinense.

Estivera em Lisboa, por ocasião da sua passagem, o nosso querido e ilustre João de Barros, tão presente sempre aos afetos de brasileiros pela Mãe-Pátria, estou certo de que essas gratas circunstâncias seriam lembradas, naquele vivo tom em que ele é mestre e naquele particular empenho em que ele põe as coisas da nossa aproximação.

Dizem telegramas, entretanto, que o sonhador da união moral das duas nações lusíadas afivela malas para Atenas.

Em tais emergências, lembra-me escrever-lhe estas linhas a pedir-lhe que diga

a Portugal quem é, para o seu amor e os seus carinhos, o estadista que ali aportará, em junho.

E boa viagem, meu caro amigo.

*Et semper*

,João, apenas.

## O Meu Bilhete

*Victor Konder – no Comandante Alvim:*

Contemporâneo!

Quando se operou o milagre do senhor Washington Luis descobrir, para além da política estritamente partidária, um homem lúcido e jovem para o seu ministério, houve o espanto, que eu chamarei de paradoxal, diante do teu nome.

Paradoxal, sim, porque saído daquelas mesmas bocas e penas que reclamam valores novos, expressões desapegadas dos vícios da máquina eleitoral, espíritos dinamizados ao saber das doutrinas modernas...

De alguém, entretanto, mais educado no sentimento das realidades nacionais e que te conheceu melhor exatamente quando o futuro presidente compreendeu o alcance da tua escolha, ouvi estas palavras:

– É o cérebro do ministério. Se o Washington lhe der margem, o Brasil terá um grande ministro.

Esse julgador isento e claro não fazia senão o louvor da mentalidade gerada no ambiente de idealismo-prático que respiramos e em que se formou a consciência mais nítida do país e de suas necessidades substanciais.

Ontem, na Academia (a secular e grave Academia de São Paulo); hoje, nos postos de administração – quem negará tenhas sido e que sejas o expoente dessa mentalidade, a figura primacial da nossa geração?

Teu companheiro de sempre, teu amigo e teu conterrâneo (eu que, melhor que ninguém o sabeis, desdenho das situações políticas e que me reputaria indigno de mim mesmo se as disputasse) não me alegro do teu êxito, porque este seria inevitável, mas rejubilo pela oportunidade que o presidente Washington oferece de um paralelo, entre a velha, preconceituosa política administrativa de 89, e a arejada e erguida concepção dos governos técnicos, aspiração dos nossos 20 anos, programa de toda a nossa vida.

Dentro de poucos dias – ingressarás no ministério. Abre-se para a nossa geração, a primeira vez, um lugar na alta administração da República.

Que a circunstância de estares sozinho não seja motivo que se criem obstáculos ao surto das tuas idéias, à projeção do teu espírito.

*Et semper, fraternalmente,*

João, apenas.

## B9

O Nosso Bilhete

*Cid Campos – (Chefia de Polícia)*

Sei da atividade que você vem desenvolvendo no exercício das suas elevadas funções.

Sei, e me não admiro.

Eu esperava do seu esforço inteligente o que tem feito, e ele demonstra à farta que Adolfo Konder não se engana no esquecimento de mediocridades e no aproveitamento de valores reais.

O seu departamento é outro, e ninguém imaginaria, ao ver a você no dia da sua posse, abdicando dos louvores, para os endereçar ao chefe ilustre, que você iria, com esse feitio calmo, agir com tamanha energia, energia que é criadora, humanitária mesmo, já produzindo frutos sazonados magníficos.

Falando em humanitarismo, chego ao ponto principal deste.

Há na prisão de Laguna um pobre demente. Os seus subordinados o têm tratado com o máximo carinho.

Mas, sabe você, a detenção torna-o possesso.

Dão-lhe fardamento por que se não apresente nu nas grades laterais.

Você não acha que seria obra de caridade removê-lo para Azambuja?

É menor, maltratado, quando à solta, por progenitores desumanos.

Ora, a você, Cid ilustre, não seria difícil a providência que aqui imprecio, visto que no referido Hospício, subvencionado pelo Estado há três vagas.

Tome você a medida que sugiro, que já tem sido sugerida há muito tempo, salvando a infeliz criança a uma situação miserável.

Atencioso, cavalheiro, cumpridor dos serviços sob a sua orientação, conto que você vai satisfazer esse pedido feito, se me não engano muitas vezes, por várias autoridades.

Você tem uma serena norma de agir. E essa esmola vale por um elogio do seu caráter e da sua bondade.

E creia que a minha estima, solidário que sou nas obras de piedade, recrescerá com a simpatia e a velha amizade do

*Ex nunc*

João A. Penas

## **B10**

O Nosso Bilhete

*Abelardo Luz*

Tenho notícia do seu brilhante esforço, respeito ao alistamento eleitoral do município.

Aliás, não é novidade para mim o apego com que você se vem dedicando ao trabalho do nosso prestígio político, tornando Santa Catarina um potencial que se imponha pelo valor do pensamento e da vontade de seu povo.

Companheiro de velhas lutas, em que o dissídio, o impatriotismo e a torpitude – recursos de espíritos combativos impotentes – esparramaram a sua mancha negra, eu lhe conheço a persistência, a força de vontade, o desejo de vencer, em quaisquer campanhas em que meta ombros.

Prestigiando o governo que nos felicita, vai você desenvolvendo uma tarefa que é paradigma de atividade.

Refiro-me ao alistamento.

Você possui o dom de convencer.

Convence e desperta simpatias na população rural.

O município da ilha, que conta, aproximadamente, uma população de quarenta e cinco mil habitantes, possuía um eleitorado que direi ridículo.

Com Hercílio Luz, o inesquecível condutor de homens e o realizador ousado, o alistamento teve o seu impulso. Não chegou, todavia, ao ponto desejado, reunindo um núcleo que engrossasse bastante o contingente do vitorioso Partido Republicano Catarinense.

Estado pequeno, não está em relação, ainda assim, a soma de habitantes com o total de eleitores.

E, desde que sofremos um influxo renovador, mister que evoluamos em tudo, dando ao catarinense o direito e a liberdade de manifestar-se, fornecendo-lhe os indispensáveis meios de agir como cidadão.

É o que você tem feito.

Compreendendo, melhor que ninguém, com o auxílio infatigável de Leonardo C. Junior a necessidade de transformarmos Santa Catarina sob muitos pontos de vista, realiza você um trabalho exaustivo, que merece registro nesta insossa coluna, mas feito com sinceridade e admiração, que se creditam as causas esplêndidas.

O município de Florianópolis, eleitoralmente fraquíssimo até bem pouco, vai avultando, de sorte que, pela sua palavra e pelo seu empreendimento, recresce o alistamento eleitoral e, por outro lado, lança a semente benéfica duma obra de educação cívica.

Não defrontamos testilhas políticas. Contudo, cabe-nos o imperativo de para ela nos organizarmos, e, acima de tudo, num regime de pleitos libérrimos, prepararmos o povo, por que possa colaborar nos destinos da grande pátria, reafirmando que não vivemos na estagnação do indiferentismo, nem nos atemoriza a sanha de bandoleiros, desiludindo-nos ou fazendo-nos renunciar à nossa velha e comprovada bravura.

O seu trabalho, ou melhor, a sua missão, é das que não caçam reclamos, mas vale a pena dela falar-se, para que sirva de exemplo a chefes que têm a sua benemerência e a sua ânsia de prestígio firmadas no mais fofo comodismo.

*Et nunc*

João A. Penas

## B11

O Nosso Bilhete

*Comandante Lopes Vieira*

Não me posso furtar à satisfação de apertar-lhe as mãos, pelo seu trabalho realizado a favor do engrandecimento da nossa Força Pública.

Deixe-me dizer-lhe, antes, que, ao vê-lo, tempos atrás, com um ar despreocupado, não poderia supor que tivesse a capacidade que vem comprovando, num sério desejo de melhorar sempre e de sempre aperfeiçoar o que se acha defeituoso.

A inauguração de anteontem, tratando-se de obras feitas sem ônus para o Estado, é índice de força de vontade, de um largo e benéfico plano anteriormente estabelecido pela sua inteligência.

Conclui-se, destarte, que o soldado afeito à peleja no campo da luta, com a consciência nítida dos seus deveres, avançando e desenvolvendo ataques com a serenidade de quem não teme perigos, é, ao mesmo passo, o superior que, no seu posto, obedece aos impulsos de justiça, implantando a moralidade e a disciplina como títulos de disciplina como títulos de prestígio à corporação que tem a responsabilidade de manter a ordem.

De mais duma praça ou dum oficial inferior, eu tenho ouvido palavras de louvor e admiração à sua atividade e ao seu espírito reto e enérgico.

E as obras ultimamente feitas, comprovam o fato de que você não se alheia ao seu desejo de tornar a milícia catarinense coisa que possa causar orgulho, quando, há anos, acordava vergonha. Porque o policial – lá se vão os tempos de recrutamento! – era um flagrante de desleixo, formando fileiras pespontadas de cafajestes e bandidos.

Hoje, não.

O seu gesto de ainda ontem, recusando candidatos à farda, que se embriagam, serve d'estalão ao zelo com que está transmudando a polícia numa força digna, obediente, esplêndida, de jeito que lhe dê o orgulho duma enorme tarefa efetivada, e a nós a certeza de que podemos nela confiar tranqüilamente.

Conservando-o no comando, o senhor Adolfo Konder teve a visão indesmentida de que você muito conseguiria fazer com a sua firme e decidida dedicação.

Visionou com acerto.

Porque você não quebrou nem quebrará a sua autoridade, e procurará, como até aqui, atrair, mais e mais, a admiração dos que lhe seguem os atos e decisões, numa atuação meditada e serena.

Tenho para mim, que a Força Pública não deve ser um aglomerado ameaçador, senão o auxiliar na manutenção do sossego e da harmonia, e o defensor dos a quem os botes agressivos cortam o direito à liberdade.

Liberdade, acima de tudo.

Ora, a sua espada, que se não desonra, vale como garantia do exemplar aparelhamento da nossa polícia.

Exigindo do subordinado o cumprimento fiel da sua obrigação, não deixa de o cercar do necessário conforto, do conforto merecido.

Daí, sem dúvida, a veneração reconhecida dos seus subalternos e, para nós, que seguimos muito de perto o resultado do seu esforço, – as pequenas coisas custam, não raro, tão grandes sacrifícios! – o bater-palmas aprovativo, que é o melhor e mais regozijado louvor à sua capacidade de soldado orientador, de quem muito se espera ainda e que muito há de realizar com a vontade que o distingue.

*Et nunc*

João A. Penas

## B12

O Nosso Bilhete

*Othon d'Eça*

O meu espírito de meridional, capaz de todas as indiscrições, como você o compreendeu, quando, em Campos Novos, impunha a sua austeridade de juiz, e nas horas de lazer refundia o *Minha Ilha*, livre da toga e dando ensanchas ao seu pensamento comovido, faz com que eu lhe dirija o apressado alinhavo de hoje.

Não é a tortura da ausência de assunto, que fez com que o adorável Eça de Queirós, de pêlo hirsuto, ao ranger das palmilhas do paginador, despejasse tremenda tunda ou mesmo assassinasse o *bey* de Tunis, porque... lá devia existir um *bey*, que me põe angústia ao bico da pena...

É que, já lhe direi, eu conheço um caso patológico dos mais interessantes, que julgarão revestir-se do aspecto de *blague*, e é tão sensível a certos melindres contá-lo, que poderei, – homem de botas e esporas, como lá afirmava Tibério Bocó – rodear-me de uma solene antipatia...

Mas, vá.

Seja.

Não me furto à atenção de lho transmitir.

Era moça, (porque eu raramente me preocupo com coisas que cheirem a pergaminho e a bolor...).

Moça, forte, – uma promessa.

Amparada, cortejada, cercada do máximo carinho.

Cresceu, desenvolveu-se.

Mas, subitamente, ou pelo vício ambiente, espécie de egoísmo minador, ou porque lhe ferisse os pulmões a poeira secular de arquivos históricos, começou a ter crises históricas, sonos catalíticos.

O óleo canforado de dois ou três entusiastas conseguia reanimá-la, mês ou dois, para logo recair na mesma prostração desesperante.

Nessa intermitência tem atravessado os anos.

E, ainda há pouco, levantando com um esforço exaustivo mas promissor a fronte pesada, derramou derredor, entre os que a cercavam, inclusive um médico, um espichado sorriso de esperança.

Sobreveio-lhe, todavia, novamente, o sono cataléptico.

Do ronco beatífico, descambou para a rigidez de múmia, coisa assim como se ambicionasse, ao inverso dos relatórios e memoriais históricos, alguma remota pirâmide egípcia, perto de Tuthankamen, com as indispensáveis moscas venenosas...

Haverá força que a reanime?

Onde o príncipe encantado, da fantasia menineira, para salvar a Bela Adormecida no... Instituto Histórico?...

Que me diz você?

Não acha que a Academia Catarinense de Letras é um doloroso caso perdido?

*Et nunc*

João A. Penas

## B13

O Nosso Bilhete  
*Sá Rocha (Laguna)*

Não me esqueci ainda das suas idéias excelentes [com] respeito ao trabalho de inspeção ao nosso sistema rodoviário.

O governador Adolfo Konder quer a máxima extensão de estradas, pretende construí-las em maior número possível, formando uma rede de comunicação fácil entre todos os municípios e a capital.

Construir, construir sempre, ligar os centros produtores isolados por completo dos pontos de embarque, tal é o seu firme propósito.

Não conhece você, engenheiro ilustre, com a competência que o caracteriza, o desleixo em que vários municípios trazem as estradas, excetuando, destes, dois ou três.

Por isso mesmo, eu me debati muito tempo pela reunião ou congresso de superintendentes, que apresentaria benefícios positivos, através do intercâmbio de idéias e do estabelecimento de obrigações terminantes.

Dessa forma, as estradas intermunicipais seriam construídas com pontualidade, obedecendo a uma rigorosa fiscalização técnica, ligando, ao fim, os centros coloniais aos centros exportadores.

Não me deslembro do seu inteligente plano a esse propósito, que me deixou uma sincera admiração pela sua competência de velho profissional.

Quase todo o sul demanda vias de comunicação, que será, evidentemente, a maior força propulsora do seu desenvolvimento.

Mas, não só ao Estado cabe a realização referida.

Os municípios não devem quedar-se inativos.

O exemplo de trabalho que vai operando a administração estadual deve ser seguido, visto como os municípios, dirigidos com inteligência visionadora, têm o dever de se tornarem firmes e decididos auxiliares do governo do Estado.

Bem sei, meu caro engenheiro, que, em alguns, o superintendente ou leva uma vida contemplativa, possuído do gozo da sua autoridade, ou volta-se para o Estado, como se não dispusesse de contribuições que, racionalmente aplicadas, reverteriam em benefício coletivo.

Contudo, os ensimesmados, sob a energia que procura fortalecer a nossa economia, hão de libertar-se ao jecatatusismo absorvente, operando o milagre dum trabalho construtor e fecundo.

O seu plano e as suas longas observações merecem [ser] aproveitados por todos.

Sei que estabelecem confronto entre a viação norte-americana e a paulista, comentando a catarinense.

E eu, no seu caso, apresentaria um relatório ou, por outra, uma exposição ao senhor Adolfo Konder, que ampara, e aproveita as idéias lúcidas, convergindo para o engrandecimento da nossa terra.

O atual governador é um estudioso incansável, e tem perfeito o senso dos valores, aceitando qualquer colaboração, qualquer sugestão que seja o resultado duma profunda meditação e dum espírito eminentemente progressista.

Queira, pois, valer-se da oportunidade, demonstrando o muito que ama a terra catarinense.

Com um longo abraço,

Et nunc

João A. Penas

## B14

O Nosso Bilhete  
*Walmor Ribeiro*

Como o prezado amigo, tive, no convívio das estâncias, entre a peonada, de linguajar pitoresco, o vício do enxerto, no falar, de palavras que têm o sabor e o colorido do regionalismo.

Fiquei surpreso, todavia, ao ouvi-lo anteontem, dizendo comovidamente, na ponte da Alfândega, o adeus em nome de nós todos ao senhor ministro Victor Konder.

Não me ative nunca ao cortejar os que desempenham altas funções. Se me estimam, é que tenho alguma qualidade ou virtude que os transforme meus amigos.

Essa virtude será, sem dúvida, a da sinceridade, que se me tornou mais rija a chupar o chimarrão entre os tropeiros e estancieiros, gente franca, leal até o sacrifício.

Conheci-o modesto, médico trabalhador e humanitário.

E agora, venho encontrá-lo, na cidade-capital, com o aprumo de *gentleman*, do homem, do político, da autoridade que possui o segredo do fascínio.

Sei que orou, naquele momento emocionante, com o coração e a inteligência.

Foi uma breve oração, palavras de despedida, assim como se abanasse um lenço de seda, encharcado da saudade antecipada e do orgulho imenso da nossa gente.

Disse dos grandes destinos a que não fugirão a nossa força e o nosso espírito raciais.

A viagem ministerial conclama “dêem asas ao Brasil”.

O vôo realizado pelo senhor Victor Konder foi, na sua justa expressão, um feito de valor, capaz de picar a admiração continental, desmanchando as longínquas fronteiras até onde chega a simpatia de todos.

O popular vice-governador, que, com o chefe do executivo, são esperanças, ou melhor, realidades indesmentidas, compreende a nossa finalidade, e que entre governantes e governados não há distinção de classes, senão disciplina, ordem e ânsia de progresso.

Da sua oração, ressoam-me à oitiva palavras em que lhe reconheci a sutileza do talento.

“Angústia da alegria”...

Paradoxo?

Seja. Mas, verdade pura.

Angústia da separação, que era, a um tempo, a tristeza pela ausência próxima e a alegria pela atuação dum catarinense, a dar o exemplo de coragem, cortando, tranqüilo, o espaço azul, em remígios de condor, a demonstrar que a nacionalidade precisa não só de redes rodoviárias, mas de aparelhos que nos liguem, uns Estados a outros, mais rapidamente, pelo caminho largo das alturas.

Essa sensação de angústia alegre, eu a sinto aqui, pela revelação que me foi o amigo ilustre, e pela indigência vocabular no grafar o meu pensamento!

*Semperque,*

João A. Penas

## B15

O Nosso Bilhete

*Maura de Senna Pereira*

Beijo-lhe, agradecido, as mãos pela bondade com que me dedicou os seus brilhantes conceitos de pensadora e artista, respeito ao Amor e ao Proletário.

O primeiro é assunto complexo, espécie de estátua de Nabucodonosor, dividida, de jeito que o material vário signifique a diversidade de estados d'alma.

Há a inveja, o egoísmo, a renúncia e a paixão veemente e iluminada na sua sinceridade.

O segundo pede observação, por que lhe conheçamos o ritmo, na obscura luta em que vige e morre.

No seu coração, cabem a piedade e o compadecido sentimento de solidariedade que não esquecem os que sofrem.

A pena que traceja estas linhas, pouco amáveis na sua crueza, talvez, tem o orgulho de já haver, em numerosos artigos, batido a boa causa a favor do operariado.

No sul-catarinense é ele uma força, desagregada, sufocada pela fome, brutalizada pela dor, sem consciência de que tem direitos estabelecidos, nem do que logrará conseguir, através da união indestrutível, debaixo do espírito de associação.

Que linda campanha aí está!

Bela e patriótica!

Educá-lo, arrancando-o à resignação que o desfibra, que o mecaniza, que o torna humano unicamente no lar, em horas de descanso, ao amoroso carinho da prole, o organismo cansado, a alma entristecida na desesperança dos vencidos, que frutos ótimos não produziria!

Aos intelectuais cabe a tarefa de meter ombros à luta, soerguendo-o, galvanizando-o, safando-o à atonia em que mergulha mais e mais.

Como?

Não há mister correr-lhe ao casebre.

Seria envergonhá-lo, porque ele, tressuando na lida estafante tem pudor dos farrapos da própria e irremediada miséria.

Há outro meio.

É fácil.

Pede esforço mental.

E pertinácia.

Basta que todos os que não esquecem deveres cristãos, armados de bondade, perseverantes no trabalho filantrópico, apelem para os que lhe aproveitam a lucrativa produção e se deslembram de que ele é pai, é homem, tem um lar, e com este a sua modesta ambição; que é forte, corajoso, digno do amparo a que o impõem a sua virtude e a sua harmoniosa disciplina.

Tem a minha adorável colega margem a refulgentes artigos, em que a sua pena marcará, com os comentários triunfais, a gratidão dos que vigem e morrem

esmagados na luta anônima, que é, não raro, um heroísmo ignorado.  
*Semperque,*

João A. Penas

## B16

### O Nosso Bilhete

*Otto Feuerschuetzte (Tubarão)*

A sua dedicada cooperação contra os rebeldes de Leonel, – que “nada pretendem em Santa Catarina”, senão o latrocínio do gado, da cavahada e a extorsão das economias dos fazendeiros, sabe Deus amealhada com que sacrifício, – merece referência especial.

Com o esclarecido espírito de Acácio Moreira, você, amigo entre os que mais prezo, agiu rapidamente, com a energia febricitante dos que amortecem ou anulam perigos iminentes.

Isso quer dizer que o governo conta com você um auxiliar de subido valor, infenso a sacrifícios e a temores, quando se trata da tranqüilidade do povo e do respeito, da soberania do Estado.

Desconhecia-lhe semelhante feito, eu, que fui, entre muitos, o mais apagado, mas também o seu mais decidido partidário, em memoráveis lutas, pelas ligações íntimas que sempre nos ligaram, através desse homem que já teve a sua evidência política regional e de quem me orgulho de ser filho... Eu já não falo na velha simpatia e amizade.

Mas, se sempre estive a seu lado, por uma séria questão de princípios, não quer dizer que me falhe o direito de felicitar-me pelo acerto das campanhas em que me meti.

Porque Tubarão, queiram ou não, tem em você, filho bem querido, o político vidente e o administrador desinteressado.

Desinteressado e trabalhador.

Conhecendo possibilidades, fê-las um motivo de construções.

Dir-se-ia que se propôs realizar uma obra transformadora, tão diferente se vai apresentando o município, com as suas múltiplas atividades estimuladas.

Vi-o no afã de estender estradas, mas estradas sólidas, sem intromissão do compadrio de garganta às escancaras.

Vi-o ligar à estação ferroviária os pontos afastados, melhorar, na altura da receita municipal, a linda cidade, a cidade azul de Dom João Becker, e ainda nessa batalha contra as enchentes do rio, que me fazem lembrar o *Terra Caída* de Catulo, e que nos dias de seca é massa d'água quieta, levemente arrepiada pelo vento leve...

Assim, cuidando da estética da urbe, não esqueceu o contato ininterrupto dos pontos de produção, que são as fontes de riqueza municipal.

Não há dúvida que à sua honestidade e ao seu esforço não faltam objurgatórias pretensamente desprestigiantes.

Não produzem irritação.

Nem produzirão nunca.

Podem, é certo, gerar o argumento de forças, impulsionando a sua vontade a cercar os nossos conterrâneos do máximo conforto.

Têm, por isso, o excelente efeito que é encorajá-los a um trabalho mais intenso, porque mais valem os fatos que as palavras, comumente ocas.

Assumindo, novamente, as funções de guiador dos negócios e do povo tubaronense, ninguém terá ilusão quanto ao que realizará sem solução de continuidade a essa política de trabalho em que fica indelevelmente marcada a sua inteligência e a sua operosidade administrativa.

Sigo-lhe, passo a passo, os atos públicos, que louvo por brilhantes, como condenaria por desacertados.

E a minha vontade moça, que se integrou na que vai soerguendo Santa Catarina, a emprestar-lhe um prestígio invulgar na Federação, sente-se bem observando a sua tarefa vitoriosa em que culmina a audácia da sua mocidade.

Quero felicitá-lo.

E a minha alegria se transmude no melhor e mais sincero abraço.

*Semperque,*

João A. Penas

## B17

### O Nosso Bilhete

*Heitor Blum*

Ainda não se pôde notar erro do senhor Adolfo Konder, na escolha de auxiliares, que lhe compreendam e lhe realizem o pensamento benéfico e fecundo.

Estabeleceu a seleção de valores, e daí vem o surto animador e progressista que sacode o Estado, através da ânsia jovem de semear, construir melhoramentos.

Posto você na Superintendência, entre mil obstáculos criados pela situação anormal que atravessamos, não perdeu a fé enraizada em que só não realizaremos o que não quisermos.

Basta-nos energia.

E força de vontade.

Deixe-me dizer-lhe, ainda, que não desmerece você o nome iluminado de virtudes que lhe deixou seu pai.

Ele era o partidário decidido, e tantos e reais serviços prestou à causa pública, que uniu o seu nome à nossa história administrativa e política.

Vem daí o seu esforço no sentido de prestar uma colaboração decidida, pronta, inteligente, aos que querem e desejam e conseguirão transformar Santa Catarina num potencial de vigoroso prestígio econômico, colocando-a em relevo entre os Estados mais adiantados da União.

Lembra-se?

Ainda ontem permutamos idéias sobre o embelezamento da cidade.

Evidentemente, o trabalho que se vai realizando é índice de senso estético.

Anula certos defeitos que aberram do bom gosto.

Contudo, nem todos os proprietários apreendem, ou por ignorância, ou por má-fé, o dever que lhes impõe o Código de Posturas, límpido nas suas disposições.

Fazê-lo cumprir será, sem dúvida, um gesto de coerência, desde que, – usando a sentença dum velho meirinho, – as leis foram criadas para serem obedecidas.

Prescindimos do regime da violência.

E a serenidade que o caracteriza e a ponderação que o cerca de simpatias serão, por certo, motivo a que se apresente paradigma de devotamento, – e por que não dizer? – da gratidão dos que desejam ver a capital digna do nosso orgulho e da admiração dos que nos visitam.

*Semperque,*

João A. Penas

## B18

### O Nosso Bilhete

*João Guimarães Cabral (Laguna)*

Há de ter lido o editorial de anteontem, publicado nesse diário.

Refere-se à questão carvoeira.

É inadiável que profundemos os nossos problemas vitais, por jeito que se libertem à atonia e que, em diversas regiões, geram um trabalho exaustivo, inçados de dificuldades que não esmorecem, ainda assim, o poder de resistência dos industrialistas.

Mas, tocando nesse ponto, de suma importância para o país, o estado e mesmo esse município – onde, vá de passagem, me ficaram as melhores afeições – não devemos esquecer a questão de aforamento do cais.

A tal respeito, deve lembrar-se você, teçi numerosos artigos, querendo-o deferido, porque resume interesses de alto alcance econômico.

Houve, não há dúvida, uma compreensão errônea nos informes a que estava sujeito o seu requerimento.

E uma das repartições, lendo-o de relance, interpretou mal o seu conteúdo, sobretudo quando a petição das terras da rua Gustavo Richard era feita a título precário.

Ora, o que penso, é que o aspecto oferecido pelo cais lagunense é dos mais desoladores.

O embarque de hulha-negra, por exemplo, está sendo feito em caixões de querosene, o que significa um extraordinário aumento de despesas.

Embora haja você feito duas tentativas no sentido de aforar, a título precário, uma área que, em qualquer tempo, poderia passar à União, sem compromisso nenhum de indenizações.

Isto posto e dada a situação da baía, descrita na planta anexa ao requerimento, eu não sei por que motivo um dos ministérios, àquele tempo, resolveu negar a patriótica concessão, desprezando os informes militares e técnicos por duas linhas grafadas displicentemente, sem o mínimo e necessário estudo.

Afigura-se-me, todavia, que deveria voltar você à carga.

Porto de movimento intenso, coletando as produções, na sua maior parte da zona sulina, Laguna não poderá, em absoluto, continuar com os caixotes a substituir guindastes, o que de si é grotesco e encarecedor dos produtos.

É público que o cais e a doca foram construídos a expensas do comércio. E aí não houve intervenção do governo do país a oferecer embargos a uma obra particular em terrenos da marinha.

Volte a requerer.

Não se arrependará.

Porque, creio, o senhor Victor Konder no ministério, é conhecedor das vantagens decorrentes da organização de um serviço que aparelhe convenientemente o cais, com o maquinário e os depósitos que está exigindo.

A linda Juliana sofrerá um novo surto progressivo.

E o seu superintendente, a que deve inestimáveis serviços, tão meu conhecidos, terá realizado um trabalho valioso, de alto alcance econômico.

*Semperque,*

João A. Penas

## B19

### O Nosso Bilhete

*Pedro Cunha(no Tesouro)*

Não me iludi quando, há meses, dirigindo-lhe um bilhete, salientei a sua atividade, no desempenho do cargo que lhe cometeu a confiança governamental.

Na repartição em que se fez pelo esforço próprio, a poder de trabalho e de vontade firme, mantém você o prestígio, que é uma vigorosa lição dos que não ascendem à custa de favores, mas pelo mérito valoroso, pelo devotamento fecundo e pela honestidade inatacável.

Há de lhe parecer estranho que eu venha para aqui, dizer-lhe o que penso sobre a sua pessoa, sem um motivo que obedeça ao senso da oportunidade...

E não o é.

Louvo, como verberaria, no caso de defrontar erros.

E louvo com a consciência de que meu pensamento, sempre independente, obedece aos impulsos da minha admiração.

Deixo à parte a simpatia.

Alheio-me à amizade.

Retornando ao Tesouro, por um ato de justiça, ficou melhormente gravada a sua capacidade, o seu espírito de retidão.

Não é inoportuno que eu aprecie os seus serviços ao governo atual, convicto das responsabilidades que assumiu.

Ninguém como você conhece tão seguramente a engrenagem que serve à sua administração.

E sob a sua inteligência, controlando os múltiplos serviços, nota-se que tem o dom sutil de organizar, determinando medidas obedientes ao máximo critério de disciplina e de interesse pelas finanças do Estado.

A fiscalização da ponte Hercílio Luz, – a ciclópica construção dum temerário visionador, – merece referência, pela seleção de funcionários que lhe compreendem a vontade, apresentando resultados mais lucrativos aos cofres estaduais.

Felicito-o pela obra transformadora que vem fazendo, felicito-o com a sinceridade de quem observou no território catarinense a sua ação decidida e benéfica; felicito-o, ainda, como o velho companheiro e o leal amigo,

*Semperque,*

João A. Penas

## B20

### O Nosso Bilhete

*Governador Adolfo Konder*

À sua atuação constante, e ao seu esclarecido espírito, nós devemos o sossego que regressa ao Estado, culminando na prisão do tenente Enéas braço-direito e norteador da coluna rebelde de Leonel Rocha.

Vossa excelência não se contentou com as comunicações telegráficas.

Foi além.

Quis estar no próprio campo de operações.

Imprudência?

Risco para quem dirige a terra catarinense?

Heroísmo?

Foi um exemplo de energia e desprendimento que nos fica como uma formosa lição de civismo.

Abandonando o palácio governamental, subindo do Estreito a Bom Retiro, apreciando, do alto duma colina, o movimento de tropas em refrega, com o interesse e a fleuma que moveram Hercílio Luz e Lauro Müller a combater na revolução de 93, demonstrou, acima de tudo, que o catarinense não foge a perigos, e tem o orgulho de defender o seu território, palmo a palmo, contra invasões criminosas.

Mantém-se, assim, a nossa tradição de orgulho pelo que fomos e pelo que devemos e continuamos sendo.

A simpatia, o respeito e a admiração derredor da sua personalidade recresceram.

Porque, digamos a verdade, exemplos que tais são raros, ou por efeito do inveterado comodismo, ou por essa força nervosa que faz o instinto de conservação dominar o indivíduo.

Não seria qualquer que, após uma longa e estafante viagem, seguido embora de amigos leais, se pusesse a caminho das trincheiras, se expusesse despreocupadamente, como quem se deslembrasse do inimigo à frente, confortando os combatentes legalistas, advindo da sua presença, da sua esplêndida atitude, uma ânsia maior de vencer, de conquistar a definitiva tranqüilidade para as populações rurais, de exterminar a rebeldia, movimento desorganizado, sem ideal que o justifique, de, enfim, trazer, prisioneiros, para o seio da grande pátria, os egressos da ordem, os transviados, esquecidos de que num regime democrático não se marcam triunfos à força de delitos, trucidando irmãos com o auxílio de braços mercenários.

A minha mocidade rejubila-se, e esse golpe de desprendimento que irradia ensinamentos que não podemos esquecer, como afirmação duma vontade guiadora que conseguirá tudo o que a sua visão patriótica quiser para a felicidade do Estado e para o bem da Pátria.

Rejubilando-me, não exagero os meus sentimentos e a minha sinceridade.

Louvo-o pelo vigoroso impulso que o impeliu até o *front*, numa demonstração límpida de que Santa Catarina tem a engrandecê-la o governo que merece.

Com as minhas palmas entusiásticas,

*Semperque,*

João A. Penas

## B21

### O Nosso Bilhete

*Celso Bayma*

A simpatia que o rodeia em nossa sociedade, pode parecer a meia dúzia o gosto, ou a vaidade, tão comum e tão inócua, de se ela fazer alvo do cumprimento atencioso e afável dum político.

Pode parecer.

Mas não é.

Vem do seu cavalheirismo de *gentleman* e dessa oportuna e patriótica compreensão de que, numa época em que o povo já não é a entidade tangida a golpes de autoritarismo, um rebotalho, a preamar da sociedade, merece que se o aprecie, que se lhe louve e que se lhe estimule a colaboração valiosa em nossos destinos.

Eu penso consigo.

Penso assim.

E creio que não erro, que não nos enganamos, sobretudo porque essa massa anônima, em que estrondam revoltas, e em que não escasseiam a bondade, os sentimentos patrióticos, a solidariedade firme, o reconhecimento sincero, me atrai, me emociona ainda, não raro, pelos rasgos de desprendimento, pela energia quente e pela honradez de intentos.

Governados como vamos sendo, temos o exemplo de que não há forças inúteis.

Onde houver um esforço, uma inteligência, isolada, digamos, não se constituirá um potencial de valor, se não reunir as outras em dispersão, formando os esplêndidos núcleos de trabalho.

O conceito não é meu.

Ditou-me Faguet.

A esse povo, deve você, os sinceros aplausos pela sua brilhante vida pública, e a confiança, a persistência com que o tem conservado num posto representativo que é índice de operosidade.

Não mentiu a si próprio.

O seu poder de resistência às crises amargas e torturantes, não lhe tiram a consciência da dedicação que deve ao desenvolvimento de todas as questões vitais, presas à grandeza da nacionalidade.

Dorme o seu sono fatigado, como empunharia um fuzil na manutenção do ritmo da ordem e do progresso.

É a tal gente que você tem representado, no parlamento, com luzida galhardia.

Devem saber-lhe bem as homenagens que tem recebido, através do cordial apreço de todos.

Porque, porção acanhada do território brasileiro, mais luminosa se tornou a simbólica estrela que nos distingue no pavilhão agosto.

A sua personalidade desdobrou-se.

Já se não restringiram os seus serviços ao pleito de interesses nossos, o que vale pelo claro elogio da sua capacidade.

Passou fronteiras, e o seu esclarecido talento, a sua serenidade orientadora transpuseram ainda há pouco águas atlânticas, dando ao estrangeiro a impressão indesmentida de que somos um povo que trabalha, que produz, e que nunca se deixou vencer pelo pessimismo nas difíceis emergências.

Conte, deputado ilustre, com a cordial admiração e a afetuosa amizade do mais desajeitado gatafunhador, que é,

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

Augusto Montenegro

Como você verá, a habilidade estratégica e a tenacidade forte de Paim Filho, já hoje o chefe triunfante e magnífico das forças legalistas, com uma visão guerreira excelente, limpou o Estado da incursão delituosa, com o auxílio dos vários elementos em combate.

Dir-se-ia que Paim não metralhou, não espingardeou.

Eu se tivesse o dom de caricaturar punha-o a nanquim no papel de vassoura em punho varrendo do território a nocividade dos incursores criminosos.

Ai está.

Não o possuo.

É a mesma coisa.

Porque, na minha imaginação, se iluminam figuras, gente que avança e gente que recua, sob a valentia e a desorientação, num pernas-para-que-vos-querem que indica o erro substancial da direção e a incerteza, a volubilidade, a ignorância mesma de fins colimados.

Depois, não nos sucederam fatos idênticos aos de outras partes.

As nossas populações das localidades invadidas negaram *in totum* a sua solidariedade ao movimento sedicioso.

E, ao invés de homens, foi arrebanhado o gado...

Fala-se em requisições.

Quem as pagará, se as vestes dos “libertadores” se esfiapam, se esfarrapam, demonstrando a falta de recursos e de antecipado preparo para um movimento que fixasse um ideal, um princípio, errado embora, inconsistente ainda, mas uma campanha que convencesse os que nela tiveram intromissão na defesa de uma nobre causa.

A soldadesca, composta de, parte estrangeiros, parte pronunciados e presos por crime de morte, recebia a “jóia” de dez mil réis.

E nisso ficava, consolando-se com o churrasco e a farinha do rancho...

Mas, agora, desbaratadas as hostes rebeldes, o chefe Leonel Rocha deixou traça da sua coragem, buscando pôr-se a seguro sem preocupação pelos seus comandados.

E é essa gente que pretende regenerar o país?

Santo Deus!

Onde iríamos parar, com tais elementos grafando a rebenque os atos públicos?

A lição é um grande exemplo.

Tolerantes por índole, não nos firam o brio. Desceremos ao sacrifício, daremos combate leal até o fim, obedecendo à energia confortante e estimuladora que nos dirige.

E pensa você, afinal, que o movimento já finalizou, embora eu o afirme com os telegramas expressivos que este diário estampa?

Não!

Porque há os revolucionários dos “cafés”, numa desabalada “torcida”,  
fuzilando, tomando trincheiras de assalto, destroçando legalistas, lutando com o meneio  
do bengalorio impaciente...

Mas tudo entre duas nervosas colheradas de sorvete...

De você, continuo a ser,

*Semperque,*

João A. Penas

**O Nosso Bilhete**

*Manoel da Nóbrega*

Elegendo o deputado ao congresso Representativo do Estado, o povo que mergulha o olhar pensativo na linda Babitonga não fez senão contemplar, com inteira justiça, o valor e o mérito.

Porque você, o jornalista espontâneo, rude ou sutil no comentário, vezes áspero e vezes suave, não empenhou a pena para a campanha oblíqua, mas para enobrecer e louvar o esforço da sua gente.

Embora não conheça a terra em que Luís Gualberto se dispôs a um trabalho fecundo, na sua operosidade, compreendendo o alcance das iniciativas profícuas; e onde Deodoro de Carvalho, sob a melhor inspiração, vai tornando fatos melhoramentos que ilustram a sua esforçada administração, cabe-me, todavia, o dever de felicitá-lo, pelo aproveitamento da sua colaboração na prosperidade catarinense.

Nomeado delegado auxiliar, na vaga aberta por esse perdulário do talento que é Othon d'Eça, você não desmerecerá, certo estou, a energia e a correção, que são traços característicos da sua atuação conscienciosa.

O senhor Adolfo Konder, com um surpreendente poder de psicólogo, apreende, de pronto, os auxiliares de que se poderá rodear, demonstrando ao país que não só à velha-guarda cabe soerguê-lo, mas também ao trabalho moço, capaz dos maiores devotamentos, pela sua fé, pela sua esperança e pela sua energia jovens.

É uma verdade.

Desgoste embora.

Mas, não se trata das conveniências pessoais e sim do progresso, do desenvolvimento e do bem-estar dos que lhe confiaram o supremo mandato.

Você Nóbrega, não adormeceu sonhando velhos racontos literários.

Se dum lado é o artista esplêndido, d'outro será o realizador pragmático.

É o que se quer.

É o que todos desejamos.

E deixe que eu grave nesta coluna um abraço de discípulo rejubilado, e de moço que tudo há de fazer, no cumprimento do seu dever, pela ordem e pelo bem-estar de todos, no ritmo indesejado que lhe tem guiado a vida.

Conte sempre com o louvor do,

*Semperque,*

João A. Penas

## B24

### O Nosso Bilhete

*Wanderley Junior*

Há de lhe ter emocionado o instante do desembarque no trapiche da Alfândega, a você que se isolou, desgostoso, de tudo, para viver fiel aos seus princípios.

Fui desses que amargam o desprezo ao esforço que desejava aproveitado.

Mas, como a você, não me empolgou o ceticismo.

Revoltei-me?

Não.

Resignei-me, apenas.

Essa resignação você a teve, também, fiado numa esperança que não esmoreceu, e que era a esperança de todos nós, moços e fortes para o trabalho, com responsabilidades definidas, convictos de que o civismo não é uma farsa, nem o engrandecimento pátrio uma *blague* desanimadora.

Chegamos para a grande luta.

E se a pingue inteligência duns favorece, dadivosa e amável, a escassa de outros, realizaremos trabalhos que fixarão, aos que nos hão de suceder, o exemplo do que não recuamos defronte às boas causas pela consequência dos salutareos efeitos.

Lembra-se você de quando, em Paranaguá, trocamos dois dedos de idéia a propósito da nova direção do Estado?

Fizemos ambos, no apressado da hora, um vaticínio em que não havia os exageros do otimismo.

Previmos uma diretriz nova, derramando-se em positivos benefícios.

Com Raul Gomes, você Wanderley amigo, conseguiu – à parte o meu frágil concurso – a união mais forte, o abraço fraterno indissolúvel entre dois Estados que já agora se compreendem à maravilha, e se felicitam, e se regozijam por tudo que, em qualquer ponto do seu território signifique uma semente lançada a desenvolver-se e a frutificar.

O seu apego à terra catarinense é índice da afinidade de pensamento e ação que nos liga ao Paraná.

E de que você soube, com rara simpatia impor-se à gente de Florianópolis, serve de testemunho o momento comovido em que passava, ontem, de uns a outros braços ao sair da lancha que o conduziu.

“Os mortos voltarão”...

Mas os vivos também, e mais dispostos ao trabalho, mais cercados da veneração cordial, mais vitoriosos na defesa dos seus princípios!

Creia-me,

*Semperque,*

João A. Penas

## B25

### O Nosso Bilhete

*Wenceslau Breves*

Não sou engenheiro, digo-lhe de começo, porque nos meus miolos não conseguiram abrir furos de cortiça as equações, etc.

Não passei, pois, do 2 mais 2 é igual a quatro, no ritmo tão conhecido dos professores Orestes e Trindade.

A sutileza da soma tem, contudo, para mim, hoje, uma alta significação.

2 mais 2 é o presente.

Quatro o futuro.

Você já leu *O choque*, de Monteiro Lobato que o Beck da “Porta-Larga” está vendendo num prodígio de diligente comerciante?

Pois, leia-o.

É um embrulho de Benson, *miss* Jane e o caxeirito surpreendido ou aparvalhado pela ciência complicada do “corte anatômico”.

Não sou engenheiro, volto a repetir. Desconheço uma tangente e ignoro os grãos de aclives e declives, como de latitude e longitude.

Isso não importa, todavia, em que, como observador, possa avaliar do seu trabalho.

Na direção do seu departamento tem você demonstrado uma admirável atividade.

Constatei-a nos serviços de reconstrução da estrada Estreito até Biguaçu.

É sólida.

E perfeita.

Sei que as obras-d'arte estão sendo atacadas sob os melhores moldes, de jeito que se farão duradouras, facilitando um trânsito já apreciável, durante muito tempo.

Demais, em certos trechos, está sendo alargada, substituindo-se o material inferior por outro que ofereça a maior resistência.

Esse serviço, que reputo de vantagens inúmeras ao tráfego, está sendo realizado por meio duma plena mecânica, adquirida pelo atual governo, gerando resultados satisfatórios.

Sei mais, que já se acham concluídos os trabalhos de cerca de quinze quilômetros, pois que o serviço, presentemente, passou a vila de Biguaçu.

Vê, assim, você, que não ignoro o que se faz no tocante a essa obra imprescindível que é o melhoramento do nosso sistema rodoviário.

Poderia você conservar-se no seu gabinete, expedindo providências.

Mas, não o faz, que lhe não faleceu energia no cumprimento do seu dever.

Falando em estradas, posso e não o faço, Breves illustre e esforçado, atacar vários problemas sulinos.

Por quê?

Absorve-o, no seu mister, o desejo de transformar as nossas rodovias, estabelecendo, acorde com o governo, uma rede que nos safe aos trilhos escuros e às

comunicações retardadas.

Semear estradas, entrecruzá-las, em condições as melhores é o problema que você vai resolvendo, transmudando o seu ar de *gentleman* na cidade, numa espécie de bandeirante que, no interior, penetra matas, catando, levantando traçados benéficos na sua exequiabilidade e na sua execução para os cofres estaduais.

Tenho esperança de visitar as longas construções que o senhor Adolfo Konder pretende fazer, e com isso o grato desejo de abraçá-lo, como o auxiliar competente, que desconhece dificuldades no seu exercício profissional.

A estrada Estreito-Biguaçu me tem trazido o louvor dos que a trafegam.

É o elogio da sua capacidade, que grafa aqui, com sincero prazer, o

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Coletor de São Joaquim*

Foi um ato de justiça.

E deve estar você satisfeito com a sua consciência, Dutra, fugindo às lágrimas do seu lar para pôr a salvo o numerário sob a sua responsabilidade.

Porque eu sempre o conheci desse feitio, exigente e intransigente no exercício do seu cargo, com o louvável escrúpulo de tornar efetiva e sem defeitos a missão a você confiada.

Não se enganou Hercílio Luz, o chefe bem-querido, quando, ao vê-lo a vez primeira, lhe notou a firmeza de vontade a significar o cumprimento do dever sem desfalecimentos, e o zelo por uma repartição que você dirige e vai tornando modelo excelente entre as outras.

A portaria que o elogiou tem uma larga repercussão.

É exemplo salutar.

Exemplo que perdurará, pelo que encerra de decisão e lisura.

Foi o que, necessariamente, apreendeu o senhor Pedro Cunha, obediente, como tem sido, ao critério justiceiro que é um dos seus traços apreciáveis de chefe.

Poderia você, na contingência amarga em que se viu, ficar-se onde estava, ou esconder-se, deixando a coletoria acéfala, sujeita à pilhagem da gente de Leonel Rocha.

Era mais cômodo do que atravessar doze léguas, apressadamente, ao lombo do “matungo”, e vir à capital entregar meia dúzia de contos que lhe fixaram o espírito de honestidade e de apego ao seu trabalho.

O elogio nominal, assume porções maiores, é uma lição aos exatores que se encontrarem em condições idênticas à em que você se viu e das quais soube arrancar-se airoso.

Elogio merecido.

Necessário como ato de justiça administrativa.

Aqui tem você a minha mão.

Aperte-a vigorosamente, pela sua bela atitude, que pede divulgação, e pela simpatia enorme com que eu a soube e a julguei.

Muito bem!

E continue, com a mesma energia, que se imporá ao desempenho de postos mais altos, como sinceramente o deseja, o

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Eurípides Ferro*

Nas suas viagens feitas ao sul do Estado, há de ter posto reparo na estação de Laguna, ou, por outra, num funcionário que vive a mais atribulada das vidas.

É o Lucas Viana.

Conhece-o, forçosamente, porque não há quem não grave na memória aquele tipinho, pequeno, sorridente e prestativo.

Ora, o Lucas não tem quem o substitua, por que não descansa numa estação em que o movimento de telegramas é grande e aumenta a olhos d'espantar.

É obrigado a fazer o serviço diário nos dias úteis, feriados e domingos.

“Pode o céu baixar à terra”, mas ele está ali, firme, diligente, no pressuroso desempenho das suas funções.

Acontece, para desespero seu o seguinte: quando ultima a entrega dos derradeiros despachos do horário, suponhamos, das nove, ao voltar suando, esfalfado, ofegando de cansaço, já o espera o suplício de uma grande quantidade de telegramas recebidos no horário das onze...

Trabalhador e escrupuloso, chefe de numerosa família, o Lucas não se lembrou de apelar para ninguém, ou se apelou, os apelados lavaram as mãos tranqüilas de Pilatos...

Do esforço desse obscuro funcionário, da sua correção no proceder, vem a simpatia que desfruta, não só entre a classe comercial, como entre a população lagunense.

Sabe você, ilustre engenheiro, que trabalho de tal natureza dá, nesta estação, em que os gelados não evitam a poupança dos lenços, ensopados das reincidentes camarinhas de suor, o maior dos desânimos, exigindo o máximo de esforço pelo mínimo de vencimentos.

Mas, eu não venho pleitear aumento de ordenados.

Não tenho à mão, para folhear, o Regulamento da Repartição Geral dos Telégrafos.

Penso, todavia, que não seria de todo absurdo, a chefia do Distrito interessar-se pela criação de mais um lugar de estafeta ou mensageiro.

Falta-lhe ao Lucas outro meio de vida, tanto o fizeram identificar-se com o cargo que exerce, cerca de vinte e sete anos de serviço ativo, indescontinuado.

Há numerosos funcionários federais que têm as suas férias.

Ele não.

Tem de bater pernas até o último horário, com inveja dos empregados do comércio, desde a casa mais bem montada à baiúca mais ínfima a fumar e a cervejar sossegadamente nos dias de sueto...

O Decreto ainda ontem estampado neste diário dá margem a que meditemos o assunto.

Não acha?

É possível que o regulamento que citei haja prevenido o caso em apreço com alguma disposição acertada.

E se a houver, chefe ilustre do Distrito, sei que providenciará a respeito, por que o nosso Lucas, trilhando e retilhando as ruas da cidade, não tenha a mais triste das velhices, como ótimo servidor que tem sido e que continua a ser, enquanto não lhe desaparecer a saúde, por dar sucessão aos achaques da velhice.

Providenciando, poderá contar com a maior admiração do  
*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Luís Trindade*

Ainda não se me despegou da retina a sua figura de antigo condiscípulo, a medir em passos cadenciados o galpão do Ginásio, com uns óculos faulhantes auxiliando a vista torturada que se fitava nos compêndios, sequiosa, por gravar na matriz da memória os pontos – espantalhos que nos eram dados para o suplício empalador dos exames...

Parcimonioso no falar, você ouvia aos companheiros e, em respostas que eram monossílabos, remergulhava a atenção nos livros.

De tal sorte, cheguei a ter você na conta também dum compêndio, seu tanto enciclopédico (deixe grafar o termo), ignorante, por temperamento, de que você obedecia à rigidez dos horários e, com a noção do tempo valioso não esbanjava os seus minutos, melhormente aplicados.

Venho encontrá-lo, agora, como auxiliar capaz de Mâncio da Costa A escolha vale pela consagração do seu esforço.

Deve a instrução a você relevantes serviços.

Encontrei-o, bem que se lembra você, muitas vezes, correndo o interior, sem fadigas, no alvoroço da pontualidade, corrigindo, providenciando, reorganizando estabelecimentos em que a energia andava a pique de falência e o interesse educacional bandeado à anarquia...

Mas, você tem o dom magnífico de manter equilibrada a sua missão, e fez estrela-guia o cumprimento exato dos seus deveres.

Quer dizer, – solícito, talvez tolerante até onde lhe permitiam as suas funções, – era, ainda assim, o funcionário intransigente, falando pela boca dos regulamentos e por eles agindo.

Muito lucrou o ensino público com a sua esclarecida fiscalização.

Lucrou e está lucrando.

Porque, senhor do aparelho que o movimenta e dirige, você secunda o trabalho de Mâncio da Costa, trabalho pedagógico que não dispensa o conhecimento profundo da sua regulamentação, de sorte a se quebrarem as arestas que o deformam, e através de resoluções ou atos meditados, elimina falhas que aberram das administrações bem orientadas.

Sei que a sua atuação no Congresso de Ensino se fará indispensável. E ela será garantia dum belo êxito, sobretudo porque você tem idéias próprias e um largo conhecimento da matéria a ser discutida.

Não melindra a sua modéstia o torná-la saliente ao reduzido número de pessoas que me lêem.

E, ao mesmo passo, satisfaz-me proclamar o seu mérito, que vive a esconder com avareza, mas de que eu tenho farto conhecimento.

Dirão que sou suspeito a louvar o seu trabalho, Trindade amigo.

E já prevejo que você responderá monossilabicamente:

“Sim”.

Seja.

No fundo, você verá que falo verdade, a verdade em que se inspira a admiração do,

*Semperque,*

João A. Penas

**O Nosso Bilhete**

*Gregório Cruz (São Joaquim)*

Ah que bem nos sabe o chimarrão, quando o espírito para fusa solução de problemas e os nervos, esticados em corda de viola, vibram neurastenias quase irremediáveis!

Pus-me a recordar hoje velhos trechos de vida, em que me foi você companheiro, – a diligência em casa do velho Januário... por exemplo, – e não deixei de sorrir apagando o azedume que me senhoreava...

Você é curioso.

Diverso dos outros.

Tem uma fidalguia de linha que desnorteia aos menos íntimos.

E possui inteligência.

Buril-a a seu modo; é uma condição de vontade espontânea, que não se aperta na fôrma comum.

Raro palrador, medita, pesa e mede o que vai dizer, assim com essa severidade, risonha quando verbaliza, íntegra, quando grafa despachos no exercício de suplente do juiz.

Depois, o que há de notável na sua serenidade é a ação, que busca numa insensibilidade aparente, mas no fundo ardorosa, estimular as iniciativas, partilhando-as com a persistência dos que compreendem e realizam à maravilha a sua finalidade na vida.

E o que mais me despertou admiração foi o seu interesse pela leitura, bebendo na melhor fonte o mais sólido ensinamento, de sorte a discutir assuntos múltiplos com espírito refletido e razões não raro irrefutáveis.

Faz-se estimar.

Cria simpatias.

Porque aos homens como você se dealba o aproveitamento dum esforço que pede louvor, e ao qual se podem cometer cargos de responsabilidade, com a certeza dum excelente desempenho.

Louvo-lhe pela sua conduta.

E aplaudindo-o quero reafirmar-lhe o desejo que tenho de o ver à frente dum movimento que consiga levantar São Joaquim da estagnação jecatutzada em que vive.

Você tem energia.

É a força empreendedora.

Pode e deve lutar em favor das iniciativas particulares.

Não lhe sobrarão louros, é certo.

Mas, note, que orgulho para o seu espírito bairristico, se amanhã puder dizer, batendo no coração: “Fiz o que pude, como bom filho desta amada terra.”!

Aqui, muito à concha do ouvido:

Que é da igreja, do jardim e d'outros melhoramentos de custeio particular?

Assuma, pois, a direção dum movimento realizador.

Esqueça dissabores, infalíveis nesses casos, pela transcendência da sua

missão.

E olhe que, com as palavras encorajadoras de outros, não lhe faltarão, por Deus, as muito sinceras do

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

## Orestes Guimarães

O seu largo e profundo conhecimento de pedagogia tem feito de mim um atento admirador, que segue, com avidez, no cavaco diário, a sua fácil descrição do movimento evolutivo que influi diretamente em nosso sistema educacional.

Sei da sua atuação neste sentido, e mais, do seu longo e devotado concurso.

Quer provas?

Aqui as tem.

Verá que lhe não desconheço o esforço, com desprezo pelo que de exaustivo encerra a tarefa patriótica.

Se me não mente a retentiva:

Você, mestre ilustre, veio a Santa Catarina, pela primeira vez, em novembro de 1906, contratado pelo colégio municipal de Joinville, demorando-se até 1909, quando regressou a São Paulo.

Depois, retornou a esta terra em dezembro de 1910, com o cargo de inspetor geral do ensino e auxiliar da sua reorganização.

Assim, até 1918.

A seguir, passou a inspetor das escolas subvencionadas, com a função de fiscalizar o emprego da subvenção e inspecionar as escolas das zonas coloniais.

O modesto professor duma remota escola paulista subiu, pela dedicação, pelo estudo, pela observação, base dum sólido conhecimento do seu mister, à posição que lhe estava merecidamente reservada.

E não admira.

Porque os que se fazem a poder de vontade própria, e não aos empuxões dos processos corruptos, lutam mas vencem com galhardia.

Padrão do seu valor, é essa lei última, criando um grupo escolar com o seu nome, o que equivale ao prêmio do seu devotamento.

O seu espírito progressista não se delimita às suas funções, como acontece com o cupim burocrático, nem sempre pontual na assinatura do ponto.

Move-o o interesse profissional, o carinho patriótico.

Mais provas?

A satisfação com que aceitou a incumbência feita pelo senhor governador, de codificar as leis do ensino, trabalho esse que abrange, seguramente, um período de quinze anos, de grande responsabilidade, segundo a crítica sensata dos que o entendem.

Em seis meses penso que o terá pronto, e o espaço de tempo bem demonstra quanto é valioso e o acabamento perfeito que sofrerá.

Há de ser lá pela conferência do ensino.

E com que prazer há de lê-lo, a quem já se afez à sua convivência amável, e que lhe não sonegar, com a sua simpatia, a estima do

*Semperque,*

João A. Penas

## B31

### O Nosso Bilhete

*João Cardoso Bittencourt (Laguna)*

Justiça!

Faça-me você justiça ao procedimento que a crítica malsã crivou de achincalhes e maledicência.

Vivo às claras.

E não me envergonho.

Não fujo à responsabilidade dos meus atos.

Não toleram muitos, todavia, aos que conseguem trepar dois degraus pelo próprio esforço.

Tenho inimizadas aí (com que pesar o confesso!) que me defendem, com alto espírito de imparcialidade, e amigos que me tesouram a pele com o gosto selvagem de caluniar.

Estimo àqueles, esqueço a estes.

Não valem o cigarro que acabo de fumar com delícia.

Você me tem sido amigo.

Provou-o, com gestos que jamais esquecerei pela sua espontaneidade.

Você viu em mim a vontade e o trabalho pertinazes, sem orgulho, sem vaidade, sem ambição de prêmio.

Compreendeu-me.

E há de me entender ainda.

Que ornejemos onagros!

Que me ameacem os colmilhos cheios, empeçonhados!

Eu me ficarei tranqüilo.

Indiferente...

Perdoando...

Seu,

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

## Fernando Machado

Não me furto à tentação de lhe dizer que, ao vê-lo, sempre me ocorre aquela caricatura do Basa, em que você, com um ar decisivo espreme o tornozelo dum larápio, posto este de cabeça ao chão, e demanda a Chefatura, num passo de nove léguas...

Admiro-o você o sabe.

Porque o seu esforço é multiforme, derivado dum ponto que reputo indispensável a quem trabalha: energia.

Mas, deixe-me confessar-lhe, sem tirar os louros a Cantu-Mirim criei um pendor avassalante pelo estilo em que se biografam os vivos.

Duvida?

Pois, vou contar-lhe o seu trabalho público.

Principiou você por ser lente de matemática na Escola Normal, e ficou uns trinta longos anos, – uma trabalhosa existência! – sem gozar um minuto de licença, pontual ao serviço, como o próprio tempo. E mais: orgulha-o não merecer, no exercício profissional, a censura de qualquer governo.

Durante esse largo período, de trabalho ininterrupto e devotado, desdobrou-se o seu esforço, e foi diretor do Ginásio, do extinto, continuando ainda como lente e diretor da Escola Normal, nos governos Schmidt e Vidal.

E foi professor do Liceu no espaço de 24 anos.

Olhe que já é persistência e boa-vontade!

Ainda quando governos os senhores Gustavo Richard, Felipe Schmidt (por duas vezes aliás) Vidal Ramos e Hercílio Luz, foi-lhe entregue a delegacia de polícia da capital, num período de 12 anos.

A sua atividade, Fernando amigo, não se apagou.

Senhor da provisão de advogado, pelo seu estudo, que é um exemplo, exerceu, pelo seu critério exigente e severo no desempenho de seu dever, os cargos de promotor de diversas comarcas do Estado, inclusive a de Florianópolis, isso, antes do magistério.

Depois de tantos, largos e reais serviços, gozando a mais merecida e justiceira aposentadoria, dir-se-ia que você se conservaria estranho a tudo na suave tranqüilidade de quem muito trabalhou e desfruta o seu cômodo descanso.

Mas, não.

Você dá um soberbo exemplo de força no trabalho, através das funções de examinador do Conselho Superior de Ensino. E a sua competência ficou ainda fixada na deliberação do governo rio-grandense, convidando-o para ser o examinador de matemática no Ginásio equiparado.

O a [sic], há poucos dias, eu confessei ao engenheiro Wenceslau Breves, a tortura que me infligem os números, as somas, os algarismos, as equações.

E juro que com um mestre como você, o que vem para aqui estender os atos da sua vida, conseguiria, sem dúvida aprender a fatigante solução dos problemas de somar, e mesmo as quatro operações que a aritmética quis à força, mas inutilmente, meter na cabeça do

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Araújo Figueiredo*

Posso dizer aqui que a sua velhice tem sido de ouro, porque a admiração quente e viva da mocidade o cerca, o aplaude, o conta ainda como príncipe da poesia em Santa Catarina.

*Praias* são jóias que você trabalha, aurífice insigne, do nosso orgulho, com a modéstia, no seu recolhimento, de quem guarda com avareza um tesouro precioso.

Nessa figura de apóstolo, nesse olhar meigo, que eu compararia à bondade irradiante, ao de Rabindranath Tagore, esvoaça um ideal, nem sempre compreendido, mas impondo-o à gratidão, ao beijo e à oração reconhecida da pobreza, que é a flor agreste perfumada e livre, colhida entre as bonanças e os vendavais da existência.

Eu já me não quero referir ao funcionário público e ao chefe-família que são modelos de devotamento e sacrifício.

Admiro em você, Araújo, esse sentimento inato que o conduz à perfeição, pela estrada da dor, da beleza e da filantropia.

Qu'importa que o corpo vergado se estorça enfermo, sofra os acicates do mal, na realização do seu preestabelecido ciclo criado na vida?

A alma, esta sim, que a depura o gemido dos resignados, dos que confiam na clemência superior.

Veze, deve tê-lo acutilado – frágil é a carne! – a desesperança e a angústia.

Mas o espírito forte reage.

E vence.

Quem cumpre com fidelidade o seu destino, e compreende o pensamento do poeta: “quando uma lousa cai sobre um túmulo mudo, diz-se – tudo acabou, e principia tudo!”, não teme adversidades da sorte, senão busca em si mesmo a força reacionária, que gera alentos novos, que dispõe o homem à luta mais renhida, sem ambição de prêmios, visando o bem da consciência e o júbilo do dever cumprido.

No quarto em que você repousa, leva-lhe estas linhas, que não são de consolo, mas de admiração profunda, o

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Wenceslau Bueno (na eternidade)*

A homenagem póstuma, que lhe acaba de fazer o governo do senhor Adolfo Konder, levanta-o do esquecimento dos que curtiram a vida moirejando, apagados na sua humildade, ou na sua timidez.

Sei de trechos da sua existência, em que predominou sempre um alto espírito de honestidade, de que nos ficou como exemplo fulgurante a sua retidão inatacável.

E mais: Quem, como o mestre insigne, se votou ao magistério, não pelo modo por que se acorrentam supliciados às necessidades domésticas, mas como professor que compreende, que ama, que deseja ver desenrolado o ensino, como enciclias dominadoras, que tem o apego ao desbravamento do analfabetismo, as ignoradas atitudes de elegância moral valem pela admiração mais fervorosa, numa lembrança que se não extingue nunca, sobretudo entre os que lhe foram discípulos.

Mantendo-se à custa de reduzidos vencimentos, nunca se queixou, nunca protestou contra honorários que a sua sabedoria impunha como adjuntório e estímulo aos que se identificaram com o seu mister, aperfeiçoando-o com uma persistência modelar.

Mestre! Ninguém, entre nós, conseguiu com tamanha exatidão analisar a preceito os versos camoneanos. Era um longo estudo, bem o sei, mas a sua vida não foi outra coisa.

E o lado adorável, por não dizer comovente, do seu esforço, foi o de lecionar, particularmente, [para] vários alunos, que muito o amaram.

Transcorrido o mês, dir-se-ia extravagância, bondade ou dedicação a uma nobre e patriótica tarefa, recusava a mensalidade preestabelecida, querendo, mais que o conforto na sua pobreza, a glória ignorada de haver trabalhado a dourada seara do alfabetismo. Hei de estar presente, e comigo os discípulos que lhe não esqueceram os magníficos ensinamentos, à inauguração do retrato que Mâncio da Costa, com um senso homenageador, justiceiro e oportuno, ofereceu ao grupo Escolar da Palhoça.

Circundado de flores, entre bênçãos e orações, o seu espírito há de pairar sobre o ambiente, e não ficarão inermes, no aplauso consagrador, as mãos do

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Godofredo Marques (Laguna)*

Eu não escondo o profundo pesar que me causou o trespasse de José Maurício.

Com as mãos trêmulas, no Congresso Lagunense, já empolgado da enfermidade que lhe havia de cruzar os braços para sempre, não perdia a jovialidade de velho-moço, com piadas que demonstravam um bom *humour* inalterável.

Curvado, como uma ruína humana, possuía a dinâmica dum forte, viajando dias e dias ao lombo da alimária, com a energia jovem desperta, num testemunho de invejável organização física.

Não sofria dissabores através das renhidas testilhas políticas.

Tinha o dom da sinceridade, visionando, dentro da sua órbita de ação, os melhoramentos indispensáveis, que executava, sem a *réclame* do espalhafato, e, de cultura mediana, debatia os mais complexos assuntos com a prática e a intuição que o faziam um conhecedor profundo dos males e dos certos remédios a eles aplicáveis.

Firme, inderrubável mesmo, nas suas atitudes políticas, sofria com um sorriso superior, que lhe viria do íntimo d'alma, a pedrada dos que não lhe toleravam a calma e a energia de ação.

Vendo-o alquebrado, mais uma vez, tive ocasião de notar a João Guimarães Cabral, a necessidade de se lhe dar descanso.

E a resposta era invariavelmente judiciosa: “O coronel Maurício representava uma tradição, uma história viva da política juliana, do qual se não dispensavam ensinamentos e conselhos.”

Sabendo-o morto, por Deus, fiquei contristado. Nenhum chefe, talvez, soube manter-se com maior galhardia ao lado das situações legalmente constituídas, sem a queda do seu prestígio, com a velha lealdade que nunca foi desmentida.

A esta hora, o seu corpo descansa da grande fadiga, no morro que defronta o mar largo.

E você não faria maior obséquio do que depositar sobre o seu túmulo fresco um ramalhete de flores, preito homenageador, intérprete da grande saudade do

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Meu benemérito inimigo*

Sei que a sua língua bifurcada, suprindo a crise de assunto, deu de fazer a sua parolagem fisingando a minha figura baça.

Não me enfureci.

Antes, o ataque que o seu verbalismo distende como um pneu que se enche veio dar-me a certeza de que os meus raros desafetos também se preocupam comigo...

Isso é, *sem tir-te nem guar-te*, uma propaganda de *camelot* gratuito.

Verdade, verdade, podia untar d'elogios baratos o que me sai da pena.

Podia. Mas, não quero.

O adjetivo, para mim, merece [ser] valorizado, desde que se o pingue homeopaticamente, com o critério do mais límpido julgamento.

Mas, você vai além.

Você pretende esmieuçar os mais recônditos escaninhos da minha vida, e tem dichotes dum conceito cerebrino e desprestigiante.

Pretende esmagar-me?

Dir-se-ia que você me afere ao estalão da sua personalidade, d'olho atento e pé solerte.

Você não lê, soletra.

E soletrando não assimila, tal a multiplicidade de assuntos que se lhe agarraram ao crânio com unhas de tamanduá.

Todavia, vou citar-lhe Vargas Vila, a que você dará a tradução mais conforme com o seu cabotinismo, se não conseguir interpretá-lo.

Ei-lo:

“Cada vez que emprendo un viaje, digo a mi Dolor:

? Ahora, voy a dejarte; no nos veremos más; y vuelvo...

Y hallo a mi Dolor;

Mi Dolor, que no me ha abandonado; que no me abandonará jamás;

¡ mi Dolor que es mi hermano y mi amigo!

¡ como es intolerable la Fidelidad Augusta del Dolor!...”

Ora, compreenda você e os que lhe acompanham o juízo dicaz, não me cumpre dizer-lhes se sofro ou não.

Demais, teria graça, se não ressumbrasse um espantoso ridículo, o vir eu encabelar mágoas, por lhe satisfazer o sadismo de degenerado.

Você merecia estas linhas.

Merecia, não como ferro em brasa que lhe rechinasse o couro da cernelha, mas como um agradecimento, seu tanto jovial, pelo reclamo que de mim anda a fazer, com a industriosa aptidão, para logo inutilizada, dos que se pretendem mentalidades superiores, e sobem, minutos, para ao depois, balões a murchar, se espetarem (valha-me Eça de Queirós!) na ponta afiada dum prego!

Devo-lhe um minuto de gratidão.

Aqui a deixo gravada.

Aqui a quero fixada neste dia estival, como preito de simpatia, a simpatia tolerante que sempre inspira os homens (ou coisas?) como você, necessários ao equilíbrio social.

Serve-lhe de atestado à vidoca, ao talento com que arma a tessitura das suas fantasias ditas d'escantilhão

Utilize-o à vontade, com a risonha permissão que lhe concede o

*Semperque,*

João A. Penas

**B37**

O Nosso Bilhete  
*Campos Júnior*

A sua jovialidade moça há de se ter centuplicado ontem, Branco amigo, passando de peito a peito, no apertado abraço do regozijo com que todos lhe admiramos a bondade e a fidalguia de perfeito cavalheiro.

Encanecido no trabalho, firme de propósitos, tem fornecido aos seus companheiros uma solidariedade que é índice de vontade, de lealdade e de consciência partidárias.

O velho Branco – penso de mim para comigo – não existe. Existe, sim, o funcionário e o *gentleman* de alegria expansiva, deitando mocidade pela sua energia e pelo seu espírito serviçal e ativo.

Há cabelos d'algodão como os seus, Branco, que não despertam o respeito que é uma barreira entre a mocidade e os que se vão caminho da velhice.

Porque você não distingue idades, senão contempla com enternecida estima os moços de valor, e os antigos companheiros, com o dom de atualizar velhas lutas, com uma retentiva surpreendente.

Indispensável nas organizações políticas, pela sua ponderação, pela sua identificação com o meio, não o dispensa a sociedade, em que gravita como figura de realce.

Eu não me admiro, pois, das numerosas felicitações que recebeu ontem, das incontáveis visitas que soube cativar com a sua fidalguia de trato.

Não me admiro.

E para que se não diga que não fui dos menos sinceros em estreitá-lo, com uma frase original que me tornasse amigo maior, valho-me agora deste meio na mais chã das linguagens.

Aqui fica o abraço, com os votos de interminável felicidade, do, muito d'alma,  
*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Edmundo Grisard*

É sobre o mesmo assunto de há tempo, que lhe falo hoje.

Não penso que se devam meter em *passee partout*, quaisquer medalhões, com problemáticos serviços.

A idéia da inauguração do retrato de Oscar Rosas é uma reparação.

Podia ter os seus defeitos, mas possuía virtudes de incomparável beleza.

Era um exagerado. Tartarin suas vezes, mas, no íntimo, que belos sentimentos e que boníssimo coração!

Bastou que este diário aventasse a idéia de se lhe pôr a fotografia na redação da *República*, para que as adesões se multiplicassem, espontaneamente, com a sinceridade homenageadora dos que foram amigos devotados e sabem esquecer os seus erros para honrar-lhe a memória.

Pois bem.

Se a Oscar Rosas, por lembrança do redator-chefe deste diário, não se nega um lugar na casa em que trabalhou, necessário também que se não deixe de inaugurar na Força Pública, em ponto de destaque, no quartel, o retrato de Daniel Guedes da Silva.

Assassinado num dos recantos de Joinville, – defendendo-se, ferido, como um leão, – ele demonstrou a bravura do soldado catarinense, que não recua à atração da covardia, mas morre como homem, procurando desempenhar o seu dever até que a vida lhe fuja num longo gemido...

Afetuosos e bom, dotado duma cultura adquirida à força da própria vontade, Daniel era o *gentleman* perfeito e o soldado destemido, disciplinado, em quem a coragem era uma das qualidades dominantes.

Atacaram-no.

Podia recuar.

Era a salvação.

O instinto de conservação embaciando o cumprimento do dever...

Mas, preferiu tombar da alimária, a arma em punho, defrontando a morte com denodo, que manchar os seus três galões e enlodar a sua classe.

É para ele que eu peço um merecido preito de homenagem.

O senhor comandante Lopes me prometeu.

Há de cumpri-lo.

Porque o retrato de Daniel Guedes será, no quartel, uma advertência a que todos saibam como defender o brio da milícia policial, e um esplêndido exemplo do soldado que encara a vida pontilhada de perigos com tranqüilidade e fé, e com valentia se expõe aos maiores riscos, mergulhando na grande treva com a consciência de haver fechado limpidamente o ciclo da sua existência!

Não acha você?

É o que pensa igualmente, o

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Didi (Rosário do Maranhão)*

Foi ontem que se me deparou, sobre a mesa em que bordo engrimanços, uma sobrecarta com o meu endereço. Conheci-lhe a caligrafia, e, abrindo-a com o alvoroço de quem vai ter notícias confortantes, surgiu-me um postal: tipinho de “mascote”, d'olhos movediços, que as sacudidelas da mala tornaram estrábicos...

Está você ansiosa, minha quase irmã, pela publicação do meu livro.

A falar verdade já me tinha dele esquecido.

Porque, entendo, nesta terra eu só poderia ter dois leitores certos, obrigados: eu, “homem de botas e esporas”, e o compositor, para quem os termos regionais podem significar esperanto ou volapuque...

Já aqui tem havido várias tentativas de introdução de livros literários.

As estantes do Paschoal e do Entres estão cheias, e é mais rápida a aquisição da literatura que o senhor Conselheiro XX colhe ao seu pomar e reúne em cachos, do que, por exemplo, *A Vida das Abelhas* de Maeterlinck, ou a *Relíquia* d'Eça de Queirós

São livros hipnóticos aos estômagos refratários, e ao dobrar duas páginas já cromatizam o ressonô beatífico...

Mas, o seu cartão, minha amiga, é um incentivo que me deixa satisfeito.

Sabe?

Incluo-a na lista como uma leitora a mais...

Terá você a paciência de me ler, de comigo seguir caminho das estâncias e rodeios serranos, enchendo os olhos de paisagens magníficas e a oitava dum linguajar pitoresco, que se não extingue, que aumenta, e já levanta a crista a jeito de dialeto?

Que lhe importa, ao serrano, o léxico, o sapato de ferro das formas gramaticais, a gargalheira suplicante do vernáculo?

Ele é o que quer, e o que deve ser.

Filho do campo livre, é livre o seu pensamento e a sua linguagem, e na lida estafante ou na hora do descanso, enrolando o cigarro ao pé do fogo, no raconto de lendas e proezas nos entreveres', supre a indigência vocabular pela fertilidade na criação do termo, que se faz compreendido, que se adapta à frase, como luva exata, e sai a correr estâncias com foros de necessidade preenchida, tendo a sua definição, não raro, na onomatopéia que o gerou...

E tanto cria termos, como os aceita, sem a chancela de filólogos...

A língua brasileira, a nossa língua, está aí em formação, caldeia-se, não só aqui, como nas diferentes regiões do país, em que há de figurar essa cidade, onde os costumes são divergentes dos nossos, e onde, ao embalo manso duma rede, há de estar você lendo estas insossas linhas.

Entretanto, voltemos ao livro.

Você o quer?

À que foi minha primeira professora, à que estimo como irmã, não o posso negar, fazendo-o, todavia, seguir dum elucidário:

Basta-me o seu elogio ao meu esforço mental, e a certeza de que não  
desprezo o trabalho e continuo, como até aqui o  
*Semperque,*

João A. Penas

## B40

O Nosso Bilhete

*Dom Joaquim Oliveira*

Tenho a honra de saudar a vossa excelência reverendíssima, e deixar nestas linhas, – tão atrasado me arrasto pela vida! – o meu melhor cumprimento e a minha congratulação sincera.

Vossa excelência, senhor de notáveis virtudes, teve, por certo, surpresa, ao ver-se recepcionado com uma alegria incomum.

Duro é, sem dúvida, o seu mister, mas de que o tem realizado à maravilha, vencendo, desbravando a cerrada mata do Senhor, como lenhador a que não se fizeram escassas energias e coragem, transformando as picadas em largos caminhos luminosos, aí está o testemunho nesse galardão com que houve por bem contemplá-lo a sapiência do Vaticano.

Conheci-o excelência, com a aparência de fraco, mas com uma organização de forte perlustrando cantos e recantos do litoral catarinense, aconselhando, abençoando e perdoando.

Em São Joaquim, lembra-se?, estive com vossa excelência o cônego Resende, orador sacro de tamanha fluência, que se poderia dizer, aos borbotões de palavras candentes ou suaves que lhe transbordavam da boca, procurarem os termos saída apressada, para que se abreviasse a oração, numa dicção clara, fixando ensinamentos na memória dos fiéis presentes.

Vossa excelência após um minuto de concentração, em linguagem castiça, não descambava ao terra-a-terra. E orando, transfigurava-se.

Já não era a autoridade diocesana, era a própria Igreja quem proclamava o seu domínio, através das mais belas lições.

No comentário aos evangelizadores, dir-se-ia encontrar-se como Antonio Vieira diante dos reis.

Conciso, claro, em frases lapidares, não lhe fraquejaram a inteligência e a dialética, a pregar a boa, a sã doutrina.

Francamente, ouvi-o, mais duma vez, com a detida atenção de quem quer convencer-se do elogio apregoado facilmente.

E convenci-me.

No púlpito, falava o bom-pastor, esquecendo talvez o auditório, na paixão do assunto, levado nas asas do seu grande sonho.

Dentro de mim subiu uma grande admiração pela sua cultura.

E admirando o bispo, admirei ainda mais o esteta da palavra.

Não lhe nego que estive presente às manifestações que aqui recebeu, e que Walmor Ribeiro, com o entusiasmo da sinceridade, soube inteligentemente interpretar.

Ao publicano, todavia, tocava conservar-se ao seu desvão, ouvindo, sentindo, alegrando-se.

Mas a sensibilidade tem imposições a que se não foge.

E é com júbilo dos que julgam atos, sem amargura, tolerante vezes, e vezes ásperos na grafia do pensamento, que aperta hoje, – nunca se reputará tardio o meu

gesto, – as suas mãos o  
*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Abílio Mafra*

Digam lá o que disserem, você trabalha com a constância dos que não admitem esforços inertes e improdutivos.

É do seu feitio.

E trabalhando, adquiriu uma notável soma de conhecimentos pragmáticos, impondo-se pela proficiência que imprime aos seus serviços.

Eu não me esqueço, por exemplo, da solidez com que você canalizou o riacho da chácara Fortkamp, rumo ao riozinho da Fonte da Bulha.

E mais o canal cimentado, como o outro, da água pútrida que descia da chácara do doutor Hercílio Luz em direção ao mar.

Obras foram essas, que ainda demonstram a sua vontade em positivar uma construção sem falhas, a favor do saneamento da cidade.

Mas, cuidando de cumprir à risca os contratos feitos com as Obras Públicas, você dirigiu, com rara e apurada competência, o trabalho de edificações, em que figuram, entre outros, à rua Blumenau, as dos senhores Abelardo e Amadeu Luz, com disposições tais que podem ser classificadas entre as melhores que contamos.

Entretanto, deixe-me dizer-lhe, do seu esforço, o que mais me despertou admiração, foi o levantar o edifício da “Maternidade de Florianópolis”, num charco verdadeiro.

Você previu, naturalmente, a insegurança do local, e daí dispôs-se a vencer as dificuldades apresentadas pelo terreno, de sorte que não cederam alicerces nem foram abaladas paredes.

Já hoje, pois, tem você entre os construtores catarinenses um lugar de merecido relevo.

A sua opinião, a propósito do assunto, reveste-se do valor técnico consubstanciado no que o seu esforço conseguiu fazer vitoriosamente.

E, sabe?

Se algum dia o meu pé-de-meia subir, no recheio, (anda tão murcho!) do calcanhar, assumirei uma atitude de capitalista confiante, para bradar-lhe:

– Abílio, ponha-me para aí construindo o meu *bungalow*...

E você o fará, não?

Pelo menos para que um pequeno conforto cerque-o, afetuosamente,

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Desembargador José Boiteux (Ministério da Viação)*

Cá me chegou o seu abraço.

E que auspiciosa notícia ele me trouxe!

Martinho de Harotem a sua carreira feita.

Depois do interesse do atual governador, a proteção do ministro da Viação!

Não se pode desejar melhor.

Seguramente Martinho vai confirmar o que ambos e mais Othon d'Eça previmos, – apresentar-se-á, breve, um artista de raça.

Que satisfação a nossa!

Mas, falando no jovem pintor, passa-me pelo pensamento a figura dum dos mais perfeitos mestres do pincel que ainda tivemos Brasil adentro Victor Meirelles

Sei de trechos da sua vida.

Por que não referi-los?

Entre o autor de *Tapera* e o grande pintor de *Nossa Senhora da Conceição* (quadro que por sinal se vai estragando na Matriz de Laguna), há certos pontos de semelhança.

Quando Victor ainda, no papel cartão, riscava *croquis*, Jerônimo Coelho aproveitou-o, tornando-lhe fácil a conquista do triunfo.

Foi longe no seu trabalho.

Alcançando a glória, deu ao país um prestígio invulgar nas artes.

A sua estesia burilou-se. Não lhe escasseou miga, pela mesada com que o auxiliou Jerônimo, e mais tarde o velho senador José da Silva Mafra

De que foi boêmio, nada consta nos meus apontamentos.

Sei que seguia sempre na esteira do seu sonho de perfeição.

Mas, depois de celebrado como autor das obras-primas mais lindas, a fraca educação do meio, esfaimada de sensações sempre novas, esqueceu-se de que ele merecia profunda veneração, que a sua vida se havia fixado no colorido das suas esplêndidas telas...

E morreu pobre, deslembado de todos, num incoercível desânimo, na descrença amarga da sinceridade, tão rápido é o aplaudir como o apedrejar...

A Martinho sucede contar amparo, indesejado, por que se torne um nome que nos honre.

E esse artista incipiente, não terá, certamente, o mesmo fim, graças à evolução que alargou o gosto artístico em nossa terra, e picou a sensibilidade dos a quem coube e cabe a responsabilidade de tornar o Brasil grande pelo seu potencial de riqueza e pela mentalidade dos seus filhos.

Credita-se [a] você desembargador amigo, mais um relevante serviço, arrancado ao planalto e levando a horizontes amplos, um talento que promete e que há de surpreender em grandes centros pelo seu esplêndido trabalho pictural.

O sementeiro de estátuas é o descobridor de artistas...

Que melhor prêmio a essa pertinaz atuação, denunciando um espírito bairrista eficiente, que o de ver com êxito o esforço despendido?

Invejo-o, às vezes...

Mas, não lhe sonego o louvor, nem desce o nível da afetuosa e velha camaradagem do

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Mascarenhas Filho*

Devo à sua bondade a piedosa mentira de exaltar, ou, por outra, destacar qualidades que nunca possuí.

Sou-lhe grato.

Na seara jornalística, menos que você, Mascarenhas, eu tenho desajeitadamente, cuidado de matar o joio, por que me loireje o trigo, o bocado quase ridículo de trigo, que consegui e tenho conseguido fazer florescer...

Perseguido ou não, louvado ou esmagado pela crítica, imito-o.

Sobre uma nota agressiva, sempre é mais delicioso chupar-se um cigarro indiferente...

Depois, esta vida tem suas compensações.

Medita você.

Da nossa boemia, – anos que se foram! – guardamos a observação dos homens e das coisas, visionando-lhes o lado ridículo e gravando na retentiva virtudes apreciáveis.

Pudemos, destarte, formar juízos independentes e justos.

E, já diferentes, no mister profissional, não nos acovardamos nunca na campanha rija, com a segurança de seguirmos um alto critério de imparcialidade, batendo-nos pela causa beneficiadora do interesse coletivo, e com o desprendimento que liberta o jornalista às conveniências pessoais.

Tracejamos uma linha reta.

Seguimo-la.

E, diz-me a consciência, não levantei o calhão delapidador, nem esbanjei o elogio, nem preconcebi certos fins – que são a eiva de muitos jornais, – pela necessidade de orientar a opinião pública, e nunca por nunca apadrinhei os casos escusos, espousei-os, com o olho aceso no contrato repulsivo, com que os *nouveaux riches* anseiam abrir em leque a rabadilha do triunfo e do prestígio...

Megalomania?

Seja.

O apedeuta de bolsa entupida, que submetia a matrona, por um princípio de elegância, à cirurgia, arrancando-lhe o apêndice, só vê ouro, como o Theodorico do *Mandarim*, ouro com que se compram honras, ouro nas ruas, na palermice ambiente, ouro – argumento decisivo com que se pagam consciências.

Daí a *chantage*.

O louvor incondicional, o salamaleque ambicioso, diante de pancinhas prósperas e trejeitos meio feminis, descambou em rendosa profissão.

Fi-lo?

Não.

E mais alto que tudo, por testemunho, aí está a minha pobreza, que me satisfaz, que me valoriza aos meus próprios olhos.

Sou o que quero e devo ser.

É uma confissão que me não deslustra o esforço e o trabalho.

Você foi excessivo na sua camaradagem.

Mas, no fundo, pondo de parte o adjetivo que me poderia envaidecer, foi leal, foi verdadeiro, como a toga que grafa o seu julgamento com serenidade, diante duma espinha dorsal que se não curvou em tempo algum.

Estimulou-me.

E à franqueza com que se houve, eu respondo com o melhor abraço. Do

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Caio Machado (no "Diário da Tarde")*

Foi rápida a sua última visita, como a matar saudades da terra de Dias Velho..

A sua convivência é sempre amável.

Amável e sincera, com seu tanto de gratidão pelas homenagens feitas, a si e na sua pessoa a um dos paranaenses mais ilustres, mais trabalhadores, enfiatura de energia e realização que foi o inolvidável Vicente Machado.

Chefiando a "Bandeira Paranaense", deu você um exemplo da vontade paterna, que sabe vencer quando quer.

Devemos-lhe a visita.

Eu mesmo, apagado entre os que aqui trabalham, anseio pelo momento em que possamos, sem os obstáculos que você e seus companheiros defrontaram, chegar um dia a Curitiba, anônimo na minha admiração encantada, como um número qualquer, um membro da "Bandeira Catarinense".

Depois da tempestade que estrugiu sobre os dois estados e que sugeriu a Sílvia Romero o "Estado de Iguaçu", esse intercâmbio é dos mais salutareos efeitos, já pelo aspecto confraternizador, já pelo intelectual.

O Estado do Iguaçu tornou-se irrealizável. Porque entre nós não há fronteiras, senão as que a regularidade dos trabalhos administrativos fixa; mas o coração e a inteligência, esses, desconhecem limites, e os braços que de lá se abrem acolhedores, não de nos estreitar sempre com a mais carinhosa simpatia e a mais profunda estima.

Temos um ideal.

Firma-se na contemplação de valores reais. E o interesse que o Paraná toma por tudo quanto se refere a Santa Catarina está a ilustrar uma simpatia que se não esquece.

Norteia-nos a grandeza da terra pátria, e somos dos que colocam ao de cima das competições estereis os altos interesses da nação, numa tarefa patriótica que mais e mais sobrelevará a nossa finalidade.

Com Raul Gomes, Rodrigo Júnior e outros, eu já trabalhei e ainda trabalho pela vitória do intercâmbio intelectual entre os dois Estados, a que a felicidade dum alto destino abre margens a grandes realizações.

Por que não o intensificarmos, tornando-o vitorioso?

Não será, por ventura, do nosso esforço que ele tudo espera e tudo pede?

Aí está um assunto Caio ilustre, pelo qual ao seu jornal toca bater-se.

É uma formosa cruzada.

De idealistas?

Seja.

Mas, também dos a quem uma forte compreensão do momento impelirá irresistivelmente a uma realidade das mais brilhantes e mais profícuas.

E que pena não lhe haver falado a respeito, enquanto o automóvel rodava pelos recantos da ilha, o que aqui fica,

*Semperque,*

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*José Candemil (Imaruí)*

Deve recordar-se que me bati, obediente ao meu modo de pensar, pela sua candidatura à superintendência desse município.

Senti-lhe o esforço necessário, na hora necessária.

É que Imaruí regredia, numa estagnação que infundia piedade, pelo muito que pode dar de si, com as suas jazidas e as suas riquezas agrícolas.

Nessas condições, preciso que uma vontade experiente, vantajosamente conhecedora do mau trilho por que enveredava, o impulsionasse, reunindo forças, criando e construindo.

Há um direito entre nós que virou praxe, por mais absurdo que o seja.

É quase geral.

O município conta a sua autonomia fixada na lei orgânica, faz a sua arrecadação, distribui as suas verbas orçamentais e... ainda, no dispêndio sem método ou viciado, espera o adjutório governamental.

Peca, nesse sentido, a operosidade, que não tem segurança na própria energia...

Daí, não raro, o retrocesso, sob o impulso de que ao Estado incumbe prover todas as necessidades, por ínfimas que se apresentem.

Mas, voltemos ao nosso Imaruí.

Por que se não seguir ou imitar a atuação do governo atual?

Exposto um programa, – acutilado, a cada momento por uma situação excepcional, – quedou-se desanimado, perdeu o senso guiador, protelou a solução de problemas que serão realidades compensadoras?

Não.

Ao invés, dentro da multiplicidade de serviços, pelo prestígio duma capacidade empreendedora, cura do exame detido de projetos, esmiúça-lhes os detalhes, e consegue, pouco a pouco, com a persistência que lhe é peculiar, com a firmeza a que se subordinam os seus atos, criar, num constante movimento evolutivo.

Você, meu venerando amigo, pode inspirar-se nesse salutar exemplo.

Conheço Aratingaúba e outros distritos que sofrem a falta duma inteligência que lhes facilite melhoramentos, entre os quais o de escoamento da produção.

Ora, se o município é um notável potencial de valores econômicos, por que não se lhe facilitarem meios a fim de se libertar ao isolamento em que vegeta?

Há aí necessidade de movimento e vida. E eu não compreendo como não se hajam ainda calculado os benefícios que se podem colher, através dum plano executado sem falhas.

O atual Conselho tem, entre seus membros, um moço de talento, que há de ser auxiliar consciente na obra transformadora do município – Eugenio Bossle.

Agindo, conjuntamente, o Legislativo e o Executivo, teremos Imaruí com um aspecto diferente, livre da atonia que lhe tolhe qualquer surto progressivo.

Falando de si, eu creio que não divisei a inexecução dum trabalho esplêndido, derramando-se em vantagens, de que se fará usufrutuária a coletividade.

Não me iludi, talvez.

E partilhando a boa causa, tenho a confiança de que haveremos de registrar uma ampla intensificação do trabalho aí, estimulando todas as atividades através do seu devotamento a essa opulenta zona.

Aguardo o feliz instante de constatar *de visu*, o que disse, e não deixarei de ser, até lá, o

*Semperque*

João A. Penas

## B46

### O Nosso Bilhete

*Luiz Gallotti*

Esse boi-de-mamão, que tivemos a oportunidade de ver há dias, graças à curiosidade teimosa do Edmundo e do Breves, tem sido e está sendo a alma da ilha, que toda se sonoriza, à luz das lamparinas e ao pisca-piscar das estrelas diante das velhas moradas coloniais.

Confesso a você que não deixa de atrair-me.

Eu sempre fui todo ouvidos pelo cantador, com a orquestra de pandeiros, reco-reco, puíta e gaita de foles.

Tem o verso, o repentista despreocupado, – como uma cadeia de elos intermináveis a brotar-lhe da garganta...

E a bernúncia?

Lembra-se?

Quisemos rebuscar a origem do divertimento, que as inovações não extinguem.

E demos de frente com um caos de conjecturas.

O vaqueiro, o pai Mateus, o cavalinho de reluzentes malacachetas, a cabrinha microcéfala e a bernúncia antropófaga, são a resultante, penso eu, do amálgama de diferentes raças.

Está ali o africano, cujo sangue já diluído, ainda vibratiza a alegria roceira.

Depois, o português, açoriano, na trova sentimental com visos de gascão pala fanfarronice, e o índio na dança guerreira, em cadência, o busto inclinado para a frente e as ancas a se moverem sob um sapateado rítmico.

Eu amo profundamente a tradição.

É o nosso passado, que o presente não apaga, e o futuro não logrará extirpar entre as populações rurais.

A indiferença pelo nosso automóvel, é prova que farte de que poderemos cortar cantos e recantos ilhéus, mas sem arrancar ao coração do povo a sua tendência secular para a diversão sempre preferida e rediviva.

Para eles, tanto se lhes dava que lá tivéssemos ido a pé, ou esganchados em cavalicoques, que a compulsória esqueceu.

O que é fato é que também nos divertimos, sob uma observação encantada, apreendendo a alegria sã, indestrutível, nos terreiros, à ourilha dos cafezais.

O boi-de-mamão tem o seu tempo, como os Reis, ou o Natal.

E você que o ouviu, que o viu, há de aprofundar a sua origem, encontrando-a talvez nas senzalas, e dela me dará conta.

Ah! o pai Mateus!

Que figura impressionante, a deitar graçolas sob a pasta angustiada do suor da máscara!

Não acha você?

E que me dirá o Edmundo, a mim, que sou, de ambos, e sempre, o

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Newton Ramos*

Vai você, a esta hora, rumo da Serra, talvez atravessando o Cubículo ou parando [para] dessedentar a mula na aguada que despeja para o grotão.

Não lhe será surpresa, ao deixar Cambajuvas à esquerda, defrontar pedreiras imensas, em que a alimária escolhe, precavida, lugar em que ponha pata.

É apenas uma transição, desde que você deixou às costas Cachoeiro e demanda a cidade-vila...

Poderíamos ter aí uma via-de-comunicação de fácil trânsito?

Estou [certo] que sim.

Você já me leu, certamente, a respeito.

A região joaquinese tem no seu próprio esforço fonte bastante de recursos para o custeio de iniciativas vantajosas.

Não há muito eu abordei de perto, com o conhecimento apoucado que adquiri dos problemas desse município, a distribuição de verbas, focalizando a necessidade duma reforma sob os melhores e mais modernos moldes.

Quer dizer, figurando no orçamento um imposto destinado à reconstrução de estradas, esta se vai fazendo de modo dispersivo, o que significa uma aplicação fragmentada, sem vantagens de utilidade para os estancieiros e tropeiros.

É verdade que um conselheiro, o senhor Antonio Lucio, a quem o gosto pelas viagens despertou interesse, sugeriu alvitres aproveitáveis, de compensadoras conseqüências.

Não era tudo, porém.

O caso devia e deve ser estudado, nos seus prós e contras, pela inteligência superintendencial, que tem consciência das largas possibilidades que a rodeiam.

Não só ao Estado toca remendar e construir as estradas, sobretudo premido, como se acha, por uma situação excepcional.

E, embora com sacrifícios, empregando o máximo de forças criadoras, o município terá efetivado obras que mais e mais recomendem a operosidade do seu administrador à confiança dos munícipes.

Você há de meditar sobre o que aqui lhe digo.

Verá que me não engano.

E não deixará, com a sua pena, de reconhecer que São Joaquim (à parte o rejuvenescimento à Voronoff), merece uma colaboração mais estreita dos seus filhos na tarefa ingente do seu progresso, revertida em positivas compensações.

Você verá e se convencerá.

Como eu...

...Que sou, *semperque*, o

O Nosso Bilhete  
*Mâncio da Costa*

Era desnecessário que lhe dirigisse este.

Há de afirmar você que o meu comentário deriva duma velha e sólida amizade, que fez com que, através da minha sensibilidade, eu fosse ao limite da linguagem crua, em defesa da peça teatral em que, no gênero, culminou o seu gosto artístico.

Mas, não.

Quando empunho a pena, que para Antonio Ferro é *Pavlova* dançando o ritmo do pensamento, ponho de lado a ligação de amizade, e, violento ou selvagem na minha índole impulsiva, mas, sempre justiceiro, vejo atos e observo personalidades.

Demérito?

Não sei. De mim, penso que obedeço à minha consciência e à minha vontade, ainda não corrompidas, e que executo, a preceito, a missão que me impus.

Nunca me iludi, anos atrás, vendo em você, na sua despreocupação, a energia que, aproveitada, resultaria febricitante, com idéias novas, através das mais profícuas reformas.

Você tem a educação do método. E não se cansa, não renuncia ao trabalho dos capazes, excluindo falhas no seu departamento, desenferrujando a engrenagem do seu aparelho, emperrada, não raro por circunstâncias muito conhecidas nossas.

Substituindo a Henrique Fontes, o mestre venerado, honra-lhe a empreitada que não pôde realizar *in totum* com a sua clarividência reconhecida.

A remodelação do sistema educacional, a extinção de inúmeras anomalias existentes, têm em você, organização dirigente das mais completas, um defensor exigente, que visa tornar a instrução, em território catarinense, um motivo de orgulho, sob o acerto de providências que são o elogio duma visão segura e duma vontade que se não abala, nem se curva, vencida, diante mesmo dos maiores obstáculos.

Não exagero.

Você quer um aparelho em que se não verifique nota dissonante, e que facilite, através do seu regular funcionamento, a realização da finalidade a que se destina.

Não deixa de atingi-los grave responsabilidade.

Mas não podem temê-la aqueles que têm a consciência plena do dever a cumprir, e que se transmudam em forças benéficas e criadoras.

Recuariam diante das dificuldades os falidos e comodistas.

Você, não.

É a ação, desenvolvendo-se, melhorando, com o cabedal esplêndido de observação e de conhecimentos pedagógicos e administrativos.

As medidas ultimamente prescritas valem pelo melhor título a um esforço profícuo, que não desanima e atua serenamente, tendo nos obstáculos defrontados um motivo para a luta mais tenaz, com o remate duma vitória que faz bem à consciência.

Anotei-as.

Louvo-as, com sinceridade.

Porque não menti à minha opinião, divisando em você o valor que se satisfaz com a colaboração valiosa que o preocupa, o valor que eu sempre admirei e sobre o qual emiti conceitos imparciais, sem apego a considerações, na minha profissão, livre das peias de interesses menos louváveis.

Assim tem sido, assim será, o, de sempre,

João A. Penas

## B49

### O Nosso Bilhete

*Vicente Góes (Laguna)*

Nada mais justo que se efetive a velha aspiração do comércio e da indústria lagunenses, que também já advoguei pela imprensa, elevando a agência postal daí à categoria de 1ª classe.

Desde o tempo do falecido João Torquato, o seu movimento ascende sensivelmente, atingindo hoje a um grau que demonstra o seu grande desenvolvimento, sem que se lhe haja dado a necessária reforma.

Há vinte anos emperrou na 2ª classe, em desacordo com a sua renda e os seus serviços.

Porque, coletora de toda a correspondência do sul do Estado, e de parte da região serrana, aumentou consideravelmente o seu trabalho, conservando-se indebitamente, o mesmo número de funcionários.

Para ela convergem as malas postais de 34 agências, e conta, na intensificação crescente do serviço, maior dispêndio de esforços, sem o pagamento de honorários relativos.

Os seus *guichets* funcionam ininterruptamente, e a pontualidade nela existente beira o sacrifício.

Depois, nas suas mãos, a referida agência tem a sua organização regular, não se malbaratando tempo, e atendendo-se aos interessados com a melhor prontidão.

Não está aí tudo, porém.

O trabalho postal, embora a dedicação dos empregados, exige que se o organize acorde com as necessidades do meio.

Ora, os centros coloniais, os distritos, vilas e cidades do interior sulino, figuram, com as suas agências, como afluentes dessa grande corrente que é o Correio de Laguna, a desembocar no porão dos navios que aí chegam.

Se se elevasse de categoria, mais exequível se tornaria o seu trabalho, com a notável circunstância de, através de maiores vantagens, terem o comércio e as indústrias a facilidade desejada nas suas funções.

A administração daqui conseguiu o revelho objetivo de subir de classe.

É meio caminho andado.

Fica a Diretoria Geral obrigada a realizar, sem favor, o melhoramento que, ainda agora e mais uma vez, a Associação Comercial daí pleiteia com o máximo interesse, segundo vejo do telegrama do senhor Humberto Zanella, interpretando o desejo razoável das atividades do sul.

É uma providência que não poderá ser negada, desde que se busca a melhora de todos os departamentos da administração pública.

Penso que a benéfica medida não se fará muito esperada.

É confiar no critério da justiça e na operosidade do diretor-geral.

Para mim, não haverá prazer maior do que abraçá-lo, não muito longe, pelo êxito completo da pretensão por que Laguna se bate há tanto tempo, sem desânimo diante

de fracassos e obstáculos.

João A. Penas

## B50

### O Nosso Bilhete

*Miguel Savas*

Capitão!

Dispense-me a continência...

Aceite-me o abraço, muito d'alma.

A revolução terminou, – já não é novidade.

Quantos sacrifícios e dissabores nos trouxe, quanta intranqüilidade e prejuízos gerou, é o que se não poderá esquecer com facilidade!

Arranjou meios, mas não conseguiu seus fins – vá que passe o trocadilho desajeitado, já que me não valeu cá a ciência calemburguista dum amigo meu, feroz enxadrista e complacente diretor de certa casa de ensino...

Passou a rajada mavórtica, com ares de *thank*, que, visando “regenerar”, pretendia, conseqüentemente, os altos postos de direção político-administrativa.

Desambiciosos?

Talvez.

Mas, assim, incoerentes.

Porque da ânsia de domínio resultaria, triunfante, a consagração de incapacidades, com seu direito à fatia, não sei se proporcional, na divisão de cargos.

E ao resto do país se ofereceria um estranho espetáculo, a submissão ao cangaço, a indisciplina aventureira a impulsionar a nação para uma dolorosa e dificilmente irremediável finalidade.

Quando do abandono de São Paulo, eu não tive mais dúvida sobre o termo que aguardava a rebeldia.

Não venceu; não venceria nunca.

Recuou.

Buscou o ensombrado das matas cerradas, e correu os sertões, numa decisão, digamos, corajosa, mas ingrata, impatriótica, inútil sob todos os seus aspectos.

Toca a você no cruzar armas pela ordem ou pela legalidade, uma grande satisfação.

É que do batalhão patriótico de Manoel Maia, chegando a um dos mais destacados postos, teve o prêmio do seu esforço, que não tremeu nem fraquejou, consciente e pertinaz no cumprimento do dever tomado.

E de que agiu você com valentia comprovam-no os seus companheiros.

Daí a razão de ser deste bilhete a que faltam colorido literário e engenho.

Você também está de parabéns.

Ao invés de se extinguir numa apoteose, a revolução, às zargunchadas de Franklin, morreu fora do território pátrio...

Capitão!

Com a minha continência de legalista, o abraço do, d'alma,

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Dona Maria das Mercês*

Foi anteontem, que se não esquecem o seu coração e a sua saudade.

O seu olhar apagado há de ter na visão introspectiva as cenas sempre nítidas das suas amarguras e das duas alegrias sãs.

Imagino o seu lar d'outros tempos.

Como conheço a sua dedicação de companheira abnegada que foi de Francisco Tolentino de Sousa!

Guardou-se, sem dúvida, a tristeza das desilusões, como soube iluminar-se aos seus golpes de triunfos.

É dele que lhe quero falar.

Não que me haja, pela carência de tempo que me prendeu a esta mesa, anteontem, deposto flores no seu túmulo, mas porque lhe não esqueço a memória.

Na sua vida pública, impressionou-me a fidalguia do proceder, a lealdade na luta, o desapego a interesses subalternos.

Aparecendo, ganhando o prestígio das forças colaboradoras que se não conservam inertes, foi, pelo trabalho e pelo seu vasto cabedal jurídico, aonde nem todos poderiam chegar.

Refiro-me ao seu trabalho na Câmara Alta.

Melhor lição de civismo, impossível.

Com a serenidade das duras refregas políticas, sabia entestar os que se atrapalhavam na teia dos processos, e no Parlamento na das emendas.

E o Estado teve nele um dos seus mais conscientes e esplêndidos representantes.

Incorruptível de vontade, não lhe desdourava a pobreza, não se lhe enfraquecia o caráter, melhor, mais valioso legado que deixou aos seus filhos.

Jornalista, não desmentia o parlamentar, mantendo sempre a ação doutrinária, discutindo princípios, sem que lhe doesse a consciência, pelo que de repulsivo encerrava de haver descido ao terreno em quem se digladiam as competições desfibrantes, ou ter cometido injustiças na defesa dos seus princípios, com a fé e a esperança dos espíritos fortes.

Mas, essa vida, que foi um padrão de benemerência, extinguiu-se aos poucos, numa pobreza que era o seu orgulho, o orgulho de quem muito fez e de quem nada possuía.

Sinto-me à vontade, neste reverente preito ao grande vulto desaparecido.

E a caneta que vossa excelência e seus dignos filhos me ofertaram, jamais tracejou linhas com tamanha comoção.

O meu poder de emotividade leva-me ainda a beijar-lhe as mãos venerandas, mãos de mãe carinhosa, que na sua velhice sabe abençoar e perdoar, com o coração desbordante de bondade afetuosa.

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Baptista & Cia*

Cabe-me declarar-lhes que li o seu telegrama ao doutor Adolfo Konder, respeitante ao *Júpiter*, por que saibam que não esqueço as iniciativas valiosas, que são afirmações de úteis empreendimentos.

Receba a firma o meu aperto de mão.

Discutindo o problema portuário, fi-lo convictamente, amparado nos estudos técnicos que se procederam desde os velhos tempos de Calheiros da Graça

Divergi, não raro, do pensamento dum ilustre garopabense, que não desceu no nível da minha velha amizade e da minha sincera estima.

Argumentava-se que a União tem enterrado largas quantias no melhoramento da barra, e, assim convinha o emprego de numerário em outro porto.

Ora, a razão era de saco vazio: não se poderia conservar de pé.

Porque, o fato de se terem aplicado repetidas verbas nas obras portuárias lagunenses, fundamenta ainda mais a necessidade de se não opor solução de continuidade aos trabalhos do seu definitivo termo.

Isto posto, convém notar que não se cogita atualmente da praticabilidade desse ou daquele porto, mas dos meios ao alcance por que se tenha normalizado o escoamento de produtos, descongestionando certos centros coloniais e desentorpecendo outros, onde o desânimo enraizou o conceito de que não paga a pena plantar em troca dum lucro problemático.

Estamos acordes, eu e essa firma?

Mas, sem dúvida.

E conosco a gente lagunense e o vasto interior, pletórico, febril na sua atividade agrícola e industrial.

A segurança, entretanto, de que o porto lagunense é uma expressão econômica das mais prestigiosas, está na deficiência do regular número de vapores que ali chegam e não satisfazem, nem conseguem vencer o movimento intenso de mercadorias.

Indispensável o aumento da flotilha.

Daí o gesto louvável das empresas particulares.

A barra grossa, de jazigo, e de quantos outros termos usa a nomenclatura do semáforo em galhardetes coloridos, não impede que a barra se faça praticável, e que a vontade triunfante do capitalismo resolva calmamente problemas inadiáveis.

O *Júpiter* já vai aproando rumo ao sul.

Sei que será recebido com o orgulho dos que lograram sob sacrifícios a realização do seu desejo, projetada nos núcleos de trabalho que beiram a Thereza Christina.

Não sei se lhes aperte novamente as mãos, pela unidade de vistas que liga o comércio numa obra progressista, zelando interesses, desenvolvendo, com o seu espírito empreendedor, a sua atuação e intensificando os seus negócios.

Não sei se o faça.

Mas é, talvez, melhor que as tenha livres, batendo o meu aplauso, na partilha da satisfação que vos torna a todos um modelo de força de vontade!

Porque o meu espírito há de estar aí, a louvar a energia com que todos querem Laguna forte, através do seu potencial econômico, sob o devotado amor dos seus filhos!

Sou, de vossas senhorias, o  
*Semperque,*

João A. Penas

## B53

### O Nosso Bilhete

*Ruben Ulysséa*

João da Ega descansou a pena, não sei se pelo atrativo da vida nas cochilhas, canhadas e chapadões serranos, na ferra ao garrote ágil, ou pela saudade do apoio engolido a um canto da mangueira de Monte Alegre...

O cronista percuciente, que sem rodeios, e sem monóculo, farpeava a facúndia da imbecilidade com que certos espécimes de velha fauna distendiam a sua superioridade fofa, preferiu o linguajar franco e pictórico do tropeiro à pena dessecadora, mordaz, mas, vezes à farta, justicadora no comentário.

Que notícia me dá você de João da Ega, esse insaciado de panoramas novos, de convivência outra, para o seu repouso, que não a dos freqüentadores da *Brahma* ou do bebericar apressado dum *pasteriseur* na “Nacional” na vida estafante e vertiginosa do Rio?

Você está a dar-me a impressão de que ficou a sós consigo, estudando e meditando, depois de haver fechado na “valise” João da Ega, com a sua ironia, ante um povo valente, de proverbial hospitalidade, a dizer o que sente e o que pensa, sem os recursos da frase burilada, – coisa assim como pílula dourada com um sabor final de quássia

Não o tenho lido, Ruben-artista, meu excelente companheiro de acidentadas viagens, que tinha o talento de me compreender a mim, que sou, não raro, um incompreendido...

Sei-o, entretanto, nesse lindo Mar-Grosso, que trago na retina, com satisfação e saudade.

À hora em que escrevo, quem me não dirá que você, vontade livre, não esteja, como qualquer itaperubense, despreocupado da vida, do que ela tem de amargo, de gritantemente amargo, fora da frase feita que neurasteniza, a retemperar-se, na orla da praia, sobre pedras que o mar fez bastidor das suas *valenciennes*, de anzol e cesto, à fiska do linguado, a vista perdida no mar largo, mar de mitileno, seguindo o penacho dum navio longínquo?

Ah Ruben companheiro!

Como eu invejo essa calma e essa indolência mandarinescas!

Invejo-as, e, incoerência que seja, não quero que você me deixe agonizante João da Ega, que há de ter a “guaiaca” abarrotada de motivos para a crônica que fere, chispa, cintila e faz bem ao fígado...

Ressuscite-mo.

Traga-mo para o jornal, com o sadio louvor dos espíritos que se formaram por si, ou com a saraivada de argumentos que desmantelam, picam e põem de cócoras as mediocridades farfalhudas.

Porque estas se julgam grandes quando em pé, num milagre darwínico que se pode inutilizar, tornando-as mais úteis marcando passos em duplicata...

Volte a empunhar armas!

Ao menos por com prazer com a minha profunda estima, a minha sincera

admiração de vero camarada.

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Crispim Mira*

À parte a simpatia, toca-me o dever de, como jornalista catarinense que nunca deslustrou a sua pena, dizer-lhe aqui a minha admiração pela sua força de vontade, pelo seu ânimo, no leito ensangüentado, a *tête-à-tête* com a morte.

Sou sincero.

Sou leal.

Não digo aquilo que não sinto, porque seria mentir a mim próprio, e tornar-me alvo da incredulidade, que perfura a gente, ao de longe, com o indicador, como um êmulo de Münchhausen..

A tragédia que o prostrou inopinadamente só me pode merecer repulsa.

Mas, a ela estamos todos sujeitos, partam de rapazes levianos ou de espíritos indignados.

Porque a verdade é que ainda se apela para recursos extremos, sobrepondo à mentalidade que pensa, as atitudes de violência.

Entendo que a lei Gordo não é de todo um motivo para que a condenemos como irremediável “perseguição” à imprensa.

E isso, você o sabe, pela simples razão de que nem todos sabem ou querem honrar o seu posto jornalístico, que transformam em arma de suplício, esse suplício chinês que se compraz de, inquisitorialmente, martirizar desafetos até vê-los reduzidos à miséria moral e física.

O jornal sério, combativo e orientador, liberta-se ao interesse pessoal, e guiado pelas necessidades coletivas, age dentro de seguras normas, que se transmudam em efetiva colaboração valiosa nos nossos destinos.

Empenhando-se numa luta, que não comento, a você, Crispim, não lhe era dado, pelo seu poder de resistência, e pelo seu longo e esplêndido passado jornalístico, fraquejar, embora tivesse convicto de acerto o que não passasse de possível erro em alguns casos focalizados.

Chamado à responsabilidade, pelas acusações feitas, não se poderia esperar outra coisa que a de continuar no seu trabalho árduo, oferecendo à população um exemplo de devotamento e vigor intelectual.

E foi na sua mesa que o agrediram, fazendo-lhe ferimentos na boca, quando é a pena que traceja, acusa, defende e cria destinos...

Visitei-o anteontem.

O meu aperto de mão ditou-lhe o meu pensamento.

E já agora, que você viu escrita em sangue uma das páginas da sua formosa missão jornalística, repito, como obscuro garatujador das letras catarinenses, esse *handshake*, em que ponho também a minha profunda admiração pessoal e a minha grande reprovação ao processo de que você caiu vítima.

Seria, ainda, um criminoso esquecimento, deixar de render aqui à sua companheira, à sua esposa dedicada, a minha homenagem, pelo que demonstrou de

altivez, de calma, e mesmo de orgulho, diante do esposo ferido, que há de voltar à sua mesa, com a mesma coragem e o mesmo talento.

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Alcibíades Seara - Araranguá*

Não sei se deva agradecer-lhe a dedicatória contida num fascículo do seu “programa de Governo” ou os propósitos nele fixados.

Porque não incorri em engano, vaticinando, com uma observação sem largos horizontes, mas sincera e fiel ao transcorrer dos fatos, uma administração nova e fecunda com você à testa dos destinos municipais.

Lembra-se que, por meio de *A Cidade*, com o beneplácito e ampla liberdade que me concedia Godofredo Marques, força de vontade que se não deixa enfraquecer, eu distingui em você, para utilizar-me duma usada expressão, o *the right man in the right place*.

Hoje os fatos evidenciados têm o seu lado humorístico, escambado o silêncio pela estirada laudatória e ridícula de certos oportunistas.

Eu, de mim, não lhe bordo elogios.

Conheci-o.

Conhecemo-nos intimamente.

E formulamos, de logo, o nosso juízo.

Vi-o como uma força capaz de sacrifícios, com idéias novas, que há de realizar a poder dos seus conhecimentos e do seu gosto empreendedor.

Sem autoridade, pôs-se à frente de iniciativas particulares, conseguindo objetivá-las.

Você de mim haveria de ter pensado que, à parte a minha mocidade, sei julgar valores, como defender causas, que se firmem nos interesses populares.

Trabalhando numa folha independente nunca temi censura nem reprovação aos meus atos, convicto da minha responsabilidade.

O meu ideal era que se aproveitassem esforços, pondo-se termo à estagnação administrativa em vários municípios.

Sabedor de que o venerando senhor Coronel João Fernandes deliberara afastar-se do exaustivo trabalho, que não pequenos incômodos lhe trouxera na direção do município, depois de pesquisas, concluí que só a você, pelo prestígio já adquirido, tocava substituí-lo.

Impus-me diretriz orientadora e não argumentei com assacadihas desprestigiadas.

Mas, já agora, que se vê você no governo municipal, eu sei avaliar a obra que lhe cumpre realizar, valorizando a sua inteligência e o seu caráter.

Antes do mais, impõe-se o conagraçamento da família araranguense, reunindo elementos de real valor.

Você o promete no programa que folheio.

E há de cumpri-lo, como há de realizar melhoramentos que salvem Araranguá da paralisia que o tomou.

Estou de bem comigo, visto que não errei.

E felicitando-me, felicito a você que vai ativar um trabalho transformador,

fazendo com que o território que dirige se reintegre no lugar que lhe compete, sob o influxo duma promissora atuação e duma conseqüente e contínua prosperidade.

Com o meu abraço, a reafirmação da minha simpatia.

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Carlos Corrêa*

Estou aqui, estou a felicitá-lo.

Em melhores ombros não poderia ter o governo posto o difícil cargo de diretor de Higiene, que a experiência e a competência de Luís Gualberto souberam honrar.

Com a sua ilustração médica e a sua notável atividade, está realizando uma empreitada de salutareos efeitos.

A fiscalização que vem exercendo é índice por que se julgue da compreensão que tem de prevenir males, evitando possíveis surtos epidêmicos, através duma verdadeira ação profilática.

Eu poderia ainda dizer-lhe duas palavras sobre a sua produção intelectual, com a franqueza do confrade que segue, interessado, o desenvolvimento das nossas letras, e que se não senta há vários anos, (há duros anos!) na sua poltrona do Congresso, que lhe deu bilhete de ingresso à immortalidade...

Poderia.

Mas, como vê, tenho de abreviar comentários, que se querem mais extensos, pela angústia de espaço.

Aplaudo-o no seu posto.

E sei que o seu amor-próprio e a sua dedicação de profissional competente não interromperão tarefa tão necessária e de tão lucrativas vantagens para a situação sanitária do nosso povo.

Venha de lá, pois, um abraço, que dará um grande prazer ao

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Clementino Brito*

Gosto da sua persistência.

Admiro-a.

Porque você não adormeceu sobre os aplausos dos seus primeiros trabalhos.

Eles foram um incentivo?

Acho que não.

A sua modéstia não transpõe os seus limites a colher frutos de vaidade.

E, antes, tem na sua vontade o estímulo e a energia que o impulsionam na feitura de peças teatrais, em que procura imprimir o máximo cunho de arte.

O que, sobretudo, o faz admirado, é não se curvar sobre o alçaço, a criar tipos, a desenrolar cenas, pelo desejo de lucros pecuniários.

Você tem o despreendimento das grandes almas.

Moireja numa tarefa exaustiva.

Mas, o suor, a inteligência, o *savoir faire* voltam-se para as casas pias, a dar-lhes a renda que o seu esforço mental conseguiu.

Eu bem sei das dificuldades que você defrontou até alcançar a *première* do “Não se mexa!”

Para você, Brito, tornou-se, contudo, um hábito o vencê-las com serenidade e do modo mais fácil.

Quem se cercou de auxiliares como o Emmel e o Natividade não tem ilusões quanto a triunfos!

O teatro, em Santa Catarina, tem as suas intermitências.

Veze, prolonga-se o hiato, e o Álvaro de Carvalho fica às moscas.

Depois há a coqueluche.

Cada qual é um autor.

E as “revistas” se desfiam em rosário.

O senso selecionador julga-as; a platéia possui o dom instantâneo de refugá-las ou aplaudi-las.

Ou se sucedem nos cartazes, ou caem, com a rapidez do pano de boca.

A você devemos já um regular número de peças.

E creio que não se dispôs a pingar o ponto final à sua inteligência empreendedora.

Estou que não muito longe, lá estarei, no desgracioso edifício fronteiro, a dar minhas palmas sob o mais imparcial dos julgamentos.

Errei?

Sim, ou não, cumpre-me esperar novos trabalhos, felicitando-o pelos já feitos.

É o que faço com prazer.

“Não se mexa!”

Ou, por outra, aqui está a minha mão, que não exagerou aplausos.

Aperte-a como a de um confrade que sabe compreendê-lo.

Muito seu,

João A. Penas

O Nosso Bilhete

João Crespo - Jaraguá

Estou a reler o seu bilhete.

E muito me satisfaz a bondade dos conceitos que você gentilmente exagerou.

Tenho-os na conta da afinidade que nos liga, através da sólida simpatia, que quanto à arte estamos nos dois extremos.

Você sonoriza-a, na quietude do seu lar, e eu vivi a desafinar, em letras mortas do regionalismo, que soavam à oitiva de muito purista como martelar torturante d'araponga.

Resta-me uma satisfação: Fiz aí umas tentativas murchas, e não posso deixar de considerar-me, ainda que com a sentença esmagadora de muitos, o iniciador dessa escola em terras catarinenses.

Condenam-me?

Pouco se me dá.

A parêmia me vale um conforto:

Cada um dá o que tem...

Mas, no seu retiro, tem você motivos para pôr dentro da rima e do verso toda a sua emoção, na calma que o cerca, e que lhe não extingue, antes, remoça a força mental.

É um repouso, retempera, afasta desilusões, recrescendo os sonhos, olhos a se fitarem num ideal que a gente conserva com o ardor da avareza...

Poderia pensar que se deu você a um descanso ininterrupto.

Seria uma desabrida mentira.

Porque eu noto na feição do "Correio", o seu talento inspirado, a dar ao prelo idéias meditadas, nessa vontade que se deseja concretizar em colaboração eficiente, agindo obscuramente, dentro do seu contingente patriótico.

E não me fale em letras catarinenses.

Nós temos o defeito da novidade.

Qualquer idéia, nesse tocante, merece o pressuroso prestígio, quente, impulsionante, que se dilui pouco a pouco, salvando-se três ou quatro plumitivos que não se deixam acabrunhados pelo desânimo dos restantes trabalhando isoladamente, com valorosa persistência.

Você é um deles.

E o meio em que vive, com a sua sede insaciável de beleza, e com as aquarelas paisagísticas, que o rodeiam, não se fez, pelo trabalho que o empolga, uma renúncia, esmagada pelo ambiente mais ou menos refratário, preso a um utilitarismo absorvente.

Força é confessar que tais mentalidades não se curvam nem solidarizam com os inertes, com os a quem o pessimismo cobriu duma crosta que, não raro, os fecha indiferentes a uma obra de soerguimento, que vigorize vontades enfraquecidas, que se ficam a despejar o vitríolo da crítica atassalhante aos que querem e produzem...

É o que observo, imune ao contágio.

E porque você me compreende e sabe avaliar o meu esforço no jornalismo barriga-verde, o seu abraço é um gesto que me sensibiliza, e que eu agradeço como uma sinceridade de colega e amigo.

Creia você, poeta ilustre, que não deixarei de ser *semperque*, o

O Nosso Bilhete

*Fonseca Nunes (S. Joaquim)*

Esse que acaba de fechar os olhos à vida foi o ponto central sobre que regirava o progresso da sociedade joaquinense.

Estimamo-lo no seu temperamento impulsivo, porque desconhecia a pusilanimidade que supre o *peçuelo* dos expedientes manhosos.

Errando, não raro, pela posição que desempenhava, compreendia a necessidade duma rija atuação, assumindo a responsabilidade dos seus atos, na firmeza das suas atitudes.

O erro de Polydoro Santos tinha a reprovação convencional, mas transformava-se em acerto, porque queria as coisas no seu lugar, às claras, despidas do interesse que desorienta e que põe um ar de dúvida nas intenções.

Todo o seu apego era o de que a terra joaquinense se libertasse à situação em que vivia, situação rebalsada, à feição de recursos que nada lhe adiantariam caminho dum progresso que tarda.

Possuía o dom fascinante de atrair simpatias, e ele mesmo era uma força a que os males já em começo não tiraram a fé e a esperança em elevados destinos.

Combatido, não se amesquinhava, nem se deixava vencer.

Desde as lutas com o início do regime, soube desenvolver o seu poder e se inventariarem os seus serviços, há de registrar um não pequeno número de benefícios.

Esse espírito combativo, com estos de rebeldia, era um grande coração, aberto às causas pias e à pobreza que insistentemente o procurava.

Seria incoerência negar que teve o seu prestígio político.

Como não se poderá tornar dúvida o fato de com ele o haverem desaparecido figuras necessárias ao engrandecimento de São Joaquim – Lysandro e Cyrillo Vieira.

Venho falar-lhe dum morto de quem você e Egídio foram sempre leais amigos.

Mas, o faço, porque, lendo-me todos daí, não esqueçam a memória de quem soube trabalhar, e mais não fez pelas circunstâncias que lhe opunham tropeços à inteligência esclarecida.

Abraço-os, a você e a Egídio, na solidariedade da mesma dor,

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Ogê Mannebach*

Já não o tenho lido mais.

E, franqueza, você me dá a idéia de quem quebrou o *humour*, assim como se espatifa um brinquedo, após a saciedade.

Entretanto, *Man* dos meus pecados, continua vibrátil a sua veia que transfunde em riso o sarcasmo leve, superior, olhando os homens pelo seu lado ridículo, que pavoneia uma aparência de sisudez, a pedir duas rimas de galhofa...

Será que o recolhimento de Babbitonga, e o trabalho alfandegário, que lhe enche a cabeça de problemas aritméticos, lhe hajam transformado num adorável indolente da sátira, dita agora verbalmente nas rodas amigas?

Não acredito.

Não podem crer os leitores que você fez assíduos, e mesmo os que farpeou com a elegância dos comentadores que encaram a vida pelo que oferece de cômico, e a vencem pelo que opõe de amargurante...

Aí pela praça, ao seu olhar percuciente, com descuidados ares, quanto motivo você não terá colhido, com gargalhadas íntimas, para o soneto contundente, que não pede leitura dos *Caracteres*, de La Bruyère!

Esse infeliz Moacyr Piza, o famigerado Juó Bananère, – há de parecer infantilidade, – é das leituras que ainda me atraem.

E à hora do repouso, não se me dá de desprezar La Fontaine, nas suas *Fabules choisies*, que é como que um banho de espírito, uma lavagem que me safa aos pesadelos sudoríferos, e, depois de certo tempo faz cama ao meu sono de repouso.

Não é mesmo?

Saído da lufa-lufa, a sós comigo, ressoam-me frases esparsas, – “sabe, a política”, o “Siqueira”, a “marca de tal automóvel”, enfim, mil e um assuntos me assediam, e eu apelo para *mister* de La Fontaine, como quem está seguro dum calmante ou dum sedativo infalíveis.

Veze, cai-me às mãos Musset, e eu o folheio vagamente, porque entre lençóis, prefiro ou a ironia sã, ou a fantasia à Sherazade, ou, força é que o diga, o Almanaque do Tico-Tico, de que meu filho já recortou páginas a divertir o resto de criança que vai morrendo dentro em mim, e que eu procuro manter ileso, a jeito de fresco manancial em estiagem.

Mas, a você Mannebach, já não o compreendo.

Estou que a estrofe enche-lhe a pena, e você a tange com três baforadas de fumo, fundindo no mesmo destino volatilizador o charuto e a inspiração.

O verso de boa têmpera, de fortes nuances, de agulhinhas que picam suavemente, perde o colorido, e a caneta volta ao lugar com a tinta, que poderia tracejar formas, estilizar acontecimentos, numa tremenda preguiça que eu lamento.

Este bilhete poderia ser um libelo, acusando-o aos que lhe admiram a verve, a camaradagem sadia, e a admiração pela sua inteligência.

Não o é.

É um estímulo.

Desse estímulo que tem feito de mim alguma coisa, dentro dos meus propósitos, embora circunstâncias de ordem íntima, me impeçam de ser aquilo que eu devera e poderia ser.

Vê você?

Não grafei três linhas, sem que a tristeza vertesse a sua mágoa...

Coisas do pensamento, no reinado da fantasia, que espatulam quadros de doloroso realismo...

João A. Penas

## B61

O Nosso Bilhete

*Folião, amigo:*

Devo a ti, representante de Momo, seu caixeiro-viajante pelo verbalismo atordoante, inócuo vezes, vezes desconexo, a confissão do meu ódio.

Podes espertinhar simpatias, nesse dindlindar de guizos, nessas frases dum *humour* fragmentado, já feitas, repetidas e não raro sedições, que te não escorrem da cabeça, mas te vêm do estômago, na dupla fantasia da loucura e da fome...

O carnaval abre o lugar a todos.

E quer sejas o “facadista”, o paciente candidato a empregos, o apanhador de pontas de charutos, o caçador de ilusões, não foges, no teu disfarce, à ironia do teu próprio destino.

Camuflando a tua situação, ocultando a tua identidade, tu te confundes com os que sofrem e os que riem.

Enganas-te a ti mesmo, esmigalhando o teu sofrimento, que serão polyp[-]s proliferando espantosamente na quarta-feira...

É um atordoamento...

Infantilizado, a tua vontade é sobrepor-te à vida, bebendo, saltando, com apóstrofes tonitruantes, no desespero de quem quer esquecer, de quem precisa esquecer, a verter suor, confundido com a massa anônima, como um seixo que se não distingue entre muitos outros...

A tua dor é tudo, – mas oportunidade igual não se te oferta por que a cales, fatigando o corpo e caindo no vórtice dessa festa, a um tempo hedionda e divina, que é o Carnaval...

Que te importa a cobardia de renunciarestes ao pensamento do que na realidade és, do suplício que te dilacera e que já te traz a alma em farrapos, se tens o gozo magnífico de “não ser”?

Depois, não ajuízas do que te aguarda.

A mesma idéia fixa, o mesmo chinesismo, que na trégua recresce, ou há de te defrontar inimigo combalido, entregue, exânime à tua tortura, ou reacionário, combatendo-a de frente, sem máscara, com a força da tua resistência, vitoriosa ou perdida.

Assim serás, assim o és.

E é assim que eu te odeio...

Mas não é, também, d'outra forma que te admiro!

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*César Ávila Rio*

Tenho aqui à mão, um exemplar do “Correio de Lages”.

Falo-lhe da sua terra.

E você não deixará de ter um instante de comoção e saudade...

Está lá o vice-governador Walmor Ribeiro

Recepcionaram-no com carinho, e, digo, com orgulho, porque o facultativo estimado reúne ao temperamento humanitário o de político sem vaidade, que desadora violências e se compraz, pelo próprio e criterioso julgamento, em evidenciar as qualidades preeminentes da mentalidade que nos dirige.

Eu ainda não vi crítico mais desapaixonado do que César Sartori.

Não é político.

É o cirurgião que, pelo hábito de escapelar organismos, forma o seu juízo, para si, com a apreciação geral, que se não detém na minúcia, na coisinha-nada, nuvenzinha que se desfaz com a renúncia de armar temporais...

Tive-o na minha frente em São Joaquim.

Estudei-lhe as atitudes.

E concluí que lhe é mais adorável preocupar-se com o seu mister do que se pôr a serviço de quaisquer partidos políticos.

Com os seus olhos a pisca-piscarem, a fronte lisa, o cigarro serrano ao canto do lábio, conheci-o superior a todos os erros e cordial no aplauso a todas as obras de benemerência.

O espírito profissional – ele é, você o sabe, um mestre insigne, – uniu-o a Walmor Ribeiro, de quem, já não falando na amizade, se fez um tácito correligionário, satisfeito em que da sua classe saiam forças mentais capazes e diligentes.

Mas, com esta referência ao vice-governador, convém lembrar a operosidade do senhor Caetano Costa.

Não é fácil – afirma a minha observação, – dirigir um município no planalto.

Existe a diferença de índole, pela diversidade dos meios de vida.

O senhor Otacílio Costa lutou.

Lutou a boa luta, com desprezo e dissabores.

Admirei a sua direção administrativa.

E o senhor Caetano Costa não lhe interrompeu os trabalhos, que norteia e fiscaliza, atualmente, com uma atividade que pode ser criticada, mas que é demonstrativa de vontade criadora, com um só alvo – o engrandecimento do município, no desempenho do cargo de confiança em que o puseram os seus conterrâneos.

Não sou político também.

Mas, força é que eu grave aqui a minha simpatia pelos que trabalham e produzem e que preferem às palavras os atos que beneficiem a zona administrada.

Você, meu quase médico, há de tornar não longe a Lages.

Não se fique na cidade, a trocar idéias sobre a patologia social.

Vá ao interior, visite-me os distritos, e diga-me, ao depois, se a “princesa” já

não se mudou em “rainha da serra!”  
D'alma,

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Eugênio Bossle*

Releio sua carta.

Ficamos amigos, um dia.

Não sei bem [o] porquê.

Ou porque você simpatizasse com a minha franqueza ou porque eu admirasse a sua força de vontade no trabalho.

Mas, ficamos amigos.

E a você e a Venusto Góes eu devo uma gratidão que não pode amortecer, desde que ambos se fizeram cordialidade espontânea, vendo em mim, não o garatujador de linhas insossas, mas o companheiro leal, que não sabe esquecer.

Está claro que de muito me valerá o seu auxílio de cronista, que faz por si mesmo, com rara inteligência, infenso aos que não poupam aqueles que querem e devem subir.

Por isso mesmo, julgando-o um esforço aproveitável, pus-me a sorrir de pura satisfação ao sabê-lo conselheiro do novo governo municipal.

Para mim foi uma vitória da causa por que ambos combatemos, atacando princípios incompatíveis com o nosso surto progressivo.

Logamos vitória, porque mentiríamos à nossa lealdade se não interpretássemos o lídimo pensamento de todas as atividades, que lhes dê em troca da solidariedade realizações que lhes aumentem o censo produtor.

A apatia é condenável, o descaso injustificado, e daí o haveremos empunhado as penas, tracejando a nossa advocacia, com a serenidade dos que visam o interesse coletivo, sem ferir melindres nem distinguir conveniências particulares.

E de que vencemos, nada melhor o prova do que uma nova orientação a que você não é insensível, e à qual tem de prestar o seu inestimável concurso.

Bossle amigo, realizamos pela imprensa o que desejávamos, e, por certo, a grandeza dos nossos intentos não se poderá amesquinhar, não diminuirá aos embates dos descontentes que prevíamos e que não nos travancou o caminho.

Fomos fiéis ao programa por nós estabelecido, e isso vale, neste momento em que não me deslembro do triunfo obtido, pela sinceridade com que eu o abraço ao de longe.

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Manoel Maia*

Não poderia esquecer o seu nome nessa cerrada campanha contra a rebeldia nos sertões do oeste catarinense.

Desde que o conheço, tenho admirado a sua firmeza de atitudes, desprendido, desinteressado na defesa de convicções que são princípios, e que merecem postos em relevo.

Em qualquer dos movimentos de incursão, manteve a sua autoridade, e soube com um largo conhecimento topográfico tornar ampla a reação, desenrolada através dum plano de ataque em que seus subordinados evidenciaram um espírito de disciplina, que era o segredo duma força invencível.

Não lhe faleceu ânimo na arriscada campanha.

E a sua própria educação cívica impeliu-o ao combate, por que não vingasse a anarquia, nem o desassossego invadissem os lares e as zonas onde há a preocupação do trabalho, e onde você conta [com] a solidariedade popular, que sabe prestigiar os governantes de valor.

As tropas rebeldes cortaram as fronteiras, penetrando países vizinhos.

Certeza de derrota?

Pode ser.

Mas, antes, a consciência de que a união, o desejo das maiorias, consubstanciada num patriotismo que não pede reclamos, jamais se adaptaria aos moldes duma inovação desorganizada, nem emprestaria adesão às tropas nômades, sem norte, valendo-se de expedientes ocasionais, nem sempre louváveis e dignos.

Essa farandula que sacrificou o país, reunindo elementos de variada casta, para obtenção do seu fim, não sentiu que atentava contra a nossa própria soberania, oferecendo um exemplo de proposital esquecimento da hora amarga que atravessamos.

Poderia ter os seus homens de “elite”.

Mas, ou fosse a convivência com o cangaço, ou a intenção duma vindita que, se não justifica, tornou-se-lhes desairosa a posição, à frente de mercenários estrangeiros, *profiteurs* do fogo demagógico.

Num regime extremamente liberal, as revoluções se fazem pela força mental.

Não pelo metralhar homens nascidos sob a proteção da mesma bandeira.

A sua atuação é o elogio da sua altivez e a demonstração da sua inabalável fé em nossos destinos, que não devem, nem poderão estar à mercê de aventuras, improvisadas como essa.

Aqui, a minha grande estima.

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Medeiros Filho*

Eu já tive oportunidade de demonstrar o respeito que se deve à magistratura, que se liberta a todos os interesses para agir conscientemente.

É a equidade.

É a justiça.

Poder soberano, não se pode subalternizar, e argumenta com o texto das leis, que defende, faz cumprir, e coloca ao de cima de quaisquer paixões.

Tenho, para mim, que o desembargador, penetrando o Tribunal, bate as sandálias, despersonaliza-se, para concretizar a autoridade em decisões em que vão muito do seu pensamento refletido, da sua indiscutível imparcialidade e do seu elevado senso jurídico.

Desacostumei-me de aferir, por inúmeros atos, uma benemerência que se poderia supor conduta preestabelecida.

O Tribunal é de si incorruptível, e perderia o seu prestígio se se agrilhoasse a conveniências ou simpatias.

Depois, a sua função social resultaria [em] uma desorganização de forças, com o sacrifício da sua finalidade.

Como as corporações, os indivíduos.

Exorbitado o ciclo traçado, já se não poderiam conferir, a estes, títulos de retidão, nem lhes reconhecer a pertinácia de atuação, quebrando a lisura em que gravita no seu meio e ferindo de morte os seus próprios princípios.

A decisão de ontem oferece margem a estes comentários.

Não me foi surpresa.

Reafirmou, apenas, o que sempre pensei.

Não foi a resultante de circunstâncias ambientes.

Cada juiz manteve a sua capacidade julgadora, e com ela a austeridade da sua missão, que não precisa nomes, mas delitos, e que se manifesta com a cultura que lhe é peculiar, na manutenção do encargo que lhe está adstrito, e que se torna incólume no seu exercício, nas suas deliberações.

Bem sei que o comentário desarrazoado farpeia, neste país, o que contamos de infenso às questões menos louváveis.

Ainda assim, o Tribunal não perde nunca a força com que se impõe, sem temor de um ato menos justo, continuando calmo e límpido dentro da sua missão, missão digna, que nem por ser severa perde a beleza dos destinos superiores.

O seu mandamento é um só – distribuir justiça, com o ritmo esplêndido dos que sobrepõem ao coração a inteligência, a quaisquer apegos pessoais o dever sagrado, os veredictos que o engrandecem como núcleo onde não vicejam misérias, nem hostilidades, nem perseguições, nem manejos escusos.

No caso a que me refiro, eu sinto a reafirmação do que já disse. Poderia, por se tratar dum confrade, vítima da violência ou do crime, parecer suspeito.

Não o sou.

É que, dentro de cada um de nós existe um pouco desse espírito multissecular que distingue o joio do trigo.

Faço-me, quero-me juiz, também, porque a pena pode louvar males e condenar benefícios.

Não esta, que, como sempre, e neste Bilhete, acha que os membros do Tribunal não fizeram mais do que obedecer ao cumprimento do seu dever, ao dever a que nunca fugiram, nas suas inatacáveis decisões, que são a glória do seu valor, e do respeito que a si mesmos devem, do desprendimento que jamais se lhes poderá diminuir ou eliminar.

Fico-me satisfeito diante dos que reconhecem as suas responsabilidades e cumprem com energia o que lhes dita o seu alto e benéfico encargo.

João A. Penas

**B66**

O Nosso Bilhete

Que me permitam silenciar hoje.

Com a minha comoção e o meu pesar eu me descubro reverente à beira do túmulo de Crispim Mira, que soube morrer no seu posto de honra com a tranqüilidade dos antigos combatentes.

João A. Penas

**B67**

O Nosso Bilhete

*Etienne Stawiarski*

Cientista!

Desde que me conheço, comecei de lhe admirar o método na vida, como quem houvesse traçado uma linha reta segura, sem temor a dissabores comuns aos desorientados.

Chegando ao posto em que Leite Ribeiro o mantém há longos anos, não se lhe deu de entregar-se ao comodismo.

Aprofundou seus conhecimentos, e, no estudo, tornou-se um cientista dos mais prestigiosos, que não conta admiração, porque se enclausurou na sua obstinada e tranqüila obscuridade.

Não me esqueço de que Rabello chamava-o mestre e beijava-lhe comovido a mão, para depois, em cálculos, trocando idéias, grafarem a solução de teoremas difíceis.

Como Brasilíciq, quanta observação astronômica não ofereceu a Flammarion!

E não há muito, soube-o do general Vieira da Rosa, previu a introdução de certos melhoramentos aperfeiçoadores nos aparelhos aéreos, agora creio que em execução na Alemanha.

E soube mais – da sua opinião sobre as diferentes camadas geológicas que se verificam na Serra.

É racional.

E, sem dúvida, só lhe viria dum estudo detido, como a hipótese mais plausível, sem o exagero do absurdo.

A esse respeito, porém, eu desejaria mais longos esclarecimentos.

Não que pretenda – evidentemente seria ridículo – organizar qualquer trabalho, que os meus conhecimentos defrontam círculo estreito e apagado.

Mas, salve-se a curiosidade jornalística, que é insaciada sobre todos os assuntos.

Mestre venerando!

A sua complacência está no dever de atender à minha admiração e simpatia sinceras.

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Padre F. Maute*

Há de lhe ter sido prêmio dos melhores, constatar que os seus antigos discípulos vão ocupando cargos de destaque na administração estadual.

Sei que não nutre ambições, por isso que, ingressando na S. J., se despiu de qualquer interesse, servindo devotamente à religião, como preparando gerações para novos triunfos.

Mas, convenhamos.

O só fato de assim ver os que ontem lhe ouviram as lições de francês ou de história natural ou de outras disciplinas significa o valor do seu paciente trabalho, em que não deixam de figurar os padres Clader, Seldmayer, Alfredo e tantos outros, que os moços de hoje, no seu posto de responsabilidades, jamais esquecerão.

Essa mesma firmeza, essa mesma vigorosa atuação que os distinguem agora, como inteligência e vontades empreendedoras, possivelmente se formaram no ambiente ginásial, onde o método, a austeridade disciplinadora lhes talhou o caráter e o ensino proficiente lhes desenvolveu as aptidões.

Quer isso dizer que os lentes imprimiram ao Ginásio Catarinense uma feição de tal prestígio, que o colocaram em parêlho com os melhores colégios sul-americanos.

Sou, dos seus antigos alunos, positivamente, o mais desamparado de cultura.

Dita-me tal asserção o meu exame de consciência, que, ainda assim, é complacente, reconhecendo que eu havia de figurar entre os mais rudes ou os mais atilados.

Um caso em que eu mesmo me julgo.

Se, porém, me sobra esta faculdade, posso grafar o julgamento de colegas antigos e de bondosos mestres.

Não escapa o reverendíssimo aos últimos.

Avalio os seus estudos, como conheci o seu trabalho no gabinete, ou no museu, estafante, monótono, mas oferecendo a impressão de ser sempre novo, e amenizado, nos escassos momentos de repouso, após a leitura do Breviário, com o seu apego à música, a denunciar um temperamento sensível de artista.

A que virá tudo isso? Indagará.

Admira-se?

Tive ocasião de conversá-lo ontem.

E como admirador, em que não se desmanchou uma simpatia muito sincera, devia-lhe duas palavras, que aqui deixo, nesta secção, em que nem sempre sei tornar-me agradável.

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Willy Busch*

Deu-me você ontem, no *Macedo*, um quarto d'hora de emoção, de que partilhou esse artista de estirpe, que é Manoel da Nóbrega

Nunca, no *Metropol*, a tive igual, sob a execução de valsas londrinas – como impregnadas de nostalgia ou da tristeza dos que se deixaram vencer na vida – ou de trechos do *Guarany*, em que todo vibrei ao acordar do bocado selvagem da minha raça.

Ao abrir o piano, senti que o teclado tinha um irônico riso de marfim, compreendendo, quem sabe?, estados d'alma, que poderia, sob dedos ágeis e sentimento pouco expressional, transmutar, ao toque de músicas ligeiras, esfumando o sentimentalismo que os senhoreava.

*Kiss* clareou profundas trevas envolventes, reconstruiu de ruínas, que trago comigo, castelos novos, com suas ameias, barbacans e ponte levadiça, de sonho e de esperança...

Depois o silêncio...

E foi um desmoronamento, pelo regresso à realidade angustiante da vida!

Minutos que tais, pagam bem a tortura que, não raro, nos dilacera.

E você Willy, picando comoções, revelou-se mais uma vez o artista modesto, que se identifica com os trechos escolhidos, arrancando ao teclado carícias demoradas, de dedos longos e macios, carícias de seda, e logo rugidos de paixões revoltas, fazendo lembrar certas telas e certos quadros, em que o desespero cria atitudes d'amargura, misérias ou desgraças humanas, d'olhos nas alturas, a estorcer os braços, como no soneto cruz-e-souseano...

A hora era impressionante, favorecendo o desfio de recordações, coisas de saudade, de sofrimentos, de ilusões, que são a legenda da ânsia com que buscamos a perfeição, e recaímos na vertigem e no desconsolo do dia-a-dia.

Ah musicista amigo!

Se você se lembrasse da *Valência*, que tom funambulesco não inundaria o nosso embevecimento, e esse instante de gozo espiritual que nos embalou, que nos prendeu e nos deixou as mãos frias!

Muito grato, Willy, pelo suplício amável, longe da ronda dos sapateados, das músicas farfalhantes, que são carnavais intermináveis!

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Vieira da Rosa*

General!

Folheando a Corografia de Santa Catarina, soube admirar o seu esforço, que não visa remuneração, mas pretende que tenhamos o de que carecemos, como reafirmando a vontade de se eliminarem falhas.

Da sua vida conheço trechos esparsos, nesse perlustrar terras catarinenses, com a energia e o devotamento dos que, sob um enternecido amor filial, não esquecem a colheita afanosa de dados, desde há trinta anos.

Ao seu estudo não norteia, apenas, o levantamento de cartas, mas a multiplicidade de assuntos que se prendem às riquezas do nosso território.

Essa inquietação de produzir, de elucidar pontos obscuros, de se não tornar inativo, poderia parecer absurda, para quem pode dedicar-se ao repouso.

Mas, você não o quer.

Sente-se mal.

Porque, numa grande colméia, os capazes não encaram dissabores, reúnem esforços dispersos para formação dum núcleo de trabalho produtivo, consoante ensina Faguet.

Pouco se lhe dá a você que atravessando o planalto ou o litoral, num detido exame, defronte dificuldades.

Pode vencê-las.

E vence-as.

É do seu feitio.

Mais, é da educação dos que se não arrasam na indiferença o deixar fixada a sua vida como um traço de inteligência útil, em desafio a desânimos.

Sei-o, e já me disse, de idéias próprias, em que – vá à conta de fraqueza – há pontos que eu tenho e continuo combatendo.

Para a mentalidade ambiente, não pode haver o comentário subterrâneo, redundando em conseqüências puramente graciosas.

Provocam desprezo.

E ouvidos moucos, é a terapêutica que já aconselhavam velhas organizações infensas ao boquejar pícaro, mas inofensivo.

Eu, de mim, não lhe dispenso no cavaquear diário as informações preciosas sobre assuntos da maior transcendência.

Ainda que a compreensão da ciência esteja a mil léguas de distância, sempre me apraz ouvir a sua opinião, que é de mestre.

E, não reparou.

No transmitir-me conclusões sobre estudos e observações suas, já me vou servindo de termos técnicos, com noções de geologia que se ampliam, de modo que, amanhã, ou depois, na lida diária, poderei discutir assuntos em que a sua palavra se afirma autorizada e irretorquível.

Note, mais, que o que me atrai não são os seus galões, mas uma determinada afinidade intelectual, em que saio com lucros através dos notáveis conhecimentos da fauna, da terra, da flora catarinenses.

Não me seduzem galões, é verdade.

Mas, como soldado brasileiro, de surpreendente atividade, tiro-lhe o meu chapéu de paisano.

E aperto-lhe cordialmente as mãos.

Como até aqui,

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Zenon Leite*

Quando passei em Paranaguá, não tive a fortuna de o encontrar. A cidade parecia adormecida, e, todavia, o seu movimento paralisado indicava, como em Joinville que cada um estava curvado sobre o seu trabalho.

Depois da vitória, que o pensamento de Crispim Mira visionou, mais nos aproximamos, mais nos conhecemos, na afinidade de sentimentos que nos orgulham, porque vêm do coração.

Entre os dois Estados e mesmo os três do sul-Brasil, não existem, não podem existir fronteiras.

A alma é uma só, e não nos guia outro ideal que o do engrandecimento da pátria comum.

De minha parte, com Raul Gomes, o adorável escritor do *Desespero de Cham*, procurei manter o contínuo intercâmbio intelectual, que a *Cidade*, de Laguna, e o *Estado do Paraná*, de Curitiba, intensificavam.

Não foi um esforço perdido.

Não o poderia ser entre gente que se compreende e se ama.

A você, pela tenacidade com que transpõe os mais vultuosos obstáculos, dedicando páginas da excelente revista *Itiberê*, à terra catarinense, cabe uma grande parcela desse fecundo tentame.

A preocupação de disseminar produções dos nossos beletristas, de estampar vistas deste Estado, vale pelo melhor testemunho da amizade que nos une indissolivelmente, e que, mercê de Deus, contando vontades fortes não poderá temer vicissitudes.

O número especial de *Itiberê*, com homenagem ao senhor Adolfo Konder, significa a satisfação paranaense pelo administrador que, seguindo as suas próprias inspirações, demonstra ao país que acima da contemplação da nossa geração em cargos públicos está o valorizar o esforço que produz, armado numa fortaleza que se não quebranta e numa grande fé em que havemos de realizar o que aspiramos – oblata do nosso amor à grandeza da Pátria.

Você vai regressar.

Que as minhas palavras sejam um apertado abraço e consubstanciem os melhores votos pela sua felicidade e pela felicidade da terra paranaense, que considero minha, e onde não me senti nem me sentirei estrangeiro.

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Francisco Fagundes*

O desembargador Boiteux acaba de me enviar notícias de Martinho de Haroe de Gualberto Veiga.

Interessa-lhe mais o primeiro.

Afirmo-o com firmeza.

Porque, meu caro deputado, a sua boa-vontade soube amparar o artista desprotegido, através de providências firmes, que não enfraqueceram, conseguindo, com o estímulo necessário, o aproveitamento do jovem pintor.

São Joaquim, terra natal deste, não foi indiferente ao gesto.

Imitou-o

E o governo, por sua vez, dispensou-lhe a sua atenção, de sorte que Haro já se encontra no Rio, estudando com a sequiosa pressa dos que não desperdiçam o tempo e querem tornar, pela arte, maior o nome da sua terra.

Auxiliado pelo ensino de mestres insignes, Martinho prepara-se para ingressar na Escola de Belas Artes, de onde, forçosamente, há de sair com a palheta e o pincel dos artistas de justo renome.

Lá está Boiteux o conselho e o vidente das organizações capazes – a desmanchar-lhe amarguras ou longes de nostalgia.

Martinho vive para o seu estudo.

Não o satisfaz?

Não é a certeza de que não malbaratou o seu interesse a favor dum artista irrevelado, sem estudo, fixando em telas a maravilha de concepções que nos fizeram seu admirador sincero?

Transmito-lhe a notícia, para que você, consigo, tenha a delícia, a alegria de haver praticado uma das mais meritórias ações, fora do campo político ou administrativo.

E porque sou regionalista, bebamos o nosso chimarrão satisfeitos, como um brinde ao serrano ou catarinense que há de brilhar, porque o quer e o merece.

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Dyonisio Sousa*

À hora em que escrevo vai você de regresso ao Rio.

Não posso, todavia, deixar de fixar nestas linhas a minha simpatia afetuosa, e a minha admiração pela sua atividade incansável.

Conheço o Telégrafo.

Nele há funcionários que se enconcham na sinecura, lamentavelmente, na inércia do esforço, que poderia produzir resultados eficazes.

Não particularizo casos.

Mas, os há, também, como você, que me dá a impressão de não conseguir cruzar os braços, pesar dos vencimentos pontuais em qualquer das duas hipóteses.

Basta ver-se o seu interesse pelo desenvolvimento da telegrafia, pela difusão das estações radiotelegráficas, para que se tenha a medida do que pode realizar.

A funcionários que tais – exemplos de energia – devem estar reservados, se o senso selecionador não é uma burla, uma mentira convencional, postos de distinção, que saberão desempenhar com o máximo devotamento.

No cardápio do almoço de ontem leva você muitas assinaturas.

Lá figurei, e com que satisfação!

Ao nome baço ilumina-o, contudo, uma profunda admiração, pelo que você tem feito e pelo que há de fazer.

É o nome dum amigo que aqui você deixa, e que muito o quer, de coração.

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Lavrador!*

O reflorestamento já me prendeu a atenção, e procurei, como o faço ainda, ativar-lhe a propaganda.

Bem sei que o assunto não deixa de inspirar tédio aos que se volvem para o noticiário de sensação e admiram, do mesmo passo, a evolução no exterior, deslembados de que nos basta estender os braços para que obtenhamos o que fixou o nosso desejo. A força está em nós mesmos, latente, mas na indecisão prejudicial aos nossos próprios interesses.

Tens o senso da realidade, e o eito alarga-se, arroteado pelo teu punho forte, regado pelo teu suor de sementeiro infatigável.

Galgas colinas, e à força de queres produção volumosa, fincas o machado num vai-e-vem contínuo nos “gigantes vegetais”, que rangem, se estorcem e caem, reboando pelos grotões o seu grito de morte...

Ao tempo da safra, a tua mão calosa recebe o incentivo criado pela tua dedicação, e já te esqueces de que, provida a tua arca, hão de sobrevir conseqüências que a geração que formas há de vencer a custo.

Entretanto, que te custaria fincar sementes nos montes, donde a água brota, fecundando a gleba e dessedentando os que te acompanham no ignorado afã de destruidor.

Depois, males que se seguem, e que Afrânio Peixoto descreveu – a terra é o teu amor e a tua certa perda...

Onde há salubridade, se pões a nu os montes que te circundam, e não curas do replantio de outras árvores, ou não poupas arbustos que farfalham sentinelandando as nascentes, esparramando a sombra benfazeja que as protegem e te defendem nas horas de descanso, em que o sol a pino vermelheja, como chaga presa ao fumo alto das queimadas?

Reflete.

No recolhimento dominical traceja o seu plano, cerrando arestas, lembrando-te que as matas valorizam também a tua propriedade.

Não é um conselho que te ministro.

É uma advertência que te faço.

Derrubas a madeira-de-lei, auferes provento, mas onde, futuramente, [encontrarás] essa fonte de renda?

Supres a necessidade do momento, mas não meditas na situação futura que preparas despreocupadamente.

Concorda em que tenho razão.

E é para teu bem-estar que aqui transcrevo diversas máximas da Sociedade dos Amigos das Árvores, da França.

Belos ensinamentos que não te custará gravar na retentiva e que contribuirão, por certo, para que a tua vontade amplie horizontes e fortaleça indispensável providência:

- Abate, mas replanta.
- Floresta que perece, fonte que seca.
- Corta pouco e planta bastante.
- Plantaí árvores, as árvores ajudar-vos-ão.
- Cem árvores a mais, uma inundaçã a menos.
- Cortas uma árvore: é o teu direito. Planta duas árvores: é o teu interesse.
- Planta uma árvore: fazer pouco, haver bastante.
- Um país sem árvores é uma cara sem olhos.
- Uma paisagem sem árvores é uma casa sem crianças: o tédio a invade, a desolação a espreita.

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Viriato Garcia*

A ação vigorizante que o senhor Adolfo Konder vai exercendo, em todos os departamentos públicos, amplia-se cada vez mais, atingindo os meios mais afastados.

Não dou licença a ninguém de conhecer melhor que eu esse bocado do planalto que é Nossa Senhora do Socorro.

Pois bem.

Da minha observação detida sobressaiu a conclusão do abandono em que vive.

Dir-se-ia uma aldeia morta, sem movimento, figurando apenas como um ponto intermediário de trânsito entre São Joaquim e Lauro Müller.

Que fazer?

O espírito de iniciativa tem proporções de decisivo dinamismo. Mas, dentro de curto prazo, morre entanguido.

E nele não se fala mais...

Agora tenho notícias duma tentativa que, reunindo os fazendeiros sob uma só vontade, poderá tornar-se vitoriosa.

Você sabe as condições da estrada de rodagem. É a pedreira, é o charco, é a subida e a descida intermináveis, entre “corredores”.

Se cada um contribui com o seu auxílio, se a Companhia de Lauro Müller e a Superintendência daí entram com a sua cota, não será difícil construí-la.

Está no interesse de toda a região da costa, que não prescinde da comunicação permanente com os centros produtores de serra abaixo, onde se abastece de mantimentos e onde coloca os seus produtos industriais.

Ninguém, que eu pense, poderá ser insensível a esse belo gesto, duma alta compreensão do futuro joaquinense.

Rasga-se um veio.

Descongestiona-se um centro de atividade, prejudicado há bastos anos pela dificuldade de veicular ao litoral o resultado do seu esforço constante.

Parte esse gesto de Bom-Jardim.

Satisfaz-me, pelo muito que quero a essa terra.

Verdade é que a localidade não tem importância notável.

Mas cresce na minha admiração, porque se arranca ao torpor, seguindo o exemplo dos municípios de relevante importância.

Em suma, como já me dizia um velho estancieiro, encontrou na sua debilidade forma de vencer obstáculos.

Ou usando a expressão do meu amigo: “fez da fraqueza forças”.

Forças que hão de reflorir e dar o sazonado fruto dos melhores benefícios.

O Nosso Bilhete

*Presidente da maternidade*

Tenho lido mil e um louvores ao estabelecimento que dirige, e deles partilho, pela significação filantrópica que enobrece o povo da minha terra, desde os difíceis tempos desse sementeiro de obras de caridade que foi Irmão Joaquim

Sempre insatisfeito, porque tinha o ideal de realizar cada vez mais, de amparar os a quem a vida rola para a desgraça, morreu, talvez, com a amargura de não haver prolongado mais a sua missão consoladora dos aflitos...

Eu o imagino assim.

Sem orgulho, encarava o já feito como um minúsculo grãozinho de areia, diante do seu formidável desejo de socorrer tantas misérias, de evitar tantos andrajões, batendo para um fim social dos mais elevados, que ao mesmo tempo era diminuir o censo dos crimes...

Era um homem, e era um santo.

Como aquele, torturava-o a ânsia construtiva.

Idéia fixa, que não temia tropeços.

E como este, na sua humildade, não se dava à ambição.

Amava o mendigo, queria o arrimo ao desprotegido, impondo-se missão de piedade e consolo.

Plantou o roble que se alteia, com a fé dominadora que é para nós um orgulho límpido.

Tenho, para mim, que a Maternidade é o reflexo da obra do apóstolo catarinense da bondade, que redime erros, da piedade que multiplica bênção.

Inaugurado, dá gasalho a necessitadas, salvando da desgraça seres que se estorciam em sofrimentos e desesperos.

Mas, procurando-se dar denominações a enfermarias, não seria justo esquecer um nome que resume um modelo de virtudes.

Nunca se lhe fechou as mãos aos que tinham fome e o frio cortava.

Tão viva é a sua recordação entre o povo de Florianópolis, que me eximo de prolongar este bilhete, descrevendo-lhe os atos, tocados dum nobre espírito de benemerência.

Basta citar-lhe o nome – Etelvina Luz, a querida dona China.

Espero de si e dos seus companheiros a adoção do alvitre que aqui deixo. O senso julgador e a saudade desse vulto feminino que soube ser paradigma de impulsos caritativos hão de inspirá-los.

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Amadeu Luz*

Descanse um pouco a pena com que você, juiz às direitas, lavra uma sentença.

Deixe de parte a sua autoridade.

Que eu falo ao amigo, ao quase irmão, como houve você por bem me chamar.

É que não posso deixar de lembrar, sabedor do aniversário da morte de dona Etelvina, o seu perfil de santa.

Dir-se-ia estar esquecida, na memória dos que lhe mereceram, nas horas de dor, a palavra do conforto e o óbulo da piedade.

Mas, não.

Não tive a ventura de conhecê-la pessoalmente, e da sua vida possuo dados esparsos, que me não permitem considerações ambicionadas por estas linhas, em que a pena vibra comovida, recordando a companheira de Hercílio Luz, o mestre e amigo.

Falei nesse temerário que foi uma força, e que no ostracismo ou no poder, distinguia inteligências, com o profissional esquecimento dos que lhe haviam de morder as mãos, e ir ao seu túmulo num penitenciar ridículo na sua contrição...

Como você, eu era ainda o pirralho ginásial, mas não me deslembro das lutas em que se empenhava, dominando, guiando o povo, com aquele impulso decidido e aquela vontade inquebrantável que eram o segredo do fascínio.

A praça 15, como agora, sempre foi um foco de irradiação, em que as mentalidades por esse orgulho que une catarinenses ou por essa união indissolúvel que nos é tradicional se confundem satisfeitas com a multidão.

Foi teatro dos seus combates, de que se não afastava, pelo seu espírito de batalhador incansado.

Mas, havia quem lhe desse nas horas de amargura ou desesperança o incentivo de maior força, acompanhando-o, com destemor, e com a sensibilidade dos que amam a soberania popular.

Dona Etelvina luz.

Tinha ímpetos de coragem que envergonhava aos pusilânimes, e ao lado de Hercílio, o seu vulto crescia na admiração e na estima geral.

Mas, recolhida ao lar, onde o grande lutador descansava, cercado pelo amor de vocês todos – filhos amantíssimos – que transição!

A revolta mudava-se em afeto, e à partilha arriscada dos arremessos galvanizantes do esposo, o carinho suave, que só as mães sabem dispensar com o coração desbordante de amor.

Eu imagino essa vida agitada de mulher, desprezando perigos, arrostando ameaças, sem medo a derrotas, ao lado do homem que era o seu mais legítimo orgulho, e pelo qual triunfo não encontrava desfalecimento.

O resto – o que de pureza e de bondade lhe tomava a alma – você o sabe,

Amadeu.

Companheira dum organização de fidalgo, dum dos nossos mais prestigiosos estadistas, visionador consciente, criador de destinos, não se dava ao comodismo, e, mãe ou esposa, sentia-se satisfeita em distribuir o seu pão com a pobreza, de que foi uma verdadeira protetora, que tinha a virtude de não transmutar em *réclame* essa solidariedade com que amparava os famintos e os desgraçados.

Você há de se ter ajoelhado, em oração e em pranto, trasanteontem, diante do seu retrato, na gratidão dos que seguiram rota determinada na vida, pela influência convincente da alma maternal.

E eu me descubro, reverente, porque, de mim, sei quanto pode a bênção dum querida mãe.

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Henrique Fontes*

Muito me apraz a notícia das homenagens que lhe têm sido feitas em Curitiba.

É a justiça em toda a sua amplitude benéfica.

Separados por uma questão secular, a que pôs termo um acordo – significando desejo reconciliador, alto propósito de se romperem malquerenças entre irmãos, ambos os Estados se revezam em amabilidade, procurando atear fogo desse fraternal amor que o tempo cortou em parte, e a qual ausência seria hoje um injustificável erro, impatriótico sob todos os aspectos.

Os paranaenses têm o dom fascinante de cativar, através de sadias gentilezas.

E você, bacharel ilustre, bem as merece, como figura representativa da nossa mentalidade.

Não há exagero.

Há consciência na fidalguia, que o tem distinguido, há a certeza no aferir valores, pondo-se de parte a tradicional hospitalidade da terra dos pinheirais.

Fico-me satisfeito.

Vejo, sinto que o intercâmbio entre os dois Estados não morreu no platonismo das frases buriladas.

É uma realidade.

Positiva-se em fatos.

Mas, fatos que comovem, porque já não há fronteiras que empecem essa ligação agora mais que nunca, indissolúvel, e a que, do meu canto emprestei uma parcela do meu diminuto esforço.

Não é a você que cabe agradecer a essa gente forte.

É a Santa Catarina, tão bem representada e satisfeita da união que mais e mais se solidifica.

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Tavares d'Amaral*

Nada mais comovente do que o gesto de Beires, em terras adustas da África, abandonando a *nacelle* do *Argus*, despojando-se da sua glória e da sua perícia, para ceder passo ao segundo piloto.

Não era a competição pessoal.

Era o anseio pátrio, a querer com o sextante de Gago Coutinho sob o religioso tremeluzir do Cruzeiro do Sul, seguir, de alto, o destino das caravelas descobridoras, na reafirmação de orgulho e de fé raciais.

Portugal, na sua disciplina e na confiança do vôo triunfal, deixou-se ficar, na angústia dos a quem não realizam sempre o seu esplêndido sonho na vida, seguindo o aparelho, a distanciar-se, diminuindo no horizonte, levando-lhe o coração emocionado e a prece fervorosa, ou a lágrima agridoce.

Que tortura íntima!

Partir ou ficar...

Optou pelo segundo, libertou-se à ambição dos festivais estonteantes, ao pisar solo brasileiro, no sereno estoicismo dos fortes, que não negam à Lusitânia das conquistas maravilhosas o seu heroísmo, que é a renúncia.

E que lindo gesto!

Talhando o espaço, o *Argus* deve-lhe parte do seu sucesso, através do seu desprendimento, do seu firme propósito.

Com a mão em concha sobre os olhos, viu afastar-se a nave segura, e o seu isolamento iluminou-se, porque as grandes vitórias não prescindem também de sacrifícios...

E esse soldado que as condições d'então escolheram para a desistência duma realização de Beleza avulta na sua abnegação, reivindicando para a terra portuguesa, terra-gêmea nossa, o singular desprezo pela consagração do seu nome.

Eu tenho a impressão duma notável coincidência.

Da Ibéria, olhos portugueses se aguçam à curiosidade patriótica, e o *sursum corda*, vibrado ao noticiário telegráfico, se fixa nas quinas, que nos deram páginas inesquecidas de bravura.

Portugal se agita, unido na mesma sensibilidade, seguindo a esteira luminosa que o hidroavião foi deixando em via Láctea pelas alturas.

E essa esteira deve ser, do mesmo passo, a alma desse outro Portugal, que deixou o seu lugar, o seu posto, mas deu ao mundo o exemplo duma renúncia que a história não esquece, nem esquecerá nunca.

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Dr. Jorge A. C. Bleyer*

Se me não engano, foi com Martinho Brasil que o visitei certa feita.

Sabia-o membro da Academia Nacional de Medicina, e a privança era para mim uma delícia, indiferente que sou de aspecto, e curioso importuno que sou de índole.

Uma palestra com o cientista sem vaidade ou reclamo vale mais que o manuseio de compêndios, pelas perguntas elucidativas que faço e que me não respondem...

Assim, diante da sua dedicação, do seu cavalheirismo e da sua inteligência, eu me senti à vontade, com este temperamento de observador, de esmiuçador de detalhes, que podem ser esquecidos, é verdade, mas que não deixam de impressionar-me e, relembrados, pingar da pena.

A sua estada em Araranguá, nas velhas furnas, forneceu-lhe um cabedal de subido valor antropológico, de que se serviu para o douto memorial dirigido à associação científica já aludida, e que foi traduzido em inglês, o que significa o seu incontestável acerto e a inestimável achega para os estudos de tal natureza.

O paleontólogo de eminente pertinácia conseguiu reunir espécimes valiosos, dos quais ainda me recordo – o crânio e o maxilar inferior, atribuídos às extintas raças selvagens, de usanças primitivas, que habitavam as grutas do sul-catarinense.

Com a paciência de quem se não afadiga no estudo científico, à maneira do minerador, profundou encostas, arrancando-lhes fósseis, para a reconstituição duma vida apagada há séculos.

O crânio e a mandíbula a que me refiro poderiam ou podem reforçar a teoria de Darwin, já pelo recuo da frente, já pelo afiado e conservação dos dentes, o que me faz sonhar com o homem da caverna, maça ao punho, grunhido, peludo e coberto de peles.

Conjecturas?

Di-lo-á você, amigo ilustre, a quem afoitamente penetra a sua seara.

Deve preocupá-lo a origem da espécie.

Mas a mim, que não chego, em conhecimentos, ao *homo sapiens*, basta-me a civilização em que vivo, numa suave ignorância, confundindo-me com o presente, lendo, vezes, as aventuras de investigações, mas satisfeito com as imposições convencionais, com o noticiário d'alarme, e com a leitura dos *placards* cinematográficos...

Influência do meio?

Concordo.

Mas, que adorável influência, que lava o pesadelo de, em horas de repouso, ter ao meu lado, a barbaça de trogloditas, a mim, que nasci para o rabisco apressado, para a luta vertiginosa da imprensa!

Admirador e amigo de sempre,

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Gelta de Vasconcellos*

Abro, neste momento, um folheto que me dá notícia de Inocência da Rocha, a jovem pianista nascida em Blumenau, e que a imprensa parisiense não se cansa de homenagear, através duma crítica que é admiração e simpatia.

Há de lhe fazer bem o comentário elogioso, que distingue o mérito.

E porque também se fez intérprete dos grandes musicistas, não será demais que, em terra catarinense, à véspera dum concerto, eu lhe diga que não pode nem deve considerar-se estranha.

Já a fatigante citação da frase ruybarboseana dogmatizava – onde houver um palmo de terra brasileira, aí estarei na minha pátria.

Ao espírito da minha gente, não é concebível que haja fronteiras para a cordialidade, para o dever hospitaleiro.

O seu nome merece especial menção, ligado que se acha, por via do esforço paterno, à história política do Estado.

Sabe-o, pois não?

Quando Hercílio Luz, figura de diplomata, de político e de lutador resistente, chefiava, anos que se foram, o movimento oposicionista em Santa Catarina, tinha a seu lado, na *Gazeta Catarinense* uma pena que era clara, através da superior argumentação combativa, firme na enunciação do pensamento, e que, sem baixar ao terreno em que se digladiam os verrineiros reincidentes, interpretava a vontade popular, consubstanciada na obediência a um ideal elevado, a princípios preestabelecidos.

Distinguia-o a coragem.

Impelia-o a coragem.

Estimulava-o a certeza de haver esposado boa causa.

Destacava-o a serenidade julgadora na rija refrega.

E foi um vencedor.

Era Olegário Vasconcellos...

Anos que se foram...

E transcorridos, a sua visita é para nós mais do que uma gentileza, a afirmação de extinguir saudades no teatro em que seu pai viveu a vida intensa dos grandes combatentes.

Que orgulho para si e que satisfação para nós, inesquecidos da colaboração dos fortes e dedicados!

Vou, pois, ouvi-la com duplo entusiasmo; à “virtuose” que a inteligência interpretativa, em nuances, com a segurança do colorido e da técnica, fascina, e à filha amável do jornalista que foi companheiro do vulto a quem devo, pelo exemplo e pelas atitudes, a maior parte do quase nada que sou!

O Nosso Bilhete  
*Silveira Penha*

Eu não sei se pela influência do amor materno, que é o meu mais límpido orgulho na vida, acostumei-me a ser solidário com a infelicidade, antes que o ser com os triunfos chocantes ao meu espírito emotivo, suas vezes retraído, e no linguajar elegante – retardatário.

Ferido de alto por essa força a que ninguém foge, admiro em você o resignado, submetendo-se às exigências cirúrgicas, de sorte a ver suas pernas amputadas acima dos joelhos.

Do homem de letras que você foi, não é difícil a qualquer esquecer, desde que a amargura do sofrimento o senhoreou, levando-o ao leito do hospital.

Mas, há ainda solidariedade diante da dor, abrindo mãos que acariciam e que amparam.

Não sou um pessimista, nem vou ao exagero de otimismo que se diluem em palavras.

Julgo-me a mim próprio, abro a minh'alma e convenço-me que a minha bondade, essa bondade, posso dizer, hereditária, que me cria mais inimigos que amigos, equilibra o que há de falho no meu temperamento.

Não é uma *réclame*. É um depoimento de fé e de crença, que cada um tem o seu ciclo traçado na vida.

Comovi-me com a sua desgraça, que poderá amanhã recair sobre mim, como sobre qualquer dos que passam em contato com a nossa vida.

Você não está esquecido.

No seu leito, dá-me a energia surpreendente dos que se não deixam vencer.

Pobre, não de socorrê-lo amigos, para que, com a aquisição dum aparelho ortopédico, possa regressar ao trabalho, absorvido em produzir, com a satisfação de suar sobre o seu pão.

É honradez.

E é exemplo duma força de vontade que não se tornou exausta e se sente capaz de oferecer o esforço precioso que uma cadeira de rodas inutilizaria.

Receba a minha alta homenagem e a segurança da minha profunda admiração.

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*João Areão(Laguna)*

A você e a Álvaro Carneiro devo o preito da minha admiração, que consigno nesta coluna.

Já Orestes Guimarães me falou respeito à sua tenacidade.

Concordei. Há exceções entre os que se dedicam, pelo espírito patriótico, a uma tarefa que, nem sempre compreendida, vale pela recomendação do esforço que não se deixa vencer e que sobe de valor por não cogitar de ambição pecuniária.

No governo passado, eu sugeri se estabelecesse o uniforme de escoteiro para uso dos colegiais, adotando-se a mesma disciplina.

E veja você, não fui original, desde que em São Paulo o escoteirismo se infiltrou no ensino, e o grande Estado conta milhares de *boy-scouts*.

Nem todas as idéias pegam, porém. Eu sonhei uma educação das mais perfeitas, mas, ou por não conseguir defendê-la, ou porque o ambiente fosse refratário, notei-lhe o entangido das raízes, que murcharam e morreram numa diretoria transitória e distraída do assunto.

Com os escoteiros lagunenses já se não dá o mesmo.

Não têm prestígio oficial, é verdade, mas encontram na própria vontade, no tradicional apelo às belas causas, força que vença dificuldades.

Os mandamentos que Álvaro Carneiro tracejou para os seus “meninos” são lapidares.

São uma taboa de fé, em que o seu cumprimento traz ao escoteiro o sabor íntimo duma vitória que, não raro e sem que o melindre, passa despercebida.

A atuação de cada um se desdobra, e eu mesmo não deixei de ficar atônito e comovido, ao ver, certo dia, um deles atirar-se ao mar, com roupa e calçado, a salvar a vida duma criança, mal precatada do perigo.

Instituições que tais não devem morrer, não podem extinguir-se, pois que duplo é o seu fim: a educação patriótica e a profilaxia social.

Servem à sociedade, e servem ao país.

Necessário é, entanto, que se propague, através das iniciativas encabeçadas por inteligências superiores.

Da abnegação de vós ambos, têm resultado frutos ótimos. É a compensação para os que não sensibilizam dissabores.

E, ao fim deste, sempre será oportuno que eu relembre René Rollin, o companheiro incansado que vocês perderam, e que tinha a preocupação máxima de mostrar que os escoteiros do sul podem ombrear-se com os do norte, seja na emoção que a mesma bandeira acorda, seja no desprendimento que os irmana no heroísmo obscuro, mas esplêndido.

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Inácio Pereira*

Conta Simões Lopes Neto, o inimitável regionalista gaúcho, nas *Lendas do Sul*, referindo-se aos “Serros Bravos”:

– Dos mortos por seu castigo, alguns não ficaram bem mortos e ainda estrebucham, curtindo dores.

E como ainda estão meio vivos, quando algum vivente quer tirar para sua cobiça o ouro – que é os seus nervos e que doem – os Serros, esses, enfurecem, e por força de encantamentos somem-se, rasos, ou atiram de uns para os outros, temporais medonhos, que eriçam o cabelo e prendem o passo dos homens, mesmo os mais desabusados. E se eles teimam, morrem. –

A credence que o desventurado escritor enfeixou no seu populário tem semelhança com muitas outras, em versão e uso na nossa terra.

Raspando a Serra do Rio do Rastro, trepando-lhe a ilharga, não se deixa de, nas voltas alicerçadas, ter uma profunda admiração pela vontade que dominou a natureza abrupta, de flancos ameaçadores, como ponto de defesa inatacável pela ousadia empreendedora do homem.

Fez-se a estrada.

E vez por outra parte das encostas abala-se, rui, reboando nos taimbés escuros, como um grito de vingança.

São as barreiras.

Pelada, com a indignância da vegetação, a que mão malfazeja, pela seca, ateou fogo, mal escorram águas do alto, notam-se vincos no terreno em rampa, que se fende e cai sobre a estrada com a rapidez dum enorme vagalhão.

Cedo ou tarde, se se não quiser aplicar ali um vultuoso capital, a serra só será transitável pelos mais ousados, escoteiros, por que possam fugir aos perigos.

Há ali também sua crença.

Quando se construíram os alicerces morreram vários operários, esmigalhados sob a avalanche ou atirados para o abismo.

Não é difícil divulgar-se, a certos trechos, a cruzinha de ferro assinaladora, com o tremeluzir de velas, que se gastam e escorrem pelos beirais das pedras, atraídas possivelmente pelo grotão profundo.

E quando ao piso da animalada o tropeiro entoia o seu cântico de aboiar, há uma vibração derredor, como se a alma dos sacrificados estremecesse nos desvãos das montanhas, de saudade ou de ódio...

Dizem que à noite há cachoeiras bulhando, correntes em arrastão e fogos-fátuos que cegam.

...Os nervos da Serra, que doem, têm o seu supremo gozo de desforra, nessa ronda que suplicia, quando não põe o andante a malucar, ao coice da tropilha que avança, desprevenida, quieta, retoicando a relva que viceja no beijo dos taimbés...

João A. Penas

O Nosso Bilhete

Rodrigo Júnior (Curitiba)

Insisto que devemos tornar mais intenso o intercâmbio intelectual entre os nossos Estados.

Ainda não lhe pude agradecer, como devera, com um forte abraço, o livro que você me enviou, grafando uma dedicatória de simpatia e, possivelmente, de amizade.

É você dos mais fascinantes artistas paranaenses, talvez o menos conhecido aqui, a despeito de sonetos seus que andei a pôr em letras de forma.

Deve lembrar-se que Raul Gomes, rebelado contra dificuldades, vem conseguindo, com todos vós, soldados fiéis da mesma cruzada, espalhar as obras primas da mentalidade de Curitiba.

Poder-se-ia tê-lo no juízo de ideólogo.

Mas, não.

Tracejou uma campanha que não morre, acutilando a indiferença dos que sabem e não querem ler, por força duma preguiça atávica, moleirões, derreados no comodismo, entre o fumar do “príncipe de Galles”, o *cocktail*, e a *chaise-longue* onde cortam o ambiente com a radiotelefonía nasal...

E basta para que se evidencie o desprendimento da empresa editora o fato de não visar lucros e procurar, apenas, salvar despesas do material empregado.

É um lindo exemplo.

Mas, quem o segue?

Há Estados em que o meio literário não passa dum saco de gastos.

A preocupação não é de elevar as letras, através de unidade de pensamentos e propósitos.

É a de estabelecer graduações, a jeito de milícias, com o indefectível espírito de prioridade, que significa o “mata-pau” das boas-vontades.

Entretanto, o vício tem exceções.

De mim, confesso que em Santa Catarina não há a vibração que seria desejável, mas, acredito que, tarde ou cedo se congreguem os mais fortes elementos, promovendo realizações de inestimáveis vantagens literárias.

Ativando-se o intercâmbio, é como se se pusesse em contato com os núcleos de arte uma força galvanizadora, corrente-elétrica que resplenderia nas mais surpreendentes vantagens, por despertar nervos prematuramente cansados e atrair inteligências à mesma tarefa patriótica.

Emoção não nos falta, no carinho que preside ao trato de grandes intuitos.

Já se não poderá afirmar que vivemos insulados, desde que o Paraná não se afadiga em conhecer-nos.

Mas, para que se complete a obra maravilhosa, a luta magnífica deve romper barreiras, até o Rio Grande, onde viçam talentos admiráveis, para, ao depois, tomar São Paulo, formando-se um ritmo de esperanças e de trabalho.

Não acha você?

A dispersão é o nosso mal.  
O congraçamento das mentalidades que produzem será o nosso supremo bem.

É isso o que observo, sem desculpar o desamparo em que vige essa missão de conquista, que exige maior número de bandeirantes.

Como até aqui, afetosamente,

João A. Penas

O Nosso Bilhete

*Rodolfo Weickert*

Sou solidário com as homenagens que lhe foram prestadas pela alta sociedade lagunense.

Raros esforços se me deparam como o seu, prestigiando todos os movimentos em prol do progresso de Laguna, que ama como se aí tivesse nascido, e que merece [ser] amada pela impressão de beleza que causa a todos e pelo adiantamento a que já atingiu.

Gerindo os negócios da firma Hoepcke, conseguiu você imprimir-lhe tão fundo cunho de seriedade comercial, que a torna preferida nos mercados sulinos.

Foi um grande trabalho.

Uma forte luta.

Porque a lei de concorrência não distingue, as mais das vezes, meios de vencer, nem perdoa a vitória que se vai alcançando com seriedade e pertinácia.

Ao esforço paciente, desenvolvendo-se, alargando-se, impondo-se, deve você a confiança da firma que é, sem ilusão, uma das principais do Brasil.

Mas, organizado o mecanismo comercial do sul, com o funcionamento dum aparelho sem defeitos, aproveita você as horas de descanso para colaborar na atividade que empolga o povo lagunense, já figurando e trabalhando com inteligência junto à administração municipal, já dedicando forças à evolução social, sob os seus variados aspectos.

Quem assim age, sem temer dissabores, como que não estranha o seu destino na vida, tem de se fazer alvo da estima, da simpatia e da admiração gerais.

Daí a manifestação justa que lhe fizeram há dias, traduzindo um reconhecimento afetuoso e sincero.

Diz-se que o lagunense é bairrista.

Não lhe fica mal, desde que se cate pela grandeza da sua terra, terra de glórias e heroísmos imarcescíveis, onde a história catarineta foi buscar páginas das mais iluminadas para o seu tesouro magnífico.

E, diante da espontaneidade do regozijo, a que você correspondeu com o prazer e a gentileza que lhe são características, eu fico, comigo, a murmurar:

– Não há dúvida. O Weickert é lagunense mesmo, na fé, na esperança e na afinidade de sentimentos!

Com a amizade de sempre,

João A. Penas

O Nosso Bilhete  
*Irene Machado*

Professora!

Há de ler, nesta edição, o elogio ao devotamento do professorado, que não vê amortecido o cumprimento do seu dever.

Ainda há duas, Maura de Senna Pereira, pensadora que admiro, nos deu a medida da missão apostolar das educadoras, que devem ter o seu bocado de conhecimentos psicológicos, por apreenderem as tendências dos seus alunos.

Estou que, cada escolar é, de princípio, ou após a matrícula, material em que o professor plasma uma forma segura, na qual influi diretamente a consciência da sua responsabilidade.

A férula d'outros tempos criava tímidos, e embaçava o poder de retentiva, pela ameaça atemorizante.

Não raro a classificação invertia-se.

E o mais estudioso, o “queima-pestana”, figurava um exemplo de irremediável indolência, já por medo de uma gaveta entreaberta, já pela irreprimível afasia que o senhoreava.

Velhos tempos, professora, em que andei muitas vezes a pique de ajuste de contas com a “Santa Luzia”.

Mudaram-se, mergulhados na sombra vaga do passado.

Tive oportunidade, mais tarde, no jornalismo, de exaltar a missão patriótica do magistério, semeando a boa semente, a semente criadora, sobre a seara de cabecinhas despreocupadas da vida.

E lendo uma página de Menotti Del Picchia, cresceu em mim a simpatia que o afanosomister desperta.

Já o professor não é uma figura enconchada na sua obscuridade.

A modernização do ensino, guiada por um processo interessado, realiza, do mesmo passo, obra justiçaadora.

Da escola surgem gerações que não poderão esquecer a sua finalidade na vida, através dos ensinamentos que lhe foram ministrados.

Está aí a maior glória do mestre-escola, em paralelo com o orgulho de se não haver quedado inútil.

Por outro lado, a obediência às determinações regulamentares levam-lhe o incentivo de que carece o seu esforço, e que já agora não passa despercebida, sob o ideal dum trabalho que se afirma brilhante, num ritmo criador – devotamento a que não são insensíveis os que lutam pela grandeza da nossa nacionalidade – ritmo que, mesmo sem distinguir nomes, exige colaboração eficiente de todos, por que não apresentemos o aspecto desolador de vontades mortas.

Aí, como em todo o Estado, [é] necessário que se irmanem as inteligências na mais salutar das campanhas, alfabetizando, soerguendo o nível mental do país imenso em que vivemos e que desejamos forte, unido, respeitado.

Não pensará assim, professora?  
Com admiração,

João A. Penas

## C1

'...Era a tortura do Rebelado, para quem tardava a palavra do conforto, que o jungia à ânsia enorme de vencer, transformando a febre escaldante que lhe queimava a alma dolorida, em vibrações golpeantes, em remessos agressivos, em queixumes amargurados, em desesperos d'insânia; e ele foi, dentro do seu estro, uma dor incompreendida, uma agonia chanceada, uma angústia soluçando sobre a infinita tristeza da impotência própria.

O grande iluminado teve, para a perdulária desfolha das suas jóias literárias, o remoque duro, a brutalidade acesa, a rude ironia ambiente.

Estigmatizava-o a imbecilidade enfatuada, o preconceito grosseiro. E se a lágrima se lhe transformava em pérola, ao ritmo soluçante em que raspava os nervos, se a maldição lhe saía prece na boca aberta para o cântico da desgraça, lapidavam-no a baldões chumbados, 'té que sangrasse, a ver se lhe cobria o avesso da pele a grande miséria da cor infamada!

Negro! Ele não era o Messias duma nova arte, não! Nem podia pregar um evangelho novo, nem sonhar o seu sonho magnífico o arcabouço repudiado do negro obscuro, a rolar pela vida, como oferenda de sacrifício ao Ideal redentor...

Não apreenderam, na exoftalmia que lhes deformava o senso crítico, a imaculada brancura daquele grande pensamento, de quem os apedrejadores se faziam reflexo invertido...

Como a reportagem de Henri Regnier, colheu-o a glória à beira dos sete palmos da noite indefinita.

E a chaga luminosa que foi seu espírito rebelde, ficou pairando sobre nós, vivendo na nossa comovida lembrança, que lhe faz a oblata reivindicadora da sua grande admiração e da sua saudade imensa...

Tito Carvalho

## C2

### Escotismo

Das instituições que mais merecem o nosso melhor interesse, o escotismo ou escoteirismo é, por certo, uma delas.

Houve época em que por todo o Brasil correu um largo sopro de ardor cívico, formando-se linhas de tiro, organizando-se escolas de escoteiros.

Aqui mesmo, no Estado, possuímos uma destas, que ocupava lugar de relevo, sendo classificada, se me não falece a memória, como a segunda ou terceira do Brasil.

Era a escola de escoteiros de Laguna.

Assisti, certa vez, a uma festa patriótica no Teatro 7 de Setembro daquela cidade, em comemoração à passagem do 21 de abril.

No palco, sob a luz branca das lâmpadas estava o pelotão. Era um só corpo, movendo-se em linha reta, com tal precisão, que se não modificava nas evoluções, o passo cadenciado, a “pose” garbosa.

René Rollin, auxiliado por Luís Trindade, emprestou-lhe o seu inestimável esforço de tal sorte, que a tornou um motivo de enternecido orgulho da terra juliana.

Ele era um entusiasta, desconhecendo dificuldades, seguro da sua nobre missão, sob uma fé sempre vigorosa e um entusiasmo sempre moço.

Tanto amor lhe dedicou, tanto trabalhou pela sua prosperidade, que a escola de escoteiros lagunenses se tornou a sua maior, a sua única preocupação.

Falei-lhe na grandeza do seu sonho. René iluminou-se, desenhando, em palavras quentes, onde entrava grande dose de carinho, o futuro dos escoteiros, o concurso inestimável que prestariam à Pátria.

A sua, – como a denominava, – era o que se queria: um punhado de rapazes perseverantes, formados por uma educação patriótica sem falhas, ágeis e resolutos, fortes e disciplinados.

Havia de aumentar o seu valor, traçar o exemplo magnífico com que galvanizar os descrentes, os pessimistas, os que desanimam diante das grandes iniciativas.

E como prêmio do seu esforço, nada melhor que o seu ideal realizado, esforço a que Olavo Bilac admirou em carta que lhe dirigiu, tornada o maior incentivo ao trabalho contínuo do moço lagunense.

Mas, René, num dia triste, desapareceu da vida. Sei que expirou falando na sua escola, em José Boiteux e no príncipe da poesia brasileira...

E cerrado o seu túmulo, a sua iniciativa entrou a agonizar, que lhe minguava a energia vitalizadora de seu chefe querido.

Não pesquise as causas do desaparecimento da brilhante instituição da Laguna.

Penso, todavia, que o corajoso trabalho de René Rollin devia ter continuidade, já que traduzia o espírito culto da família lagunense, sempre disposta ao amparo das causas dignas, qual essa, que tanto elevou o seu nome em nossa admiração.

E entendo, também, que há necessidade duma propaganda perseverante em favor do alevantamento e da criação de escolas de escoteiros no Estado, contribuindo-se, destarte para a formação dos cidadãos d'amanhã, pela energia da raça, pela grandeza da Pátria.

TITO CARVALHO

### C3

#### Escola de Civismo

Ainda anteontem publicou esta folha um telegrama que informava terem cem mil escoteiros paulistas dirigido patriótica mensagem ao senhor Ministro da Guerra.

São Paulo possui cem mil escoteiros, note-se bem, e nós não contamos, em nosso Estado, um só...

Sugerimos destas colunas a idéia do soerguimento da escola de escoteiros em Santa Catarina, e as nossas palavras não encontraram amparo.

Para a fatura de cétricos que mentalmente se acocora, gemendo o seu “não paga a pena”, a terra é má ninha [sic] para semente tão delicada.

E não é, – que esse aspecto lhe dá a falta de iniciativa, da persistência irreduzível de que nos legou um tão nobre exemplo esse pioneiro da boa-cruzada que foi René Rollin

Ninguém ignora as grandes vantagens do escotismo na formação do físico e do moral dos jovens brasileiros.

É necessário dar-se-lhes a instrução de civismo sob uma forma positiva, educando-lhes a vontade pela disciplina, metendo-lhes mais amiúde, defronte aos olhos, os valorosos feitos, de abnegação e de bravura, que dão lustre à nossa História.

Pelo ensino paciente, torna-se o brasileiro digno da sua missão, compreendendo-a, praticando-a vida afora com a consciência de não ter faltado ao seu dever.

O exemplo é de ontem. E, todavia, nem todos o admiram, pela formidável energia que o revestiu.

Os escoteiros do Rio Grande do Norte tentaram um *raid* daquele Estado ao Rio de Janeiro.

Traçado o plano do itinerário, sob as bênçãos dos pais começaram caminho, alegremente, como pássaros vadios...

Eis, porém, que lhes surge, ameaçador, o primeiro perigo. Outros, adultos, desertariam, talvez. Os escoteiros, não, que não conhecem mais a terra percorrida, não lhes assalta o ânimo o menor vislumbre de recuo. Para a frente, sempre para frente! – tal é a voz de comando que lhes vem da consciência de pequenos bandeirantes.

Penetram, corajosos, o mistério das matas bravias, onde tocaia a traição, onde se enristam espinhos agressivos, onde a terra disfarça com tapetes de folhas secas a boca escancarada de abismos...

Escorraçados aqui pelas populações semi-bárbaras do sertão, que lhes atira ao rasto a cainçalha feroz, negam-lhes adiante a migalhice dum repasto, aumentando-lhes o sofrimento, sem, contudo, diminuir-lhes a tenacidade heróica, a resistência inabalável.

A desconfiança os persegue. Castiga-os a dureza das intempéries. E no seu diário amontoam-se notas de dolorosas provações.

Dir-se-ia que lhes fraqueja a vontade, que lhes não sobra força para levar a empreitada a termo.

Mas não.

Aos embates violentos da Adversidade, mais límpido, mais precioso, mais ambicionado se torna o final do seu magnífico empreendimento. As vicissitudes redobram-lhes a energia.

Dentro da terra pátria, enxotados como estranhos, com a natureza abrindo-lhes, passo a passo, a gula da morte, que se lhes faz encontradiça em mil e um obstáculos, os escoteiros sentem crescer-lhes a coragem, transformada, através do seu desprendimento, em pura audácia, em vitoriosa ousadia.

A certa altura param.

Ouvem o primeiro elogio da administração, numa localidade onde o seu sacrifício estupendo sacudiu a alma de brasileiros cultos, tocando-lhes a fibra emocional.

Apagam-se-lhes os dissabores curtidos no percurso feito. E, então, transmutados em missionários, pregam o evangelho da sua fé, lançando a semente de novas escolas...

Retomando o fio da tormentosa jornada, surge a breve trecho, cortando-lhes a marcha, as quietas águas do largo São Francisco.

Já se dispõem a cortar sua superfície lisa em vigorosas braçadas, atravessando-o a nado.

A população vizinha apreende-lhes o lance de temeridade. Tenta demovê-los, que o bojo azul das águas prateadas abriga um mundo de piranhas devoradoras.

Canoas descem a prestar-lhes o seu auxílio seguro. Os escoteiros, porém, apertam mais fortemente ao seio a bandeira nacional de que se fizeram portadores. E sorriem...

Não querem, não podem aceitar ajuda outra que não a do seu próprio e inesgotável esforço.

Desaparecem nos capões marginais, e voltam arrastando compridas varas, que vão prendendo umas às outras, com cipós verdes e fortes.

E momentos depois a jangada desce o rio, em diagonal, um mastro ao centro, em que tremula o pavilhão brasileiro...

Assim, debaixo de situações ao primeiro golpe de vista invencíveis, conseguem alcançar Niterói, a penúltima *étape*, quase o derradeiro ponto em que se completará a sua página de bravura, dedicação e orgulho.

Constroem nova jangada.

Do Arsenal de Marinha seguem lanchas ao seu encontro, em meio à Guanabara.

E notam que, ao comprido, sobre a fragilidade da embarcação rústica, jaz o chefe enfermo, ardendo em febre.

Oferecem-lhe socorros, buscam sob razões suasórias, transferi-lo para o conforto da “gasolina”.

Move-se a sua cabeça num gesto único: o da negativa. Partiu, do princípio, a cantar, sofreu as provas mais brutais no longo percurso e, vivo ou morto, terá que tocar a capital do país, no cumprimento da sua grandiosa missão.

Não há quem se não comova diante desses pequenos heróis, que encarnaram edificadamente, arrojadamente, o gênio empreendedor, combativo e vitorioso da raça.

A esses fala mais alto o imperativo patriótico, que se lhes formou o espírito na

verdadeira escola de civismo.

Não os venceu, na sua intrépida empresa, o indefectível desânimo, nem lhes toldou a alma cheia de crença, a sombra ameaçadora do desespero.

Destemidos e tranqüilos, deram ao país o mais quente, o melhor exemplo de devotamento, de abnegação, de coragem indômita.

Deixo-o, apagado, ligeiramente exposto, à reflexão da nossa gente.

Nem todos hão de encarar a hora que passa, sob a mesma visão pessimista. E nem a todos o vórtice da luta pela vida extinguiu o senso patriótico, os sentimentos de fé, o ideal indestrutível por um Brasil melhor, mais forte e mais respeitado.

Tito Carvalho

## C4

### Escotismo

Houve um engano no artigo que esta folha publicou ultimamente sob a epígrafe “Escola de civismo”.

Os escoteiros do Rio Grande do Norte realizaram o seu vitorioso *raid* a São Paulo, e não ao Rio, como afirmei, servindo aquela capital apenas de ponto intermediário.

O empreendimento, como se vê, foi ainda maior. Descrevi-o como pude, sem lhe tirar, todavia, o tom de verdade, que colhi pela imprensa.

Sei que esse grande feito desmanchou, em parte, a carranca pessimista dos que vivem grudados aos seus propósitos utilitários, sem laivos de patriotismo.

Há outros para quem a tentativa se afigura inexecutável, pela previsão numérica da despesa.

E não é.

A escola de escoteiros de Laguna teve, ao seu começo, um uniforme provisório – calção preto, meias compridas fabricadas em Brusque, em vez de perneiras, camisa cáqui, chapéu do mesmo pano.

Depois, com o auxílio de festas, doações, etc., foi adquirido o primeiro uniforme.

Esse, provisório, a que me refiro, é, aliás, o adotado pelas escolas de São Paulo e da Bahia.

Seria grande auxílio a adoção, por parte da Instrução Pública, do fardamento de escoteiro nas escolas, em substituição ao existente. Tornar-se-ia isso um inestimável concurso à causa do alevantamento do escotismo em Santa Catarina.

Honrou-me o senhor doutor Thiago da Fonseca, velho amigo meu, com judiciosas apreciações, em torno da idéia que venho defendendo.

Afirmou o ilustre jornalista já haver batido nessa tecla, tendo trocado, a propósito, idéias com o desembargador José Boiteux

Não está nas minhas forças chefiar o movimento em prol do escotismo neste Estado, tarefa essa que toca aos homens de representação, mingando o espírito insinuante e convincente a um pobre e apagado escrevinhador nascido ali em Orleães.

É imprescindível, pois, que pessoas de representação, como o senhor doutor Thiago, se coloquem à vanguarda dessa empresa, por torná-la triunfante.

As vantagens que advirão da escola de escoteiros não são desconhecidas aos de mediana inteligência.

O rapazio que por aí anda modificar-se-á em pouco tempo, aprendendo a conduzir-se com honra e distinção na sociedade, tornando eficiente, pelo ensino patriótico, o seu esforço unido.

Luí Trindade falou-me ainda ontem dos grandes serviços prestados pelos escoteiros da Laguna.

Na ocasião em que a gripe assolou aquela cidade, os escoteiros lagunenses

deram provas duma insofismável abnegação, infensos ao temor que se espalhou em toda a zona com a terrível endemia.

Assim também em São Paulo, segundo o relatório que gentilmente me foi enviado pela Associação Brasileira de Escoteiros.

Não me sobra tempo, agora, para traçar aqui um histórico do escotismo e das suas vantagens.

Fá-lo-ei oportunamente, na certeza de que, dentro de muito breve, pelo movimento de simpatia que já se opera nesta capital, teremos em Florianópolis a escola de escoteiros, que atestará, uma vez mais, o nosso espírito progressista, a nossa inteligência patriótica e a nossa cultura cívica.

T. Carvalho

## C5

Registrado sem valor  
Professor Tolentino Junior

É verdade, ainda não perdi a fé, já agora aumentada, ao ouvir a narração do *raid* São Paulo - Porto Alegre.

Rafael Aiello Neto, se você me permite a comparação, é a própria energia da raça que caminha para a frente, sem temores, vencendo, criando.

Temos necessidade de formar a mentalidade de amanhã. E não é só a escola que há de talhar o caráter do brasileiro.

O escotismo obriga-o a ser um homem, plasmando-lhe a vontade de jeito a não temer revezes.

Você quer provas?

Esse pequeno bandeirante, obediente ao seu código, percorre uma extensa zona, instruindo-se, prestando auxílios, sem remunerações, espalhando a boa semente com o seu exemplo sadio.

Aqui vai um curto histórico da jornada:

Em Curitiba Rafael conseguiu fundar uma escola de escoteiros, sendo acompanhado, até São José dos Pinhais, por dois deles.

Desejando atalhar estrada, atolaram-se, os três, em terrenos paludosos, socorrendo-se mutuamente, embora enterrados até o peito.

Antes de chegarem àquela vila, sob fortíssimo temporal, às 10 horas da noite, na palhoça dum caboclo, foi-lhes negado alimento e oferecida uma caneca d'água...

Ao entrar em Serro-Azul, Aiello disparou uma garrucha, arma antiga que lhe deram, salvando em homenagem à florescente localidade paranaense.

Aconteceu ter uma senhora ouvido o tiro.

Logo adiante, o escoteiro vê um homem caído na margem da estrada e, como é do seu dever, buscou prestar-lhe socorros.

A tal mulher ao vê-lo debruçado sobre o corpo, deu alarme, presumindo-o, pelo fato do tiro, um cigano assassino, procurando a polícia, a quem o denunciou...

Salvou-o o Juiz de Direito, que lhe reconheceu a identidade.

De Campo Alegre a Joinville, fez 68 quilômetros debaixo de contínua chuva chegando, todavia, à hora marcada (19 horas) nesta última cidade, porque havia determinado o tempo em que ali tocaria, e um escoteiro não pode fugir à sua palavra...

Até Brusque prestou auxílios a um preto que o acompanhava, dando-lhe mesmo o escasso dinheiro que trazia.

Aquém de Tijucas ministrou remédio a um cavalheiro que havia caído da montaria, ferindo gravemente a perna.

De Biguaçu para cá, encontrou um pobre preto, desvairado com o proceder da esposa. Trazia ao colo um filhinho. Aiello fez com que o acompanhasse até o Estreito, auxiliando-o durante o trajeto.

Dou-lhe aqui um trecho da comunicação que Rafael dirigiu à secretaria da Associação Brasileira de Escoteiros:

“Tenho feito viagens ótimas, sendo sempre recebido com muito carinho por todos. Já passei por Cotia, São Roque, Sorocaba, Salto de Pirapora, Pilar, São Miguel Arcanjo e Capão Bonito. Segunda-feira, 3, sigo para Guapira, depois para Ribeirão Branco e dali para Apiaí. Tenho atravessado campos e matas por longas horas. Os caminhos agora são trilhos como os de gado, mas estou vencendo tudo com coragem e vigor. Parei em Sorocaba um dia, em Salto de Pirapora dois dias, em São Miguel dois dias e agora mais dois dias em Capão Bonito, a fim de proceder a lavagem das roupas. Tenho um cachorro que me acompanha e não me larga um só momento. Tenho distribuído apitos para “chama”, santinhos e outros objetos que fabrico, pelos caboclos, e estes em troca me oferecem “de comer”, café etc. Cheguei aqui em Capão, às 9 horas da noite de 1 e venci nesse dia 61 quilômetros. Até esta data percorri 271 quilômetros.”

Não lhe parece a você que, formada a escola de escoteiros em Florianópolis, teremos uma rapaziada diferente da que por aí vive, – almofadinhando-se, já a engolir o seu “trago” e a vomitar baforadas de fumo?

Você tem, meu ilustre professor, missão paralela à do escotismo. Porque você brune inteligências, prepara-as, enquanto que o escotismo educa a vontade, talha cidadãos capazes.

Estou que, como até agora, você vai prestar um grande auxílio à Comissão Regional, continuando a fazer propaganda.

Inscriva entre os agradecimentos, o do velho camarada,

T. C.

## C6

Registrado sem valor  
Araújo Figueiredo

Tardava a consagração de hoje. Digo mal. Não é uma consagração, é o testemunho da admiração, da funda simpatia que o seu talento veio rasgando no espírito e no coração da mocidade catarinense.

Eu nunca pude compreender um grêmio de literatos, sem você lá dentro. Porque, já o disse alhures, você é um dos herdeiros da glória de Cruz e Sousa, cujo sonho de Beleza soube tão entusiasticamente apreender e sonhar...

Confesso que pouco entendo de poesia, e talvez esteja nisso um naco de poder crítico.

Sinto-a. Eis tudo.

Se me tocou a sensibilidade, não lhe dissecou o metro; teço-lhe o louvor pela emoção que me deu.

Se, porém, não me feriu os nervos a menor vibração, revolto-me, ou rio-me. O riso é, às vezes, pior que a revolta. Uma grande gargalhada dose de veneno sutil e mortífero que montões de argumentos difíceis, escabichados aos manuais e compêndios dogmáticos.

Há, por exemplo, entre os conhecidos meus um poeta hipopótamo, fornido de um vasto cabedal de asneiras, que vive a editar, e que me faz bem ao fígado.

O magarefe espreme o encéfalo, sua e tressua, para deitar ao prelo um verso delambido, hieroglífico, ou uma prosa trabalhada em açúcar cândi, quando não em açúcar grosso...

Mas, se há desses escoicinhadores inofensivos da Arte, há felizmente os que sempre a engrandeceram.

Você, meu doce poeta, teve o segredo raro de ser jovem na velhice.

Encheu, um dia, o seu alforge, e saiu, como tantos, à procura da montanha misteriosa, cantando alegremente, a semear pelo caminho as jóias preciosas da sua bondade e do seu carinho.

Tendo um olhar satisfeito para tudo, um sorriso comovido, um gesto de bênção, você veio, tempo afora, como um samaritano bíblico, curvando-se para lenir dores, para esparzir o bálsamo do consolo, para anular desânimos, sempre com a mesma doçura evangélica.

Tenho a impressão, ao ver-lhe, ou conversar-lhe, de defrontar a figura suave de Rabindranath Tagore, que eu vi animada numa estampa, os olhos úmidos de ternura, a boca rasgada para a palavra de paz, longe sempre da causticidade do sarcasmo, da violência agressiva, assim como se, musicalizada, tivesse o dom de atrair, de prender, de embalar, dentro duma fina melancolia, que é a saudade antecipada de deixarmos tudo o que nos cerca, um dia, sem podermos ir além, ensinando, pelo exemplo, pelos gestos, os homens a serem bons...

Conheço-lhe a vida filantrópica, meu poeta amigo. Sei-lhe dos passos dados através da seara do bem, solidário com todos os sofrimentos, meigo diante dos sacrifícios

dos fortes e dos fracos.

E talvez tenha isso influído no seu estro. Porque há, nos seus sonetos lapidares, uma tristeza mal velada, um perene sentimento de piedade, um embevecimento amoroso pela natureza, tal se lhe sentisse as pulsações, a seiva criadora e inextinguida, a magnificência das paisagens praianas, que Deus traçou para a contemplatividade e o sonho dos artistas...

Devem ser-lhe gratos os aplausos de hoje.

Você entra o pórtico da Academia como um triunfador incansado, que veio duma longa jornada, duma geração das mais brilhantes e mais combatidas, trazendo para a Ilustre Companhia o prestígio da sua inconfundível personalidade, – que é um exemplo de perseverança e tenacidade no seu isolamento de até há pouco.

Por certo, não é o Silogeu catarinense que lhe vai honrar, senão que vai ser honrado por abrigar sob o mesmo teto, na comunhão dos mesmos ideais, aquele que sempre amou as coisas e bendisse os seres.

Estarei lá, na noite de hoje, e a alegria que me enche a alma falará tão alto como as palmas com que todos nós o saudaremos.

Até mais, que o palreio feito aqui às pressas já me vai saindo logo.

Com abraços,

Tito Carvalho

## C7

### Representação Catarinense

#### *O Sr. Celso Bayma*

O Partido Republicano Catarinense, agindo na escolha de candidato à renovação do terço no Senado, se houve com o melhor acerto, indicando o nome do senhor Celso Bayma.

Substituindo ao senhor Vidal Ramos, a qual vida pública, servindo ao situacionismo ou alistando-se nas hostes oposicionistas, obedeceu a princípios, o senhor Celso Bayma honrará o seu predecessor, pela firmeza de gestos e pela sua vantajosa operosidade.

Sob o ponto de vista político, poder-se-á afirmar que tracejou uma linha reta, seguindo-a através duma vontade calma, duma cultura invulgar, afeita ao trato dos grandes problemas econômicos catarinenses e nacionais.

Fez, assim, a política do trabalho, a melhor política.

Pelo seu talento, pelo seu espírito empreendedor, escapou ao estalão da mediocridade comum, que a admiração cerca pelo prestígio do cargo e não pelo valor que representam.

O trabalho do senhor Celso Bayma, num largo período de atividade, o impôs à nossa estima e ao nosso reconhecimento.

Nem todos, por certo, lhe terão conhecido o alcance, no tocante aos interesses catarinenses.

Nas diversas comissões legislativas, notabilizou-se com um profundo conhecimento das nossas coisas e das nossas necessidades.

É dessas organizações d'“elite”, que não vêm esforço perdido, que digamos, se multiplicam no pleito das boas causas, que o país necessita para que se cumpra a vontade que nos impulsiona e dirige de o elevar mais e mais, caminho do seu engrandecimento.

A personalidade do senhor Celso Bayma não gravitou no círculo estreito de atuação apressada.

Com a clareza, o descortínio, e a limpidez patriótica que o caracterizaram, exorbitou o âmbito parlamentar, – onde não lhe falhou o trato de magnas questões, – projetando-se a sua vontade empreendedora no exterior, numa obra consubstanciadora da nossa capacidade, que é, há um tempo, a satisfação do trabalho fecundante e a reafirmação da nossa força racial.

Pode o senhor Celso Bayma, mais tarde, penetrar a velhice com a consciência de haver, através de longo período de trabalho, evidenciado seu temperamento de lutador pertinaz, com a certeza de ser útil, de representar um contingente rítmico de radiosa operosidade, a prol da felicidade de Santa Catarina e da grandeza da Nação, – seu sonho e seu regozijo.

Mas, tornando-o mais simpático ao povo, se não poderá esquecer o *leader-man* da gentileza que se sente bem em todos os meios, atraindo simpatias, esquecido da sua posição de relevo, confundindo-se com o povo, por lhe sentir a lealdade, as aspirações espontâneas e sinceras, que procura lá fora interpretar com

devotamento.

O senador, em vésperas de deixar o palácio da Câmara, será sempre o mesmo, – um semeador de simpatias, e uma dedicação infatigável.

E é desses fatores que Santa Catarina precisa na hora que passa.

TITO CARVALHO

Representação Federal  
*Edmundo da Luz Pinto*

A primeira vez que Edmundo da Luz Pinto teceu a sua oração, mereceu, pelos conceitos em que se afirmava a sua força mental, de vizinhos que nos visitavam, o elogio consagrador de “Ruy Pequeño”.

Daí para cá, deixado o banco acadêmico, em que gravou o excepcional brilhantismo do curso de direito, entrou para a luta política, com um ideal que nunca se extinguiu e que o tem tornado um privilegiado do triunfo.

Possui o tato seguro das questões magnas, para que o seu talento e a sua vontade, de relance, apreendem e prescrevem a terapêutica infalível.

No Rio, era o legítimo representante da gente barriga-verde, disse-o o senhor Victor Konder, num telegrama em que a amizade e a admiração correm paradas.

Revelando-se o orador magnífico, despertou para logo o nosso regozijo, através da mocidade que ia marcando vitórias, a poder da palavra e da atitude, sempre atraentes.

Chamado, por Hercílio Luz, ao Congresso Estadual, soube elevar o nome tradicional de família, e, moço, com um pensamento mais vigoroso, fundido em esperança e fé nos nossos destinos, foi, num largo período legislativo, uma contribuição de que se não prescindiria, pelo espírito ponderado e pelo acerto das suas decisões.

Mas, se em Edmundo sobressai o criador de amizades e admirações, não deixa de figurar em relevo a estilização dos mais variados assuntos, de que transparece uma cultura pouco vulgar.

Orando, em público, a sonoridade da sua palavra ganha coloridos surpreendentes, domina e triunfa, na expandida exposição de normas guiadoras.

Bate-se pelo direito, esposa as causas sob o critério exemplar de homogeneizar idéias, na ingente tarefa de intensificação do trabalho e do nosso desenvolvimento.

E salientemos ainda, está na sua índole, na sua inteligência, esmagar o lugar-comum, com a facilidade e a espontaneidade com que expende os seus princípios e as suas idéias.

Aí, é o artista que se fez tribuno.

Deve-lhe Santa Catarina os mais apreciáveis serviços.

Se não quiséssemos abusar da comparação, diríamos que possui a lâmpada de Aladim, construindo com frases imprevistas, desenhando à nossa embevecida expectativa, sonhos que serão realidades, com uma segurança admirável na sua “pose” de despreocupado...

E quando fala, com aquela atitude com que Ruy, vezes se apresentava desinteressante, ganha, aos poucos, a influência sobre o auditório, galvaniza-o na sua emotividade, e o seu vulto recresce, orando, sereno, depois escachoante, vibratilizando o ambiente na harmonia do gesto e da palavra.

Para esse talento não se poderia reservar melhor lugar.

Amando Santa Catarina, querendo-a na beleza paisagística, como na lealdade popular, Edmundo da Luz Pinto, atacará, na Câmara, os mais transcendentais problemas, que foram a medida exata do prestígio de Adolfo Konder.

Dele muito espera o Partido Republicano Catarinense.

E nele confiam, solidarizados, os moços conterrâneos, para o quais já não é uma promessa, mas a certeza de estupendas vitórias!

TITO CARVALHO

Representação Federal  
*Abelardo Luz*

Não se me argua de suspeição, auxiliar que fui de Hercílio Luz, mestre e amigo, referindo-me hoje à candidatura do senhor Abelardo Luz.

Seria incoerência não declarar que, muitas vezes, por uma questão de idéias, tivemos as nossas ligeiras divergências, apagadas sempre no mais cordial dos abraços.

Explico-me: A bondade de Abelardo Luz adveio-lhe do exemplo paterno, e eu a condenei, no que encerrava de tolerante, em certos casos, por prever que o agradecimento se traduziria em atitudes ingratas.

Raro se me deparou tão grande prestígio em nosso meio, em numerosas partes do Estado mesmo, cercado um homem público, que não sabia negar, e para o qual toda a atividade merecia [ser] amparada.

Exercendo cargos de responsabilidade, que desempenhou airoso, confiou sempre na crítica sensata, sem o estipêndio de pregoeiros da celebridade fácil.

Conheço-lhe a vida palmo a palmo. E os seus serviços relevantes, são credenciais que o impõem ainda uma vez ao carinhoso prestígio dos seus conterrâneos.

Exercendo o cargo de chefe de polícia, não vergou a sua índole de harmonizador, donde a vitória em difíceis comissões na região do ex Contestado.

Depois, secretário do Interior e prefeito da capital, no período de 1922 a 24 agiu dentro das possibilidades criadas pelas condições d'então.

Neste último cargo esteve em exercício durante um ano apenas.

Curto prazo, sem dúvida, mas larga atuação foi a sua. Não necessito inventariar os melhoramentos que operou. Entretanto, não os posso calar, porque, o esforço que cria, deve ser conhecido, para ser bem ajuizado.

Fazendo o calçamento da rua Almirante Alvim e o recuo das partes laterais, a remodelação do jardim Oliveira Bello, tornou mais eficiente, ainda, os serviços da Empresa do Lixo, conservando e reconstruindo com presteza as estradas deste município.

Não pôde tornar realidade todo o seu programa administrativo, porque sobreveio, a esse tempo, a revolta paulista, de julho. Mas não se ficou inativo. Ao invés, o seu espírito, predisposto à luta, recresceu em energia, sendo uma das figuras centrais da legalidade em Santa Catarina, animando, com a sua vontade forte, os companheiros que o pessimismo ia dominando, e mantendo, a poder de um esforço inesgotável o apego do povo às autoridades constituídas e aos princípios que nos regem.

Desfrutando relações inúmeras e merecido conceito no Rio, onde exerceu cinco anos o cargo de delegado de polícia, demonstrou uma inteligência exemplar, através de segura e justiceira imparcialidade. Era a autoridade consciente dos seus deveres.

Em nosso Estado, participou de árduas campanhas políticas, entre as quais a civilista e a bernardista, e o memorável movimento de reivindicação popular de 1918, que elevou ao poder o inesquecível chefe Hercílio Luz.

Nos mais remotos recantos, a sua palavra acordava o entusiasmo latente, e a

simpatia derramava-se derredor, com a atração irresistível do fascínio.

Amando, destarte, a Santa Catarina, cercado da estima unânime do povo, transmudando as relações em amizades dedicadas, justo era que fosse ao desempenho dum posto representativo, em que a sua atuação não se conservará inerte, quer pela sua educação cívica, quer pela sua capacidade de trabalho, quer pelo devotamento às boas causas, a favor das quais sabe cruzar armas com a persistência dos fortes.

Eu, de mim, estou que a alma branca de Hercílio Luz, se há compensações fora da terra, há de abençoar o filho bem-amado, que lhe honra o nome e a vida, paradigma de fé, de impulsos generosos, norteado pelo bem-estar de Santa Catarina e da sua gente.

A eleição de Abelardo Luz é um motivo de orgulho para nós moços, que revemos no candidato a firmeza de princípios e o valor legítimo a vencer com galhardia.

TITO CARVALHO

## C10

Representação Federal

*Fúlvio C. Aducci*

Não me deslembro da atrapalhão em que me vi, aos dezesseis anos, num jornal do interior, a fazer, com entangidas frases, o elogio da operosidade do senhor Fúlvio Aducci.

Sucediam-se os cigarros, e os “linguados” entupiam a cesta, à força da *inania verba*, pior que abutre a picar entranhas...

Mas, despreocupado da forma, pelo valor e sinceridade do conceito, consegui tracejar umas garatujas, desajeitadas, indecisas em parte, encerrando, todavia, a consciência dum julgamento reto.

Há quinze anos...

E não me iludi.

Porque o senhor Fúlvio Aducci é das organizações políticas que agem às claras, sem temor à queda, em desafio às campanhas desprestigiantes.

Não se poderá dizer que tenha sido, dobrado o tempo, perfilhador dos movimentos batidos de violência, como o lema do “custe o que custar” a impulsionar o pleito das suas causas.

Fez-se político, porque sentiu em si o dinamismo que impele os capazes à colaboração desprendida e desambiciosa.

Era uma força obediente a uma diretriz fecunda, carecendo de um círculo mais largo de atuação.

Não desceu à cortesia para galgar postos. Observaram-lhe a constância no trabalho, a decisão profícua e a inteligência empreendedora.

Daí o desempenho de elevados cargos, a que imprimiu a sua atividade criadora, e com o espírito de retidão, com a serenidade que lhe caracterizam os atos, a segura demonstração duma inteligência que não se confunde diante de problemas complexos, não se abandona ao desânimo, e pela persistência tranqüila sabe vencer, com o orgulho do dever cumprido, em benefício da aspiração coletiva.

Em qualquer dos cargos exercidos, não se amolgou a sua linha de conduta.

Na secretaria geral, no Congresso, ou na superintendência, guiou-o sempre uma perfeita compreensão do combate às necessidades marcantes, sob elevados princípios democráticos.

Deve à sua competência, aos seus excelentes serviços ao Estado, a estima e a admiração populares, que o Partido Republicano Catarinense, soube, através duma sólida inspiração, interpretar com o critério exigente que preside as suas resoluções.

Não é, evidentemente, o senhor Fúlvio Aducci quem está a merecer felicitações.

São os catarinenses, somos todos nós, orgulhosos do que valem, e do que, neste auspicioso aproveitamento de esforços devotados conquistaremos, com a nossa fibra de construtores, sem a mácula dos que se abastardam na renúncia, à margem da vida.

O senhor Fúlvio Aducci é um exemplo, e, ao mesmo tempo um incentivo aos tímidos, que podem e devem colaborar na grande obra de civismo que se vem registrando.

Dou-lhe a minha solidariedade, não como amigo, mas como conterrâneo que lhe tem seguido, com atenção, a brilhante carreira pública.

TITO CARVALHO

A inglória campanha

Penetrando terras de Santa Catarina, numa decisão atentatória da nossa dignidade, não ajuizaram os rebeldes [as] conseqüências que daí poderiam surgir.

Certo, e conforme a sua própria declaração, nada queriam contra o Estado, ferindo contudo o direito e a segurança das propriedades particulares...

O Estado lhes tornara como um abrigo de que poderiam dispor, ao sabor dos acontecimentos, correndo-lhe o território com a segurança de bater o piso sem o incômodo maior dos entreveros e perseguições a rechaçá-los no itinerário desordenado.

Essa aventura que teve o seu golpe mortal em Águas Brancas, dispersando as forças revolucionárias, foi um epílogo escrito com bravura pela gente barriga-verde.

Cabe-nos orgulho na ação decisiva, marcando nova vitória?

Não.

O que pode subsistir é a satisfação do dever cumprido com coragem, sem desdouro para o nosso bom nome.

Isto posto, não seria demasiado, que apreciássemos, sob vários pontos de vista, o ideal a que obedece esse movimento demagógico.

Procurava-se acobertá-lo anteriormente, como uma “revanche” determinada pela fecunda indústria de documentos apócrifos, documentos que, necessariamente, careciam dum autor, escolhendo-se, para isso, o ex-presidente da República.

Justificava-o ainda o interesse político regional, solucionado por um acordo em que não sobressaiu desaire às partes contendoras.

Agora, porém, estamos na vigência d'outro governo, que, no dizer de Guglielmo Ferrero, entende que “o tempo é pouco para o trabalho”.

Mas a rebeldia não se deu por vencida.

Recolhida à fronteira, impõe condições, embora comecem d'escassear forças, como se aos batidos, acuados, e pode-se dizer vencidos, coubesse o direito de imposições, inconsistentes no que contêm de absurdo.

Onde há desculpa para que o arremesso caudilhesco fundamente suas exigências?

Dir-se-ia que não temos uma Carta Magna, – roteiro da nossa vida político-administrativa, – e que o princípio de autoridade faliu diante da onda subversiva...

De resto, se o dissídio pretende ares regeneradores, não consegue iludir-nos.

As forças revoltosas são um composto de vontades multiformes e braços mercenários.

Vontades que a ambição desapoderou, com a amnésia dos destinos que nos cabem, e das responsabilidades que impendem sobre cada brasileiro, neste momento de lutas e dificuldades crescentes.

É incrível, pois, que se pretenda a reforma do regime, com o apoio da ignorância, sem compreensão do fim por que se bate, sem os benefícios duma educação perfeita.

Ilustra essa asserção, o elemento estrangeiro, a colaborar nos recontros fratricidas.

Note-se, mais, que a condição mesma em que se debatem as tropas rebeldes é testemunho do desamparo, da ausência de apoio, que lhes negam as maiorias conscientes.

Daí o fracasso, a proximidade do fim, que não tardará, porque a energia combativa que as escorcha, demonstra que se não compadece com a nossa ânsia de tranqüilidade e o nosso devotamento ao trabalho, as campanhas inglórias, que se refletem prejudiciais no crédito do país e que ofendem de perto a grandeza ascensional da nacionalidade.

Tito Carvalho

## C12

Pontos de vista...

Mais duma vez, por desfastio, temos lido artigos em que se dogmatizam formas políticas inovadoras, como seguro meio de “salvação” do país.

Antes do mais, convenhamos em que as doutrinárias opiniões, são, de si, polpudamente desorganizadas, e, não raro, contraditórias, pela carência de método, colapsos de pensamento, logo preenchidos com apóstrofes redondas, coisas assim de alcançar efeito.

A convicção é balda de fundamento, em casos que tais, donde afirmações e negativas que se baralham, que se confundem, a jeito duma ronda de idéias torturadas.

Se quisermos, todavia, – como no tocante ao voto secreto, – defender, propagar um ideal, não poderemos divorciar-nos do critério observador, infensos a partidarismos, com o estudo detido das nossas próprias condições culturais.

Apregoa-se, por aí além, a necessidade da reforma do nosso aparelho eleitoral, com a adoção do voto-secreto.

A medida é discutível, embora se a argumente com uma firmeza que se pretende indestrutível.

Preliminarmente, num golpe rápido de vistas, vejamos se se tornaria adaptável ao nosso meio.

Depara-se-nos, de logo, defeito visceralmente indefensável.

De um lado, a rebeldia, vadiando sertões, aproveitando a bronca mentalidade, insurgindo-se contra autoridades e princípios constitucionais, buscando obter pela violência, pelo derrame de sangue irmão, o que só poderia admitir a poder duma ação desdobrada, sob as garantias prescritas pela democracia.

Ora, a conquista dessa aspiração não se admite à força de balas assassinas, senão através duma propaganda regularizada, dentro da lei, com a liberdade que assiste e que se não arranca aos evangelizadores dum credo novo.

Por outro lado, prevista a hipótese dum movimento propagandista, não se afiguraria exagero a afirmativa de que as populações rurais negassem adesão a tal movimento, já pela própria visão pragmática que têm do momento, já pela ausência duma educação política, que a afaste dos moldes a que se afez e cujo apego dificilmente abdicará.

Se o país, com a sua percentagem formidável de analfabetos, aceitasse, como causa vencida, a adoção do voto-secreto, registraríamos as deliberações mais estranhas, prejudicando diretamente o funcionamento do aparelho administrativo, pelo esfacelo das inteligências guiadoras.

Antes disso, reclamam o nosso esforço os problemas econômicos, da qual solução está pendente em exaustivo trabalho de soerguimento financeiro.

O objetivo alvejado, como se vê, é duma compleição entanguida, e não se poderá tornar realidade em nossos tempos.

A forma, que perfilhamos, amanhecida ontem, não logrará com os acontecimentos verificados, derrancar-nos por um pessimismo dissolvente,

desviando-nos dos nossos elevados propósitos. É necessário ilustrar os nossos conceitos? Vamos à Argentina. *La Nacion* nos dá notícia da desordem parlamentar, pela preterição ou, melhor, pelo desprezo das capacidades d'*élite*.

Diz que “el Congreso vota gastos, afirma propósitos dispendiosos, distribuye sin limites los dineros del Fisco, sin preocuparse siquiera del estado de las fuentes alimentadoras para resistir el embate, ni de crearles por lo menos una mejor aptitud de defesa para evitar la ruina”.

E acrescenta que “faltan en esa rama fundamental de nuestras instituciones las entidades dirigentes, con ascendiente y autoridad para disciplinar la acción común hasta objetivos fecundos”.

Domina, destarte, como potencial criador, uma representação improvisada, meio irresponsável, pelo desconhecimento das questões transcendentales que exigem do povo *leaders* que o conduzam à efetividade dos seus desejos legítimos, de sossego, trabalho e progresso.

Tudo isso resulta da consagração do voto-secreto, quando a cada um cabe atuar dentro da esfera dos próprios conhecimentos, evitando transmudar-se em força contraproducente, caracterizada em erros a que, convictamente, não há dúvidas, pode lançar a chancela dum alto benefício.

São essas, enfim, as impressões que colhemos e que mantemos, com referência a tal assunto. Erramos?

Seja. Mas expendemos pontos de vista nossos...

TITO CARVALHO

Depois da tempestade

A rebeldia, que teve sua gênese em São Paulo, aí por volta de 1922, terminou como já se previa – no desbarato das forças ao mando de Prestes.

Há de se opor que, vencidas as hostes revolucionárias, não deixou de demonstrar um alto poder de resistência, pela sua duração e pelas suas longas marchas.

Concordemos, porém, que, na sua maior parte, eram feitas através dos sertões brutos, sob a proteção das matas e caatingas, com a conhecida tática dos avanços e dos recuos, visando o cansaço das tropas legalistas.

A extinção do movimento tardava, mas chegou, de surpresa, sobretudo para os que tinham caudilhismo depredador à conta de reação patriótica.

Se se inventariarem os efeitos decorrentes da rebeldia nômade, quantos prejuízos, que atitudes de deploráveis propósitos não se lhe debitarão no acervo de atentados!

Desde que o soldado presta o seu juramento, contrai um dos mais sagrados deveres, entre que figura o de obediência às autoridades legitimamente constituídas.

Fugindo ao cumprimento do mesmo, consagra a deserção, e tarja os seus galões, penetrando os desvãos escuros por conquistar ao fogo do rifle, e com o auxílio mesmo dos profissionais das lutas inglórias, pespontadas d'ambição, a afetividade dos seus desígnios, com o sacrifício da ordem e duma contínua marcha evolutiva.

A “rebentona” paulista ramificou-se, ganhando adeptos entre os descontentes, que vivem com o espírito dividido entre o pessimismo e o ceticismo.

Houve-os inofensivos, aparentemente, mas propagadores do germe que cresce e estimula a indisciplina.

Mercê de Deus, essa longa aventura teve um lado apreciável – foi um claro-escuro a pôr em relevo a vontade do povo, que, ao embate sanguinolento, prefere o trabalho produtivo, à discórdia, o sossego, aos ataques à soberania do país, o prestígio da sua força e da sua inteligência, em prol das boas causas.

A coluna Prestes ondulou Brasil adentro e foi, à maneira de vaga marulhenta, apagar-se sem heroísmo na linha da fronteira.

Diante da ausência da ansiada solidariedade, batida pela energia inquebrantável das autoridades sobre que pesam as responsabilidades do momento, não poderia vencer.

Nem venceria pela violência, negada a aprovação dos que apreendem o instante de dificuldades que atravessamos, exigindo a unificação de pensamentos, de esforços e de ideais.

Se a norteava um ideal, errou na adoção de processos.

Não se derrubem princípios solidificados pela história da nossa vida republicana, arremetendo-se forças nada recomendáveis aos nossos foros de gente de brio.

Nem se alcançam vitórias talando campos, sobressaltando populações, voltando o cano das carabinas contra a bandeira sob que se estenderam espadas, no

empenho da honra e da vida.

Está fora do nosso temperamento a conquista do triunfo pelos meios que a lei condena e o bom-senso esmaga.

A trovada demagógica calou os seus rimbombos impotentes.

Se, ultimamente, foi um simulacro de tempestade, ou mesmo uma longínqua borrasca, de conseqüências vagas, sucede-lhe a bonança.

E a bonança é a dedicação mais ampla ao trabalho, para que façamos do Brasil o que desejamos, o que queremos e o que deve ser.

TITO CARVALHO

## Administrações Municipais

Nós já nos temos metido, várias vezes, a estudar as nossas administrações municipais, carecedoras, muitas, dum espírito que as impulsionasse, conseguindo o aumento da economia dos territórios administrados.

Porque, a verdade é que possuímos muitas terras ubérrimas, representando um coeficiente de possibilidades inúmeras, com riquezas inaproveitadas, que seriam o motivo dum intenso desenvolvimento, duma capacidade produtora surpreendente.

Não é isso uma revelação.

Mas, convém que acentuemos, está o progresso do comércio e das indústrias fiado nas inteligências guiadoras, lhes corte entaves, convergindo para o desenvolvimento do seu volume de exportação.

Os orçamentos municipais exigem certas reformas, por que se não eternizem no mesmo sistema antiquado, criando-se impostos de acordo com as necessidades marcantes e distribuindo-se da melhor forma, proficuamente, as verbas destinadas a melhoramentos de imediata utilidade pública.

A questão co[--], apenas, em os governos dos municípios se fazerem compreendidos, com clareza maior, dos suscetíveis de uma propaganda que lhes dificulte a ação construtora, a favor da própria coletividade.

A contribuição obrigatória reverte em benefícios positivos, de que colherão as mais seguras vantagens a lavoura, o comércio e as indústrias.

Encaremos, por exemplo, o problema rodoviário.

Com honrosas exceções, nada se tem feito, a propósito, sem o costumeiro assédio e a natural boa-vontade do governo do Estado.

Todavia, não seria para se desprezar que os municípios, dentro das suas rendas, envidassem os maiores esforços, aplicando boa parte do numerário recolhido nesse melhoramento de resultados indiscutivelmente lucrativos.

Cabe, sem dúvida, aos Conselhos um estudo detido a tal respeito, procurando a fórmula solucionadora do magno assunto.

Conhecemos certos municípios que têm a comunicação entre as zonas coloniais e os portos de embarque delimitada aos ínvios caminhos, adotando-se, indefinidamente, os meios mais deficientes de transporte, entre que figuram os muares, atestando condições precárias e não raro dispendiosas.

O essencial, pois, é que, na votação orçamentária, a edilidade preveja a resolução do importante problema, consignando-lhe maior verba, ficando assim as atividades a salvo do congestionamento que incide sobre o escoamento dos seus produtos, que significam o devotamento do seu esforço pertinaz.

Foi, diante de semelhante situação, que aventamos, na imprensa, sulina, a indispensável reunião de superintendentes nesta capital, com o fim de, através dum intercâmbio direto de idéias, procurarem, nesse esplêndido tête-à-tête, os meios ao seu alcance para a definitiva eliminação dos males que afligem as suas administrações.

Criar-se-iam novos moldes da ação, com a obrigatoriedade de serem

cumpridos, e, nesse empenho, outras diretrizes contribuiriam para uma obra de sensível transformação.

O senhor Governador Adolfo Konder tem sido um exemplo de ação a seguir, se quisermos libertar-nos aos obstáculos que inçam as direções administrativas, em detrimento mesmo das proveitosas iniciativas particulares.

E sua excelência visionando o alcance da medida que vimos alvitando há tempo, realizá-la-á, mas da maneira mais perfeita, curando de que o senso renovador ou transformador tenha alargado o seu âmbito, para a realização integral das ânsias populares.

Destarte, o Estado e os municípios estabelecerão um ritmo de construções, concorrendo para o engrandecimento de Santa Catharina.

TITO CARVALHO

## C15

### O vezo abissínico

Depois que o senhor Arthur Bernardes desceu do Catete e rumou a Minas, as lavadeiras farfalharam o gozo abissínico de bater a “roupa-suja”.

Foi bom o seu governo?

Foi mau?

Cabe a qualquer julgá-lo serenamente, através duma crítica que, fundida em sensatez, condene erros, mas não esqueça virtudes.

O ex-presidente foi, sobretudo, uma demonstração de resistente energia.

Para chegar ao palácio presidencial, não lhe faltaram riscos, e as ameaças de violência que são ainda um grave defeito das campanhas oposicionistas, não lhe anularam o desassombro.

Eleito, reconhecido, recuar seria a negação do seu credo, empossar-se uma atitude mais ou menos temerária.

Preferiu a última.

Não que o envaidecesse o alto posto, mas não podia desertar do cumprimento dos seus deveres e fugir às suas responsabilidades de repúblico, no prestígio às nossas instituições.

Desde que as maiorias deliberaram, conscientemente, entregar-lhe os destinos da Nação, só não assumiria o seu cargo se alguma investida mortífera lhe cortasse o caminho, e lhe paralisasse a vontade.

Assim não aconteceu.

Na política ou na administração, salteou-o uma situação excepcional, com visível prejuízo para o seu plano administrativo.

Recebendo o país em condições precárias, quanto às finanças e à economia, fez o que lhe era dado fazer, dentro das possibilidades atualizadas.

Vivêssemos num regime de tranqüilidade, e o seu programa se estenderia, em realizações magníficas por todo o território brasileiro.

Mas, pela antecedência duma campanha que galeou pelos processos rasteiros e criminosos, ateando-se a fogueira mexicanizadora em muitos Estados, com um esquecimento de elevados compromissos a solver, pode-se tirar a ilação da sua força de vontade, procurando, num milagre de visão, atender ao restabelecimento da ordem interna, e à segurança da nossa atuação no exterior.

Ainda assim, a sua inteligência soube dividir-se, eliminando vícios da nossa estrutura político-administrativa, estudando e resolvendo grande parte dos problemas que reclamavam firmeza de ação e acerto.

Afirmava-se, por aí além, que o senhor Arthur Bernardes não iria ao Catete, que não terminaria o seu quadriênio.

Mas, foi.

E terminou, retirando-se com a satisfação de quem soube manter vitoriosa a sua energia.

Apedrejam-no, agora, despido do manto, inimigos, e talvez amigos que lhe

tivessem tecido loas até o instante de deixar a sua alta investidura.

É a repetição da cena, já gasta pelos contumazes do oposicionismo sem norma, das pretensões malogradas, dos abissínios que dilapidam sóis no ocaso...

Não condenamos, ficou dito acima, o juízo que se atenha à fidelidade dos fatos, aprofunde-lhes origens, estudando-os, arrancando-lhes, em suma, o que é condenável e o que é passível de louvor.

Inventariem-se erros, mas gravem-se benefícios, a ver-se o saldo resultante.

De Floriano muito se disse, mas não se desprezou a sua atuação vigorosa que, transcorridos anos, criou-lhe monumento.

Se o senhor Arthur Bernardes é combatido, fora da presidência, em libelos que não condizem com a sua personalidade, que buscam nos menores atos o motivo duma literatura de escândalo, não nos recomenda, de certo, ir ao seu repouso, com a acusação e o achincalhe alvejar a sua vida de homem público.

Há jornais que assim procedem, divorciando-se da sua missão orientadora.

Está no seu feitio.

Porque raro é o presidente que ao término do seu mandato, não se transforme em alvo da graçola ridícula e dos comentários dilapidadores.

Antes que tudo, estude-se-lhe o trabalho com minúcias, e poupe-se ao estrangeiro esse espetáculo extremamente grosseiro de opiniões que se calaram, estrugindo, ao depois, como petardo inofensivo.

TITO CARVALHO

## C16

### A consciência do dever

Eu não me deslembro de que, há anos transcorridos, junto a Hercílio Luz, o senhor Adolfo Konder tinha conceitos, a propósito dos mais complexos assuntos, duma limpidez cristalina.

Revelava conhecimentos amplos dos nossos mais importantes problemas, estaduais ou nacionais, e, expondo-os, ao estadista que fechou vitorioso o seu ciclo na vida, mais se lhe impunha à estima e simpatia, já de si profundas.

Hercílio Luz tinha o gosto de discutir, de contestar, por melhor aferir as capacidades que o rodeavam, cimentando a convicção de que se não enganara o seu senso selecionador.

E aí está o testemunho.

Porque, posto à frente da administração no quadriênio corrente, o senhor Adolfo Konder oferece ao Estado o exemplo magnífico de que sabe realizar.

Empenhada a sua palavra, no programa de todos conhecido, transmuda-a em fatos positivos, e não se distrai dos seus propósitos, embora lhe hajam acontecimentos imprevistos procurado cercear o impulso envolvente que vai imprimindo ao Estado.

Estudando-se-lhe a inteligência orientadora, surpreende a preocupação do trabalho infatigável, no seu todo e nos seus mínimos detalhes.

O seu programa administrativo vale por uma palavra de sinceridade.

Poderia iludir, criando fantasias, tão do hábito dos que mentindo a si próprios, mentem às coletividades.

Mas, destarte, contrariaria o seu temperamento, e descambaria em grave falta à sua educação de homem público.

Depois da palavra, veio a ação desdobrada tanto quanto possível intralimites duma situação de dificuldades, delimitada ao âmbito orçamentário.

Fez-se semeador de benefícios, fora dum trabalho dispersivo, mas em acordo uns com os outros, estabelecendo uma harmonia de decisões que é a segurança de sólida prosperidade.

Já não me quero referir às construções que documentam uma vontade empreendedora; à elegância de atitudes, que se não dobra à inquietação dos amargos momentos; à franqueza com que expede idéias ou extingue ilusões no pleito de favores, agindo com serenidade, despersonalizando-se, para encarnar com a normalização administrativa, o dinamismo que movimenta e desenvolve o Estado, na efetividade dos seus legítimos destinos; à escolha de auxiliares capazes, no seu desejo de renovação, rodeando-se de reais valores, chamados à obra de direção, pelo seu devotamento, e pela sua energia moça, bebida nos ensinamentos dos que fizeram da sua vida um patrimônio da nossa grandeza moral.

Para salientar a sua atuação decisiva, basta-me o gesto de desprendimento, obediente aos seus princípios, colocando-se ao lado das forças legalistas, sem temor a perigos eventuais, estimulando combatentes contra a horda aventureira de Leonel Rocha, – que nos trouxe dias de angústia e desassossego, – conseguindo, pelo seu espírito

refletido e pela necessidade de triunfar, escorraçando os invasores, pô-la em debandada, numa demonstração de desnorteamento de ideal, balda dele que se fazia, pela indisciplina, pela ignorância e pelo desrespeito às populações curvadas no trabalho através dum ritmo produtor, defrontando agrupamentos de aspecto agressivo na violência dos seus assaltos às propriedades, o estipêndio de bandos mercenários, nos atentados enfim em que culminou o seu desígnio caudilhesco. Eu penso, de mim, sob o que me dita a consciência, e à qual sigo sem receio de erro, que o senhor Adolfo Konder, decisivo nos seus atos; liberal, como os que mais o sejam, na sua atuação, tornou-se paradigma que nos rejubila, que nos felicita, como homem que se não acobarda, como político que não renuncia à sua diretriz, como administrador ponderado, que se orienta pelo próprio pensamento, que não segue empós as maneiras insinuações, de jeito que age às claras, abominando o consagrado favoritismo, e interpretando as lídimas aspirações populares. Ele é o que quer ser, o que tem sido.

E basta-me vê-lo agir assim, para que me sinta satisfeito, e a minha pena traceje comentários justos ao seu alto merecimento.

O seu governo não tem bastidores, escorcha a perfídia, despreza a intrigalha soez e roaz dos politicastros, e, principalmente, prefere a isso a tarefa benemérita de profilaxia administrativa.

Devem-se-lhe, pois, muitos benefícios. Exagero'? Não.

Rendo o preito de justiça, infenso que sou à louvaminha vertida em dever para com os que galgam postos elevados.

Aprecio-lhe o feitio com imparcialidade, e orgulho-me da minha atitude, alegro-me da sua direção, porque tem cumprido, ponto a ponto, o seu dever, com o dom fascinante de atrair os aplausos populares.

TITO CARVALHO

## Reunião de Superintendentes

Voltemos novamente ao caso, que mereceu dos nossos colegas da *Folha Nova* considerações favoráveis e aplausos que levamos à conta duma compreensão clara do que nos cumpre tornar realidade benéfica.

Desde certo tempo, pelas colunas de *A Cidade*, de Laguna, há para dois anos, começamos a bater-nos a favor dessa cruzada.

Evidentemente, após a convocação feita por Hercílio Luz, combinadas medidas de alcance geral, o interesse amorteceu, pouco a pouco, até desaparecer no indiferentismo, pela ausência dum segundo congresso, uma tomada de contas, um balanço de trabalhos feitos de conformidade com os compromissos assumidos.

Mais tarde, na presidência de Minas, teve o senhor Mello Viana oportunidade de aproveitar a mesma medida, pela conveniência de aproximar os municípios, transformando-os em definitivas forças colaboradoras da prosperidade coletiva.

Não se pode negar que, compenetrados da sua autonomia, estabelecida por uma lei orgânica igual em todas as circunscrições municipais, a ação se restringe, se acanha, se aperta nos limites tracejados pelos decretos de criação de municípios, constituindo uma dispersão de elementos que, ao inverso da velha parábola da “união faz a força”, enfraquece a possança criadora, com o prejuízo de melhoramentos de pequeno vulto, através duma arrecadação viciada e estacionária.

Ora, não se nos dá de condenar a escolha do local para a reunião alvitrada, em que Blumenau figuraria como um reflexo de fecunda atividade administrativa.

Todavia, somos ainda de parecer que ela deveria ser feita aqui, na capital, por que dela participasse o governo por intermédio dos seus secretários.

Constituir-se-ia, semelhante tentame, ademais, não só uma demonstração excelente de que não desamam as energias superintendenciais um entendimento benéfico, impondo-se deveres, discutindo-se problemas até atingir-se solução profícua, como também a de, acorde com a governança, transformar-se numa esplêndida colaboração, em que intensificaríamos as nossas gestões vitalizantes, na resistência a dificuldades que se perpetuam e que merecem [ser] vencidas.

Aí, vantagens incalculáveis para a economia do Estado, para a melhora financeira, para o desenvolvimento do trabalho em terras de Santa Catarina.

Quem conhece certa parte dos nossos municípios, em que os orçamentos não tendem a aumentar, visto como não se justificaria com um movimento construtivo essa providência, premidos pela exigüidade das rendas, em que sobressai a contemporização da cobrança de impostos, não poderá deixar de advogar a sugestão que vimos defendendo e que se efetivará através da vontade progressista do senhor Adolfo Konder.

É inadiável que os municípios mantenham um intercâmbio de realizações perfeito, a fim de que não tenhamos a impressão de, salvando-se a comparação, se apegam cada um ao seu território desritmando a evolução que exige não haja disparidade de esforços.

Claro que estes se pautarão pelos recursos disponíveis, mas que formem em

definitivo a própria prosperidade, no desejo comum de um soerguimento valioso e infalível no desdobramento de vantagens para os que lutam no trabalho produtivo.

TITO CARVALHO

Empreendimentos salutareos

Houve um certo tempo em que a instabilidade do câmbio trouxe o comércio em crise aguda, sobretudo ao que se dedicava à exportação dos nossos produtos.

As conseqüências daí advindas foram as mais lamentáveis.

Com a alta dos cereais, inúmeros comerciantes mantinham a esperança de um grande lucro, sustando as vendas, na expectativa de cotações ainda não verificadas.

Subitamente, porém, como certas construções frágeis, o câmbio deu de subir, e os mercados, atupidos de mercadorias, não conseguiram a desejada colocação.

Sucederam-se os cálculos, e quanto mais se desvalorizavam os produtos, tanto mais se premuniam os exportadores duma ilusão que, afinal, se apagava na realidade dos fatos.

As falências, numa seqüência desoladora de ruínas instantâneas, eram registradas a cada passo, atingindo a um passivo de regulares proporções.

Refletiam-se, por sua vez, nos centros produtores, onde o trabalho já não gerava compensações, e, antes, criava desesperanças. Dir-se-ia uma rajada destruidora, enfraquecendo forças econômicas de valor apreciável.

No sul do Estado, por exemplo, houve como que uma atonia no movimento de compras e vendas, em contraposição ao que se notava antes, através duma atividade febricitante.

Mas, à situação de dissabores, pelos prejuízos sofridos, sobrepôs-se, para logo, uma reação corajosa, galvanizando vontades e escorraçando o desânimo.

Recresceram esforços.

As condições anteriores manifestavam-se em todos os meios, tornando as dificuldades vultuosas, de sorte a registrar-se um estado excepcional de entorpecimento de energia, quer dos comerciantes, como dos industriais e agricultores.

Todo o mal era, porém, reparável, embora a exigência duma orientação firme, esquecida de perdas e visando o soerguimento do trabalho.

É certo que a crise ainda não passou.

Mas o essencial é que se vai debelando aos poucos, com a pertinácia da gota d'água em rochedo.

Por isso que os obstáculos se levantaram ameaçadores, mais forte se tornou o desejo de vencê-los, pacientemente, numa luta sem tréguas.

Não alcançou o comércio o ponto alvejado, mas, a um golpe de vista retrospectivo, há de se lhe terem deparado realizações que o recomendam e uma constância que lhe fixa um prestígio invulgar.

Ilustra a nossa afirmativa, a inteligência empreendedora que o caracteriza.

Poderia conservar-se meio inativo, ao sabor da melhora eventual, por que ampliar o âmbito de ação, sem o vigor necessário a enfrentar o torturante ambiente, numa como tácita resignação ao estado reinante, paralisando-lhe o gosto pelo evolver de todas as fontes produtivas, entregando-as a um destino incerto.

Seria, talvez, uma deserção.

Ou, ainda, uma renúncia ao combate a aflitivas circunstâncias, sem a certeza de triunfos.

É o que não observamos no sul-catarinense.

Agigantando-se os riscos de transações, procurou-se inutilizá-los através duma atuação que reverterá em benefícios a se multiplicarem, morosos que sejam, mas matemáticos, sem a visão de novos prejuízos.

Note-se que a inconstância não vige nesse caso, e, ao contrário se arregimentam esforços, à conquista do objetivo colimado. Decorre daí uma ânsia mais poderosa de melhoramento que se estenda a todos os núcleos de trabalho.

É fácil prová-la.

Ainda ontem fundeou na baía sul o cargueiro *Júpiter*, que atesta, exclusiva a iniciativa florianopolitana, em Santa Catarina, o veemente anelo do comércio lagunense em derogar os morosos processos de transporte, com o aumento da sua frota, facilitando o escôo dos produtos que Laguna coleta.

A insuficiência do transporte marítimo sugeriu a salutar providência. E ela se efetiva, de modo que se descongestionem os depósitos, um dos motivos de aperturas comerciais, concorrendo para a mesma os principais comerciantes, que solucionam assim uma questão de visceral interesse para a sua prosperidade. Já antes, um dos exportadores, fez a sua tentativa, organizando o Serviço de Navegação Saul Ulysséa.

Não podia, contudo, colher os resultados que teve em vista, pois que a questão de arrendamento impunha maiores compromissos e dispêndios.

Encarando-se, todavia, a significação do empreendimento, sob detido exame, não se deixaria de louvá-lo, pois que concorria para satisfazer, em grande parte, uma questão econômica das de mais urgente solução.

O *Júpiter* que é, digamos, uma tentativa das mais brilhantes, sanará inúmeras falhas, sobre dar-nos a medida exata da preocupação que o comércio lagunense tem em exercer uma função estimuladora de todos os ramos a ele relacionados, contribuindo, de resto, com um contingente, digno de admiração, para o surto progressivo que o Estado vai operando.

O exemplo vale a pena [ser] imitado.

E não deixará de surpreender aos que se encaramujam num pessimismo inútil e absorvente.

TITO CARVALHO

Pela soberania do voto

É hoje que se ferem as eleições federais, que consagrarão os candidatos ao posto de representantes na Câmara e no Senado.

Afirmando a coesão partidária, como demonstração de civismo e confirmação do acerto que presidiu à decisão refletida do Partido Republicano Catarinense, não evidenciamos, num dos nossos editoriais, a obrigatoriedade do voto com que se subalternizam as massas eleitorais.

O P.R.C. é, de si, uma entidade fortalecida pela disciplina e pela solidariedade dos que a ela se filiaram.

Seria, porém, passível de censura, se exorbitasse funções, escravizando a liberdade que assiste a cada cidadão, no exercício pleno do seu direito.

E, nesse ponto, está acorde com a vontade governamental.

Basta ler-se o ofício dirigido ao senhor Chefe de Polícia pelo senhor Secretário do Interior e Justiça, para que se fique convencido de que o senhor Adolfo Konder não quer desobedecer ao seu pensamento ou aos seus elevados propósitos, que o tornam, cada vez mais, um exemplo de governante magnífico, que tem na sua cultura e no seu espírito reto a razão de ser de deliberações límpidas, impondo-o à consideração, à simpatia e à admiração populares.

Nas suas mãos, a governança não se transmudou em arma de compressão, flagrantizando a velha fórmula do “quero e mando”, pela ascendência sobre os desejos do eleitorado.

Os seus gestos são, assim, definitivos, firmando o senso de que não admite a *camouflage* de princípios, democráticos, os quais encarna com o máximo desprendimento.

É um exemplo, repetimos.

Exemplo de quem se tornou mandatário da confiança dos seus conterrâneos, e pelo estudo, pela observação, não pode tolerar a violência, nem pode admitir a usança de processos, que o seu talento condena, e a sua honorabilidade nunca endossaria.

Não é estranhável que sua excelência tenha dessas atitudes confortantes, pela certeza de que vivemos dentro dum regime em que as convicções e as aspirações não estão subordinadas à inutilidade por meio da resolução da autoridade suprema.

O chefe do executivo, que tem sua ação caracterizada na serenidade e firmeza dos seus atos, visionando um futuro, a que não doura a fantasia, através do seu civismo e no cumprimento da finalidade que se traçou, executa fielmente o seu programa, realizando as diretrizes preestabelecidas.

A lei tem de ser interpretada, sem mascaramento, constituindo-se uma verdade prestigiosa, anulando a contumácia de mentira solerte.

Neste ainda curto período governamental poderá ver-se que o senhor Adolfo Konder não se afastou dos preceitos constitucionais, e tem sido rigoroso, e por isso mesmo justo na sua atuação, sem vaidades d'elogios e sem temor de críticas.

Garantindo o direito da minoria, houve por bem determinar às autoridades

completa imparcialidade no pleito em questão, livre da intromissão dos a quem impende a tarefa de zelar pela ordem pública, tornando inadmissível a intervenção de autoridades estaduais e de elementos outros, com o fim de cancelar a liberdade do voto.

Existindo uma organização partidária com ramificação em todos os municípios, onde a aquiescência às suas felizes e ponderadas deliberações se fez uma notável força homogênea, não quer dizer que se cerceie o direito aos que porventura dela divirjam, formando uma situação que se não compatibiliza com a isenção de ânimo e o trabalho dedicado que nos orientam.

Estabelecendo as vigorosas, medidas já expostas, o governo abre novo caminho, garantindo um direito que se não pode conspurcar, e dando um ritmo novo aos pleitos eleitorais, com o respeito e o acatamento a todas as vontades.

Assim, pois, sofre um movimento renovador o aparelho por que o cidadão desempenha o seu dever, sem constrangimento ou coação, que lhe impeçam o exercício necessário do seu desejo.

Concorre ainda, por outro lado, para que se ativem as votações e se atraia o cidadão às urnas, como elemento colaborador de real importância.

Santa Catarina adota novos moldes administrativos e políticos, e isso equivale à adesão de forças antes vencidas pela desesperança, mas reanimadas, seguras de que o dinamismo que as impulsiona não fraquejará, nessa luta excepcional em que se não afadiga, e por que se poderá estalonar o nosso valor, o orgulho que todos temos da nossa gente e dos talentos que nos conduzem à conquista do que aspiramos e devemos ser.

TITO CARVALHO

## C20

Sobre o mesmo assunto

Confessamos, de começo, que a observação de alguns anos nos tornou conhecida a engrenagem eleitoral.

Embora leis sancionadas, encontrava-se, não raro, uma fenda por onde se mistificavam processos, suprindo a verdade das urnas com um resultado artificial.

O hábito, sobretudo no interior, enraizou-se, assegurando o prestígio que se deveria firmar num espírito de disciplina partidária, em apoio às vontades diretoras.

Já dissemos aqui, com argumentos que interpretam o nosso pensamento e que podem ser contestados, o que julgamos sobre o voto secreto.

Seria, sem dúvida, mais acertado que se estabelecesse a obrigatoriedade do voto.

A princípio, é certo, deparar-se-nos-iam relutâncias, obstáculos, dissabores mesmo.

Isso, aliás, foi verificado com o serviço militar, no tocante ao recrutamento, que hoje tem a sua função normalizada, através dum trabalho de infiltração enérgica e salutar.

Não há dúvida que antecipamos, por uma grande força de vontade, uma época talhada para o futuro.

Mas aí é que está a demonstração da nossa inteligência empreendedora, do senso que nos orienta e que ilustra o nosso valor racial.

Sem esse impulso que determina destinos, e que nos arma de coragem para a conquista duma situação invulgar, quedar-nos-íamos na insensibilidade dos que podem ativar realizações, em harmonia com a evolução transformadora em todos os seus aspectos.

As condições de adaptação de melhoramentos administrativos ou políticos, consentânea com a índole do meio, já não são uma ilusão a trazer indecisos os que têm responsabilidades, e que, pela sua capacidade, sabem reagir contra quaisquer tropeços.

A questão, em si, está nos moldes a adotar, pelo conhecimento profundo do ambiente, vencendo-se os mais refratários, – tarefa a que adjudicarão seu esforço os que se compenetraram do dever que lhes prescrevem os seus próprios sentimentos de civismo.

À primeira vista, o desânimo minador despertaria comentários de descrença, e o combate à indiferença mais se atualiza, como compreensão dum elevado ideal patriótico.

Destarte terá o povo colaboração direta na formação da sua prosperidade, agindo conscientemente, dentro de novas normas, caracterizadas pelos benefícios do regime que perfilhamos, e que não deve nem poderá ser uma falsidade, convencional, em contrário do que impõem os preceitos democráticos.

Era convicção assente de que, a ausência nos pleitos, nada encerrava de significativo para o eleitorado, que, em sua maior parte, sofria a sua decisão galvanizada pela disputa dos cargos eletivos em que assumiam proporções de juizes, à parte, ainda, expedientes que o convencessem da necessidade de comparência às suas secções.

Essa convicção, por frágil, vai a desfazer-se, diante da serenidade com que o Legislativo e o Partido assumem diretrizes outras, aferindo valores, e apresentando às multidões talentos legítimos que lhes advogarão as aspirações e interesses com o mais franco desprendimento e a mais firme lealdade.

O exemplo da última eleição é ilustrativo.

Que nos conte, não se registrou ainda, no Estado, tão confortante vibração, impulsionando os eleitores ao exercício dum direito que, longo tempo, se lhes tornou desinteressante.

Contribuíram, nesse caso, a meditada resolução do Partido Republicano Catarinense, e as providências, que já salientamos aqui, do governo, assegurando a liberdade do voto, o direito da minoria, com a exclusão da interferência de autoridades, e de elementos que prejudicariam uma obra de largo alcance, como testemunho do acatamento devido a cada cidadão, na plenitude da sua livre manifestação, atuando conscientemente, dentro da maior liberalidade.

O censo da derradeira votação autoriza-nos prever que o título eleitoral não se constitui mais um documento gracioso; como o que se deliberou e realizou foi tarefa a que a crítica menos torturada pelo ceticismo não negará o seu juízo justiceiro.

É uma reivindicação aproveitando fatores de realce no positivar a nossa finalidade.

E é um modelo, convergindo esforços para que o país confie no patriotismo dos seus filhos, sobre os quais impende a obrigação de torná-lo forte, caminho da sua grandeza, pelo aumento considerável e necessário do seu prestígio.

TITO CARVALHO

Elginismo

O termo, ou melhor, o neologismo, ao que nos parece, tem áreas de novidade para nós.

*Lês Annales* afirmam que “ce n'est pás plus um sport nouveau qu'une maladie”.

Eça de Queiroz fez com que um de seus tipos, de parceria com Topsisius, fosse ao Oriente, forçado pelo mesmo mal, bem que sob outro aspecto, a colher uma relíquia, que a sua volubilidade transformou em desmancha-sonhos...

Em França, os velhos miliardários e antiquários visitavam castelos, que adquiriam para reedificá-los sob seu domínio, comprando mais objetos históricos, ainda com resplandecências de heroísmo, os quais se prendiam, como partes integrantes, ao esplendor das conquistas e ao luxo, ao fausto da cortes.

Esse comércio, porém, sustentado pelo prestígio do ouro, vitorioso, acordou a sensibilidade mental e nacionalista, que deseja tal patrimônio intacto, pelo menos daqui por diante.

É que *mister* Henri Auriol apresentou à Câmara um projeto de lei, com medidas proibitivas a tal respeito.

Impulsionou-lhe o gesto a nova de que um colecionador americano se havia declarado pronto à compra de colunas, capitéis, estatuas, genuflexórios vitrais, etc., com o fim de organizar “un monasthère gothique avec lês vieux fragments trouvés en France”.

O elginismo tem a sua significação tomada ao nome de *Lord Elgin*, que punha nos caixotes, enviando-os aos porões dos transatlânticos, esculturas do Parthenon, com destino a Londres.

A enfermidade nos tem causado também regulares males, porque o nosso apego ao utilitarismo nos dá a amnésia do passado, com a facilidade que qualquer encontrará em apossar-se de coisas e troféus históricos, sob o câmbio de ínfimas quantias.

Essa indiferença, em numerosos pontos, pode ser documentada pelo incêndio do *Seival*, no qual tombadilho Anita foi a encarnação da bravura, restando dele uma árvore que é símbolo, nascida na sua quilha, e transplantada para o jardim de Laguna.

Não será para causar pasmo que, mais dias, menos dias, o elginismo vá à igreja de Santo Antonio dos Anjos e procure, ao peso de libras ou *dollars*, adquirir a *Virgem da Conceição*, de Victor Meirelles

Essa obra-prima da arte brasileira poderia figurar numa pinacoteca, devendo notar-se que o grande pintor, sob qualquer inspiração estranha, fugiu ao costumeiro estilo das obras religiosas, emprestando-lhe linhas profanas, que são, evidentemente, uma fidelidade ao perfil ideado, sem a influência das gravuras e quadros em que a variedade de traços fisionômicos não fixa uma imagem perfeita e única.

Não nos faltam mesmo, nas escavações feitas pelo tempo, riquezas que se ligam estreitamente ao que fomos, desde a formação da nacionalidade, e os nossos museus se vêem desfalcados de inúmeras preciosidades, pela ausência de pesquisa e do

interesse que devera reger o seu trabalho.

O elginismo, que levou ao túmulo faraônico a curiosidade e o espírito tenaz de *Lord Carnavon*, bem poderá ser cortado cerce no Brasil, por que não se nos apresente a ridícula emergência de irmos ao estrangeiro admirar, com olhos esgazeados, sob compreensão modificada, o que possuíamos de valioso como padrões de arte ou hero ismo.

Conhecemos, em Santa Catarina, cole es particulares, organizadas persistentemente.

Não as nomeamos.

E desnecessário seria essa denúncia, que nos não impomos e que caberá, está visto, a autoridades em obediência a preceitos de lei.

Resta-nos, entanto, coibir decisivamente a remessa para o estrangeiro desses objetos, como afirma o de culto ao passado e dum senso cultural que se façam inflexíveis diante do augusto legado dos nossos maiores.

Pensamos assim.

E não será demasiado acrescentar que, procedendo d'outra forma, nos entregamos desavisados e indiferentes   invasão da moléstia, que encontrou em Henri Auriol o médico capaz, a prescrever remédio de salutareos efeitos...

Tito Carvalho

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de alargar o conhecimento da literatura praticada em Santa Catarina no início do século XX, o interesse fundamental do presente trabalho foi trazer a público crônicas esparsas do escritor e jornalista Tito Carvalho que ainda permaneciam em jornais da época. A transcrição dessas crônicas dos exemplares do jornal *República* da década de 20, que são trazidas a público quase cem anos depois, é completada com elementos que favoreçam a compreensão desses textos pelo leitor contemporâneo. Ou seja, além do trabalho de levantamento, coleta e transcrição dos textos arquivados na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, houve a preocupação, na medida do possível, de esclarecer o que esses fragmentos da memória cotidiana catarinense apresentavam.

A mencionada transcrição seguiu os critérios básicos deste tipo de trabalho, para que não ocorressem distorções. Contudo, sabe-se que o simples fato de extrair as crônicas do contexto em que se inseriam já promove uma mudança, que, por sua vez, não é a primeira, já que o próprio tempo se encarregou de afastá-las daquilo que as alimentava – o cotidiano, ou seu contexto histórico. Tendo isso em vista, observa-se que o estabelecimento das crônicas está vinculado ao desejo de recuperar a memória, e este fato em si já pressupõe o esquecimento. A busca pelo que está esquecido remete à idéia de arquivo, no qual “memórias” ficam armazenadas. Como foi possível observar ao longo deste trabalho, as crônicas de Tito Carvalho apresentam-se, muitas vezes, como

documentação do passado, contudo, devido até mesmo ao fato de serem textos de caráter furtivo e breve, apresentam apenas aspectos pontuais da história e do cotidiano daquela época. No entanto, como lembra Eneida Maria de Souza, isso está previsto por quem sofre do “mal do arquivo” e sabe que na busca pela memória sempre há peças ausentes.

Apesar de certas lacunas, foi possível verificar que as crônicas analisadas apresentam importância histórica no que concerne à apresentação de fragmentos da vida cotidiana de diferentes pontos de Santa Catarina, em um período de transformações culturais e políticas em todo o país (época em que se discutia o apoio às manifestações artísticas, a melhoria do ensino e das condições de higiene das cidades e dos indivíduos, entre outras questões). Observou-se, ainda, que esses textos apresentam importância literária por evidenciarem uma outra performance de um escritor mais conhecido como regionalista. E, mesmo constatando que essas crônicas seguem, em geral, uma prática bem conhecida na literatura daquele período, conforme foi visto neste trabalho, pode-se dizer que, em muitos casos, o valor dos textos transcritos é bem preciso: eles serviram como exercício para o escritor, o que pode ser constatado se forem aproximadas às crônicas produzidas na década de 50.

Esse duplo caráter assumido pelas crônicas (histórico e literário) remete à discussão realizada em torno do “lugar” da crônica – se em meio ao jornal ou à literatura. Observou-se que, com relação ao gênero crônica, não há uma solução precisa para o impasse, e no que compete aos textos de Tito Carvalho (especificamente àqueles caracterizados como bilhetes), viu-se que igualmente apresentam oscilação, apresentando características que os vinculam tanto ao jornal quanto à literatura.

No que se refere ao conteúdo, observou-se que as crônicas, analisadas sob o ponto de vista ideológico, apresentam as idéias e o posicionamento de um indivíduo inserido em seu contexto e que sempre buscou estar inteirado dos acontecimentos da

sociedade de que fazia parte. Desse modo, verificou-se neste trabalho que a postura assumida por Tito Carvalho é conservadora no que concerne à visão de mundo e à linguagem empregada. Cultiva uma postura moralista quanto aos costumes dos indivíduos, participa da visão positivista (comum para a época) da sociedade, colocando-se em geral ao lado dos governantes e das decisões políticas tomadas pelos órgãos públicos.

Além disso, sem levar em conta apenas ideologias restritas ao momento histórico do escritor, os aspectos levantados nas crônicas desse período não deixam de ser, tendo em vista que a maior parte dos problemas enfrentados pelo país não envelheceu. Após observar alguns dos elementos do cotidiano com que Tito Carvalho lidava, sem dúvida nenhuma, é possível perceber o quanto Santa Catarina mudou em inúmeros aspectos da década de vinte em relação aos dias atuais. Apesar disso, ao realizar um paralelo entre os acontecimentos retratados nas crônicas da década de 20 e os constatados atualmente, observam-se traços comuns – problemas daquele período estão presentes ainda no século XXI. Questões básicas como instrução e saneamento, obras públicas que beneficiem a população no todo; luta por melhores salários e mais empregos; enfim, o fortalecimento da economia, o anseio por construir uma sociedade com base moral bem estruturada, na qual os cidadãos, livres de incertezas e apreensões, possam ter trabalho e lazer de modo saudável.

Vale ressaltar que a realização deste trabalho (com a transcrição, atualização e apresentação de informações suplementares aos textos) procurou, de certo modo, promover o contato entre as crônicas e seus possíveis leitores. O que dessa relação pode surgir é inesperado, dependerá de diversos fatores, como as experiências anteriores de leitura que cada indivíduo possuir. É importante afirmar, ainda sobre essa relação, que as informações adicionais acerca do autor, contexto histórico e social e as apreciações sobre

os textos não pretendem direcionar a leitura, atribuir noções de valor ou fazer julgamentos quanto aos textos, mas apenas mostrar alguns aspectos que envolviam o olhar desse cronista, inserido no contexto de sua época.

Ao finalizar, entretanto, uma certeza: apesar de toda a pesquisa realizada aqui, este trabalho não está concluído, havendo possibilidades de novas pesquisas e análises futuras.

## REFERÊNCIAS

ACADÊMICOS. Disponível em: Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 15 jan. 2005.

ANTIGUIDADE. Disponível em: <<http://www.vidaslusofonas.pt/antiguidade.htm>>. Acesso em 16 jan. 2005.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. São Paulo: PUC, 1989. (Dissertação de mestrado).

ARMANDO, Maria Luiza de C. **Projeto de pesquisa: edição crítica da obra jornalística de Simões Lopes Neto, escritor regionalista riograndense – do sul (1865-1916)**. [19--] [mimeo].

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Tradução de José Paulo Paes. 2. ed., São Paulo: Cultrix, 1972.

AZEVEDO FILHO, Leodegário. **Iniciação em crítica textual**. São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: Presença, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

BITENCOURT, João Batista. *Cidades em movimento*. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

BRAYNER, Sonia. **Labirinto do Espaço Romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira: 1880-1920**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BUENO, Silveira. **Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1964.

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Realização do Governo Ivo Silveira, 1968.

CALDEIRA, Almiro. *Tropilha guapa no pago das letras*. In: CARVALHO, Tito. **Vida salobra e Bulha d'arroio: a ficção regionalista de Tito Carvalho**. Florianópolis: FCC, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: **A educação pela noite**. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. *A vida ao rés-do-chão*. In: **Para gostar de ler**. 12. ed., São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. **Uma palavra instável – Nacionalismo**. São Paulo, 1995. Disponível em: <[http://geocities.yahoo.com.br/ideia\\_form/textos/a\\_candido.html](http://geocities.yahoo.com.br/ideia_form/textos/a_candido.html)>. Acesso em: 4 nov. 2004.

CARDOSO, Marília Rothier. *Moda da crônica: frívola e cruel*. In: CANDIDO, Antonio. et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

CARVALHO, Tito. **Vida salobra**. Florianópolis, [19--].

\_\_\_\_\_. **Bulha d'arroio**. Edição crítica de Danila C. da Cunha Luz Varella. Florianópolis: UFSC, 1978.

\_\_\_\_\_. **Gente do meu caminho**. Organização, pesquisa, estabelecimento, estudo crítico e notas por Helena Tornquist. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Vida salobra e Bulha d'arroio: a ficção regionalista de Tito Carvalho**. Textos introdutórios de Almiro Caldeira e Mâncio da Costa. Florianópolis: 1992.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História da cultura catarinense – o Estado e as idéias**. Florianópolis: Editora da UFSC: Diário Catarinense, v. 1, 1997.

COUTINHO, Afrânio (Dir.). **A literatura no Brasil**. 7. ed., São Paulo: Global, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ELIOT, T.S. *A tradição e o talento individual*. In: **Essais critiques**. Paris: Seuil, 1965.

ENCICLOPÉDIA luso-brasileira de cultura. Lisboa: Verbo, v.14, 1973.

FERNANDES, Carlos. **Biografias**. Disponível em: <<http://www.sobiografias.hpg.com.br>>. Acesso em: 03 jul. 2005.

GOMES, Manoel. **Memória barriga verde**. Florianópolis: Lunardelli, 1990.

HISTÓRIA da fundação de Florianópolis. Disponível em: <<http://www.guiafloripa.com.br/cidade/historica.php3#A%20fundação>>. Acesso em: 03 jul. 2005.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

JOBIM, José Luís. **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

JÚNIOR, Abdala; CAMPEDELLI, Samira. **Tempos da literatura brasileira**. 2. ed., São Paulo: Ática, 1986.

JUNKES, Lauro. **O mito e o rito**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Tradução de Helena Tornquist. Paris: Seuil, 1996.

LIMA, Alceu Amoroso. **Jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte: Edusp, 1990.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Aspectos histórico-sociais de Florianópolis na década de 20**: entrevista [mar. 2005]. Entrevistadora: Simone Constante Flores. Florianópolis: 2005. 1 cassete sonoro.

MACHADO, César do Canto. **Biografias de catarinenses notáveis**. Florianópolis: Insular, 2001.

MAGALHÃES, Álvaro. **Enciclopédia brasileira Globo**. 21 ed., Porto Alegre: Globo, 1984.

MEIRINHO, Jali. **República e oligarquias**. Florianópolis: Insular, 1997.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à Filologia portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

\_\_\_\_\_. **Iniciação à Filologia e à Lingüística portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.

MELO, Maria Albertina Freitas de. **Contrapontos: as cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa**. Florianópolis: UFSC, 2001. (Dissertação de mestrado).

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 10. ed., São Paulo: Cultrix, 1982.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, v.3, 1984.

MOURALIS, Bernard. **As contraliteraturas**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

MUSEU Castro Maia. Disponível em:  
<<http://www.rioartecultura.com/castromaiaerotismo.htm>>. Acesso em: 03 jul. 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. [S.l.: s.n.], [19--].

NUNES, Zilma Gesser. **Espectros do texto: resgate de poemas inéditos de Ernani Rosas**. Florianópolis: UFSC, 1995. (Dissertação de mestrado).

NUPILL. Disponível em: <<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/nupill2.html>>. Acesso: 13 fev. 2005.

PAULI, Evaldo. **Enciclopédia de Santa Catarina**. Disponível em:  
<<http://www.cfh.ufsc.br/~simposio/Catarinense/indiceCat1.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2005.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **A lição do texto - Filologia e Literatura**. Tradução de Alberto Pimenta. Lisboa: Edições 70, 1979.

PÓLVORA, Hélio. **Graciliano, Machado, Drummond e outros**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

RANZOLIN, Célia Regina. **Clarice Lispector cronista: no Jornal do Brasil (1967-1973)**. Florianópolis: UFSC, 1985. (Dissertação de mestrado).

REIS, Roberto. *Cânon*. In: JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Irago, 1992.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 3. ed., São Paulo: Ática, 1987.

SABINO, Lina Leal. **Grupo Sul: o Modernismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SACHET, Celestino. **Antologia de autores catarinenses**. Rio de Janeiro: Laudes, [19--].

\_\_\_\_\_. **As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina**.

Florianópolis: UDESC: EDEME, 1974.

\_\_\_\_\_. **A literatura de Santa Catarina.** Florianópolis: Lunardelli, 1979.

\_\_\_\_\_. **A literatura catarinense.** Florianópolis: Lunardelli, 1985.

SACHET, Celestino; SOARES, Iaponan. **Presença da literatura catarinense.** Florianópolis: Lunardelli, 1989.

SACHET, Celestino; SACHET, Sérgio. **Santa Catarina: 100 anos de História.** Florianópolis: Século Catarinense, v. 2, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 2 ed., São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Márcia Ivana de Lima e. **O processo criativo em *Incidente em Antares*: uma análise genética.** Porto Alegre: PUC/RS, 1995. (Tese de doutorado).

SOARES, Iaponan; WOLFF, Joca (Coord.). **Tito Carvalho.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1994.

SOUZA, Eneida Maria de. *Males do arquivo.* In: MARQUES, Reinaldo; BITTENCOURT, Gilda Neves (Org.). **Limiares Críticos.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: crítica textual.** 2. ed., São Paulo: Ars Poética: EDUSP, 1994.

SÜSSEKIND, Flora. **O sapateiro Silva.** Rio de Janeiro: FCRB, 1983.

TITO Carvalho. Disponível em: <<http://www.orleans.sc.gov.br>>. Acesso em: 16 out. 2004.

VIEIRA, Evaldo. **Autoritarismo e corporativismo no Brasil.** 2 ed., São Paulo: Cortez, 1981.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura.** Tradução de José Palla e Carmo. 2. ed., Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.

WIDIPEDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Biografias>>. Acesso em: 03 jan. 2005.

## **ANEXO – REPRODUÇÃO DE FAC-SÍMILES**













## ÍNDICE CRONOLÓGICO

Código	Data	Destinatário	Assunto	Página
B1	15/10/1922	Virgílio Várzea	Travessia ( <i>raid</i> ) de Itajaí a Florianópolis realizada por cinco integrantes do Clube Marcílio Dias, em uma pequena embarcação.	65-66
B2	29/10/1922	Hercílio Luz	Decisão de Hercílio Luz de abolir o hino, a bandeira e as armas catarinenses e adotar os símbolos nacionais.	67-68
B3	04/11/1922	Lança Cordeiro	Os imigrantes alemães e portugueses e a formação da nacionalidade brasileira.	69-70
B4	28/03/1923	Ronald de Carvalho	Vigésimo quinto aniversário da morte de Cruz e Sousa.	71-72
B5	28/08/1923	Everardo Backeuser	Nacionalização das escolas dos antigos núcleos de população alemã.	73-74
B6	24/04/1924	Ministro Giurati	Navio <i>Itália</i> deixa o Brasil. Referência à vida de Giuseppe e Anita Garibaldi.	75-76
B7	27/05/1924	Arthur Leitão	Viagem de Hercílio Luz a Portugal, em Junho. Elogios ao governador.	77
B8	12/11/1926	Victor Konder	Convite do presidente Washington Luís para que Victor Konder torne-se ministro.	78
B9	28/12/1926	Cid Campos	Solicitação para que Cid Campos interceda por um jovem com problemas mentais, transferindo-o do presídio para o hospício.	79
B10	29/12/1926	Abelardo Luz	Alistamento eleitoral.	80
B11	30/12/1926	Lopes Vieira	Melhoria da Força Pública.	81-82
B12	31/12/1926	Othon d'Eça	Crítica à Academia Catarinense de Letras.	83
B13	01/01/1927	Sá Rocha	Ampliação do sistema rodoviário.	84
B14	04/01/1927	Walmor Ribeiro	Discurso de Walmor Ribeiro em despedida ao ministro Victor Konder, que partia em viagem para o exterior.	85

B15	05/01/1927	Maura de Senna Pereira	Agradecimento por Maura de Senna Pereira lhe ter dedicado conceitos a respeito do Amor e do Proletário.	86
B16	06/01/1927	Otto Feuerschuette	Elogio ao trabalho realizado por Otto Feuerschuette.	87-88
B17	07/01/1927	Heitor Blum	Elogio ao trabalho desenvolvido por Heitor Blum na Superintendência do Estado.	89
B18	08/01/1927	João Guimarães Cabral	Problemas do porto de Laguna.	90
B19	09/01/1927	Pedro Cunha	Elogio ao bom trabalho de fiscalização das finanças durante a construção da ponte Hercílio Luz.	91
B20	11/01/1927	Adolfo Konder	Elogio à atitude do governador Adolfo Konder de enfrentar a coluna rebelde de Leonel Rocha.	92
B21	12/01/1927	Celso Bayma	Elogio e incentivo ao trabalho desempenhado pelo deputado Celso Bayma.	93-94
B22	13/01/1927	Augusto Montenegro	Combate de Paim Filho aos rebeldes liderados por Leonel Rocha.	95
B23	14/01/1927	Manoel da Nóbrega	Nomeação de Manoel da Nóbrega como delegado auxiliar.	96
B24	15/01/1927	Wanderley Júnior	Elogio ao trabalho de Wanderley Júnior, unificando as relações entre Paraná e Santa Catarina.	97
B25	16/01/1927	Wenceslau Breves	Reconstrução e alargamento da estrada Estreito-Biguaçu.	98-99
B26	18/01/1927	Dutra (coletor de São Joaquim)	Elogio a Dutra por aceitar o trabalho na coletoria.	100
B27	19/01/1927	Eurípides Ferro	Solicitação de melhores condições de trabalho para Lucas Viana, funcionário dos telégrafos, em Laguna.	101-102
B28	20/01/1927	Luís Trindade	Luís trindade como auxiliar de Mâncio da Costa junto à instrução pública.	103
B29	21/01/1927	Gregório Cruz	Incentivo a Gregório Cruz para assumir algum posto de relevância que favoreça São Joaquim.	104

B30	22/01/1927	Orestes Guimarães	Orestes Guimarães aceita a incumbência de codificar as leis do ensino.	105
B31	23/01/1927	João Cardoso Bittencourt	Lamento. Tito Carvalho afirma ter sido vítima da maledicência da crítica de Laguna e solicita que João Cardoso Bittencourt lhe faça justiça.	106
B32	25/01/1927	Fernando Machado	Elogios a Fernando Machado por suas contribuições ao longo da vida profissional.	107-108
B33	26/01/1927	Araújo Figueiredo	Admiração pelo poeta Araújo Figueiredo que estava doente.	109
B34	27/01/1927	Wenceslau Bueno	Homenagem póstuma a Wenceslau Bueno, com a inauguração de seu retrato em um grupo escolar de Palhoça.	110
B35	28/01/1927	Godofredo Marques	Pesar pelo falecimento do coronel José Maurício.	111
B36	29/01/1927	Meu benemérito inimigo	Resposta a uma crítica recebida.	112-113
B37	30/01/1927	Campos Júnior	Felicitação pelo aniversário de Campos Júnior.	114
B38	01/02/1927	Edmundo Grisard	Homenagem a Oscar Rosas.	115
B39	02/02/1927	Didi (Rosário do Maranhão)	Recebimento de uma carta enviada pela primeira professora, solicitando a publicação do livro que Tito Carvalho vinha escrevendo há algum tempo.	116-117
B40	03/2/1927	Dom Joaquim Oliveira	Elogio a Dom Joaquim Oliveira.	118
B41	04/02/1927	Abílio Mafra	Elogio ao trabalho realizado por Abílio Mafra como construtor.	119
B42	05/02/1927	José Boiteux	Victor Meirelles.	120-121
B43	06/02/1927	Mascarenhas Filho	Agradecimento por elogio recebido de Mascarenhas filho. Descrição pessoal.	122-123
B44	08/02/1927	Caio Machado	Visita do paranaense Caio Machado. Desejo de que haja intercâmbio cultural entre Santa Catarina e Paraná.	124
B45	09/02/1927	José Candemil	Possibilidade de melhorias para o município de Imaruí, com a nova representação municipal.	125-126
B46	10/02/1927	Luiz Gallotti	Folclore de Florianópolis.	127
B47	11/02/1927	Newton Ramos	Situação viária de São Joaquim.	128

B48	12/02/1927	Mâncio da Costa	Dedicação de Mâncio da Costa à melhoria da instrução pública.	129-130
B49	13/02/1927	Vicente Góes	Sobrecarga de trabalho do correio de Laguna.	131
B50	15/02/1927	Miguel Savas	Término do movimento rebelde sob o comando de Prestes.	132
B51	16/02/1927	Dona Maria das Mercês	Aniversário do falecimento de Francisco Tolentino de Souza.	133
B52	17/02/1927	Baptista & Cia	Valorização do porto de Laguna.	134-135
B53	18/02/1927	Ruben Ulysséa	Aposentadoria de João da Ega.	136
B54	19/02/1927	Crispim Mira	Apoio a Crispim Mira, hospitalizado devido a um atentado.	137-138
B55	20/02/1927	Alcibíades Seara	Alcibíades Seara no governo municipal de Araranguá.	139
B56	22/02/1927	Carlos Corrêa	Carlos Corrêa no cargo de diretor de higiene.	140
B57	23/02/1927	Clementino Brito	Felicita Clementino Brito por seus trabalhos teatrais.	141
B58	24/02/1927	João Crespo	Gratidão por um bilhete enviado por João Crespo.	142
B59	25/02/1927	Fonseca Nunes	Falecimento de Polydoro Santos.	143
B60	26/02/1927	Ogê Mannebach	Aparente desaparecimento do tom irônico dos textos produzidos por Ogê Mannebach.	144-145
B61	27/02/1927	Folião	Comportamento do folião durante o carnaval.	146
B62	01/03/1927	César Ávila Rio	Visita do vice-governador, Walmor Ribeiro, a Lages. Caetano Costa na direção do município de Lages.	147
B63	03/03/1927	Eugênio Bossle	Eugênio Bossle como conselheiro do novo governo municipal.	148
B64	04/03/1927	Manoel Maia	Atuação de Manuel Maia na campanha contra a rebeldia no oeste catarinense.	149
B65	05/03/1927	Medeiros Filho	Discussão acerca da decisão tomada pelos membros do Tribunal de Justiça, oferecendo <i>habeas-corpus</i> aos agressores de Crispim Mira.	150-151
B66	06/03/1927	---	Falecimento de Crispim Mira.	152

B67	08/03/1927	Etienne Stawiarski	Admiração pelo trabalho científico realizado por Etienne Stawiarski.	153
B68	09/03/1927	Padre F. Maute	Admiração pelo antigo professor, Padre F. Maute, do Ginásio Catarinense.	154
B69	10/03/1927	Willy Busch	Elogio à apresentação do pianista Willy Busch.	155
B70	11/03/1927	Vieira da Rosa	Admiração pelo trabalho de levantamento de informações (geográficas, geológicas) sobre o território catarinense, feito por Vieira da Rosa.	156-157
B71	12/03/1927	Zenon Leite	Importância do intercâmbio cultural entre os estados do sul do Brasil.	158
B72	13/03/1927	Francisco Fagundes	Resultado positivo do apoio de Francisco Fagundes ao jovem pintor Martinho de Haro.	159
B73	15/03/1927	Dionísio Sousa	Admiração pelo trabalho realizado por Dyonísio Sousa junto ao Telégrafo do Rio de Janeiro.	160
B74	16/03/1927	Lavrador	Reflorestamento.	161-162
B75	17/03/1927	Viriato Garcia	Incentivo a melhorias para a localidade de Nossa Senhora do Socorro, ponto intermediário entre São Joaquim e Laurc Müller.	163
B76	18/03/1927	Presidente da maternidade	Gestos de caridade de Irmão Joaquim e Etelvina Luz.	164
B77	19/03/1927	Amadeu Luz	Elogio a Etelvina Luz em seu aniversário de falecimento.	165-166
B78	20/03/1927	Henrique Fontes	Boa relação entre Paraná e Santa Catarina.	167
B79	22/03/1927	Tavares d'Amaral	Hidroavião português rumo ao Brasil.	168
B80	23/03/1927	Jorge A. C. Bleyer	Admiração pelo trabalho do paleontólogo Jorge A. C. Bleyer em Santa Catarina.	169
B81	24/03/1927	Gelta de Vasconcellos	Anúncio de concerto com a jovem pianista blumenauense, Inocência da Rocha, de talento reconhecido na França.	170

B82	25/03/1927	Silveira Penha	Admiração por Silveira Penha, que passou por intervenção cirúrgica e teve as duas pernas amputadas acima dos joelhos.	171
B83	26/03/1927	João Areão	A importância do escotismo para a difusão de preceitos que favoreçam a educação patriótica e a profilaxia social.	172
B84	27/03/1927	Inácio Pereira	Estado de conservação da serra do rio do Rasto.	173
B85	29/03/1927	Rodrigo Júnior	Importância do intercâmbio cultural entre os estados do sul e também, com São Paulo.	174-175
B86	30/03/1927	Rodolfo Weickert	Elogio ao trabalho realizado por Rodolfo Weickert em prol de Laguna.	176
B87	31/03/1927	Irene Machado	Importância do papel do professor para a sociedade. Modificações positivas no ensino.	177-178
C1	18/03/1923	---	Homenagem a Cruz e Sousa em seu vigésimo quinto aniversário de falecimento.	179
C2	11/09/1923	---	Escotismo	180
C3	19/10/1923	---	Escotismo	181-182
C4	09/11/1923	---	Escotismo	183-184
C5	29/01/1924	Tolentino Júnior	Escotismo – aventura do escoteiro Rafael Aiello Neto	185-186
C6	15/03/1924	Araújo Figueiredo	Ingresso de Araújo Figueiredo na Academia Catarinense de Letras	187-188
C7	27/01/1927	Celso Bayma	Indicação de Celso Bayma, pelo Partido Republicano Catarinense, como candidato à renovação do terço no Senado.	189
C8	28/01/1927	Edmundo da Luz Pinto	Indicação de Edmundo da Luz Pinto como candidato a uma vaga na Câmara.	190-191
C9	29/01/1927	Abelardo Luz	Indicação de Abelardo Luz como candidato a uma vaga na Câmara.	192-193
C10	30/01/1927	Fúlvio Aducci	Indicação de Fúlvio Aducci como candidato a uma vaga na Câmara.	194

C11	10/02/1927	---	Presença das forças revoltosas em Santa Catarina (Coluna Prestes) e fracasso da rebelião.	195-196
C12	11/02/1927	---	Voto secreto.	197-198
C13	12/02/1927	---	Extinção do movimento rebelde sob o comando de Prestes.	199-200
C14	13/02/1927	---	Administrações municipais muito dependentes financeiramente do governo do Estado.	201-202
C15	15/02/1927	---	Fim do mandato de Arthur Bernardes.	203-204
C16	16/02/1927	---	Elogio ao desempenho de Adolfo Konder como governador de Santa Catarina.	205-206
C17	17/02/1927	---	Reunião de superintendentes, proporcionando o intercâmbio entre os municípios, com o objetivo de discutir problemas.	207
C18	18/02/1927	---	Comércio catarinense.	208-209
C19	24/02/1927	---	Eleições federais para escolher representantes para a Câmara e o Senado.	210-211
C20	26/02/1927	---	Eleições: aumento da participação do eleitorado. Apresentação das últimas eleições como exemplo da garantia de liberdade do voto, com exclusão da interferência de autoridades. Patriotismo.	212-213
C21	10/03/1927	---	Coleções particulares, no Brasil e no exterior, constituídas de obras-de-arte e objetos históricos, que deveriam estar em museus.	214-215

## ÍNDICE ONOMÁSTICO

ADUCCI, Fúlvio: Fúlvio Coriolano Aducci (Florianópolis, 1884-1955) desempenhou significativa carreira política, também, foi jornalista e professor de Direito. p.194
AFRÂNIO, Júlio: Júlio Afrânio Peixoto (Bahia, 1876 - Rio de Janeiro, 1947) foi médico legista, político, professor, crítico, ensaísta, romancista, historiador literário (ver PEIXOTO, Afrânio). p.71
Alexandre III: - Alexandre, o grande (356-323 a.C.) ou Alexandre III Magno, rei da Macedônia, conquistador do império persa, um dos mais importantes militares do antigo mundo. p.65
AREÃO, João: João Stendel Areão (Laguna) foi radiotelegrafista da FAB, publicou romances de relativo êxito na década de 60. p.172
AURIOL, Henri: p.214
BACKEUSER, Everardo: Everardo Adolfo Backeuser (Rio de Janeiro, 1879-1951) foi engenheiro, cientista, educador e professor universitário e um dos maiores geógrafos brasileiros. p.73
BANANÈRE, Juó: Alexandre Marcondes Machado (São Paulo, 1892-1933) foi jornalista, engenheiro e poeta pré-modernista. Escreveu poemas no dialeto macarrônico. p.144
BARRETO, Paulo: João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (Rio de Janeiro, 1881-1921) usou o pseudônimo literário de João do Rio, foi jornalista, cronista, contista e teatrólogo. p.71
BARROS, João de: (Portugal, 1881-1960) foi poeta, pedagogo e entusiasta da aproximação luso-brasileira. Dirigiu com João do Rio a revista <i>Atlântida</i> . p.77
BASA: foi caricaturista. p.107
BATISTA & CIA: foi uma firma portuária. p.134
BAYMA, Celso: exerceu carreira política em Santa Catarina. p.93, 189
BECKER, Dom João: Dom João Becker (Alemanha, 1870 - Porto Alegre, 1946) foi o primeiro bispo da diocese de Florianópolis. p.87
BEIRES: José Manuel Sarmiento de Beires foi um famoso aviador português. Ficou conhecido, principalmente, por realizar a primeira travessia aérea noturna do Atlântico Sul, a bordo do hidroavião <i>Argus</i> . p.168
BERNARDES, Arthur: Arthur da Silva Bernardes (Minas Gerais, 1875-1955) formou-se em Direito, foi Deputado Federal e Senador, chegando a Presidente da República, no período entre 1922 a 1926. Seu mandato foi marcado pela perseguição e repressão às revoltas tenentistas e à coluna Prestes. p.203
BILAC, Olavo: (Rio de Janeiro, 1865-1918) foi o mais popular dos poetas parnasianos brasileiros. Além disso, fez campanhas pela instrução primária e pelo serviço militar obrigatório, entre outras, de caráter nacionalista. p.180
BITTENCOURT, João Cardoso: foi prefeito substituto em Orleans. p.106
BLEYER, Jorge A. C.: Jorge A. Clarke Bleyer (Alemanha, 1867 - Lages, 1955) foi geógrafo, escreveu <i>Contribuição ao estudo do troglodita das cavernas do planalto do Brasil</i> , que inclui as grutas do planalto catarinense. p.169

BLUM, Heitor: (Florianópolis, 1888-1950) exerceu carreira política em Santa Catarina. p.89
BOITEUX, José: José Arthur Boiteux (Tijucas, 1865 - Florianópolis, 1934) foi ministro da viação, jornalista e ensaísta, fundou o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e participou dos movimentos abolicionista e republicano (ver CANTU-MIRIM). p.120, 159, 180, 183
BOSSLE, Eugênio: foi conselheiro do município de Imaruí e cronista. p.125, 148
BRASIL, Martinho: p.169
BRASILÍCIO: José Brasilício de Sousa (1854-1910) foi músico, autor do Hino de Santa Catarina, também, foi astrônomo e estudioso e difusor do Volapuque. p.153
BREVES, Wenceslau: foi engenheiro. p.98, 108, 127
BRITO, Clementino: Clementino Fausto B. de Brito (Florianópolis) foi teatrólogo e integrou a Comissão Permanente de Folclore da Academia Catarinense de Letras em 1924. p.141
BUENO, Wenceslau: exerceu carreira política. p.110
BUSCH, Willy: foi pianista. p.155
CABRAL, João Guimarães: foi superintendente de Laguna. p.90, 111
CAMPOS, Cid: foi chefe de polícia. p.79
CANDEMIL, José: superintendente de Imaruí. p.125
CANTU-MIRIM: pseudônimo de José Boiteux. p.107
CARNAVON: <i>Lord Carnavon</i> (Inglaterra, 1866-1923) foi um milionário que financiou a pesquisa arqueológica de Howard Carter, que descobriu, em 1922, a tumba de Tutankamon. p.214
CARNEIRO, Álvaro: p.172
CARVALHO, Deodoro de: p.96
CARVALHO, Ronald de: (Rio de Janeiro, 1893-1935) foi poeta, ensaísta e crítico, focalizou a história da literatura e dos problemas brasileiros, estéticos e políticos. p.71
CATULO: (Verona, 85 - Roma, 54 a.C.) foi poeta lírico latino, seguiu a tradição dos poetas alexandrinos. p.87
COELHO, Jerônimo: Jerônimo Francisco Coelho (Laguna, 1806 - Rio de Janeiro, 1860) foi uma figura política de destaque durante o império. Exerceu, ainda, o jornalismo, sendo chamado de “espada falante”, pois ao falar prendia facilmente a atenção do público. p.120
CONSELHEIRO XX: Humberto de Campos (1886-1934) foi jornalista, político, crítico, cronista, contista, poeta, biógrafo e memorialista. p.116
CORDEIRO, Lança: português. p.69
CORRÊA, Carlos: Carlos José da Motta Corrêa (Rio de Janeiro, 1888 - Florianópolis, 1947) exerceu a medicina em Florianópolis a partir de 1913, também, publicou o livro de poemas <i>Confidências</i> . p.140
COSTA, Caetano: exerceu carreira política. p.147
COSTA, Mâncio da: Antônio Mâncio da Costa (Florianópolis, 1886-1971) formou-se em farmácia, lecionou Física e Química, publicou monografias e peças teatrais e foi diretor da Instrução Pública no governo de Adolfo Konder. Além disso, dedicou-se ao estudo de Linguística, Matemática, Astronomia, Ciências Físicas e Naturais. p.103, 110, 129

COSTA, Otacílio: Otacílio Vieira da Costa (Lages, 1883-1950) foi político e jornalista. p.147
COUTINHO, Gago: Carlos Viegas Gago Coutinho (Lisboa, 1869-1959), com Sacadura Cabral, fez a travessia aérea do Atlântico Sul. p.168
CRESPO, João: João Batista Crespo (Florianópolis, 1887 - Bahia, 1966) foi poeta, teatrólogo e jornalista. p.142
CRUZ E SOUSA: João da Cruz e Sousa (Florianópolis, 1861 - Minas Gerais, 1898) era negro e filho de escravos. Foi jornalista de pouco destaque e poeta incompreendido pela crítica de seu tempo, tendo seu valor reconhecido após sua morte. Ficou conhecido como “Cisne Negro”, considerado como o grande mestre do Simbolismo brasileiro. p.71, 187
CRUZ, Gregório: exerceu carreira política. p.104
CUNHA, Pedro: exerceu carreira política. p.91, 100
D'AMARAL, Tavares: Juvêncio Tavares d'Amaral exerceu carreira política. p.168
DE LAMARE: foi almirante. p.65
D'EÇA, Othon: Othon da Gama Lobo d'Eça (Florianópolis, 1892-1965) foi poeta simbolista, ficcionista e jornalista. p.83, 96, 120
DEL PICCHIA, Menotti: Paulo Menotti Del Picchia (São Paulo, 1892-1988) foi poeta, jornalista, político, romancista, contista, cronista e ensaísta. p.177
DIDI (Rosário do Maranhão): foi professora. p.116
DUTRA: foi coletor em São Joaquim. p.100
EBER: foi um imperador alemão. p.74
EGA, João da: foi cronista. p.136
ELGIN: <i>Lord Elgin</i> foi um embaixador britânico que, entre 1799 e 1803, conseguiu a autorização do governo turco para levar para a Inglaterra peças abandonadas na Acrópolis de Atenas. p.214
EMMEL: p.141
ENÉAS: foi tenente, integrante do grupo rebelde de Leonel Rocha. p.92
ENTRES: (possivelmente) Alberto Entres. p.116
FAGUET: Émile Faguet (1847-1916) foi escritor e crítico literário francês. p.93, 156
FAGUNDES, Francisco: foi Deputado. p.159
FERNANDES, João: foi coronel. p.139
FERRERO, Guglielmo: exerceu carreira política. p.195
FERRO, Antonio: foi escritor. p.129
FERRO, Eurípides: foi engenheiro e chefe do distrito de Laguna. p.101
FEUERSCHUETTE, Otto: exerceu carreira política. p.87
FIGUEIREDO, Araújo: Juvêncio de Araújo Figueiredo (Florianópolis, 1864-1927) foi poeta simbolista de destaque em Santa Catarina. Foi considerado <i>Príncipe dos poetas catarinenses</i> . p.109, 187
FILHO, Mascarenhas: foi jornalista. p.122
FILHO, Medeiros: foi Desembargador do Tribunal de Justiça. p.150
FILHO, Paim: chefiou as forças legalistas contra os Rebeldes de Leonel Rocha. p.95
FLAMMARION: Camille Flammarion (França, 1842-1925) dedicou-se ao estudo da astronomia e filosofia. Foi adepto da doutrina espírita. p.153
FONSECA, Thiago da: estudou o tema da nacionalização do ensino em <i>O problema</i>

<i>da instrução pública e o perigo alemão.</i> p.183
FONTES, Henrique: Henrique da Silva Fontes (Itajaí, 1885 - Florianópolis, 1966) foi Procurador Geral, Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, professor de língua portuguesa, Diretor da Instrução Pública, produziu livros de ensino fundamental, entre outros. p.129, 167
GALLOTTI, Luiz: (Tijucas, 1904-1978) exerceu carreira política, foi Interventor Federal e advogado. p.127
GARCIA, Viriato: exerceu carreira política. p.163
GARIBALDI, Anita: Ana Maria de Jesus Ribeiro (Brasil, 1821 - Itália, 1849) uniu-se a Giuseppe Garibaldi, no Brasil, durante a República Juliana, em Laguna, e acompanhou-o até a Itália. Devido ao modo de vida que levou, recebeu o título de <i>Heroína dos dois mundos</i> . p.67, 75, 214
GARIBALDI, Giuseppe: (1807-1882) foi um revolucionário italiano. p.75
GIURATI: foi Ministro. p.75
GÓES, Venusto: foi jornalista. p.148
GÓES, Vicente: exerceu carreira política. p.131
GOMES, Raul: foi escritor. p.97, 124, 158, 174
GRAÇA, Calheiros da: Francisco Calheiros da Graça realizou estudos da geologia de Santa Catarina e foi almirante. p.134
GRISARD, Edmundo: foi chefe da Força Pública do Estado de Santa Catarina. p.115
GUALBERTO, Luís: Luís Antônio Ferreira Gualberto (Bahia, 1857 - Florianópolis, 1931) formou-se em medicina, exerceu carreira política em Santa Catarina, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. p.96, 140
Guilherme II: (Berlim, 1740-1786) foi rei da Prússia, passou para a História como exemplo de déspota, transformou a nação alemã em potência mundial. p.74
GUIMARÃES, Orestes: (São Paulo, 1870-1931) influenciou a reforma do ensino, com a criação de grupos escolares durante o governo de Vidal Ramos. p.74, 98, 105, 172
HARO, Martinho: (São Joaquim, 1907 - Florianópolis, 1985) foi artista plástico e professor. Através de sua arte, resgatou a memória catarinense. p.120, 159
Irmão Joaquim: Joaquim Francisco da Costa (Santa Catarina, 1761 - França, 1829) pertenceu à Ordem Terceira de São Francisco. Juntou recursos para a construção do Hospital de Caridade, de Florianópolis, onde prestou serviços. p.164
JÚNIOR, Campos: p.114
JÚNIOR, Diniz: foi jornalista, diretor do jornal <i>A Pátria</i> . p.67, 69
JÚNIOR, Leonardo C.: p.80
JÚNIOR, Rodrigo: foi escritor. p.124, 174
JÚNIOR, Tolentino: foi professor. p.185
JÚNIOR, Wanderley: foi um escritor paranaense. p.97
KONDER, Adolfo: (Itajaí, 1884-1956) exerceu significativa carreira política, além de Governador de Santa Catarina, foi Secretário da Fazenda e Deputado Federal. p.79, 81, 84, 89, 92, 96, 99, 110, 134, 158, 163, 191, 202, 205, 207, 210
KONDER, Victor: (Itajaí, 1886 - Rio de Janeiro, 1941) exerceu significativa carreira política. Participou do governo do Presidente Washington Luís como Ministro da Viação e Obras Públicas. p.78, 85, 90, 190

LA BRUYÈRE: Jean de La Bruyère (1645-1696) foi um escritor francês. p.144
LA FONTAINE: Jean de La Fontaine (França, 1621-1695) foi poeta e fabulista. p.144
LEITÃO, Arthur: foi escritor português. p.77
LEITE, Zenon: foi escritor paranaense. p.158
LOBATO, Monteiro: José Bento Monteiro Lobato (São Paulo, 1882-1948) foi escritor, editor, diplomata, industrial e fazendeiro. Destacou-se como escritor de literatura adulta e, principalmente, infantil. p.98
LUCIO, Antonio: p.128
LUÍS, Washington: Washington Luís Pereira de Sousa (Macaé, 1869 - São Paulo, 1957) exerceu carreira política. Chegou à presidência do Brasil em novembro de 1926 e foi deposto em outubro de 1930. p.78
LUZ, Abelardo: filho de Hercílio Luz, exerceu carreira política. p.80, 119, 192
LUZ, Amadeu: filho de Hercílio Luz, exerceu carreira política. p.119, 165
LUZ, Etelvina: esposa de Hercílio Luz. p.164, 165
LUZ, Hercílio: Hercílio Pedro da Luz (Florianópolis, 1860-1924) exerceu carreira política de destaque, ocupando por mais de uma vez o cargo de Governador do Estado de Santa Catarina. p.67, 77, 80, 92, 100, 107, 119, 170, 190, 192, 205, 207
Lysandro: Lysandro Vieira. p.143
MACHADO, Caio: foi escritor paranaense. p.124
MACHADO, Fernando: Fernando Machado de Souza (Santa Catarina, 1822-1868) foi militar, participou da Guerra do Paraguai e da Batalha de Itorotó. p.107
MACHADO, Irene: foi professora. p.177
MACHADO, Vicente: p.124
MAETERLINCK: Maurice Polydore Marie Bernard Maeterlinck (Bélgica, 1862-1949) foi dramaturgo belgo-francês, Prêmio Nobel de Literatura em 1911, considerado o principal representante do estilo simbolista. p.116
MAFRA, Abílio: foi engenheiro. p.119
MAFRA, José da Silva: (Florianópolis, 1788 - Rio de Janeiro, 1871) pertenceu ao exército e exerceu carreira política como Senador. p.120
MAIA, Manoel: liderou tropas legalistas contra rebeldes de Leonel Rocha. p.132, 149
MANNEBACH, Ogê: (Florianópolis, 1885 - São Francisco do Sul, 1942) foi teatrólogo e poeta satírico. p.144
MARQUES, Godofredo: foi jornalista. p.111, 139
MAURÍCIO, José: foi coronel. p.111
MAUTE, F. (Padre): p.154
MEIRELLES, Victor: Victor Meirelles de Lima (Florianópolis, 1832 - Rio de Janeiro, 1903) foi pintor de destaque no Brasil e no exterior, devido a seu estilo neo-acadêmico. p.120, 214
MERCÊS, Maria das: esposa de Francisco Tolentino Sousa. p.133
MIRA, Crispim: (Joinville, 1880 - Florianópolis, 1927) cursou Medicina e Direito. Exerceu o jornalismo de acusação corajosa e polêmica e a advocacia. p.137, 152, 158
MONTENEGRO, Augusto: exerceu carreira política. p.95
MOREIRA, Acácio: Edmundo Acácio Moreira (Tubarão, 1899 - ??) foi Deputado e professor universitário. p.87
MÜLLER, Lauro: (Itajaí, 1863-1926) exerceu promissora carreira política, ocupando

os cargos de Governador de Santa Catarina, Deputado Federal e Senador. p.92
MÜNCHHAUSEN: Karl Friederich Hieronymus (Alemanha, 1720-1797) ficou conhecido como Barão de Münchhausen. Lutou contra os turcos de 1740-1741 e depois passou a contar suas aventuras aos amigos, até suas histórias extraordinárias serem lançadas em livro pela primeira vez em 1785, na Inglaterra. p.137
MUSSET: Alfred de Musset (Paris, 1810-1857) foi poeta romântico, conhecido como o mais clássico dos românticos e o mais romântico dos clássicos. p.144
NABUCODONOSOR: (630-561 a.C.) foi o mais conhecido governante da Babilônia. p.86
NATIVIDADE: (possivelmente) Dante Natividade foi ensaísta. p.141
NETO, Rafael Aiello: foi escoteiro. p.185
NETO, Simões Lopes: (Pelotas, 1865-1916) foi escritor, jornalista, folclorista, tradicionalista e destacou-se como contista regional. p.173
NÓBREGA, Manoel da: foi jornalista. p.96, 155
NUNES, Fonceca: p.143
OLIVEIRA, Dom Joaquim: Dom Joaquim Domingues de Oliveira (Portugal, 1878 - Florianópolis, 1967) foi arcebispo da Arquidiocese de Florianópolis. p.118
PACHECO, Felix: foi escritor. p.71
PASCHOAL: p.116
Pedro II: (Rio de Janeiro, 1825 - Paris, 1891) foi imperador do Brasil por 48 anos, passou para a História como intelectual apreciador da ciência, das artes e da liberdade de informação, aberto ao diálogo e às transformações da vida social. p.65
PEIXOTO, Afranio: ver AFRANIO, Júlio. p.71
PEIXOTO, Floriano: (Alagoas, 1839 - Rio de Janeiro, 1895) foi militar e político brasileiro. Entre os vários cargos políticos que ocupou está o de Presidente da República, de 1891-1894. p.204
PENHA, Silveira: foi escritor. p.171
PEQUEÑO, Ruy: p.190
PEREIRA, Inácio: p.173
PEREIRA, Maura de Senna: (Florianópolis, 1909-1992) foi escritora e também teve presença marcante no jornalismo literário de Florianópolis, Porto Alegre e Rio de Janeiro, assinando várias colunas. p.86, 177
PINTO, Edmundo da Luz: (Florianópolis, 1898 - Rio de Janeiro, 1963) destacou-se como homem de letras, político, diplomata e advogado. p.190
PILATOS: (26-36 d.C.) foi Procurador romano na Judéia ao tempo de Cristo. Condenou Jesus à morte, a pedido dos judeus. p.101
PIZA, Moacir: p.144
PRESTES: Luís Carlos Prestes (Porto Alegre, 1898 - Rio de Janeiro, 1990) foi secretário geral do Partido Comunista do Brasil. Liderou a <i>Coluna Prestes</i> na década de 20. p.199
QUEIRÓS, Eça de: (Portugal, 1845-1900) foi jornalista e advogado, mas destacou-se como escritor realista. p.83, 112, 116
RABELLO: p.153
RAMOS, Newton: foi jornalista. p.128
RAMOS, Vidal: Vidal José de Oliveira Ramos Júnior (Lages, 1866 - Rio de Janeiro,

1954) exerceu promissora carreira política, foi Governador de Santa Catarina, Senador da República, Deputado Federal e Estadual, entre outros. p.107, 189
REGNIER, Henri: foi jornalista. p.179
RESENDE (cônego): p.118
RIBEIRO, Leite: p.153
RIBEIRO, Walmor: foi vice-governador de Santa Catarina. p.85, 118, 147
RICHARD, Gustavo: (Rio de Janeiro, 1847 - Florianópolis, 1929) foi comerciante, professor e exerceu carreira política. Em Santa Catarina, chegou a Governador. p.107
RIO, César Ávila: era lageano. p.147
ROCHA, Inocência da: foi uma pianista blumenauense, conhecida internacionalmente. p.170
ROCHA, Leonel: chefou um grupo rebelde no oeste de Santa Catarina. p.95
ROCHA, Munhoz da: foi Governador do Paraná. p.67
ROCHA, Sá: foi engenheiro. p.84
ROLLIN, René: trabalhou em prol do escotismo. p.172, 180, 181
ROMERO, Sílvio: Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (Sergipe, 1851 - Rio de Janeiro, 1914) foi crítico, ensaísta, folclorista, professor e historiador da literatura brasileira. p.124
ROSA, Vieira da: José Vieira da Rosa (Santa Catarina, 1869 - Rio de Janeiro, 1957) foi inspetor geral do Serviço de Proteção ao Índio, major, general e ensaísta. p.153, 156
ROSAS, Oscar: Oscar Rosas Ribeiro de Almeida (Florianópolis, 1864 - Rio de Janeiro, 1925) foi jornalista, poeta simbolista, redator-chefe do jornal <i>República</i> , diretor do <i>Diário Oficial do Estado</i> e Deputado Estadual. p.115
SANTOS, Polydoro: p.143
SARTORI, César: foi jornalista e crítico. p.147
SAVAS, Miguel: foi capitão das forças legalistas que combateram os rebeldes de Leonel Rocha. p.132
SCHMIDT, Felipe: exerceu carreira política, foi Governador de Santa Catarina. p.107
SEARA, Alcibíades: exerceu carreira política. p.139
SILVA, Daniel Guedes da: soldado morto em combate. p.115
SOUSA, Dyonisio: trabalhou junto à Agência dos Telégrafos. p.160
SOUSA, Francisco Tolentino: Francisco Tolentino Vieira de Sousa (São José, 1845-1904) foi comerciante, advogado, político e jornalista. Ocupou o cargo de Deputado Provincial, Presidente da Constituinte e Deputado Federal. p.133
STAWIARSKI, Etienne: foi cientista e geólogo. p.153
TAGORE, Rabindranath: (Índia, 1861-1941) exerceu atividades literárias e educativas. Foi poeta e místico. Em 1913, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. p.109
Tartarin: personagem do livro <i>As aventuras de Tartarin de Tarascon</i> , escrito em 1871, pelo escritor francês Alphonse Daudet. p.115
TORQUATO, João: p.131
TRINDADE, Luís: Luís Sanchez Bezerra da Trindade (Florianópolis, 1892-1971) foi professor, Diretor do Departamento de Educação e Inspetor Geral do Ensino. p.98, 103, 180, 183
TUTHANKAMEN: (1342-1323 a.C.) foi um faraó egípcio da dinastia XVIII. p.83

ULYSSEÁ, Ruben: (Laguna, 1902 - Brasília, 1980) foi jornalista e ensaísta. p.136
ULYSSEÁ, Saul: (Laguna, 1868-1948) foi ensaísta e preocupou-se com estudos da história catarinense. p.209
VÁRZEA, Virgílio: Virgílio dos Reis Várzea (Florianópolis, 1863 - Rio de Janeiro, 1941) foi um fecundo escritor: poeta simbolista, contista e cronista. Devido a seu estilo, foi considerado um escritor marinista. p.65
VASCONCELLOS, Gelta de: p.170
VASCONCELLOS, Olegário: p.170
VEIGA, Gualberto: p.159
VELHO, Dias: Francisco Dias Velho foi um bandeirante paulista, fundador do povoado de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis. p.124
VIANA, Mello: foi Governador de Minas Gerais. p.207
VIANA, Lucas: funcionário dos telégrafos de Laguna. p.101
VIEIRA, Antonio: Padre Antonio Vieira (Lisboa, 1608 - Bahia, 1697) foi orador sacro, missionário e escritor. p.118
VIEIRA, Cyrillo: p.143
VIEIRA, Lopes: p.81
VILA, Vargas: foi escritor. p.112
VORONOFF: Serge Vonoroff (Rússia, 1866-1951) fisiologista e cirurgião, ficou mundialmente famoso como <i>expert</i> em cirurgias e enxertos. p.128
WEICKERT, Rodolfo: gerenciou os negócios da firma Hoepcke. p.176
ZANELLA, Humberto: p.131

Thanks for trying Fast PDF Builder from Sault Custom Programming  
This message is displayed on all PDF Files created with the trial version of Fast PDF Builder.

To order Fast PDF Builder for only 19.95US\$ please visit  
<http://www.scp-solutions.com/order.html>

To See more Sault Custom Programming Products please visit our website at  
<http://www.scp-solutions.com>